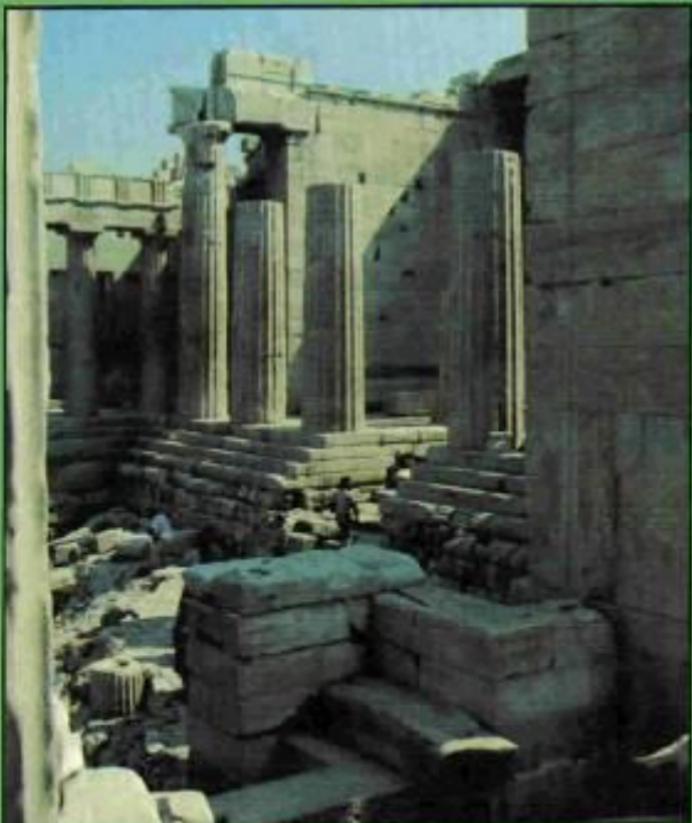


Vida

J. I. PACKER • MERRIL C. TENNEY • WILLIAM WHITE JR.

O Mundo do Novo Testamento



**CRÉDITOS: MICSCAN
Lançamento**



<http://semeador.forumeiros.com/portal.htm>

Nossos e-books
são disponibilizados
gratuitamente, com a
única finalidade de
oferecer leitura
edificante a todos
aqueles que não tem
condições
econômicas para
comprar.

Se você é
financeiramente
privilegiado, então
utilize nosso acervo
apenas para
avaliação, e, se
gostar, abençoe
autores, editoras e
livrarias, adquirindo
os livros.

Semeadores da
Palavra e-books
evangélicos

O Mundo do Novo Testamento

Redatores:

JAMES I. PACKER, A.M., D. PHIL.
Regent College

MERRILL C. TENNEY, A.M., Ph.D.
Wheaton Graduate School

WILLIAM WHITE, JR., Th.M., Ph.D.



Outro livro do mesmo autor publicado por Editora Vida:

— O Mundo do Antigo Testamento

ISBN 0-8297-1590-8

Categoría: Estudios bíblicos

Traduzido do original em inglês

The World of the New Testament

Copyright © 1980, 1982 by Thomas Nelson Inc., Publishers

Copyright © 1988 by Editora Vida

Copyright © 1988 by
2a Impressão julho 1991

2^a Impressão junho
3^a Impressão 1994

Impressão: Imprensa da Fé, São Paulo, SP

Todos os direitos reservados na língua portuguesa por
Editora Vida, Deerfield, Florida 33442-8134 — E.U.A.

As citações bíblicas são extraídas da tradução de Almeida, Edição Revista e Atualizada, da Sociedade Bíblica do Brasil, exceto onde for indicada outra fonte.

ÍNDICE

Introdução	5
1. História do Novo Testamento	7
2. Cronologia do Novo Testamento	27
3. Os Gregos e o Helenismo	38
4. Os Romanos	58
5. Os Judeus nos Tempos do Novo Testamento	80
6. Jesus Cristo	101
7. Os Apóstolos	123
8. A Igreja Primitiva	140
9. Paulo e suas Viagens	159
Notas de Rodapé	180

Introdução



Mundo do Novo Testamento proporciona informação acerca dos tempos em que a igreja nasceu e cresceu, e da situação em que foi escrita a segunda parte do cânon sagrado. Esta não foi produzida num vácuo, mas após longa história das lidas de Deus com Israel. O conhecimento dessa história ajuda-nos a interpretar com maior clareza os primeiros eventos bíblicos da era cristã. Por exemplo, não se pode entender o ensino acerca da salvação a menos que se esteja familiarizado com a criação e com a queda do homem. Também comprehende-se melhor o ensino acerca de Cristo na lei de Moisés, bem como a pessoa do Messias em relação com Davi e com as promessas que lhe foram feitas.

Nesta obra, a história do período apostólico é vista da perspectiva de como ela influenciou os acontecimentos do Novo Testamento, inclusive recuada à era intertestamentária, uma vez que seus eventos afetaram o mundo em que viveram Cristo e os apóstolos.

O estudo da cronologia — a determinação de datas e a seqüência apropriada dos acontecimentos — também é vital a uma interpretação adequada da Palavra de Deus. Este assunto é considerado com algum pormenor neste volume. Os gregos e seu programa de helenização lançaram a base para a cultura da era do Novo Testamento. Muitos dos conflitos e das lutas existentes nos dias de Jesus e da Igreja foram consequências do governo de Alexandre e seus sucessores. Os romanos exerceiram influência sobre a situação imediata, ao mesmo tempo em que controlavam o governo e as rédeas econômicas da nação, afetando as práticas culturais e religiosas da época.

O conhecimento dos costumes e práticas judaicos ajuda-nos a entender os conflitos que Jesus enfrentou no seu ministério. Visto que os conflitos de Jesus com os fariseus desempenham papel tão proeminente nos Evangelhos, alguns se surpreendem ao descobrir que muitas das facções e seitas do Judaísmo eram bem diferentes dos fariseus legalistas e tinham compreensão espiritual da Lei.

Os capítulos dedicados a Jesus, aos apóstolos, a Paulo e à igreja primitiva reúnem os fatos históricos registrados no Novo Testamento. Visto que esses fatos se acham, freqüentemente, espalhados em suas páginas, cremos que muitos leitores da Bíblia achariam mais proveitosa a sua apresentação em forma ordenada.

O Mundo do Novo Testamento é um útil livro de consulta. Insistimos com o estudioso da Bíblia a que faça deste manual um *vade-mécum* para o estudo do Novo Testamento.

História do Novo Testamento



história do Novo Testamento começou muito tempo antes do nascimento de Jesus. Em realidade, só podemos entender bem muitos dos incidentes narrados no Novo Testamento quando conhecemos essa longa história.

Ela começa com a criação do mundo — incluindo Adão e Eva, o primeiro homem e a primeira mulher. Havendo eles pecado e desobedecido à ordem de Deus, deteriorou-se o meio ambiente perfeito em que foram criados. E assim tem início a história da redenção da raça humana, operada por Deus — que culminou na vida, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré.

A história continua com Deus chamando a Abraão por volta do ano 2000 a.C. Deus chamou Abraão para deixar o lar, dirigir-se a uma nova terra, e tornar-se o pai de “uma grande nação” (Gênesis 12:2-3) — Israel.

Dentro, porém, de tempo relativamente curto, os descendentes de Abraão achararam-se no Egito. Logo o número desses descendentes tornou-se em ameaça ao faraó — o governante do Egito — e ele ordenou que fossem escravizados.

Foi nessa época que Moisés — o personagem mais decisivo na história do Antigo Testamento — recebeu o chamado para tirar Israel da escravidão do Egito e conduzi-lo à Terra Prometida de Canaã. Em seguida ao êxodo do Egito (c. 1450 a.C.) Israel recebeu a Lei — as leis e as instituições sociais que a nova nação devia observar, incluindo os Dez Mandamentos. Recusando-se os temerosos israelitas a entrar na Terra Prometida conforme Deus lhes ordenara, o Senhor os condenou a peregrinar no deserto, ao sul de Canaã, por mais quarenta anos.

Josué, sucessor de Moisés, foi quem introduziu Israel na Terra Prometida. Esta conquista se fez com violência — o livro de Josué conta a história em pormenores.

8 O Mundo do Novo Testamento

Após a morte de Josué, "... cada um fazia o que achava mais reto" (Juízes 21:25), e foi necessário que Deus suscitasse juízes. Essas figuras pitorescas chamaram o povo ao arrependimento e derrotaram os opressores de Israel — o livro dos Juízes conta a história deles.

Saul foi o primeiro rei de Israel. Davi, seu sucessor, escolheu Jerusalém como capital, fazendo-a ao mesmo tempo o centro político e espiritual da nação. A Davi sucedeu seu filho Salomão; este consolidou o reino recebido do pai e construiu o grande templo de Jerusalém. Conhecido por sua sabedoria, foi também um dirigente insensato; seu amor ao luxo, às mulheres bonitas e às alianças políticas tiveram efeito desastroso para a nação.

Após a morte de Salomão seguiu-se uma guerra civil sangrenta, e a nação dividiu-se em Israel ao norte e Judá ao sul. Tanto Israel como Judá caíram na idolatria e no pecado, e Deus suscitou profetas — homens que declaravam a vontade do Senhor ao seu povo — para chamá-los ao arrependimento. Ambas as nações ignoraram as advertências dos profetas, e finalmente os inimigos destruíram a ambas —



Éfeso. Paulo visitou o porto marítimo de Éfeso em sua segunda e terceira viagens missionárias. Um principal ponto de referência da cidade era este teatro, construído pelos romanos, com capacidade para 25.000 pessoas. Nesta arena o ouvidor chamado Demétrio liderou uma revolta contra os evangelistas cristãos (Atos 19:24-29).

Israel foi destruído pela Assíria em 723 a.C. e Judá pela Babilônia em 586 a.C. Os dirigentes de ambas as nações foram tomados cativos e enviados para o exílio.

Mais tarde, muitos dos descendentes dos exilados regressaram à Palestina. Um grupo retornou em 538 a.C. e reconstruiu o templo; outro voltou em 444 e reconstruiu os muros de Jerusalém sob a liderança de Esdras e Neemias. Reapareceu o velho padrão de Israel de escorregar para práticas pecaminosas e indiferença; e com o término do período do Antigo Testamento, ouvimos a voz do profeta Malaquias condenando os caminhos pecaminosos do povo.

PERÍODO INTERTESTAMENTÁRIO

Os quatrocentos anos decorridos desde a profecia de Malaquias até à vinda de Cristo são conhecidos como Período Intertestamentário. Os livros dos Macabeus, que descrevem a revolta macabéia e o caos na Palestina, e os escritos de Josefo, historiador do primeiro século da era cristã, são as principais fontes de informação sobre esse período.

A livro de Daniel deu uma visão prévia desses anos. Através do olho da profecia Daniel esboçou os principais acontecimentos políticos dessa época. Daniel viveu durante a ascensão da Babilônia como potência mundial. Ele viu o reino desaparecer e ser substituído pelo governo medo-persa. Em sua visão profética Daniel viu, portanto, a ascensão de outras grandes forças que dominariam o período intermediário dos Testamentos: Alexandre, os Ptolomeus do Egito, os Selêucidas da Síria, os Macabeus e os Romanos.

A. O Último Período Persa (até 331 a.C.). O Antigo Testamento encerra-se com o Império Persa ainda no poder. Ciro havia permitido aos judeus voltar à terra para reconstruir o templo (538 a.C.). Ester, judia, havia ascendido à proeminência no palácio do rei persa (470 a.C.). Esdras (456 a.C.) e Neemias (443 a.C.) haviam voltado ao país e instituído reformas.

Nada aconteceu na Palestina de muito interesse internacional no restante do governo persa. O sumo sacerdote judeu governava o país, e o ofício passou a ser altamente cobiçado. Ocorreram diversas disputas infames pelo posto. Numa ocasião um sumo sacerdote matou o irmão quando este buscava o posto para si. O governador persa ficou tão estarrecido por este ato que impôs uma pesada multa sobre a população.

B. O Período de Alexandre Magno (335-323 a.C.). Ao governo persa seguiu-se a ascensão de Alexandre ao poder sobre um vasto império, incluindo a Palestina. Filipe da Macedônia, seu pai, havia estendido

o governo sobre toda a Grécia e se preparava para uma grande guerra com a Pérsia, quando foi assassinado. Sucedeu-o seu filho Alexandre, então com apenas vinte anos de idade, e dentro de pouco tempo acabou com o poder da Pérsia.

Em 335 a.C. Alexandre deu início a seu memorável reinado de doze anos. Depois de consolidar o governo em sua terra natal, ele rumou para o leste conquistando a Síria, a Palestina, o Egito e, finalmente, a própria Pérsia. Ele buscou conquistar terras mais ao leste, porém suas tropas se recusaram a fazê-lo. Morreu na Babilônia em 323 a.C. Em seus trinta e três anos de vida ele deixou um marco indelével na história.

C. A Era dos Ptolomeus (323-204 a.C.). Ninguém sucedeu a Alexandre. Finalmente, quatro de seus generais dividiram o império. Dois deles, Ptolomeu e Seleuco I, envolver-se-iam no governo da Palestina.

Depois de algumas lutas entre esses generais, o Egito caiu nas mãos de Ptolomeu Sóter. A Palestina também foi acrescentada ao seu quinhão. No início Ptolomeu Sóter foi duro com os judeus. Mais tarde ele os empregou em várias partes de seu reino, muitas vezes em altos postos.

Seu sucessor, Ptolomeu Filadelfo, foi um dos mais eminentes deles. Amável para com os judeus, promoveu as artes e desenvolveu o império em todos os aspectos. As Escrituras Hebraicas foram traduzidas para o grego durante seu reinado na cidade egípcia de Alexandria. A Septuaginta, como se denominou essa versão, podia ser lida, portanto, em todo o império.

Com o passar do tempo, cresceram as rivalidades entre os reis do Egito (os ptolomeus) e os reis da Síria (os selêucidas). A rivalidade atingiu o clímax nos reinados de Ptolomeu Filopáter (222-204 a.C.) e de Antíoco o Grande, da Síria (223-187 a.C.). Filopáter venceu a Antíoco numa batalha nas proximidades de Gaza. Em sua volta da batalha, Filopáter visitou Jerusalém e decidiu entrar no Santo dos Santos no templo. Embora o sumo sacerdote tentasse dissuadi-lo, ele fez a tentativa. Relata Josefo que ao aproximar-se do Santo Lugar, foi tomado de tal terror que saiu do templo.

Visto que os judeus lhe faziam oposição, Filopáter retirou-lhes os privilégios, multou-os, e começou a perseguir-los sem dó nem piedade. Capturando em Alexandria todos os judeus que pôde, trancafiou-nos num hipódromo cheio de elefantes embriagados. Esperava que os elefantes caíssem sobre os judeus, esmagando-os. Não foi o que aconteceu. Enfurecidos, os elefantes escaparam, matando muitos dos espectadores. Filopáter interpretou isso como um sinal de Deus a favor dos judeus e parou de perseguir-los. Ao morrer, em 204 a.C., sucedeu-o seu filho Ptolomeu Epifânio, com apenas cinco anos de idade.

Antíoco o Grande, da Síria, aproveitou a oportunidade para arrebatar do Egito o controle da Palestina.

D. O Período Sírio (204-166 a.C.). Os egípcios enviaram uma embaixada a Roma pedindo-lhe ajuda contra Antíoco. Acedendo ao pedido, Roma mandou um exército, que a princípio não obteve êxito. Finalmente, porém, eles obrigaram Antíoco a evacuar toda a região ao ocidente e ao norte das montanhas do Táurus. Numa incursão ao oriente para financiar a guerra, Antíoco foi morto pelos habitantes da província de Elimais enquanto saqueava um templo de Júpiter.

O reinado de seu sucessor Seleuco Filópater não apresentou nenhum fato de relevo. Mas com a ascensão de Antíoco Epifânio ("a manifestação de Deus"), teve início uma das mais sombrias épocas da histórica judaica.

Onias, homem digno, exercia o sacerdócio em Jerusalém quando Epifânio começou a reinar. Visto que os gregos desejavam helenizar os judeus, Epifânio vendeu o cargo de sumo sacerdote ao irmão de Onias, por trezentos e sessenta talentos. Onias fugiu da cidade. O usurpador mudou de nome; de Jesus passou a chamar-se Jasão, colaborando dessa maneira com Antíoco em seu esforço de impor a cultura e a religião gregas aos judeus. Os velhos costumes hebreus e suas práticas religiosas foram desestimulados; judeus foram enviados a Tiro a fim de tomar parte nos jogos em homenagem ao deus pagão Hércules, e em seu altar eram oferecidos sacrifícios. Finalmente, Menelau, outro irmão, fez oferta maior que a de Jasão pelo sacerdócio e intensificou o ataque ao judaísmo.

Com a ida de Antíoco Epifânio ao Egito para sufocar um levante, correu o boato de que ele fora morto e os judeus começaram a celebrar o fato com grande alegria. Sabedor disso, ele voltou a Jerusalém, sitiou e tomou a cidade, e massacrou quarenta mil judeus. Para mostrar seu desprezo pela religião judaica, entrou no Santo dos Santos, sacrificou uma porca sobre o altar, e espargiu o sangue sobre o edifício. Por sua ordem o templo passou a ser templo do Zeus olímpio; proibiram-se o culto e os sacrifícios judaicos que foram substituídos pelos ritos pagãos. Proibiu-se a circuncisão, e a mera posse de uma cópia da Lei se tornou ofensa punível com a morte.

Os judeus resistiram. Um homem chamado Eleazar, idoso escriba de elevada posição, foi morto porque se recusou a comer carne de porco. Um após outro, a mãe e seus sete filhos tiveram a língua cortada, os dedos das mãos e dos pés amputados, e lançados num tacho fervente. Um grupo de resistentes, em número aproximado de mil pessoas, foi atacado no sábado. Recusando-se a quebrar as proibições sabáticas, foram mortos sem luta.

Uma família da classe sacerdotal, chamada asmoneus, resistiu vi-



Antíoco III. Em 198 a.C. este rei selêucida tomou dos egípcios a Palestina. Mas os romanos subjugaram Antíoco em 190 a.C. e se apoderaram de grande parte do território que ele havia conquistado.

gorosamente aos éditos. Quando os emissários da Síria tentaram fazer cumprir os decretos de Epifânia, Matatias, pai da família chamada macabeus, recusou-se a adorar os deuses pagãos. Havendo-se apresentado outro cidadão para oferecer sacrifício no altar aos deuses pagãos, Matatias matou-o. Então ele conduziu um bando à região desértica onde Davi havia, por tantos anos, eludido a Saul.

Aos poucos cresceu o número dos que se puseram ao lado dos macabeus. Os sírios lançaram três campanhas contra esses fiéis judeus, uma pelo próprio Antíoco Epifânia; mas nenhuma teve êxito. Algum tempo depois morreu Epifânia e irrompeu a guerra civil. Judas Macabeu, que sucedera a seu pai Matatias, estendeu seu controle sobre grande parte da Palestina, incluindo partes de Jerusalém. Três anos após o dia de sua profanação, o templo foi purificado e os sírios estabeleceram a paz com os judeus.

E. A Era Macabéia (166-37 a.C.). Judas Macabeu não gozou de paz por muito tempo, e sem mais delongas apelou para os romanos, pedindo assistência contra a Síria. Judas morreu em combate antes de chegar a ajuda, e seu irmão Jônatas tomou-lhe o lugar. Por causa da fraqueza da Síria, Jônatas tornou-se o comandante da Judéia. Ao morrer, foi sucedido por outro irmão, Simão, que também apelou

para Roma em busca de socorro. Os romanos fizeram Simão governador da Judéia, e seu trono passou a ser hereditário.

Por esse tempo os partidos dos fariseus e dos saduceus eram rivais. Simão teve como sucessor seu filho João Hircano, que primeiro se filiou a uma e depois a outra das seitas oponentes. Não demorou o estouro da guerra civil quando seus dois netos, Hircano e Aristóbulo, lutavam pelo trono vago por sua morte. Os romanos preferiram Hircano, e Pompeu, general romano, tomou Jerusalém de Aristóbulo.

Os cercos, as batalhas, os homicídios e os massacres que se seguiram marcam um período de turbulência na história judaica. Embora presenteados com a oportunidade de restaurar Israel a uma posição de grande poder e influência, desperdiçaram-na com lutas entre famílias.

F. A Dominação Romana (De 37 a.C. até ao período do Novo Testamento). Pompeu, Crasso e Júlio César reinaram sobre Roma como o primeiro triunvirato, mas Júlio César logo se tornou o governante único. Ele recolocou Hircano no trono em Jerusalém e nomeou a Antípatro, cidadão da Iduméia, como procurador sob as ordens de Hircano. Os dois filhos de Antípatro, Faselo e Herodes tornaram-se governadores da Judéia e da Galiléia. No ano seguinte Antípatro foi envenenado; três anos mais tarde, Júlio César foi assassinado em Roma.

Um novo triunvirato — Otávio (sobrinho de César), Marco Antônio e Lépido — passou a governar Roma. Antônio governava a Síria e o Oriente. Favoreceu a Herodes, e esta amizade levou essa família edomita à ascensão ao poder. Herodes casou-se com Mariana, neta de Hircano, e tornou-se parte da família macabéia.

Mais ou menos por esse tempo surgiu um novo distúrbio no país. Antígonos, filho de Aristóbulo, conquistou sucesso passageiro ao cortar as orelhas de Hircano, o sumo sacerdote, impossibilitando-o de exercer o ofício. Na luta seguinte Herodes foi pressionado por Antígonos, e teve de fugir para a fortaleza chamada Masada em busca de segurança. Depois ele foi a Roma, descreveu aos romanos a desordem dominante, e foi nomeado rei. Antígonos foi morto, e isso acabou para sempre com o governo dos macabeus ou asmoneus.

Pouco tempo depois do suicídio de Antônio no Egito, Herodes estendeu seu poder na Judéia. Vivia sob o pavor de que um descendente dos macabeus subisse em poder para tomar-lhe o trono. Tendo Aristóbulo, irmão de Mariana, sido nomeado sumo sacerdote, sua popularidade fez com que Herodes mandasse afogá-lo. Mariana ficou enfurecida, e Herodes mandou executá-la. Nos anos seguintes ele tornou-se cada vez mais vingativo, e seus atos sangrentos provocaram a ira dos judeus.

Corinto na Encruzilhada

Corinto ressuscitou das cinzas para ocupar uma posição de proeminência na encruzilhada comercial do mundo antigo. A primitiva cidade foi destruída em 146 a.C. numa revolta grega contra o Império Romano. Reconstruída na época de Júlio César (c. 46 a.C.), Corinto logo reconquistou sua antiga posição como entreposto de comércio. Dentro de vinte e um anos, esta metrópole que crescia velocemente tornou-se a capital da província da Acaia, na Grécia.

Corinto foi uma das mais ricas e mais influentes cidades de seu tempo. Localizada numa estreita faixa de terra entre o continente e o Peloponeso (a península do Sul da Grécia), Corinto contava com dois portos principais, que davam à cidade acesso aos mares Egeu e Jônio. Esta localização estratégica permitiu a Corinto controlar o tráfego dos mares orientais e ocidentais ao longo de uma principal rota de comércio do Império Romano. Corinto era a quarta maior cidade do império (depois de Roma, Alexandria e Antioquia), e tinha uma população de quase 500.000.

Corinto estava, também, situada numa encruzilhada cultural. De todos os cantos do mundo mediterrâneo vinham migrantes para esta região que se desenvolvia com rapidez. Egípcios, sírios, orientais e judeus que se estabeleceram ali trouxeram consigo uma ampla variedade de influências culturais.

A Corinto antiga bem podia chamar-se "cidade do pecado". Embora o público romano em geral mantivesse valores morais um tanto baixos, Corinto tinha a fama de abranger os maiores baixos dos baixos valores. Já antes da época do apóstolo Paulo, "viver como um corintio" era uma expressão que denotava conduta frouxa, imoral.

Por estranho que pareça, a religião contribuiu para essa atmosfera de corrupção moral. Muitos dos rituais pagãos de fertilidade ali existentes incluíam atos de magia e de perversão sexual como parte de sua "adoração". Em Corinto, o templo de Afrodite, a deusa do amor, chegou a ter mil sacerdotisas-prostitutas.

A esta cidade complexa veio o apóstolo Paulo. Ai chegando por volta do ano 52 d.C., Paulo permaneceu por quase um ano e meio, servindo a uma das maiores igrejas de Jesus Cristo. Cidade situada numa encruzilhada, tanto física como espiritualmente falando, Corinto ouviu o evangelho de Cristo por intermédio do ministério de Paulo.

Corinto foi reconstruída depois dos terremotos de 1858 e 1928. As colunas dóricas de um velho templo de Apolo são uma das poucas reminiscências dos primeiros tempos de Corinto que ainda restam sobre o solo. Corinto tem hoje uma população de mais ou menos 20.000. Ainda é uma importante cidade marítima, com exportações de azeite de oliveira, seda e passas.

Para acalmar a hostilidade dos judeus, ele deu início a um programa de obras públicas. Seu principal empreendimento foi a reconstrução do templo.

Mas com isso não terminaram os problemas de Herodes, nem os da nação. Ele estava cercado por um grupo de homens que exploravam sua paranóia. Seus dois filhos, à semelhança de sua mãe Mariâna, vítimas da ira paterna, foram estrangulados. Em certa ocasião um grande número de fariseus tiveram o mesmo destino. Outros atos igualmente sangrentos continuaram durante o seu reinado. Perto do fim da vida, esse governante dominado pelo medo ordenou o massacre dos infantes de Belém quando nasceu Jesus, o rival Rei dos judeus.

O PERÍODO DO NOVO TESTAMENTO

Quatro capítulos mais adiante neste livro relatarão os fatos bíblicos da história do Novo Testamento (*Jesus Cristo, Os Apóstolos, A Igreja*

Primitiva, e Paulo e Suas Viagens). Esta seção examinará a história política da era neotestamentária.

Os romanos permaneceram como governantes supremos da Palestina durante os tempos do Novo Testamento. A família de Herodes, juntamente com os procuradores romanos nomeados, governava sob a autoridade de Roma.

O Novo Testamento inicia-se com o nascimento de Jesus. Herodes o Grande era rei, mas seu governo aproximava-se do fim. Os últimos anos de seu reinado foram cheios de conspiração e contraconspiração enquanto os membros de sua família disputavam o poder. Pouco antes do nascimento de Cristo ele havia executado os dois filhos que tivera com Mariana. Outro filho, Antípatro, conspirou contra Herodes e foi executado apenas cinco dias antes da morte do pai, no ano 4 a.C. Para os romanos Herodes foi um rei vassalo digno de confiança e capaz, mas para os judeus ele foi um tirano egoísta.

Sucederam-no seus filhos. Arquelau (4 a.C. — 6 d.C.) governou na Judéia. O menos estimado dos filhos de Herodes, ele foi cruel e despotico. As queixas dos judeus contra ele finalmente o levaram ao exílio. Herodes Antípas (4 a.C. — 39 d.C.) foi nomeado tetrarca da Galiléia e da Peréia. Este orgulhoso e hábil governante foi menos brutal que Arquelau, mas assassinou João Batista que denunciara seu casamento com Herodias. Favorecido pelo imperador romano Tibério (14-37 d.C.), foi exilado no ano 39 d.C. por ordem de Calígula (37-41 d.C.).

Filipe (4 a.C. — 34 d.C.), terceiro filho de Herodes, foi tetrarca das regiões da Ituréia e Traconites (Lucas 3:1). Filipe parece ter sido um governante relativamente justo e benevolente. Sua capital era Cesaréia de Filipe (Mateus 16:13; Marcos 8:27), e as moedas que ele cunhou foram as primeiras moedas judaicas a trazer efigie humana (a de Augusto ou de Tibério). Morreu no ano 34 d.C. e seu território foi afinal acrescentado ao de Herodes Agripa I.

Após o exílio de Arquelau, sua tetrarquia (Judéia, Samaria e Iduméia) foi governada por procuradores romanos (6 — 41 d.C.) Quirino, governador da Síria, chegou à Judéia no ano 6 d.C. a fim de alistar o povo para efeitos de tributação. Este ato provocou os patriotas da Judéia, mas as autoridades judaicas os acalmaram por algum tempo. Contudo, Judas, o galileu, liderou o povo na revolta contra os romanos e contra Herodes. Logo foi morto (Atos 5:37) é possível que seus seguidores constituissem o partido dos zelotes (Lucas 6:15; Atos 1:13).

Os procuradores da Judéia eram diretamente responsáveis perante Roma. Morando em Cesaréia, eles só vinham a Jerusalém em ocasiões especiais, como as festas anuais. Augusto dava aos seus procuradores

prazos curtos, mas Tibério os deixava no cargo por mais tempo, para que o povo não fosse explorado com tanta freqüência pelos recém-chegados. Pilatos foi o quinto procurador e também o mais conhecido por causa da crucificação de Jesus. Governante inflexível e severo, ele foi brutal para os judeus. Seu massacre sem justificativa dos adoradores samaritanos e outras execuções causaram-lhe a queda em 36 d.C.

Herodes Agripa I alcançou a proeminência em 37-44 d.C. e despojou os procuradores de seus poderes. Como herdeiro da família dos maccabeus, ou asmoneus, e em virtude de sua observância da Lei, ele era estimado entre os fariseus. Esta estima ou popularidade era realçada por sua hostilidade aos cristãos (Atos 12). Morreu repentinamente no ano 44 d.C., e seu reino voltou a ser governado pelos procuradores. As condições pioraram sob os procuradores até que precipitaram a rebelião judaica contra o governo romano em 66-70 d.C.

Fadus (44-46 d.C.) cometeu o engano de reclamar a custódia das vestes dos sumos sacerdotes, o que resultou num breve levante. As vestes estiveram nas mãos dos romanos desde 6-36 d.C., mas haviam estado nas mãos dos judeus desde 36 d.C. até ao tempo de Fadus. Alexandre (46-48 d.C.) crucificou os dois filhos de Judas, o galileu, Tiago e Simão, por se haverem rebelado. Cumanus (48-52 d.C.) governou uma era até mais tumultuosa. Havendo um soldado romano feito um gesto indecente durante a Páscoa, irromperam levantes e diversas pessoas foram mortas. Noutra ocasião, um soldado fez em



Sinagoga de Cafarnaum.
Este é um dos mais bem preservados exemplos de arquitetura de sinagoga na Palestina. O estilo das colunas prova que os arquitetos judeus copiaram os modelos gregos ao reconstruir a sinagoga no segundo ou terceiro século d.C.

pedaços um rolo da Lei e Cumanus foi obrigado a executá-lo depois que uma multidão de judeus chegou a Cesaréia para protestar. Tais incidentes levaram-no, afinal, ao exílio.

Félix (52-60 d.C.) era francamente hostil aos judeus, e suas ações finalmente degeneraram em guerra. Suas drásticas providências para frear os zelotes, grupo de patriotas judeus favoráveis à guerra contra os romanos, não fizeram outra coisa senão aumentar a popularidade do grupo entre o povo. Foi dentre eles que surgiram os *sicários*, ou assassinos. Esses judeus fanáticos assassinaram muita gente, incluindo o sumo sacerdote Jônatas. O método de Félix de governar pelo terror e assassinio uniu os fanáticos com as massas e isto fez com que fosse chamado de volta a Roma.

Festo (60-62 d.C.) herdou uma situação descontrolada. Ele tentou pacificar o interior, a zona rural, mas o fervor dos fanáticos religiosos e políticos crescia. Festo morreu durante seu mandato, e em Jerusalém a anarquia predominou por completo. Foi nessa ocasião que mataram Tiago, irmão de Jesus. Levantaram-se sumos sacerdotes rivais, competindo pela autoridade; e seus adeptos travaram batalhas campais nas ruas. Quando Albino (62-64 d.C.) chegou a Jerusalém, deliberadamente agravou o problema para promover-se a si próprio em vez de tentar restaurar a ordem. Prendeu muitos, mas pôs em liberdade os que lhe dessem um suborno bastante grande.

Relata Josefo que seu sucessor, Floro (64-66 d.C.), era tão mau e violento que fazia Albino parecer um benfeitor público. Floro saqueava cidades inteiras. Permitia aos ladrões que pagassem suborno para o livre exercício de sua profissão. Por conseguinte, a nação judaica caiu numa situação intolerável. Desde 68 até 70 d.C. eles travaram uma guerra heróica que terminou em trágica derrota em 70 d.C., quando a cidade e o templo foram invadidos e destruídos.

A VIDA DE JESUS CRISTO

O Novo Testamento conduz-nos ao clímax da obra redentora de Deus, porque nos apresenta o Messias, Jesus Cristo, e nos fala do começo da sua igreja. Os escritos de Mateus, Marcos, Lucas e João falam-nos do ministério de Jesus. Esses escritores foram testemunhas oculares da vida do Mestre, ou registraram o que testemunhas oculares lhes contaram, todavia não escreveram dele uma biografia completa. Tudo quanto registraram, realmente aconteceu, porém concentraram-se no ministério de Jesus, e deixaram aqui e acolá algumas lacunas na história da vida do Divino Mestre.

Imaginemos alguém escrevendo uma carta a um amigo para apresentar-lhe uma pessoa importante. Estaria o autor da carta em condições de descrever *tudo* acerca da vida dessa pessoa? Claro que não. Ele só podia escrever acerca daquilo que conhecia — e provavelmente não tentaria, também, escrever tudo o que soubesse. Ele se concentraria no que, a seu ver, o amigo deseja e precisa conhecer.

Os homens que escreveram os Evangelhos fizeram a mesma coisa. Eles tinham em mira explicar a *pessoa* e a *obra* de Jesus, registrando o que ele fez e disse. E cada autor apresenta uma perspectiva ligeiramente diferente acerca de Jesus e de suas obras. Os autores dos Evangelhos não tentaram relatar todos os eventos da meninice de Jesus, porque não era esse o motivo de escreverem. Não procuraram dar-nos, tampouco, registro da vida cotidiana de Jesus. Eles se ativeram ao que é pertinente à salvação e ao discipulado.

Nesta seção seguiremos o exemplo dos Evangelistas. Simplesmente esboçaremos os principais acontecimentos da vida de Jesus e faremos um resumo de como ele levou ao clímax a história da redenção. Mais informação sobre a vida do Mestre o leitor encontrará no capítulo 6, "Jesus Cristo".

Muitos sabem algo a respeito do nascimento e da infância de Jesus Cristo. Por ocasião do Natal, ouvimos as alegres e tão conhecidas canções acerca da Virgem Maria (a mãe de Jesus), de sua viagem a Belém, decerto montada no lombo de um burro, e do nascimento do bebê Jesus Cristo — verdadeiro homem e verdadeiro Deus, que veio à terra para salvar o povo de Deus. Ouvimos a tão familiar história de como Jesus nasceu em Belém, da manjedoura em que ele estava deitado, e dos anjos que anunciaram o seu nascimento aos pastores. Sabemos que os anjos declararam que Jesus era o rei da descendência de Davi, de longa data esperado.

Os sábios (magos) que trouxeram presentes para o menino Jesus são figuras misteriosas. Não sabemos de que país (ou países) vieram; só sabemos que eram "do oriente" (Mateus 2:1). Bem podem ter vindo dos grandes impérios orientais da Mesopotâmia, Babilônia, ou Pérsia. Eles estudavam as estrelas e viram que nascia entre os judeus um novo rei, por isso vieram a Jerusalém, a capital judaica, para prestar as suas homenagens. Quão surpresos devem ter ficado ao saber que o rei Herodes não tinha novos filhos! Então seguiram uma clara profecia de Miquéias 5:2, que os levou a Belém onde encontraram o menino Jesus.

A Bíblia não diz que eram *três* os magos, mas os pintores geralmente têm retratado três para mostrar as três dádivas que trouxeram — ouro, incenso e mirra (Mateus 2:11). Evidentemente os *magos* vieram ver Jesus diversos meses depois do seu nascimento, e alguns estudiosos

pensam que Jesus já devia estar com dois anos de idade.

Depois que Jesus nasceu, os pais o levaram ao templo em Jerusalém para ser consagrado (Lucas 2:22-28). Começaram a prepará-lo para viver "em graça, diante de Deus e dos homens" (Lucas 2:52).

O rei Herodes desejava assegurar-se de que as pessoas não se congregassem em torno do rei menino para dar início a uma rebelião, por isso ordenou aos seus soldados que matassem todos os meninos em Belém e dos arredores (Mateus 2:16). A família de Jesus fugiu para o Egito a fim de escapar ao perverso decreto. Morto Herodes, eles voltaram para a Palestina e se estabeleceram na cidade de Nazaré.

Nada mais diz a Bíblia acerca de Jesus até ele estar com doze ou treze anos. Então, para assumir seu próprio papel na congregação judaica, ele tinha de fazer uma visita especial a Jerusalém e oferecer sacrifício no templo. Enquanto estava ali, Jesus conversou com os dirigentes religiosos sobre a fé judaica. Ele revelou extraordinária compreensão do verdadeiro Deus, e suas respostas deixaram-nos admirados. Mais tarde, de volta para casa, os pais de Jesus notaram a sua ausência. Encontraram-no no templo, ainda conversando com os especialistas judaicos.

De novo, a Bíblia se cala até ao ponto em que nos apresenta os acontecimentos que deram início ao ministério de Jesus, tendo ele cerca de trinta anos. Primeiro vemos João Batista deixando o deserto e pregando nas cidades ao longo do rio Jordão, instando com o povo a que se preparasse para receber o Messias (Lucas 3:3-9). João nasceu no seio de uma família piedosa e cresceu para amar e servir fielmente a Deus. Deus falava por intermédio de João, e multidões acudiam para ouvi-lo pregar. Dizia-lhes que se voltassem para Deus e começassem a obedecer-lhe. Ao ver Jesus, ele anunciou que este homem era o "...Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (João 1:29). João batizou a Jesus; e ao sair Jesus da água, Deus enviou o Espírito Santo em forma de pomba, que pousou sobre ele.

O Espírito Santo guiou Jesus ao deserto, e af ele permaneceu sem alimentar-se durante quarenta dias. Enquanto ele se encontrava nessa situação de enfraquecimento, o diabo veio e procurou tentá-lo de vários modos. Jesus recusou as propostas do diabo e ordenou que ele se retirasse. Então vieram anjos que o alimentaram e confortaram.

A princípio Jesus tinha a estima do povo. Na região do mar da Galiléia ele foi a uma festa de casamento e transformou água em vinho. Este foi o primeiro de seus milagres que a Bíblia menciona. Este milagre, da mesma forma que os últimos, demonstrou que ele era verdadeiramente Deus. Da Galiléia ele foi para Jerusalém onde expulsou do templo um grupo de religiosos vendedores ambulantes. Pela primeira vez ele asseverou de público sua autoridade sobre a

vida religiosa do povo, o que fez que muitos dos dirigentes religiosos se voltassem contra ele.

Um desses dirigentes, Nicodemos, viu que Jesus ensinava a verdade acerca de Deus. Certa noite ele foi ter com Jesus e lhe perguntou como poderia entrar no reino de Deus, que é o reino de redenção e salvação. Jesus disse a Nicodemos que ele devia "nascer de novo" (João 3:3); em outras palavras, ele tinha de tornar-se uma nova pessoa. Desta conversa de Jesus com Nicodemos aprendemos que o cristão é uma pessoa que "nasceu de novo".

Quando João Batista começou a pregar e atrair grandes multidões na Judéia, Jesus voltou para a Galiléia. Aí ele operou muitos milagres e grandes multidões o cercavam. Infelizmente, as multidões estavam mais interessadas nos seus milagres do que nos seus ensinos.



Porta Dourada. Localizada no muro oriental da área do templo, pensa-se que esta estrutura do quinto século da era cristã foi construída no lugar onde Cristo fez sua entrada triunfal em Jerusalém (cf. Mateus 21:8-11). O governador turco de Jerusalém bloqueou a porta em 1530.

Não obstante, Jesus continuou ensinando. Ele entrava nos lares, participava das festas públicas, e adorava com outros judeus em suas sinagogas. Denunciou os dirigentes religiosos do seu tempo porque exibiam uma fé hipócrita. Ele não rejeitou a religião formal deles; pelo contrário, Jesus respeitava o templo e a adoração que aí se prestava (cf. Mateus 5:17-18). Mas os fariseus e outros dirigentes não viram nele o Messias e não cuidaram de ser salvos do pecado. Além do mais, não satisfeitos com o que Deus lhes revelara no Antigo Testamento, continuaram fazendo-lhe acréscimos e revisando-o. Acreditavam que sua versão das Escrituras, examinada nos seus mínimos detalhes, dava-lhes a única religião verdadeira. Jesus chamou-os de volta às primitivas palavras de Deus. Ele era cuidadoso na sua forma de citar as Escrituras, e incitava seus seguidores a entendê-las melhor. Ensinava que o conhecimento básico das Escrituras mostraria que a vontade de Deus era que as pessoas fossem salvas mediante a fé nele.

Perto da Galiléia, Jesus operou seu mais surpreendente milagre até então. Tomou sete pães e dois peixes, abençoou-os e partiu-os em pedaços suficientes para alimentar quatro mil pessoas! Mas este milagre não atraiu mais gente à fé em Jesus; na verdade, as pessoas se retiraram porque não podiam imaginar por que e como ele queria que elas "comessem" seu corpo e "bebesssem" seu sangue (João 6:52-66).

Os doze discípulos, porém, permaneceram fiéis, e ele começou a concentrar seus esforços em prepará-los. Cada vez mais ensinava-lhes acerca de sua futura morte e ressurreição, explicando-lhes que eles também sofreriam a morte se continuassem a segui-lo.

Essa atitude de Jesus o leva ao fim da sua vida na terra. Judas Iscariotes, um dos doze, traiu-o, entregando-o aos líderes de Jerusalém, que lhe eram hostis, e eles pregaram Jesus numa cruz de madeira entre criminosos comuns. Mas ele ressuscitou e apareceu a muitos de seus seguidores, exatamente como havia prometido, e deu instruções finais aos seus discípulos mais íntimos. Enquanto o observavam subir ao céu, apareceu um anjo e disse que eles os veriam voltar do mesmo modo. Em outras palavras, ele voltaria de modo visível e em seu corpo físico.

O MINISTÉRIO DOS APÓSTOLOS

A história bíblica termina no livro de Atos, que descreve o ministério da igreja primitiva. Em Atos vemos como a mensagem concernente a Jesus — a mensagem da redenção — propagou-se de Jerusalém até Roma, centro do mundo Ocidental. O livro de Atos mostra a expansão da igreja (a) em Jerusalém, (b) de Jerusalém para a Judéia, Samaria e região circunvizinha, e (c) de Antioquia até Roma.

22 O Mundo do Novo Testamento

A. Em Jerusalém. As primeiras experiências dos discípulos de Jesus em Jerusalém revelam muita coisa acerca da igreja primitiva. O livro de Atos mostra com que zelo esses cristãos divulgaram as notícias a respeito de Jesus.

O livro inicia-se numa colina próxima de Jerusalém, onde Jesus estava prestes a ascender ao céu. Ele disse aos discípulos: "...ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra" (Atos 1:8). Esse era o plano de Jesus para evangelizar o mundo.

Poucos dias mais tarde os discípulos substituíram Judas, que se havia matado depois de trair a Jesus. Escolheram Matias para completar o grupo dos doze.

Então o Cristo ressurreto deu à igreja seu Espírito Santo, que capacitou os cristãos a cumprirem sua tarefa de âmbito mundial (Atos 1:8).

Pedro falou à igreja no dia de Pentecoste, revelando a importância de Cristo como Senhor da salvação (Atos 2:14-40). O Espírito Santo revestiu a igreja de poder para operar sinais e maravilhas que confirmavam a veracidade dessa mensagem (Atos 2:43). Especialmente significativa foi a cura de um mendigo operada pelos apóstolos à porta do templo (Atos 3:1-10), o que colocou os apóstolos em conflito com as autoridades judaicas.

A igreja mantinha estreita comunhão entre seus membros. Compartilhavam as refeições em seus lares; também adoravam juntos e repartiam os seus bens (Atos 2:44-46; 4:32-34). Um casal, Ananias e Safira, tentou enganar a igreja; havendo vendido sua propriedade, alegaram estar dando ao Senhor todo o produto da venda, mas deram apenas uma parcela. Deus os feriu de morte por mentirem (Atos 5:1-11).

À medida que a igreja continuava a crescer, as autoridades governamentais começaram a perseguir abertamente os cristãos. Pedro e alguns dos apóstolos foram presos, mas um anjo os libertou; convocados perante as autoridades, estas lhes deram ordens de parar com a pregação a respeito de Jesus (Atos 5:17-29). Os cristãos, porém, recusaram-se a obedecer; continuaram pregando, muito embora as autoridades religiosas judaicas os espencessem e os lançassem na prisão diversas vezes.

A igreja crescia com tanta rapidez que os apóstolos precisaram de auxílio em algumas das questões práticas de administração eclesiástica, principalmente no atendimento às viúvas. Para a execução desta tarefa ordenaram sete diáconos. Um dos sete, Estêvão, começou a pregar nas ruas. Finalmente as autoridades religiosas mataram-no por apedrejamento (Atos 7:54-60).

B. De Jerusalém para Toda a Judéia. A segunda fase do crescimento da igreja começou com uma violenta perseguição dos cristãos em Jerusalém. Quase todos os crentes fugiram da cidade (Atos 8:1). Por onde quer que fossem, os cristãos davam testemunho, e o Espírito Santo usava esse testemunho a fim de conquistar outras pessoas para Cristo (Atos 8:3ss.). Por exemplo, um dos sete auxiliares, chamado Filipe, conversou com um diplomata etiope; este homem tornou-se cristão e levou as boas novas para a sua pátria (Atos 8:26-39).

A esta altura a Bíblia descreve a conversão de Saulo de Tarso. Antes de converter-se, Saulo perseguia a igreja. Ele obteve cartas das autoridades judaicas em Jerusalém que o autorizavam a ir a Damasco efetuar a prisão dos cristãos ali e matá-los. No caminho, Cristo derubou-o por terra e o desafiou. Saulo rendeu-se e assim começou uma nova vida na qual ele devia usar seu nome romano, Paulo, em lugar de Saulo, o nome judaico. Deus conduziu-o cego a Damasco, e enviou um homem chamado Ananias, para visitá-lo. Por intermédio de Ananias, Paulo recuperou a vista e foi cheio do Espírito Santo. Paulo começou a pregar a respeito de Jesus na sinagoga judaica, e os dirigentes judeus o expulsaram de Damasco. Algum tempo depois (cf. Gálatas 1:17—2:2), ele foi para Jerusalém, onde estabeleceu uma relação com os apóstolos.

A rua chamada Direita.
Um pequeno arco é tudo quanto resta da porta da velha cidade de Damasco no tempo de Paulo. O arco dá entrada "à rua que se chama Direita", onde Paulo ficou logo depois de sua conversão (Atos 9:11).



Devemos notar também o ministério de Pedro, que foi especialmente marcado por milagres. Em Lida ele curou um homem chamado Enéias (Atos 9:32-35). Em Jope, Deus o usou para ressuscitar Dorcas (Atos 9:36-42). Por fim, recebeu de Deus uma visão que o convocava para Cesareia, onde apresentou o evangelho aos gentios (Atos 10:9-48).

Pedro foi o líder máximo dos apóstolos e seu ministério reanimou o entusiasmo da igreja primitiva. Apóstolo era uma pessoa a quem Cristo havia escolhido para um treinamento especial no ministério (cf. Gálatas 1:12). Os apóstolos lançaram o alicerce da igreja mediante a pregação do evangelho de Cristo (cf. Efésios 2:20; 1 Coríntios 3:10-11; Judas 3-21. Veja também o capítulo 7, "Os Apóstolos"). Deus usou Pedro para abrir a porta da salvação aos gentios.

Neste ponto a narrativa bíblica volta-se brevemente para a expansão do evangelho entre os gentios em Antioquia (Atos 11:19-30). É quando lemos acerca do martírio de Tiago em Jerusalém, e de como Pedro foi miraculosamente liberto da prisão (Atos 12:1-19).

C. De Antioquia até Roma. O restante do livro de Atos descreve a expansão da igreja por intermédio do apóstolo Paulo. Barnabé levou Paulo para Antioquia (Atos 11:19-26). Aí o Espírito Santo chamou a Barnabé e a Paulo para serem missionários, e a igreja os ordenou para essa tarefa (Atos 13:1-3).

O mapa intitulado "Primeira Viagem Missionária de Paulo" traça a rota de sua primeira campanha de fundação de igrejas. (Veja também o capítulo 9, "Paulo e suas Viagens".) Em geral, Paulo e Barnabé começavam pregando numa sinagoga judaica. Por conseguinte, a igreja primitiva constituía-se, antes de tudo, de convertidos dentre os judeus e de pessoas "tementes a Deus" (gentios que adoravam com os judeus). Na primeira viagem houve um dramático confronto com o diabo quando Deus usou a Paulo para derrotar o mágico (feiticeiro) Elimas (Atos 13:6-12). O jovem João Marcos acompanhava a Paulo e a Barnabé, mas, de Perge, resolveu voltar a Jerusalém, fato que deve ter causado grande desapontamento a Paulo (cf. Atos 15:38).

Leia o sermão que Paulo proferiu na sinagoga em Antioquia da Pisídia (Atos 13:16-41). Nele o apóstolo faz um resumo da história da redenção, acentuando seu cumprimento em Jesus Cristo. Paulo declarou que crer em Cristo é o único meio de libertar-se do pecado e da morte (vv. 38-39).

Em Listra, judeus hostis instigaram as multidões de sorte que Paulo foi apedrejado e dado por morto (Atos 14:8-19). A viagem terminou com Paulo e Barnabé voltando a Antioquia, onde relataram tudo quanto Deus havia feito por intermédio deles, e como a fé se espalhara entre os gentios (Atos 14:26-28).

Mais tarde, surgiu na igreja uma séria desinteligência. Alguns cristãos argumentavam que os gentios convertidos tinham de observar as leis do Antigo Testamento, de modo especial a da circuncisão. Finalmente, o problema foi levado perante o concílio da igreja de Antioquia e de Jerusalém. Deus dirigiu esse concílio (reunido em Jerusalém) para declarar que os gentios não tinham de guardar a Lei a fim de serem salvos. Mas instruíram aos novos conversos a que se abstivessem de comer coisas sacrificadas aos ídolos, sangue e animais sufocados (Atos 15:1-29), para não escandalizarem os judeus. O concílio enviou uma carta a Antioquia; a igreja leu-a e a aceitou como sendo a vontade de Deus.

Não demorou muito, Paulo resolveu visitar todas as igrejas que ele e Barnabé haviam estabelecido na primeira viagem missionária. E assim teve início a segunda viagem missionária (Atos 15:40-41), desta vez em companhia de Silas. Observe-se, especialmente, a visão que Deus deu a Paulo em Trôade, convocando-os para a Macedônia (Atos 16:9-10). Na Macedônia eles conduziram à fé pessoas "tementes a Deus" (gentios que criam em Deus) e também judeus.

Um dia os missionários defrontaram-se com uma jovem escrava possuída do demônio. Seus donos auferiam lucro da capacidade que tinha a jovem de adivinhar. Paulo expulsou os demônios da jovem, e ela perdeu seus poderes, por isso seus senhores prenderam os

Corinto. As ruínas do templo de Apolo são um testemunho silencioso do culto pagão em Corinto, onde Paulo escreveu duas de suas mais antigas epístolas. Localizada no estreito istmo da Acaia, Corinto tinha dois portos — um no mar Egeu e outro no Adriático. Era, pois, uma importante encruzilhada do mundo antigo.



missionários (Atos 16:19-24). Na prisão, Paulo e Silas converteram o carcereiro. Foram libertados de manhã e se dirigiram para Tessalônica, onde muitos se converteram sob o seu ministério. A seguir foram para Beréia, onde também alcançaram grande êxito (Atos 17:10-12). Em Atenas Paulo pregou um notável sermão aos filósofos gregos na Colina de Marte.

A próxima parada foi Corinto, onde Paulo e seus amigos permaneceram por um ano e meio. Daqui voltaram para Antioquia, passando por Jerusalém (Atos 18:18-22). Todo esse tempo, Paulo e seus companheiros continuaram a pregar nas sinagogas, e enfrentaram a oposição de alguns judeus que rejeitaram o evangelho (Atos 18:12-17).

A terceira viagem missionária abrangeu muitas das mesmas cidades que Paulo havia visitado na segunda. Ele fez, também, uma rápida visita às igrejas da Galácia e da Frigia (Atos 18:23).

Em Éfeso ele batizou doze dos discípulos de João Batista que haviam aceitado a Cristo, os quais receberam o Espírito Santo (Atos 19:1-7). Durante quase dois anos ele pregou na escola de Tirano (Atos 19:9-10).

De Éfeso ele foi para a Macedônia e, finalmente, voltou a Filipos. Depois de uma breve estada nesta cidade, ele viajou para Trôade, onde um jovem chamado Éutico pegou no sono durante o sermão de Paulo e caiu de uma janela do terceiro andar, sendo dado por morto. Deus operou por intermédio de Paulo para trazer Éutico de volta à vida (Atos 20:7-12). Dali os missionários foram para Cesaréia, passando por Mileto. Em Cesaréia o profeta Ágabo predisse o perigo que aguardava a Paulo em Jerusalém.

Em Jerusalém, Paulo enfrentou dificuldades e prisão. A Bíblia registra um discurso que ele fez ali em defesa de sua fé (Atos 22:1-21). Finalmente, as autoridades religiosas conseguiram enviá-lo para Roma a fim de ser julgado. A caminho de Roma, o navio que o transportava naufragou na ilha de Malta. Aqui Paulo foi picado por uma cobra venenosa, mas não sofreu dano algum (Atos 28:3-6). Mais tarde Paulo curou o pai de Públcio, chefe político da ilha (Atos 28:7-8). Depois de passar três meses em Malta, Paulo e seus guardas navegaram para Roma.

O livro de Atos encerra com as atividades de Paulo em Roma. Lemos que ele pregou aos principais judeus (Atos 28:17-20). Durante dois anos morou numa casa alugada, continuando a pregar às pessoas que o visitavam (Atos 28:30-31). Para uma descrição mais pormenorizada da vida de Paulo, veja o capítulo 9, "Paulo e suas Viagens".

Encerra-se a história da redenção registrada na Bíblia. O evangelho tinha sido eficazmente plantado em solo gentio, e a maioria das Epístolas haviam sido escritas. A igreja estava no processo de separar-se da sinagoga judaica e tornar-se uma organização distinta.

Cronologia do Novo Testamento



onta-nos a Bíblia como Deus se revelou em pontos específicos no tempo. Para ajudar-nos a compreender a relação dessas revelações divinas com outros acontecimentos históricos, precisamos conhecer as datas dos acontecimentos bíblicos.

A palavra *cronologia* vem-nos do grego *chronos*, que significa tempo, considerado como uma corrente que flui e que não pode ser detida, mas que pode ser medida. *Cronologia* é a datação de eventos históricos dentro da "corrente" do tempo. A Bíblia dedica muito espaço a assuntos cronológicos.

Por exemplo, os profetas datavam os seus escritos para mostrar o fundo histórico de sua mensagem. Suas notas cronológicas ajudam-nos a entender por que Deus disse isto ou aquilo, ou por que fez tais e tais coisas em determinada ocasião.

O povo judeu observava seu calendário com muito cuidado. O Israel antigo tinha um calendário lunar vinculando as festas religiosas a certas estações do ano. Os israelitas colhiam a cevada na primavera, durante abibe, o primeiro mês do ano religioso (*Êxodo 23:15*). Depois do Exílio, deram a este mês o nome de nisã. Celebravam a Festa das Semanas no mês de sivã, que dava início à colheita de verão do trigo (*Êxodo 34:22*). A Festa da Colheita (ou dos Tabernáculos) coincidia com a colheita geral no mês do outono, etanim, mais tarde chamado tisri (*Êxodo 34:22*). Geralmente os meses eram de 30 dias. Visto, porém, que cada mês era contado a partir de um dia de lua nova, o calendário às vezes exigia um mês de 29 dias. O calendário tinha onze dias menos que o ano solar, mas como correspondesse às estações, às vezes os israelitas eram obrigados a acrescentar um décimo terceiro mês ao ano. Seu sistema de inserir dias de ano bissexto repetia-se num ciclo de 19 anos. Ao chegar ao Novo Testamento, verificamos a inclusão de muitos pormenores cronológicos importantes. Mas, à semelhança do Antigo Testamento, o Novo não nos fornece datas do mesmo modo que as obtemos no calendário moderno.

A VIDA DE JESUS

Visto que o povo judeu — como ocorria com todos os povos antigos — não atuava segundo o calendário que usamos hoje, precisamos tomar grande cuidado em datar os eventos da vida de Jesus. Felizmente, podemos usar o Novo Testamento e várias fontes seculares para determinar as datas aproximadas desses eventos.

A. Nascimento. Herodes o Grande reinava na Judéia quando Jesus nasceu (Mateus 2:1). Em suas *Antigüidades*, Josefo escreve que houve um eclipse da lua pouco antes da morte de Herodes (Livro XVII, Cap. xiii, Sec. 2). Esse eclipse poderia ser qualquer um dos três ocorridos nos anos 5 e 4 a.C.; a mais provável alternativa é 12 de março de 4 a.C. Além do mais, o historiador judeu declara que o rei morreu pouco antes da Páscoa (Livro XVII, Cap. vi, Sec. 4) e a Páscoa ocorreu no dia 11 de abril do ano 4 a.C. Assim, devemos concluir que Herodes morreu nos primeiros dias de abril desse ano.

Os magos do Oriente vieram para adorar o Messias de Deus. Mas uma vez que voltaram sem dar informação alguma a Herodes, ele mandou que seus soldados matassem todos os meninos de Belém de dois anos para baixo (Mateus 2:16). Isto quer dizer que Jesus nasceu no ano 6 ou 5 a.C., e foi levado para o Egito no ano 4 a.C.

Não sabemos com exatidão em que mês e dia Jesus nasceu. A data 25 de dezembro não é muito provável. A igreja de Roma escolheu esse dia para celebrar o nascimento de Cristo, já no segundo ou terceiro século, a fim de obscurecer um dia santo de origem pagã, comemorado tradicionalmente nesse dia. Anteriormente, a igreja Ortodoxa Oriental decidira honrar o nascimento de Cristo no dia 6 de janeiro, a epifania. Mas por que estabelecer a data no inverno? As probabilidades de que os pastores cuidassem de seus rebanhos à noite, nas colinas, são mínimas. É mais provável que Jesus tenha nascido no outono ou na primavera.

Muitos estudiosos acham que a estrela de Belém (Mateus 2:2) foi um fenômeno astronômico. Dizem que talvez fosse o cruzamento das órbitas dos planetas Saturno e Júpiter; isso ocorreu no ano 7 ou 6 a.C. Outros notam que os registros chineses falam de uma estrela muito brilhante ou cometa, no ano 5 ou 4 a.C. Mas, qualquer das teorias apresenta grandes problemas. As Escrituras dizem que a estrela guiou os magos e até indicou a casa, de sorte que eles não se enganassem (Mateus 2:9-10). Embora a estrela tenha despertado o interesse dos magos, ela não nos ajuda a determinar a data do nascimento de Jesus.

B. Começo do Ministério. O Novo Testamento conta-nos muita coisa concernente à obra de Jesus em público; mas temos, outra vez,

de correlacionar essas afirmativas com fontes externas para encontrar as datas.

João Batista cruzou os caminhos de diversas figuras históricas da Judéia e do Império Romano (Lucas 3:1-2). Para nossos objetivos, o mais importante foi Tibério César, que, diz-nos Lucas, já estava no posto havia quatro anos quando o ministério de João teve início. Diz Josefo que Tibério se tornou imperador ao morrer Augusto no ano 14 d.C. (*Antigüidades*, Livro XVIII, Cap. ii, Sec. 2). Seu décimo quinto ano teria sido, portanto, 28 ou 29 d.C., dependendo de adotar ele o sistema de datação pelo ano de acesso ao trono ou de não-acesso. João e Jesus começaram seu ministério mais ou menos ao mesmo tempo. Suponhamos que o ministério de Jesus tenha durado três anos e meio e ele estivesse com cerca de trinta anos, conforme Lucas 3:23, ao iniciar a obra. De imediato surge um problema: a data de Josefo para Tibério exige que coloquemos a morte de Jesus no ano 31 ou 32 d.C. e mudemos a data de seu nascimento para 3 ou 2 a.C., o que, conforme vimos, é tarde demais.

O problema, contudo, não é insuperável. Sabemos que Tibério governou com César Augusto durante dois ou três anos antes da morte de Augusto. Isto significa que ele começou seus deveres oficiais por volta do ano 11 ou 12 d.C., e neste cálculo o décimo quinto ano de seu governo corresponde ao ano 26 ou 27 d.C. A data de 26 d.C. é, provavelmente, a melhor alternativa para o começo do ministério de João e do ministério de Jesus, porque ela se harmoniza com a data do nascimento de Jesus em 5-6 a.C.

A Bíblia diz que Jesus tinha cerca de trinta anos de idade quando começou seu ministério, imediatamente depois de seu batismo (Lucas 3:1-2, 21-23). Mas o que significa "cerca de trinta anos"? Os sacerdotes iniciavam seu serviço aos 30 anos de idade; ora, Jesus não era sacerdote levítico e não estava sujeito a esta norma. Por outro lado, era uma idade respeitável. Da perspectiva judaica, um homem de 30 anos não era jovem demais para ocupar uma posição de autoridade espiritual, nem velho demais para arcar com um ministério vigoroso. Devemos aceitar que Jesus começou seu ministério bem próximo dos 30 anos de idade.

A reconstrução do templo feita por Herodes confirma nossa data para o início do ministério de Jesus. A história romana mostra que Herodes se tornou rei da Judéia no ano 37 a.C. Diz Josefo que os judeus começaram a reformar o segundo templo no décimo oitavo ano do reinado de Herodes, ou em 19 a.C. (37 a.C. menos 18). Quando Jesus esteve em Jerusalém para celebrar a Páscoa, disseram-lhe que a reconstrução estava no seu quadragésimo sexto ano (João 2:13, 20), o que colocaria a primeira visita de Jesus no ano 27 d.C. Supomos

PERÍODO INTERTESTAMENTÁRIO

PALESTINA / JUDÉIA	Data a.C.	PÉRSIA
Esdras volta a Jerusalém	458	
Neemias volta a Jerusalém	444	
Começa o ministério de Malaquias	430	
		GRÉCIA
	332	Alexandre toma Jerusalém das mãos da Pérsia
	323	Morte de Alexandre
		EGITO
	323	Começa o governo do Ptolomeu Sóter
Simão é feito sumo sacerdote	300	
Eleazar é feito sumo sacerdote	291	
	285	Começa o governo de Ptolomeu Filadelfo
Onias II é feito sumo sacerdote	250	
	247	Começa o governo de Ptolomeu Evérgetes
	222	Começa o governo de Ptolomeu Filópater
	204	Começa o governo de Ptolomeu Epifânio
		SÍRIA
	198	Antíoco o Grande anexa a Palestina
	187	Começa o governo de Seleuco IV
Onias III é feito sumo sacerdote	180	
	175	Antíoco IV Epifânio começa a governar
Jasão compra o sumo sacerdócio	170	
Intensifica-se a opressão aos judeus	168	
O Templo é profanado	167	
Os macabeus começam a revolta contra o governo Sírio		
Judas Macabeu assume a liderança da revolta	166	
	164	Começa a governar Antíoco V Eupátor
	162	Começa o governo de Demétrio I Sóter
Morte de Judas Macabeu	161	
Jónatas Macabeu toma o lugar de Judas		

que Jesus já havia iniciado seu ministério quando visitou Jerusalém; portanto, ele teria começado seu trabalho af no outono de 26 d.C.

C. Duração do Ministério. Muitos acontecimentos normais da vida judaica aparecem no ministério de Jesus. O mais proeminente deles era a festa da Páscoa. O Evangelho de João menciona três Páscoas durante o ministério de Jesus (João 2:13; 6:4; 12:1). A *Harmonia dos Evangelhos*, de A. T. Robertson, mostra que João 5:1 também se refere a uma festa da Páscoa. Uma vez que Jesus iniciou seu ministério antes da primeira das quatro Páscoas, esse ministério deve ter durado três anos e meio, iniciando no outono de 26 d.C. e concluindo na pri-

Jônatas é assassinado	144	
Simão Macabeu sucede a Jônatas	145	Começa o governo de Antíoco VII Sidetes
Simão é assassinado	135	
João Hircano sucede a Simão	130	Os sacerdotes são expulsos
Aristóbulo I sucede a João Hircano	104	
Alexandre Janeu sucede a Aristóbulo I	103	
Morte de Alexandre Janeu	78	
Alexandra, esposa de Alexandre Janeu, sua sucessora	76	
Morte de Alexandra	69	
Hircano II sucede a Alexandra	68	
Aristóbulo II em conflito com Hircano II (68-40 a.C.)	68	
ROMA		
Judéia cai nas mãos de Roma	63	Pompeu estabelece o protetorado romano
	59	O Primeiro Triunvirato: Pompeu, César, Crasso
	54	Crasso saqueia o templo
	48	Morte de Pompeu
Antípatro nomeado governador da Galiléia	47	Júlio César é assassinado
	44	Júlio César é assassinado
Morte de Antípatro	37	
Herodes torna-se rei da Judéia	33	Estoura a guerra entre Otaviano e Antônio
	31	Suicídio de Antônio e Cleópatra
Herodes assassina a Mariana	29	
	27	Otaviano torna-se César Augusto
Herodes começa a reconstruir o templo	19	
Nascimento de João Batista	6	
Nascimento de Jesus Cristo	5	

Figura 1

mavera, por ocasião da Páscoa de 30 d.C.

Podemos ser mais exatos a respeito da data da morte de Jesus? Talvez. Segundo o calendário judaico, a Páscoa caiu no dia 7 de abril de 30 d.C. A tradição diz que Jesus foi crucificado na sexta-feira; isto colocaria a Páscoa na noite de quinta-feira — 14 de nisâ no calendário judaico. Alguns eruditos acham, contudo, que a crucificação ocorreu na quinta-feira, ou mesmo na quarta-feira.

Há, ainda, outro problema: Realmente tomou Jesus a refeição da Páscoa, ou foi apenas algum tipo de refeição? É inconcebível que Jesus tivesse enviado os discípulos para preparar a Páscoa (Lucas 22:8, 13),

MINISTÉRIO DE JESUS

NOTA: A Divisão do Ministério segue as sugestões de A. T. Robertson, em sua *Harmony of the Gospels*.
 © Thomas Nelson, Inc.

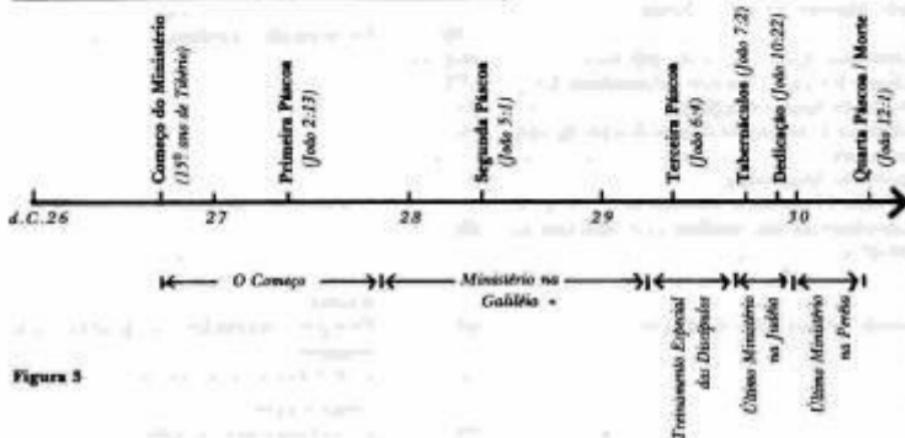


Figura 3

sem esperar que oferecessem o devido sacrifício no templo e pusessem a mesa de uma Páscoa de verdade. Qualquer outra festa naquela época do ano seria inimaginável.

De que modo os judeus calculavam a lua nova, que fixa a data da refeição pascal? (Eles celebravam a Páscoa 14 dias depois da lua nova do mês de nísã.) Se tivessem determinado a lua nova pela astronomia, teriam celebrado a Páscoa no dia 7 de abril do ano 30 d.C. Se, porém, tivessem usado o método visual para determinar a data da Páscoa, poderiam ter cometido algum erro. Mas A. T. Robertson argumenta a favor da data tradicional da Páscoa — 7 de abril, 30 d.C. — porque ela nos permite harmonizar as narrativas dos Sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) com o Evangelho de João. A figura 3 mostra como essas datas demarcam as várias fases do ministério de Jesus.

MINISTÉRIO DE PAULO

A cronologia da vida de Paulo não pode ser tão precisamente demarcada como a de Jesus, mas é possível conseguir uma boa aproximação. As referências a Paulo no livro de Atos e em suas Epístolas, especialmente aos Gálatas, proporcionam muita informação útil. Saulo nasceu em Tarso, com toda probabilidade nos últimos anos do reinado de Herodes ou nos primeiros de seu filho Arquelau. Por meio do pai, judeu rigoroso da tribo de Benjamim, ele recebeu o grande

privilegio da cidadania romana. Segundo o costume, ensinaram-lhe uma profissão, a de fazer tendas, e recebeu boa instrução aos pés de Gamaliel.

Uma dramática vira-volta na vida de Saulo — mais tarde conhecido como Paulo — ocorreu por volta de 36 d.C. enquanto ele se dirigia a Damasco em sua perseguição aos cristãos. A voz de Jesus falou-lhe do meio de uma luz intensa que vinha do céu, e ele ficou cego. Nos eventos que se seguiram ele recuperou a vista, ficou "cheio do Espírito Santo", foi batizado, e confessou a Jesus como Filho de Deus (Atos 9:17-20). Os próximos três anos ele os passou na Arábia. Daí ele voltou a Damasco. Fez sua primeira visita a Jerusalém como cristão em 40 d.C. Os próximos anos de sua vida ele os passou na Síria e na Cilícia, em grande parte na região de Tarso, sua terra natal (Gálatas 1:21).

Os crentes de Jerusalém enviaram a Barnabé, um dos primeiros líderes cristãos, para ver a situação em Antioquia. Aqui um grande contingente de gentios estava aceitando o evangelho. Barnabé, que provavelmente conhecia o chamado de Paulo para servir aos gentios, foi em sua procura e o trouxe de Tarso para Antioquia em 46 d.C. Cerca de um ano mais tarde a igreja de Antioquia enviou uma oferta a Jerusalém pelas mãos de Paulo a Barnabé. Por conseguinte, ele fez sua segunda viagem a Jerusalém como cristão.

Depois do retorno a Antioquia, Paulo e Barnabé partiram numa viagem missionária que os levou a Chipre, Perge, Antioquia da Pisidia, Icônio, Listra e Derbe (Atos 13—14). Esta viagem se deu por volta de 48-49 d.C. Foi o mais frutífero esforço missionário que a igreja havia feito até essa data.

O crescimento da igreja gentia em Antioquia e a reação dos gentios em outros lugares levantou o problema da relação dos gentios com a Lei. Os visitantes de Jerusalém estavam causando transtornos na igreja de Antioquia, e Paulo e Barnabé foram enviados a Jerusalém para tratar do problema. Esse concílio realizou-se em redor de 50 d.C.

Após a volta a Antioquia, Paulo e Barnabé planejaram outra viagem. Havendo desacordo entre eles quanto à companhia de João Marcos, resolveram separar-se. Paulo escolheu como companheiro a Silas e saíram para a segunda viagem missionária. Esta viagem pela Galácia, Macedônia e Acaia ocupou os anos de 51-53 d.C. Passaram cerca de dezoito meses em Corinto, onde Paulo escreveu as duas epístolas à igreja de Tessalônica.

Ao sair de Corinto, ele levou Priscila e Áquila, os quais deixou em Éfeso. Daqui ele viajou para Jerusalém — sua quarta visita — em 54 d.C. Depois de apressadas visitas a Jerusalém e a Antioquia, ele empreendeu a terceira viagem missionária. Parece que passou quase três anos em Éfeso (54-57 d.C.). O êxito foi pleno; não obstante, sua ex-

CRONOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO

EVENTOS BÍBLICOS	Data a.C.	EVENTOS POLÍTICOS
Nascimento de João Batista	6	
Nascimento de Jesus Cristo	5	
	4	Morte de Herodes
	d.C.	Reinado de Arquelau, Herodes Antípata e Herodes Filipe
Visita de Jesus ao Templo	7	Anás nomeado sumo sacerdote
	8	
	14	Morte de Augusto
João Batista começa seu ministério de preguição	17	Ascensão de Tibério César
Batismo de Jesus	27	Caifás nomeado sumo sacerdote
Começa o ministério de Jesus		Herodes Antípata conhece Herodíadas na Itália
Batismo de Jesus		
Começa o ministério de Jesus		
João Batista é preso	28	Herodes Antípata casa-se com Herodíadas
João Batista é decapitado	29	
Crucificação de Jesus	30	
Martírio de Estêvão	36	
Conversão de Saulo		
Dispersão dos cristãos	37	Morte de Tibério
		Ascensão de Calígula
Visita de Pedro às igrejas	39	
Saulo completa sua estada de três anos na Arábia	40	
Visita de Saulo a Jerusalém		
Conversão de Cornélio	41	Morte de Calígula
O evangelho chega a Antioquia	42	Ascensão de Cláudio
	43	
Martírio de Tiago, filho de Zebedeu	44	Herodes Agripa I torna-se rei
Barnabé traz Saulo para Antioquia	46	Morte de Herodes Agripa I
Saulo e Barnabé levam a Jerusalém a contribuição da igreja de Antioquia	47	
Primeira viagem missionária de Paulo e Barnabé	48-49	

periência aqui esteve cheia de oposição e perigos. Os problemas em Corinto trouxeram-lhe maiores responsabilidades, e de Éfeso ele escreveu suas cartas aos Coríntios.

Deixando Éfeso, Paulo viajou para Corinto onde passou três meses. Nessa ocasião talvez tenha escrito a carta aos Gálatas, e realmente escreveu a Epístola aos Romanos. Logo depois, fez a quinta visita a Jerusalém.

Preso assim que chegou a Jerusalém, foi enviado para Cesareia onde

O concílio de Jerusalém	50	
Marcos escreve seu Evangelho		
A segunda viagem missionária	51-53	
Escritas 1 e 2 TessalonICENSES		
Quarta visita de Paulo a Jerusalém	52	Félix nomeado procurador da Judeia
Paulo começa a terceira viagem missionária	54	Morte de Cláudio
Paulo chega a Éfeso		Ascensão de Nero
Escritas as Epístolas 1 e 2 Coríntios	54-57	
Paulo viaja para Corinto	57	
Escrita a carta aos Romanos		
Escrita a carta aos Gálatas		
Prisão de Paulo	58	
Escrito o Evangelho de Lucas	58-63	Festo sucede a Félix
Paulo enviado para Roma	60	
Paulo chega a Roma	61	
Escritas as cartas a Filemom, aos Colossenses, aos Efésios e aos Filipenses.	62	Albino sucede a Festo
Paulo liberto da prisão em Roma	63	
Escrito o livro de Atos		
Visita de Paulo a Filipos (e Ásia Menor?)		
Viagem de Paulo à Espanha (?)	64	Floro sucede a Albino
Escrita a Primeira de Pedro		
Volta de Paulo à Ásia Menor	66	
Escrita a Segunda de Pedro		
Viagem de Paulo à Macedônia	67	
Escrita Primeira a Timóteo		
Visita de Paulo a Creta		
Escrita a Epístola a Tito		
Segunda prisão de Paulo	68	Morte de Nero
Escrita Segunda a Timóteo		
Martírio de Paulo		
Escrita a Epístola aos Hebreus		
	70	Os romanos destroem Jerusalém e o Templo
		Dispersão dos judeus por todo o Império Romano
Escrito o Evangelho de Mateus	75	
Escrita Primeira de João	85-90	
Escrito o Evangelho de João	90-100	
Escrito o livro do Apocalipse	96	
Escrita a Segunda de João		
Escrita a Terceira de João	97	

Figura 2

esteve encarcerado durante dois anos (58-60 d.C.). Não vendo possibilidade de livrar-se das acusações, apelou para César e foi mandado para Roma. Vivendo sob guarda policial — parte do tempo em seu próprio alojamento alugado (Atos 28:30) — Paulo escreveu as epístolas aos Efésios, aos Colossenses, aos Filipenses e a Filemom. Vencidos os dois anos de prisão em Roma (61-63 d.C.), mencionados em Atos 28:30, não sabemos para onde foi e o que fez; não há registros

A Biblioteca de Alexandria

Alexandre Magno chegou ao Egito em novembro de 332 a.C. No dia 20 de janeiro de 331 a.C., o próprio Alexandre traçou na areia um esboço de uma nova cidade que deveria ser o centro de sua marinha de guerra e da cultura grega — Alexandria. Ela incorporaria dentro de seus muros a antiga cidade egípcia de Rhakhotis ou Rhacotis e Nápolis (nova cidade). Dínócrates, o arquiteto de Rodas, foi incumbido do projeto da construção.

Alexandria tornou-se o sítio de três maravilhas do mundo antigo: o farol de Faros (ilha ligada ao continente por uma ponte); o Soma, que abrigava o esquife de ouro de Alexandre, e a famosíssima biblioteca do mundo antigo, a Biblioteca de Alexandria.

A idéia de uma biblioteca em Alexandria parece ter-se originado com Ptolomeu I Sóter (morto em 283 a.C.), que começou a colecionar manuscritos para a sua formação. O prédio da biblioteca provavelmente foi erigido por Ptolomeu II Filadelfo (285-246 a.C.). A maior parte da prova arqueológica de Alexandria que data deste período está perdida, embora os eruditos que acompanharam Napoleão Bonaparte tenham registrado em 1799 que as ruínas da cidade (que por séculos serviu como pedreira para novas construções) ainda constituiam um complexo consideravelmente grande. A Alexandria moderna foi edificada no mesmo sítio e acabou com a maior parte das antigas ruínas, incluindo a biblioteca.

A biblioteca era uma parte da *Mouseion* ("Casa das Musas"), ou (casa das artes e das ciências), que tinha como modelo o Liceu de Aristóteles, em Atenas. O *Mouseion* era um complexo de edifícios ligados por longas colunatas. Nessas colunatas ficavam as salas de estudo, os salões de preleção, e os escritórios administrativos onde os eruditos podiam ensinar e fazer pesquisa. Entre os eruditos que usavam a biblioteca estavam os matemáticos Euclides e Apolônio de Perge, o geógrafo Eratostenes (o primeiro a dizer que o mundo era redondo), o astrônomo Aristarco de Samos, e os pesquisadores médicos Eristratos e Eudemos.

O edifício da biblioteca tinha duas partes: "a biblioteca dentro do palácio" (o *Bruchelion*) e a "biblioteca fora do palácio" (o *Serapeum*), de menor tamanho. Em 250 a.C. o *Bruchelion* continha 400.000 "vo-

lumes mistos" (rolos ou pergaminhos mais longos contendo mais de uma obra) e 90.000 volumes simples; o *Serapeum* continha 42.800 volumes; destinava-se aos estudantes e aos cidadãos comuns.

Ptolomeu II também emitiu ordens para que seus soldados apreendessem quaisquer livros encontrados nos navios que faziam descarga em Alexandria. Esses livros eram então copiados e uma cópia devolvida aos donos. Os livros obtidos desta maneira eram rotulados de "dos navios". Galeno, escritor antigo, contou como Ptolomeu III Emergetes induziu, por meio de astúcia, os atenienses a enviar-lhe suas cópias oficiais das tragédias — as cópias que os atores usavam em suas representações — então cobrava quinze talentos a título de depósito de segurança e guardava o original bem como a cópia que havia feito.

Primeiro os livros eram guardados em armazéns até que pudessem ser beneficiados, ou trabalhados. Os bibliotecários tomavam muito cuidado na rotulagem das cópias, para indicar a fonte de cada manuscrito. Os livros podiam ser rotulados pela origem geográfica, pelo nome do revisor ou redator da cópia, ou pelo nome do dono. Callímaco, que bem pode ter sido um dos principais bibliotecários, dizem que compilou um documento chamado os *Pinakes* para os usuários da biblioteca. Os *Pinakes* tinham como subtítulo "Tabelas dos Que Foram Preeminentes em Toda a Fase da Cultura, e Seus Escritos".

O declínio do *Museion* e da biblioteca parece ter começado por volta do ano 100 a.C., em meio a guerras e inquietações civis. Parece que o *Bruchelion* foi incendiado por acidente, por Júlio César, na guerra de Alexandria em 48 a.C. Embora se tenha perdido muito material insubstituível quando o *Bruchelion* foi destruído, Marco Antônio indenizou o prejuízo dando a Cleópatra 200.000 manuscritos da biblioteca de Pérgamo. A partir desse tempo o *Serapeum* tomou o lugar do *Bruchelion* como biblioteca real.

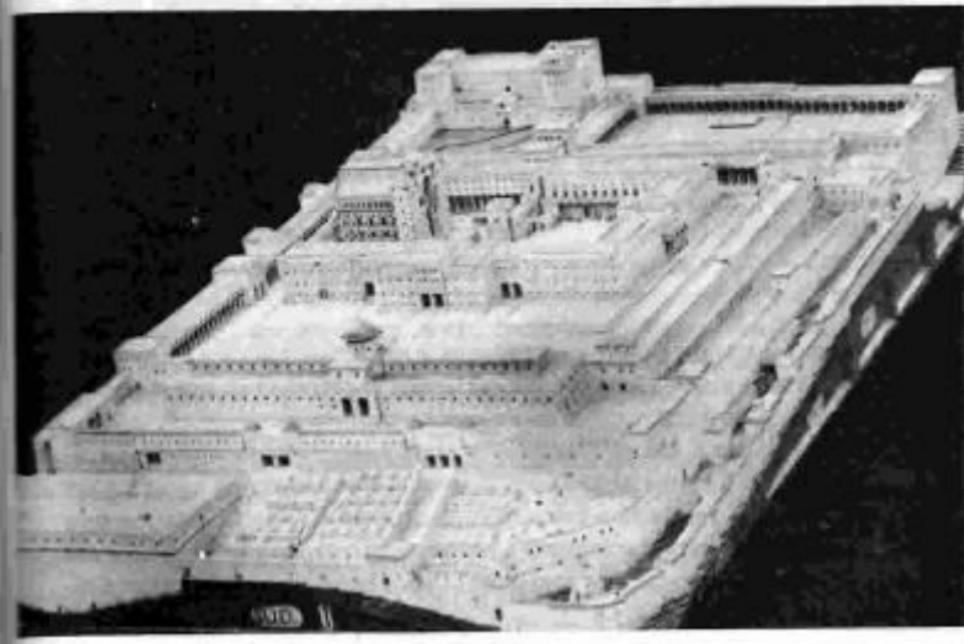
A biblioteca decaiu ainda mais depois do começo da Era Cristã. Foi incendiada de novo pelo imperador romano Aureliano no ano 273 d.C. quando ele reconquistou o Egito. Tudo quanto restou da biblioteca foi destruído pelo conquistador muçulmano Omar no ano 645 d.C.

a respeito. Diz a tradição que ele pregou o evangelho até às "extremidades do Ocidente", que se supõe seja a Espanha. Acredita-se que tenha visitado Creta (Tito 1:5), Éfeso (1 Timóteo 1:3), e Nicópolis (Tito 3:12) na Macedônia, de onde escreveu a Tito.

A primeira Epístola de Clemente, escrita pouco antes do ano 200 d.C., declara que Paulo foi aprisionado mais uma vez por volta do ano 67 d.C., na Macedônia, e mandado para Roma como prisioneiro, pela segunda vez. Acredita-se que aqui escreveu sua última epístola — Segunda a Timóteo — e morreu mártir sob as ordens de Nero na primavera ou no verão de 68 d.C.

As chaves para datar o ministério de Paulo incluem a sucessão de Félix por Festo (Atos 24:27; 25:1), que ocorreu aproximadamente em 60 d.C., e o mandato de Gálio na Acaia cerca do ano 56 d.C. A maior parte de seu ministério ocorreu durante o relativo período de paz do reinado de Cláudio (41-54 d.C.). Alguns dão a data da sua morte como anterior a 68 d.C. Não crêem alguns eruditos que ele tenha sido libertado da primeira prisão em Roma e que foi morto na época em que se encerra o livro de Atos, por volta de 64 d.C.

Templo de Herodes. O Dr. Conrad Shick construiu esta maquete em escala do templo de Jerusalém conforme teria parecido após o intenso programa de Herodes de restauração (19 a.C. — 63 d.C.) O modelo reflete informação colhida dos antigos escritores judeus e dos achados arqueológicos na área do templo.



Os Gregos e o Helenismo



s gregos antigos davam ao seu país o nome de Helas e se chamavam helenos. A mais influente das cidades-estados gregas foi Atenas, que proporcionou a principal inspiração para as realizações do Império Grego que em breve se estenderia através de territórios quase tão grandes quanto os Estados Unidos.

Quando falamos de "cultura helênica", referimo-nos às realizações culturais gregas que atingiram sua culminância em Atenas no quinto século antes de Cristo. "Cultura helênica" significa as artes, o comércio, e o pensamento no território grego segundo a influência recebida de Atenas. "Cultura helenística" é o desenvolvimento subsequente da cultura grega entre os demais povos ao leste do Mediterrâneo que refletiam a cultura iniciada em Atenas. Esse estilo de vida grego foi levado pelos exércitos de Alexandre Magno a terras tão distantes quanto a Índia. Durou tempo suficiente no Egito, na Palestina, na Ásia Menor e na Pérsia para influenciar-lhes a religião, o governo, a língua e as artes.

HISTÓRIA GREGA PRIMITIVA

Guerra e intriga política matizaram a primitiva história da Grécia. A capacidade dos gregos de vencer esses problemas indica que eles tinham caráter forte e visão esperançosa do futuro.

A. Raízes da Cultura Grega. As ilhas gregas e o território continental grego foram habitados por povos chamados egeus cerca de 3.000 a.C. Os minoanos habitaram a ilha de Creta. O povo a que chamamos grego não começou a chegar senão por volta do ano 1900 a.C. Parece que vieram da região balcânica hoje conhecida como Bulgária.

Cerâmica de Figuras Pretas. Guerreiros lutam no lado desta *árfona* (vaso com duas alças) datada de cerca de 540 a.C. Decorada em preto sobre fundo de colorido leve, o vaso é um belo exemplo da cerâmica de figuras pretas desenvolvida em Atenas e muito apreciada até ser suplantada em 525 a.C. pela cerâmica de figuras vermelhas. A esta altura da evolução da arte grega, as figuras dos guerreiros ainda são estilizadas. Mas a cerâmica de figuras pretas estava começando a assumir uma forma de realismo, associado à melhor arte grega.



Esses migrantes aos poucos se foram mudando para o norte, levando consigo sua língua, que veio a ser a língua germânica. Mudaram-se também para o oeste, para a Itália, onde sua língua se tornou a dos romanos. Mudaram-se para o sul, onde a língua veio a ser o grego. Mudaram-se para o leste, do outro lado dos Himalaias, na Índia, onde sua língua foi preservada no sânscrito. Esses nômades com sua língua *indo-européia* proporcionaram um ancestral comum para grande número de civilizações. Palavras que ainda permanecem nas línguas de países tão distantes entre si revelam que tiveram uma fonte única.

O primeiro grupo desta grande família chegou à península grega cerca de 1900 a.C. e recebeu o nome de aqueus, ou acaios. Alguns se fixaram nas planícies da Tessália. Outros se mudaram para a região mais extrema ao sul da terra chamada Peloponeso. Em 1200 a.C. o rei Agamenom de Micenas, uma poderosa cidade-estado no Nordeste do Peloponeso, levantou-se como o mais importante líder dessas colônias. Agamenom liderou uma força de ataque a Tróia na praia asiática do mar Egeu. A destruição de Tróia abriu as portas para que mais aqueus migrassem para a Ásia Menor, onde erigiram cidades de língua grega.

A migração dos aqueus para a Ásia Menor foi provavelmente instigada por invasões de mais tribos dos Balcãs. Os dórios mudaram-se para a Grécia num período de três séculos (1500-1200 a.C.). Tam-

bém falavam uma forma de grego, mas eram hostis aos povos que se estabeleceram na península grega. Incendiaram Micenas e outras cidades, incluindo Cnoso em Creta (centro da civilização minoana). Dessa forma destruíram a cultura e o comércio que se haviam desenvolvido durante cerca de 2000 anos.

Contudo, os jônios mudaram-se para o Oriente do Egeu e preservaram sua herança. Espalharam-se para o norte e para o sul ao longo da orla da Ásia Menor numa região finalmente chamada Jônia. Homero, o grande poeta, produziu suas obras-primas literárias entre 900 e 700 a.C.

O povo seguinte a invadir a Grécia e aí estabelecer-se foram os eólios, que ocuparam o Oeste da Grécia central, o Norte do Peloponeso, e as ilhas marítimas. Não se sabe o tempo exato em que esses invasores apareceram na Grécia.

Enquanto a Grécia estava sendo invadida por um período de cerca de oito séculos (1900-1100 a.C.), os israelitas desenvolviam-se em

Táticas Gregas de Guerra

O domínio da Grécia sobre o mundo antigo e a propagação da língua grega por toda a região do Mediterrâneo são dois dos mais surpreendentes fatos históricos. A Grécia moderna é pouco maior que o Estado de Nova York, é cheia de montanhas e o solo é um tanto improdutivo. A Grécia antiga conheceu pouca unidade política. Assim sendo, qual o segredo do sucesso militar grego? Eis algumas possíveis respostas:

Os antigos gregos eram criados para ser soldados. Em Esparta, os filhos pertenciam ao estado. Os meninos desfeitos eram jogados fora, nas colinas, para afi morrer; os fortes eram instruídos pelo estado, e a maior parte da educação era física. Os meninos aprendiam a correr, lutar, suportar a dor sem recuar, viver de rações reduzidas, obedecer às ordens — e a governar. Também aprendiam matemática, filosofia, música e o amor à leitura.

Podemos ver essas qualidades em algumas famosas batalhas gregas. Achando que era tempo de conquistar a Grécia, Dario I da Pérsia reuniu um enorme exército e 600 navios. Embriagado pelo sucesso (ele acabara de destruir Mileto), Dario estava confiante em que poderia subjugar a Grécia em poucos dias.

Os persas desembarcaram no leste da Ática, num lugar perto de Maratona. A notícia da aproximação da batalha alarmou a Grécia. Escravos e homens livres foram alistados em Atenas e forçados a

marchar através das montanhas até Maratona. Na ocasião em que os gregos se reuniram, eles eram apenas 20.000 (Os exércitos de Esparta não chegaram a tempo.) Os persas, por outro lado, tinham 100.000 veteranos empoderados.

Os persas encheram o ar com flechas; mas causaram pouco efeito, porque os gregos estavam bem couraçados. Sob a liderança de Milciades, os gregos atacaram como uma equipe. Trabalho de equipe era algo que os persas não entendiam; eles combatiam como indivíduos.

A batalha foi um desastre para Dario. Segundo os registros gregos, 6.400 persas perderam a vida enquanto caíram apenas 192 gregos. Ao término da batalha chegaram os atrasados espartanos e louvaram os vitoriosos. Dario não conseguiu conquistar a Grécia, mas seu filho Xerxes teve o mesmo sonho; reuniu tropas e materiais de guerra, e em 481 a.C. estava preparado. Segundo Heródoto, este exército tinha 2.641.000 combatentes além de escravos, engenheiros e outros.

Em sua marcha em direção à Grécia, este enorme exército passou pela Trácia, por Filipos e pela Macedônia. Muitos gregos se renderam no caminho, dominados pelo terror, ou pelo suborno. Esses gregos permitiram que seus exércitos se tornassem parte do exército persa.

Mostrando-se à altura da ocasião, Temistocles, comandante do contingente ateniense, solicitou aos seus marujos que

nação. Esse período cobre o tempo dos patriarcas Isaque e Jacó, a permanência de Israel no Egito e o Éxodo (1446 a.C.), a conquista de Canaã (1399 a.C.), e grande parte do período dos juízes, que terminou em 1043 a.C. quando Saul foi escolhido rei.

B. A Época dos Reis. A nova fase da história primitiva da Grécia pode chamar-se a época dos reis (c. 1000-750 a.C.). As ondas de novos povos que invadiram a Grécia muitas vezes se estabeleceram em cidades e aldeias com os primitivos habitantes. Centenas de vales e planícies proporcionavam centros de colonização. Essas cidades-estados eram governadas por monarcas.

A região chamada Ática incluía Atenas, cidade que finalmente absorveu as muitas comunas autônomas que havia ao seu redor. Diz a lenda que o rei Teseu uniu a Ática sob o governo ateniense, obrigando a todos a pagarem impostos e serem arrolados como cidadãos de Atenas.

Atenas tornou-se uma proeminente cidade-estado por volta de 700

pintassem enormes placas nas rochas para que a frota persa pudesse vê-las ao passar por ali. Essas placas imploravam aos gregos integrantes da frota, que desertassem ou se recusassem a lutar contra sua terra natal. Temístocles sabia que mesmo no caso de os marinheiros gregos não desertoarem, Xerxes hesitaria em usá-los.

As frotas rivais finalmente se chocaram e lutaram até que a escuridão os deteve. Muitos gregos traíram os seus exércitos mostrando aos persas passagens pelas montanhas. Destemido, o rei Leônidas de Esparta reuniu 300 espartanos para guardar a passagem em Termópilas. Sabedor de que isto era extremamente perigoso, ele só escolheu homens que tinham filhos, de sorte que os nomes de suas famílias não se extinguissem. Incluindo outras guarnições, seu exército se compunha de 6.000 homens.

Quando a batalha ficou preta, a maioria dos gregos tratou de escapar. Mas Leônidas e todos os seus espartanos morreram em combate, exceto dois. Os persas perderam 20.000; os gregos, 300. (Um dos dois sobreviventes espartanos mais tarde morreu numa batalha em Platéia; o outro sobrevivente enforçou-se para evitar a vergonha.)

No ano seguinte um exército de 110.000 gregos atacou os persas. Embora em menor número, eles mataram 260.000 persas.

Cenio e vinte e três anos após a derrota de Xerxes, Filipe, rei da Macedônia teve

um filho, Alexandre. Alexandre tornou-se o maior general grego de todos os tempos. Inspirado pela *Híada* de Homero, desde cedo decidiu a conquistar o mundo. O treinamento dos macedônios e a falange de Alexandre foram fatores vitais nas vitórias gregas.

A falange constava de 9.000 homens, divididos em esquadras. Havia 16 homens em cada lado da esquadra. Cada homem era protegido com armadura e uma lança de 4 metros. Separados cerca de um metro, escudos em posição, eles formavam um tanque humano.

Além da falange e da cavalaria, Alexandre tinha máquinas de guerra desenhadas por Diades, engenheiro grego. Essas máquinas parecidas com arco podiam desferir setas enormes ou arremessar pedras de 22 kg a mais de 180 metros. O exército de Alexandre carregava também enormes torres com as quais escalar muros inimigos.

Alexandre foi mestre na arte de propagar idéias ou boatos para alcançar seus objetivos. Ele gostava de aterrorizar os inimigos espalhando aqui e acolá enormes pedaços de ferros, o que dava a impressão de que ele possuía cavalos de tamanho descomunal!

Os gregos usaram, pois, a psicologia bem como o gênio mecânico para vencer os inimigos. Superaram enormes desvantagens para estabelecer-se como senhores do mundo mediterrâneo.

a.C. Outras também se desenvolveram — incluindo Mégara, Corinto, Argos e Esparta ao leste e ao sul, e Tebas ao norte. A palavra grega *cidade* (*polis*) referia-se ao estado político governado por uma cidade.

As cidades-estados lutavam constantemente entre si, às vezes cidade contra cidade e às vezes em grupos chamados *ligas*. Além de guerrear, elas levavam a cabo extenso comércio e exploração por toda a região mediterrânea e iam tão longe quanto às Ilhas Britânicas.

Durante a era dos reis, os gregos começaram a desenvolver diferentes padrões de arte e de comércio. Com os fenícios, que dominavam o comércio mediterrâneo naquele tempo, aprenderam habilidades comerciais. Também emprestaram dos fenícios o alfabeto e lhe acrescentaram vogais. A literatura grega desse período foi muito bem preservada nos poemas épicos conhecidos como a *Iliada* e a *Odisseia*, geralmente atribuídos a Homero.

Esse período da história grega equipara-se mais ou menos com a monarquia de Israel, que começou com a escolha de Saul como primeiro rei de Israel em 1043 a.C., e terminou quando os assírios derrotaram Israel em 722 a.C.

C. Ascensão da Democracia. O governo dos reis gregos foi lentamente usurpado por nobres, que possuíam grande riqueza e poder a expensas dos camponeses. Esse período de injustiça deu o tom para a religião grega mais tarde, e ajudou a pavimentar o caminho para a recepção do evangelho no mundo gentio.

Os nobres desapareceram da cena cerca do ano 600 a.C. e os mercadores tornaram-se os mais importantes líderes das cidades-estados gregas. No começo do século sétimo a.C. adotou-se um sistema de cunhagem de metal, de sorte que a riqueza agora era acumulada em terras, escravos e dinheiro. Todos esses lucros de nada valiam para os camponeses empobrecidos, por isso as cidades-estados promulgaram leis para limitar o poder dos abastados tiranos. Em 500 a.C., a democracia teve na Grécia um forte ponto de apoio.

A democracia grega deu aos cidadãos a oportunidade de expressar-se na defesa de seus próprios interesses — o que constituiu inovação na antiga forma de governo. Não havia senso de cidadania entre os egípcios ou os mesopotâmios, nem mesmo entre os judeus do Antigo Testamento. Quando um profeta hebreu denunciava os erros sociais, ele apelava para a justiça de Jeová e não para os direitos do homem. Os gregos foram os primeiros a criar um sistema de governo que garantia liberdades civis e se concentrava nas obrigações cívicas.

Durante esse período a cultura grega produziu poesia lírica, arquitetura, escultura e pensamento religioso que continuariam a influenciar o mundo nos séculos vindouros. Píndaro, Tirteu e Safo foram poetas de nomeada desse período. Os arquitetos gregos abandonaram

o estilo plano de construção dos egípcios e passaram a desenhar edifícios com colunas altíssimas, telhados em declive, e entalhes. Os escultores gregos esculpiam suas obras em mármore que durariam séculos.

Já não se pensava nos deuses gregos atuando de maneira injusta ou caprichosa. Os filósofos gregos clamaram por justiça social. Começaram a ensinar que os atos dos homens seriam julgados após a morte no tribunal de Minos e de Radamanto.

Enquanto os gregos davam esses grandes passos culturais, os judeus enfrentavam um triste futuro. O povo de Judá fora exilado por seus inimigos babilônios em 586 a.C. A Pérsia conquistou a Babilônia em 539 a.C., e embora Ciro o Grande permitisse aos judeus a volta ao seu país, não pôde haver ressurgimento verdadeiro do nacionalismo judaico até ao tempo dos selêucidas, que herdaram parte do domínio de Alexandre Magno.

D. A Breve Unificação da Grécia. As cidades-estados tinham tanto ciúme umas das outras e eram tão ferozmente independentes que só conseguiam unir-se por breves períodos para combater um inimigo comum, e essa independência finalmente lhes causou a ruína.

Ciro o Grande conquistou a Ásia Menor e fez da Pérsia a mais forte potência militar do mundo. Um exército persa tentou invadir a Grécia em 490 a.C., mas os atenienses os derrotaram em Maratona. A segunda invasão persa por terra e por mar em 480 a.C. chegou até Atenas, que foi parcialmente destruída. Foi durante esta invasão que o rei espartano Leônidas resistiu com heroísmo no passo das Termópilas. Os atenienses formaram uma liga de cidades-estados e expulsaram os persas em 479 a.C., tendo infligido esmagadora derrota à armada persa em Salamina.

E. As Guerras do Peloponeso. Visto que Atenas havia liderado esta vitória militar, ela se tornou a força dominante do mundo grego. Esparta ressentiu-se deste poder e induziu Corinto e Mégara a entrarem numa liga para acabar com Atenas. A série de batalhas entre Atenas e Esparta ocorreu em duas fases (459-446 a.C. e 431-404 a.C.), chamadas Guerras do Peloponeso.

Este período também tem sido chamado de "idade áurea de Atenas". Sob o governo de Péricles, Atenas ultrapassou sua primeira glória. Os edifícios da Acrópole, incluindo o famoso Partenon, pertencem a esse período. Os maiores escritores gregos viveram na era de Péricles — Esquilo, Sófocles, Eurípedes e Aristófanes. Os debates de Sócrates iniciaram a tradição filosófica grega que Platão e Aristóteles deviam adornar no século seguinte. A frota ateniense dominava o mar Egeu, e com essa superioridade vieram riqueza e poder.

Contudo, Esparta derrotou Atenas em 404 a.C., e os vitoriosos

espartanos usaram métodos implacáveis para dominar o território central helênico. Corinto, Atenas, Argos e Beócia formaram uma liga para resistir a Esparta. Mas a Guerra Coríntia (como foi designada) terminou quando Esparta fez aliança com a Pérsia. Com este apoio extra, Esparta obrigou Atenas e seus aliados a reconhecer a autoridade espartana sobre o território continental helênico. Concordaram na Paz de Antálcidas ou Paz do Rei, de 386 a.C. Este tratado cedia as cidades helênicas na Ásia Menor ao governo persa, permitia que as ilhas egéias permanecessem independentes, e colocava Esparta no controle absoluto do território continental.

O poder espartano não durou muito tempo. Em 378 a.C., o povo de Tebas — cidade-estado situada 48 km ao norte de Atenas — recapturou sua cidadela. Foram conduzidos na batalha por um homem chamado Epaminondas, criador de uma nova tática militar que revolucionou as operações de guerra helênicas. Até então as batalhas haviam sido travadas em linhas paralelas, com os exércitos adversários encontrando-se frente a frente em onda após onda de combatentes. Epaminondas criou a “ordem oblíqua” de batalha. Ele dividia o exército em duas unidades: uma de defesa e outra de ataque. A ala ofensiva era reforçada com a adição de soldados. Enquanto a ala defensiva avançava devagar na direção do inimigo, a ala ofensiva avançava à esquerda para irromper em determinado ponto. Os tebanos surpreenderam os exércitos espartanos com esta tática, esmagando as unidades espartanas em Leuctras, ao redor do ano 371 a.C. Essa vitória deu a Tebas controle sobre a Grécia.

Enquanto Tebas combatia Esparta, unidades se mobilizavam a 160 km ao norte de Atenas e de Tebas numa região chamada Tessália. O líder dessa crescente ameaça era Jasão de Feras, que transformou a Tessália num poderoso acampamento armado, mas ele foi assassinado antes que pudesse voltar-se contra Tebas.

Em 362 a.C., Epaminondas de Tebas obteve outra vitória sobre os espartanos em Mantinéia. Epaminondas, porém, morreu em combate. Sem ele, Tebas não poderia controlar a Grécia. Nem estava Atenas em condições de assumir a liderança, enfraquecida que se achava pelas guerras do Peloponeso. E Tessália havia perdido Jasão de Feras. Em resumo, nenhuma das cidades-estados era forte o suficiente para unificar a Grécia, e o palco estava preparado para a ascensão de Alexandre Magno, da Macedônia. Isso aconteceu durante o Período Intertestamentário, quando sob a direção de Neemias os judeus reconstruíram os muros de Jerusalém com a permissão da Pérsia.

ASCENSÃO DOS MACEDÔNIOS

Em 359 a.C., um jovem por nome Filipe II tornou-se o novo rei da

Macedônia. Antes de ascender ao trono, Filipe foi capturado numa batalha com Tebas. Enquanto prisioneiro, aprendeu as táticas de guerra de Epaminondas e planejou sua própria variante da ordem oblíqua de batalha — variante agora conhecida como *falange*.

Filipe criou um novo e poderoso exército macedônio. Sua cavalaria constituía-se de 2.000 cavaleiros em oito esquadrões, aproximadamente. Ele estabeleceu o corpo de guarda do rei com soldados da cavalaria e da infantaria, e seis batalhões de infantaria de 1.536 homens cada. Filipe inventou também um impressionante aparato de máquinas de sitiamento para tomar de assalto os muros da cidade.

Seus soldados estavam pesadamente armados. Além de pequenos escudos, capacetes, e couraças, a linha de frente da infantaria que guiava a falange em forma de cunha carregava lanças de 4 metros. A cavalaria e outros soldados de infantaria levavam escudos maiores, além de espadas e lanças curtas para luta corpo a corpo.

A fim de ver-se livre para a conquista, Filipe fez um acordo de paz com Atenas em 358 a.C. Então imediatamente ele conquistou as cidades-estados macedônicas de Anfípolis e Pidna. Em 352 a.C. ele penetrou o sul da península grega e tomou as Termópilas, apenas a 112 km de Atenas. Em 348 a.C. ele fez nova aliança com Atenas e pôs fim ao que se havia chamado de "Guerras Sagradas". Durante os dez anos seguintes a Macedônia controlou grande parte da península helênica. A Macedônia — nação que os helenos haviam considerado bárbara — logo divulgaria a cultura grega através de muitas terras.

A idade áurea da cultura grega terminou na época em que a Macedônia ascendeu ao poder. Uma das últimas grandes figuras políticas foi Isócrates (436-338 a.C.). Foi grande orador, e suas conferências públicas exerceram influência no pensamento político em Atenas. Sua paixão era a derrota da Pérsia. Isócrates via a potência oriental como uma ameaça à sociedade helênica. Ele achava os persas desprezíveis e repugnantes, e passou a vida suscitando ódio e hostilidade contra eles. Seu mais notável adepto era nada menos do que Filipe II da Macedônia.

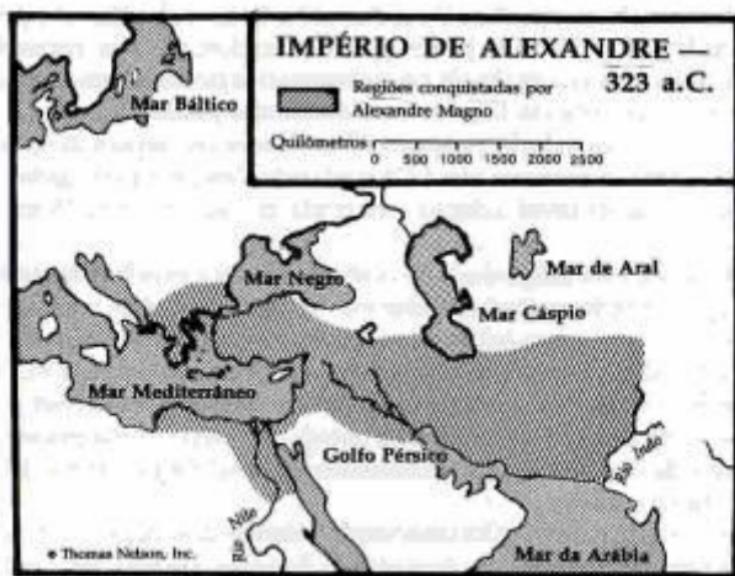
A. O Avanço do Império Helenístico. Não foi preciso muito tempo para que as cidades-estados helênicas se mobilizassem contra os macedônios. Atenienses e tebanos se unificaram para enfrentá-los, e em 338 a.C. as duas forças se engajaram em luta. Os macedônios derrotaram por completo as unidades helênicas em Queronéia e assumiram o controle da Grécia. Nessa batalha apareceu pela primeira vez no campo de luta um jovem macedônio, oficial de cavalaria. Era Alexandre, filho de Filipe.

Filipe convocou para Corinto uma reunião dos representantes de todas as cidades-estados gregas, exceto Esparta. Delegados a esta Liga

de Corinto reuniram-se num concílio, o *Synhedrion* (cf. *Sanhedrin* [Sínédrio] judaico). A representação baseava-se na população dos distritos das cidades-estados. Filipe foi eleito o *hegemom* (governante) da Liga Helênica. Pela primeira vez desde as guerras persas, as cidades helênicas foram unificadas sob um governante poderoso.

Interessante, porém, é que os gregos conquistados ainda consideravam os macedônios como estrangeiros, em grande parte porque os macedônios não falavam um sequer dos dialetos helenos. Contudo, logo os macedônios absorveram a cultura e os dialetos helênicos. O grego ático — a língua falada em Atenas — foi adotada como a língua oficial do estado sob o governo de Filipe. Dessa forma, pela primeira vez na península helênica todo o povo começou a falar uma língua comum. Era chamada grego *coiné* (que significa “comum”). Enquanto Alexandre marchava, o *coiné* o acompanhava, influenciando as comunidades circunvizinhas que ele conquistava.

B. Alexandre Magno. Alexandre nasceu em 356 a.C. Sua mãe era de linhagem real, como o era seu pai, Filipe II. Aos 14 anos, Alexandre estudava com Aristóteles, filósofo ateniense. Talvez nenhuma cultura jamais produziu mente maior do que a de Aristóteles. Tão perquiridora e profunda foi a obra de Aristóteles que nos séculos doze e treze da Era Cristã grande parte da literatura da igreja considerava seus ensinos como de inspiração divina. Sua contemplação não deixou nenhum assunto por tocar. Filosofia, botânica, geografia, zoologia,



astronomia e arte foram todos assuntos de profundo interesse para ele. Aristóteles foi aluno de Platão e professor de Alexandre Magno. Qualquer desses papéis teria conquistado para ele um importante lugar na história.

É bem provável que Aristóteles tenha instruído a Alexandre mediante leitura e discussão das obras de Homero e das tragédias gregas. Aristóteles também treinou Alexandre em política. Por intermédio de Aristóteles, Alexandre adquiriu o grande amor que dedicava à cultura helênica, o qual o impulsionou até ao Extremo Oriente a fim de divulgar o "espírito" helenístico. Diz a tradição que Alexandre até levava consigo uma cópia da *Iliada* em todas as suas campanhas persas e orientais.

Uma das mais acariciadas posses de Alexandre era o cavalo que ele havia treinado quando jovem, Bucéfalo. Era seu animal de montaria em todas as principais batalhas e conquistas. O cavalo morreu na Índia, e em sua memória Alexandre construiu a cidade de Bucéfala à margem do rio Hidaspes.

Em 336 a.C., quando Alexandre contava 20 anos de idade, Filipe, seu pai, foi assassinado sob misteriosas circunstâncias e Alexandre se tornou o novo rei macedônio. Seus rivais espalharam boatos da morte do próprio Alexandre, e ele passou grande parte do ano seguinte sufocando as revoltas que esses boatos inspiravam. Nesse ínterim ele destruiu Tebas. Isso lhe deu indisputado controle sobre a península helênica.

1. Marcha rumo à Pérsia. Na primavera de 334 a.C. Alexandre conduziu seu exército de 40.000 homens através dos Dardanelos, entrando na Ásia Menor. Sua primeira batalha foi às margens do rio Granico. A vanguarda persa, levemente armada e desconhecida das táticas macedônicas, foi esmagada. Alexandre havia planejado tão-somente libertar as cidades gregas então sob o controle persa, mas a retumbante vitória estimulou-o a golpear o coração do próprio império.

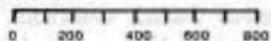
Esta não foi uma aventura louca. Dario III, rei persa, era um líder fraco e seus oficiais provincianos não eram de confiança. O império difícil de manejar estava preparado para desmoronar-se.

A vitória no rio Granico de imediato abriu as portas das cidades de Sardes, Éfeso e Mileto à conquista de Alexandre. Mileto era o berço tradicional da filosofia helênica; Sardes e Éfeso desempenhariam papéis importantes na igreja do Novo Testamento (cf. Apocalipse 1:11; 3:1, 4).

Em 333 a.C. Alexandre avançou sobre Górdio, capital da Frígia. O alvo dessa ofensiva eram as Portas Cicilianas, uma estreita passagem para a Síria e a Palestina. Atravessando as montanhas, Alexandre

CIDADES GREGAS

Quilômetros



© Thomas Nelson, Inc.

Alexandria

avançou para uma planície próxima da aldeia de Solioi. O dirigente dos mercenários gregos de Dario aconselhou o rei persa a manter suas forças na planície aberta. Mas Dario estabeleceu uma posição defensiva junto ao rio Pniauro. Aqui se daria o primeiro encontro entre os macedônios e as unidades persas. As falanges dos macedônios provaram de novo que eram poderosas demais para o exército persa. Dario retirou-se rapidamente, abandonando a Ásia Menor ao conquistador macedônio.

Em 332 a.C., Alexandre avassalou a Síria, a Palestina e o Egito. Capturou a base naval fenícia de Tiro, outrora considerada invulnerável a ataque de terra. (A cidade estava numa ilha, mas Alexandre construiu uma passagem até lá. Alguns acham que esta foi a sua maior vitória.) O Egito saudou-o como o libertador que os livrou de seus suseranos persas.

Enquanto passava o inverno no vale do Nilo, ele escolheu o sítio para um novo centro comercial que tomasse o lugar de Tiro. Alexandria, como se chamou a nova cidade, ocupava uma posição altamente favorável para ligar o comércio do Mediterrâneo com a Índia e o Extremo Oriente.

Como consequência das conquistas de Alexandre, o centro da civilização Ocidental estava mudando — cultural e economicamente. Alexandria tomou o lugar das cidades da Grécia como o foco da vida grega intelectual e artística.

Em 331 a.C., Alexandre retomou a marcha para o leste e este foi, talvez, o mais importante período de sua carreira. Ele cruzou o deserto da Síria para confrontar os persas numa batalha final. Esta batalha é conhecida por dois nomes, Arbela ou Gaugamela. Nas planícies abertas, Dario III enfrentou a Alexandre com o restante de seus exércitos e uma linha de elefantes de batalha. As tropas de Alexandre a princípio se espantaram com o aparecimento dos animais — mas não o suficiente para que servisse aos propósitos de Dario III. O rei persa foi morto por seus próprios soldados quando tentava fugir da batalha. As táticas da falange de cavalaria de novo levaram a melhor, e os macedônios alcançaram uma vitória notável. Após a batalha Alexandre foi coroado rei da Ásia. Dessa maneira efetivou-se a cruzada pela vingança helênica. O Império Persa foi totalmente derrotado.¹

2. Alexandre e o Oriente. Depois que Alexandre derrotou a Dario III na Batalha de Arbela, imediatamente ele capturou os antigos centros persas de poder em Susa, Babilônia e Ecbátana. Os espólios que ele tomou na captura de Susa foram suficientes para financiar todas as suas expedições posteriores.

Por conseguinte, o primeiro capítulo da grande conquista helenística deu abertura ao segundo capítulo.

Enquanto se encontrava em Ecbátana, Alexandre decidiu explorar o Oriente. Havia muito tempo que os persas reivindicavam os territórios da Índia ocidental como parte de seu império. Na verdade, da região da Índia foi que eles compraram seus elefantes de batalha. Contudo, o novo plano de Alexandre de conquista e exploração foi o primeiro caso conhecido de uma incursão européia no misterioso Oriente.

Em 330 a.C. Alexandre iniciou a marcha para o norte e para o leste a partir das capitais próximas do Golfo Pérsico. Em 329 a.C. suas forças haviam atravessado as montanhas Kush hindus, abrindo caminho através do Afeganistão e invadindo as províncias de Bactria e de Sogdiana. Foram necessários dois anos para pacificar a região. Enquanto estava nessa região, Alexandre casou-se com Roxane, princesa de notável beleza.

Em sua marcha para o leste, Alexandre passou por algumas mudanças pessoais um tanto profundas. Começou a adotar os costumes de vestir-se dos persas e dos orientais. Também introduziu o costume oriental de culto. Em outras palavras, ele exigiu que suas tropas fizessem uma demonstração de adoração prostrando-se perante ele à

maneira oriental. Isso exasperou as unidades macedônicas. Embora respeitassem o rei, elas ainda o consideravam um ser mortal, e não um deus. Por haver-se oposto a esta praxe, Calistenes — historiador das campanhas de Alexandre e sobrinho de Aristóteles — foi preso, julgado e executado sob as ordens de Alexandre. Talvez isso marque a época mais baixa na carreira de Alexandre.

Na última parte do ano 327 a.C., Alexandre começou a levar suas unidades para o sul, de novo cruzando as montanhas Kush. Quando Alexandre se aproximou do rio Indo, o povo da aldeia Taxila enfrentou seu exército com um assalto maciço de elefantes de batalha. Os macedônios saíram vitoriosos, mas exaustos e apavorados diante da perspectiva de combater mais exércitos de elefantes no outro lado do Indo. Bucéfalo, o amado cavalo de Alexandre, morreu durante o conflito. O exército amotinou-se, recusando-se a avançar para o leste. Alexandre não teve escolha senão levá-los de volta através do terrível deserto de Gedrosia, hoje Paquistão e Irã.

Alexandre voltou a Ecbátana, depois para Babilônia, sua capital, onde começou os preparativos para a conquista da Arábia e a organização de seu império. Enfraquecido pelo excesso de bebida, não conseguiu sobreviver a um ataque de malária. Morreu em 323 a.C., aos 33 anos de idade. Seu corpo foi depositado num belo túmulo em Alexandria.

3. Os Judeus sob Alexandre. Segundo a tradição, Alexandre tratou os judeus favoravelmente, e eles lutaram em seu exército. Tanto o historiador Josefo como o Talmude judaico mencionam esse fato ao descreverem o ataque de Alexandre a Tiro. Alexandre ordenou aos judeus que o ajudassem com soldados e suprimentos, mas o sumo sacerdote Simão, o Justo, recusou-se a fazê-lo por ser leal à Pérsia. Contudo, depois que Tiro e Gaia caíram em poder de Alexandre,

Ptolomeu I, General de Alexandre Magno. Ptolomeu recebeu o Egito como sua parcela do Império Grego após a morte de Alexandre. Seus descendentes governaram o Egito desde 323 até 30 a.C., infundindo a terra dos faraós com a cultura helênistica e governando o estado numa base empresarial, com lucros pagáveis à coroa. Os ptolemaicos também controlaram a Palestina até que os selêucidas da Síria os expulsaram.





Máscara de Ouro. Heinrich Schliemann descobriu esta máscara de ouro, num túmulo grego em Micenas, na Grécia, em 1876. É a máscara de morte. Julgou tratar-se de uma máscara do rosto de Agamenon, herói da guerra de Tróia. Mas o artefato de ouro, cuidadosamente trabalhado, em realidade data de um período entre os séculos XVI e XIX a.C., bem antes da guerra de Tróia.

Simão teve um sonho que lhe dizia que saísse com o povo a encontrarse com o vencedor. Isto feito, Alexandre curvou-se perante o nome divino escrito na mitra do sumo sacerdote porque ele também teve um sonho no qual viu a mitra. Então Alexandre adorou no templo e concedeu aos judeus certa autonomia em seus territórios.

A Palestina estava incluída na província de Cela-Síria, cujo governador Andrônaco morava em Samaria. Enciumados pelos privilégios que Alexandre concedeu aos judeus, os samaritanos revoltaram-se e incendiaram a casa do governador e ele morreu queimado. Em retaliação, Alexandre expulsou a população de Samaria e estabeleceu os macedônios na cidade. Reconstruíram a velha cidade semita fazendo dela um posto avançado da civilização grega com um teatro e enormes edifícios públicos.

As referências deutero-canônicas a Alexandre encontram-se em 1 Macabeus 1:1-8; 6:2. Daniel 7 e 11:3-4 também se referem a Alexandre Magno, e na opinião de alguns eruditos, Zacarias 9:1-8 refere-se à conquista da Palestina por Alexandre.

4. O Legado de Alexandre. As campanhas de Alexandre exerceram profunda influência na história subsequente. Suas realizações pessoais foram em grande parte militares, mas ele lançou os alicerces para o desenvolvimento cultural da civilização Ocidental. O casamento que Alexandre fez da cultura Oriental com a cultura helênica do Oeste pode-se ver na estatuária do quarto e terceiro séculos antes de Cristo de Gautama Buda, que apresenta notáveis características helênicas, especialmente nos rostos.

Por via de suas conquistas, Alexandre cuidou de propagar o grego *coiné* entre os povos de muitas terras e muitas culturas. O *coiné* chegaria a dominar essa parte do Mediterrâneo e regiões orientais até ao período do Império Bizantino (395 d.C.). Esta língua comum facilitou a divulgação do evangelho de Cristo durante a época de Paulo. Com efeito, os mais antigos manuscritos do Novo Testamento foram escritos nesse dialeto.

Alexandre edificou diversas cidades que trazem o seu nome, ao longo de sua rota de conquista. Essas cidades irradiaram a língua, as artes e o governo gregos. Causaram profundo impacto sobre as regiões circunvizinhas.

5. Conseqüências da Morte de Alexandre. Todavia, nem tudo ia bem no império helenístico. Alexandre morreu sem deixar sucessor. O filho que ele teve de Roxane ainda não havia nascido, por isso seus marechais-de-campo engalfinharam-se para reivindicar as terras que haviam conquistado. Esses generais e seus sucessores, antes de tudo os Ptolomeus do Egito e os Selêucidas da Síria, guerrearam entre si até ao começo das conquistas romanas em 197 a.C. Essas lutas exerceram profundo efeito sobre os judeus.

Antioco III, do Império Selêucida, morreu por volta de 187 a.C. Sucedeu-o seu filho Antioco IV (Epifânio) em 175 a.C. Sob sua liderança, o império levou a cabo uma completa reconstrução helenística das terras que lhe estavam sujeitas. Essa nova campanha afetou de modo especial os judeus.

O HELENISMO NA PALESTINA

Ao herdar Antioco IV a parte selêucida do Império Grego em 175 a.C., sua ardente paixão foi unir todo o seu território espalhando o helenismo por toda a parte. Conhecido como um dos mais cruéis tiranos de todos os tempos, ele empregou métodos brutais que provocaram oposição, particularmente em Jerusalém. Os moradores da cidade foram apanhados entre sacerdotes rivais e infiéis que contendiam pela liderança da cidade. Antioco esmagou a luta civil, massacrou milhares, e roubou os tesouros do templo. O governador que Antioco deixou encarregado de Jerusalém era igualmente cruel. O povo penou sob seu controle.

INFLUÊNCIA NA HISTÓRIA BÍBLICA

Pouca coisa da história da Bíblia nos vem do período seguinte ao sexto século antes de Cristo. Grande parte da literatura judaica que reivindica registro neste período tem sido classificada como escritos *apócrifos* ("ocultos") e *pseudo-epigráficos* ("nomes falso"). Não obstante, alguns desses escritos preenchem a história desse período como se vista através de olhos helenistas. Esses escritos são mais helenistas do que judaicos.

Os judeus não se entregavam facilmente aos hábitos de seus conquistadores, como o faziam os persas e os gregos. Embora algumas

O Partenon



O Partenon de Atenas é um dos mais belos exemplos da arquitetura grega clássica. Representa fisicamente o método racional, harmonioso dos gregos antigos de considerar a vida. Mais ainda, é uma maravilha de desenho arquitetônico.

Os gregos erigiram pelo menos uma estrutura prévia no local do Partenon em 488 a.C., quando planejaram uma estrutura maciça como oferta de gratidão por sua vitória sobre os persas em Maratona. O alicerce de pedra calcária deste edifício estendia-se mais de seis metros na rocha da Acrópole. A maior parte da obra que fica acima do solo neste sítio foi, porém, destruída quando os persas saquearam a Acrópole em 480 a.C.

Os gregos começaram a trabalhar no Partenon em 447 a.C. e o terminaram em 438 a.C. Fizeram da estrutura o templo principal na Acrópole por volta de 432 a.C., quando o dedicaram a Atena Partenos, deusa padroeira de Atenas. A construção deste edifício foi feita com fundos levantados pelo governo de Péricles.

O edifício foi projetado para criar uma ilusão de óptica. Os topes das colunas dóricas do Partenon inclinam-se para o centro de cada colunata, os degraus se curvam para cima no centro, e as colunas têm maior espaço no centro de cada fileira do que no extremo. Isso faz as colunas parecerem uniformemente espaçadas. (Se elas tivessem sido, de fato, uniformemente espaçadas, o ângulo de perspectiva tê-las-ia feito parecer desiguais.)

Há oito colunas em cada extremo do Partenon e dezessete em cada lado. O Partenon tem uma área central, ou cela, que por sua vez é dividida em câmaras. Originariamente uma colunata interior sustentava a grande estátua de Atena, uma

obra-prima do escultor Fídias. Esta estátua não sobreviveu, mas sabemos de sua aparência geral mediante reproduções menores e através de muitas representações em moedas antigas. A estátua foi vista e descrita pelo viajante Pausânias no segundo século d.C.

Todo o Partenon era feito de mármore, inclusive as telhas do teto. Os gregos não usaram argamassa ou cimento na estrutura; eles ajustaram os blocos de mármore com a maior precisão e os prenderam com grampos e pinos de metal.

Uma faixa ornamental de escultura de baixo-relevo (*friso*) decora o Partenon. Essas decorações representam combates entre deuses como Zeus, Atena e Poséidon. Também retratam cavaleiros montados, grupos de carroagens, e cidadãos de Atenas.

Os gregos usaram cor para realçar a beleza do Partenon. O teto da colunata era colorido de vermelho, azul e ouro ou amarelo. Uma faixa que corría junto ao friso era vermelha, e a cor acentuava a escultura e os acessórios de bronze no interior do edifício.

O Partenon teve uma história variada. Já em 298 a.C., Lachares retirou as láminas de ouro da estátua de Atena. No ano 426 d.C. o Partenon foi transformado num templo cristão, e os turcos o transformaram numa mesquita em 1460. Em 1687 os venezianos, que combatiam os gregos, usaram o Partenon como paiol de pólvora, e acidentalmente provocaram uma explosão que destruiu a parte central do edifício. Nenhum reparo importante se fez até 1950, quando engenheiros repuseram as colunas no lugar e consertaram a colunata do norte.

nações adotassem os costumes de seus vencedores, os judeus procuraram resistir a essa tentação.

Nem todos os judeus voltaram para a Judéia. Muitos espalharam-se pelo Império Persa, buscando posições oficiais e estabelecendo novas comunidades. Essa disseminação da raça judaica e de sua cultura recebeu dos gregos o nome de *Diáspora*, que significa "Dispersão".

Estabeleceu-se em Alexandria, no Egito, uma comunidade judaica um tanto grande, na época dos Ptolomeus. Estes asseguraram-se de que sua Alexandria fosse um centro de cultura helenística igual a Atenas. Havia em abundância, nessa cidade metropolitana, obras de arte e literatura. A arquitetura de Alexandria era famosa — desde o imponente farol de Faros, à entrada do porto oriental, até ao museu da cidade e a grande biblioteca. Os Ptolomeus coletaram grande quantidade da literatura da época. O ar seco do deserto do Egito ajudou a preservar esse importante conjunto da literatura antiga.

Uma destacada realização literária sob os Ptolomeus foi a tradução das Escrituras hebraicas para o grego *coiné*. A tradução foi chamada de *Septuaginta*. Diz-se que o projeto de tradução foi patrocinado por Ptolomeu II Filadelfo cerca do terceiro século a.C. De acordo com a tradição, 72 eruditos judeus (6 de cada tribo) foram convocados para a execução do projeto e a obra foi concluída em 72 dias; os eruditos judeus foram então dispensados, havendo recebido muitos presentes. Esta história pode não passar de lenda; mas a tradução resultou, deveras, da determinação alexandrina de preservar em grego os grandes escritos da época.

A Septuaginta constituiu-se em ponte entre os pensamentos e o vocabulário de ambos os Testamentos. A língua do Novo Testamento não é o *coiné* do grego cotidiano, mas o *coiné* dos judeus que viviam em ambientes gregos. Homens instruídos em toda a região do Mediterrâneo tornaram-se familiarizados com a Septuaginta. Ao tempo do Novo Testamento, era a mais amplamente usada edição do Antigo Testamento.

Os judeus alexandrinos adotaram o grego *coiné* como sua língua. Em seu esforço por persuadir os vizinhos gentios de que o Deus dos judeus era o único Deus verdadeiro, eles usavam o vocabulário *coiné*, os padrões literários helenísticos, e as formas gentias de pensamento. Tudo isso se reflete na Septuaginta e em muitos outros escritos judaicos, tais como *Contra Flaco* e *Embaixada a Calígula*, de Filão. O helenismo também influiu na redação de Segundo e Terceiro Macabeus e do Novo Testamento. O escritor judaico Filão, o Judeu, foi o principal pensador filosófico da época. Disse ele que o Deus de Israel era o Deus dos filósofos, e equiparou os ensinos das Escrituras he-

braicas às ideologias e ética da filosofia grega, em particular ao platonismo.

Alexandria desempenhou, também, importante papel na cristandade primitiva. Uma escola cristã ali contava com pais da igreja tão famosos como Clemente e Orígenes; ela floresceu desde o segundo até ao final do quarto século da era cristã. A escola ensinava que as Escrituras tinham três significados: o literal, o moral, e o espiritual. O mais vital deles era o espiritual, e o uso da alegoria na interpretação bíblica ultrapassava a complexidade de métodos similares usados pelos primeiros judeus helenistas.

Antíoco IV voltou a Jerusalém em 168 a.C. e destruiu a cidade, matando quase todos os homens e vendendo as mulheres e as crianças como escravas. Somente uns poucos homens escaparam para as colinas sob a liderança de Judas Macabeu.

Macabeu preparou uma revolta que assegurou um breve período de independência para a Judéia. Os livros 1 e 2 de Macabeus apresentam uma descrição pormenorizada dessa luta, na qual os judeus formaram uma aliança com Roma. Esta reação adversa na Judéia provocou o colapso final dos restantes reinos helenistas sob o crescente poder de Roma.

Em 165 a.C. os governantes gregos haviam sido rechaçados da Palestina. A própria Judéia era governada pelo sumo sacerdote, a principal figura na religião e sociedade judaicas. O novo estado da Judéia era dominado pelos oficiais do culto religioso.

Por volta de 143 a.C., Simão, descendente dos macabeus, foi nomeado ao mesmo tempo sumo sacerdote e etnarca. (*Etnarca* era um posto muito semelhante ao de um rei vassalo medieval. Ele era o governante régio de determinado distrito; todavia, seu governo era autorizado por aquele que governava a região maior da qual seu distrito fazia parte.) Simão e os macabeus resistiram às tentativas de fazer da Judéia um estado helenista, mas os seus esforços tiveram êxito apenas parcial. Dentro em breve a própria Judéia se encontrava sob o governo da abastada seita dos saduceus, um grupo sumo sacerdotal que pendia para as influências helenizantes. (Para uma análise completa sobre fariseus e saduceus, veja o capítulo 5, "Os Judeus nos Tempos do Novo Testamento".)

A sutil influência helenizante atingiu muitas áreas da vida palestina. A arquitetura foi uma delas. O templo de Jerusalém, construído por Herodes o Grande, foi um dos melhores exemplos do helenismo na arquitetura local; foi edificado à semelhança de outros templos helenísticos orientais; situava-se no interior de uma rede de pátios circundados por pórticos com colunatas coríntias assentadas sobre suas próprias bases.

A cidade de Cesaréia, que passou a ser a capital oficial da Palestina no tempo dos procuradores, tinha edifícios característicos de uma cidade helenista; um teatro, um anfiteatro, uma rua de colunatas, um hipódromo (arena para corridas), e um templo.

É difícil identificar a arte judaica original, pois estava fortemente influenciada pelo helenismo. Devemos lembrar-nos, também, de que a Lei de Moisés proibia a feitura de quaisquer imagens esculpidas (*Êxodo 20:4*). Isso inibia os judeus de desenvolver quaisquer obras notáveis de arte pictórica.

INFLUÊNCIA SOBRE O NOVO TESTAMENTO

O Novo Testamento refere-se a alguns cristãos como "helenistas" (*Atos 6:1; 9:29*). Não sabemos exatamente o que tal termo significava. (Crêem alguns eruditos que se tratava de judeus da *Diáspora* que haviam adotado um estilo de vida helenístico.) De qualquer maneira, outros cristãos criticaram esses helenistas na distribuição de auxílio às viúvas (*Atos 6:1ss.*); e a tensão entre os helenistas e os demais cristãos ameaçava dividir a igreja primitiva. Os apóstolos superaram este problema nomeando sete diáconos, incluindo Estêvão, líder helenista, para supervisionar a distribuição de víveres.

Alguns comentaristas crêem que os cristãos helenistas realizaram grande parte da obra missionária primitiva em terras gentias (cf. *Atos 8:1-3; 11:19-30*). Este teria sido um desenvolvimento lógico, mas a Bíblia não nos dá prova concreta de que assim aconteceu.

Encontramos muitas influências helenistas nas cartas de Paulo. Parece que Paulo assimilou considerável soma de sabedoria grega enquanto viveu em Tarso, pois foi capaz de expressar o evangelho em termos que a mente grega pudesse entender prontamente.

Por intermédio de suas epístolas, Paulo procura articular "as profundezas de Deus" (*1 Coríntios 2:10*). Com freqüência ele usou os conceitos filosóficos gregos para esse fim. Por exemplo, descreveu como Cristo uniu gentios e judeus em "um novo homem" que podia ter comunhão com Deus (*Efésios 2:15*). Falou de Cristo que "subsistindo em forma de Deus", não obstante assumiu "a forma de servo" (*Filipenses 2:6-7*) ou sendo "a imagem (i.e., a expressão visível) do Deus invisível" (*Colossenses 1:15*). Essas declarações inflamavam as mentes dos leitores gregos que estavam bem familiarizados com os ensinos de Platão acerca das formas visíveis e dos ideais invisíveis.

Às vezes, Paulo interpretava os eventos do Antigo Testamento de maneira alegórica, como geralmente o faziam os escritores judeus helenistas. O melhor exemplo é a interpretação que ele dá à história de Sara e Hagar. Ele explicou que a experiência de ambas era uma alegoria das pessoas que ainda viviam sob a antiga aliança enquanto

outros viviam sob a nova aliança em Cristo (Gálatas 4:21-31). Conforme vimos, os pensadores helenistas de Alexandria mais tarde desenvolveram ao máximo esse método de interpretação.

Não obstante, a filosofia grega não proporcionava a substância dos ensinos de Paulo. O apóstolo diferia agudamente dos pensadores gregos; com efeito, às vezes ele lhes foi hostil. Disse ele aos colossenses: "Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo" (Colossenses 2:8).

William M. Ramsay, estudioso dos clássicos, observou que "a influência do pensamento grego sobre Paulo, quanto real, é toda puramente externa. O helenismo nunca toca a vida e a essência do paulinismo... mas afeta fortemente a expressão do ensino de Paulo..."²

MUNDO ROMANO — CULTURA GREGA

Depois que a Judéia caiu em poder dos romanos em 63 a.C., o Egito foi o único remanescente dos reinos helenísticos. O Egito durou como estado soberano até 31 a.C., quando os generais romanos Otaviano (Augusto) e Marco Antônio travaram a batalha de Ácio. Marco Antônio casara-se com Cleópatra, rainha ptolemaica; dessa maneira, sua derrota colocou o Egito sob o efetivo controle de Roma.

As forças romanas trouxeram unidade militar e governamental ao fragmentado império helenístico. Roma tornou-se o centro do governo. A nomeação formal de Augusto como imperador romano em 27 a.C. assinalou o fim do período helenístico e o começo do período imperial romano.

A Grécia já não era potência política; mas sua cultura e espírito formaram os alicerces da cultura romana imperial. Conforme observou Horácio, escritor romano, "A Grécia cativa cativou seu conquistador". A arte, a literatura e o governo helenísticos floresceram durante a maior parte do período romano. Até o grego *coine* permaneceu como língua oficial dos negócios no Oriente Próximo, e a literatura do Novo Testamento foi escrita nesse dialeto.

Duas escolas gregas de filosofia floresceram durante o período romano. Cada uma oferecia um caminho para a felicidade pessoal, mas seus caminhos seguiam em direções opostas. Os estoicos achavam que o corpo devia ser controlado, negado, e até ignorado a fim de libertar a mente. Os epicuristas ensinavam que o corpo deve ser satisfeito se a mente quiser conhecer a felicidade. Dessa maneira os filósofos de Alexandria perpetuaram o espírito e a cultura da Atenas do quinto século. Em assim fazendo, perpetuaram o espírito da Grécia antiga.

Os Romanos



povo de Roma criou a última grande civilização do mundo antigo. Sua cultura tinha como sede a terra hoje conhecida como Itália, mas expandiu-se até cobrir a maior parte do mundo então conhecido. Os romanos haveriam de influenciar profundamente a Palestina nas eras Intertestamentária e Neotestamentária.

HISTÓRIA PRIMITIVA (3000-1000 a.C.)

Por volta de 3000 a.C., tribos de diferentes regiões da Europa e da Ásia formaram pequenas cidades e comunidades agrícolas nas regiões montanhosas da península italiana. A forma acidentada dos Apeninos permitia que muitas dessas pequenas tribos existissem separadamente. Algumas delas haviam emigrado para a Itália procedentes de regiões ao norte dos mares Negro e Cáspio. Os historiadores chamam a esses povos de *indo-europeus* — isto é, provinham da Europa, do sudoeste da Ásia, e da Índia. A cultura grega de seu tempo influenciou a muitos desses *indo-europeus*.

Entre eles estavam os etruscos, procedentes da região da Ásia Menor ocupada pela moderna Turquia. Lá pelo ano 800 a.C. (quando Jeoacaz detinha o trono de Israel e Joás o de Judá), os etruscos haviam formado a primeira cidade-estado da Itália. Sabemos muito pouco acerca dos etruscos, exceto que fabricavam ferramentas e armas de cobre, bronze e ferro. Obtiveram o controle da cidade hoje chamada Roma cerca do século sexto antes de Cristo, durante o tempo de exílio dos judeus.

Enquanto a cultura etrusca se desenvolvia no lado ocidental dos Apeninos, os fenícios começaram a marcha através do mar Mediterrâneo. Sua terra natal estava na costa norte da Síria. Os fenícios edi-

ficaram uma grande cidade-estado em Cartago, na costa norte da África, em frente da Sicília. Os historiadores lhe dão o nome de civilização púnica (da palavra latina *Punicus*, "de Cartago").

Mais ou menos por essa época a Grécia controlava colônias na Sicília, na Sardenha, e no Sul da Itália. O território grego na Itália era chamado de *Magna Graecia*, ou "Grande Grécia".

ASCENSÃO DA REPÚBLICA ROMANA (750-133 a.C.)

Enquanto os gregos e os fenícios tentavam resistir aos persas, perderam o controle das terras mediterrânicas. A cidade de Roma surgiu nesse ambiente político.

A origem de Roma está envolta em lenda. Diz uma lenda que Enéias, guerreiro troiano, fundou Roma após a queda de Tróia no século doze antes de Cristo. Outra lenda sustenta que dois de seus descendentes, Rômulo e Remo, fundaram Roma em 753 a.C. Isso teria sido enquanto Azarias (Uzias) governava Judá e Zacarias e Salum governavam Israel.

Dizem-nos os arqueólogos que Roma, embora mais velha, era muito semelhante a outros centros tribais de seu tempo. De acordo com a tradição, os reis etruscos governaram Roma até que as tribos latinas unificadas expulsaram Tarquínio Soberbo, o último rei, em 510 a.C. (Isso teria ocorrido seis anos após a conclusão das obras do segundo templo de Jerusalém.) Essa rebelião estabeleceu a república romana, na qual havia duas classes de cidadãos — *patrícios* e *plebeus*. Os *patrícios* eram pessoas pertencentes à nobreza ou categoria social mais elevada; os *plebeus* eram gente da classe inferior. A República designava dois juízes para decidir os casos civis dos patrícios, enquanto os plebeus elegiam tribunos para servir como seus oficiais. Roma sofreu com a intensa luta de classe entre patrícios e plebeus.

Roma absorveu os pequenos reinos latinos de seus arredores, mas continuou lutando com os etruscos no Norte e com as cidades gregas no Sul. Com o tempo, formou Roma uma política que devia ser executada através da construção de seu império. À medida que absorvia outros povos, quer pacificamente, quer pela guerra, concedia-lhes cidadania e os tratava como aliados. Roma absorveu mesmo algumas principais colônias gregas, como Nápoles, e o fez dessa maneira. Ela controlou ainda toda a Itália central em 400 a.C., e começou a usar seus soldados-cidadãos contra os gregos do Sul. (Isso se deu mais ou menos no tempo em que Esdras trouxe a Lei para Jerusalém.) Com os gregos os romanos aprenderam a ler e a escrever, e a apreciar os pontos mais refinados da cultura e da sociedade.

A. Primeiras Lutas Armadas. Enquanto os gregos e os fenícios



combatiam o Império Persa, retiraram suas tropas do Mediterrâneo Ocidental. Roma se tornou mais forte na ausência de poderio estrangeiro, baseando sua força no soldado-cidadão. O exército romano treinava seus homens para atuar segundo regras padronizadas. Todo comandante, arqueiro e soldado de infantaria sabia exatamente o que se esperava dele. A guerra romana exigia muitos diques, muros de defesa, e armas; amiúde esses preparativos tomavam mais tempo e esforço do que a própria batalha. Um recrutamento universal proporcionava suprimento constante de novos soldados para os romanos. Esse exército bem adestrado era usado também para construir excelentes estradas e *aquedutos* — pontes amuradas que serviam para canalizar água das montanhas para as cidades. Esses projetos permitiam aos romanos mudar de uma região para outra mais depressa do que nunca antes.

Durante esse primitivo período do crescente poder de Roma, os romanos viviam em constantes lutas armadas. Os gauleses invadiram a Itália em 390 a.C. e ocuparam Roma durante sete meses. Saíram somente depois de receber dos romanos grande quantia como resgate. Então em 340 a.C. (Período Intertestamentário para os judeus), os romanos rechaçaram uma invasão da Liga Latina, seus ex-aliados que

ficaram enciumados com o poderio de Roma. Roma teve, também, de conquistar os sanitas, uma tribo que vivia nos Apeninos centrais, em 290 a.C.

Então Roma estava preparada para desafiar as abastadas cidades da *Magna Graecia*. Enquanto os sucessores de Alexandre Magno brigavam pela divisão das vastas conquistas que ele alcançara, os romanos venceram os gregos do Sul da Itália. Em 270 a.C. os romanos controlavam toda a Itália.

B. Guerras Estrangeiras. Os cartagineses haviam disputado com os gregos o controle da Sicília, contenda que durou mais de um século. Agora o governador grego de Siracusa convidava Roma para juntar-se a ele na luta pelo controle. No decorrer dos próximos 64 anos (264-201 a.C.), Roma travou uma série de longas guerras com Cartago, conhecidas como Guerras Púnicas. Finalmente os romanos derrotaram o famoso general cartaginês, Aníbal, em 201 a.C. Depois de acrescentar a Espanha às suas conquistas, Roma voltou-se para o Leste.

Os reis gregos da Síria (os Selêucidas) e do Egito (os Ptolomeus) brigavam constantemente por causa do pequeno estado da Judéia. No ano 169 a.C., selêucidas e ptolemaicos entraram em guerra. Roma buscava, ao mesmo tempo, conquistar a Grécia. Roma queria evitar um governo selêucida tanto na Síria-Palestina quanto no Egito, por isso enviou embaixadores para estabelecer um pacto com Antíoco IV, governante selêucida.

Ao tempo em que combatia o Egito, Antíoco IV ficou sabendo que os judeus se revoltaram em Jerusalém. Viu-se obrigado a retornar a Jerusalém, onde erigiu uma imagem grega no templo dos judeus e



Rómulo e Remo. Segundo a lenda, Roma foi fundada por Rómulo, filho do deus Marte e de uma mulher por nome Réia Sílvia. Réia havia feito voto de virgindade. Como castigo por sua quebra do voto, seus filhos gêmeos Rómulo e Remo foram abandonados nas margens do transbordante rio Tíbre. Ali uma loba os encontrou e amamentou. Ao atingir a maioridade em 753 a.C., Rómulo traçou o perímetro da cidade com um arado e tornou-se seu primeiro rei.

matou milhares deles (1 Macabeus 1:44-64). Um sacerdote judeu, Matatias, da casa de Asmon, fugiu para as colinas com seus cinco filhos e deu início a uma revolta. O terceiro filho de Matatias foi Judas Macabeu, que conduziu uma série de incursões contra Antíoco (1 Macabeus 3:1-9, 42-60; 4:1-61). Em 160 a.C., os chefes da casa de Asmon, chamados asmoneus, foram aceitos como governantes da Judéia.

OS ROMANOS ENTRAM NA JUDÉIA (166-67 a.C.)

Muito do que sabemos da conquista romana da Judéia provém da *História das Guerras Judaicas*, obra de Flávio Josefo, estadista e soldado judeu. Essa história começa com a conquista de Jerusalém por Antíoco IV (Epifânio) em 170 a.C. e termina com a vitória final dos romanos em 70 d.C.

Embora os líderes da família asmoneia tenham obtido certa dose de autonomia, eles mantinham o ofício por permissão dos selêucidas. O livro dos Macabeus fala do regozijo dos judeus em virtude das vitórias dos asmoneus — mas foram vitórias pequenas, destituídas de importância. Os judeus não constituíram verdadeira ameaça para os selêucidas; os governantes gregos temiam mais os partos, povo da região hoje chamada Irã. Os partos herdaram grande porção da Pérsia depois que esse império caiu em poder de Alexandre Magno. Eles atacaram de surpresa e ameaçaram os selêucidas no Norte e no Leste, e mais tarde travaram muitas guerras com os romanos.

A. Governo Asmoneu. Durante o governo da família de Asmon, os judeus devotos tinham fortes desavenças com os que aceitavam os costumes gregos. Os asmoneus juntavam os ofícios de rei e sumo sacerdote em uma só família. Para manter esse duplo papel, eles tinham de equilibrar com cuidado as várias seitas do judaísmo. Os asmoneus apelaram para o senado romano em 161 a.C. a fim de defender-se contra os selêucidas e os ptolomaicos (1 Macabeus 8). Roma promete ajudar a família de Asmon e seu povo no caso de serem atacados.

A verdadeira linha de reis asmoneus começou com João Hircano, que se tornou chefe do estado após o assassinato de seu pai e de seus irmãos Matatias e Judas (1 Macabeus 16:16) em 135 a.C. Hircano capturou a região da Galiléia e a região sulista conhecida como Edom (ou Iduméia). Nomeou a Antípatro governador da Galiléia e obrigou todos os povos circunvizinhos a tornar-se judeus.

Os sucessores de Hircano não tiveram capacidade bastante para governar a Judéia ampliada. Foram influenciados mais pela Grécia do que por sua herança hebraica, e assumiram os modos e as idéias da

última cultura grega. Aristóbulo, filho mais velho de Hircano, sucedeu ao pai em 104 a.C. Aristóbulo morreu dentro de um ano; mas antes de morrer, estendeu as fronteiras da Judéia até à Galiléia, antes conhecida como "Galiléia dos gentios". Salomé Alexandra, viúva de Aristóbulo, casou-se com o irmão mais moço deste, Alexandre Janeu. Janeu tornou-se, pois, rei e sumo sacerdote. Ele estendeu ainda mais as fronteiras da Judéia e perseguiu severamente os fariseus, causando uma guerra civil que durou seis anos. Ao morrer o rei, sua viúva Salomé assumiu o governo durante os próximos sete anos. Salomé apoiou os fariseus e separou os ofícios de governante e sumo sacerdote. Morreu no ano 69 a.C.

B. Júlio César. Até esta altura, os romanos viviam preocupados antes de tudo com os dois reinos influenciados pelos gregos, o dos selêucidas e o dos ptolemaicos. Dizem-nos os historiadores que as principais mudanças ocorreram nessa época. Ao derrotar Cartago, Roma tornou-se senhora de todas as colônias semíticas — as regiões anteriormente chamadas Acade, Babilônia, Assíria, Fenícia e Canaã.

O Senado. Construído no Fórum Romano ao tempo de Diocleciano (c. 300 d.C.), este edifício abrigava o Senado Romano. Durante o período imperial, o Senado caiu sob o domínio dos imperadores e perdeu a maior parte de seus poderes.





Júlio César (100-44 a.C.). Brilhante soldado e estadista, César estendeu a fronteira norte de Roma até ao rio Reno e a oeste até a Bretanha. Entre 49 e 45 a.C., ele eliminou seus rivais políticos tornando-se governante exclusivo de Roma. Seu apetite pelo poder levou-o a ser assassinado em 44 a.C.

Roma adotou, também, duas principais tradições púnicas: a construção de enormes plantações ou fazendas com trabalho escravo, e o emprego de medidas cruéis, tais como crucificação, a fim de manter os escravos sob controle. A disseminação das plantações obrigou muitos agricultores romanos a deixar o campo e ir para a cidade de Roma. O antigo governo republicano não conseguia governar as amplas colônias que Roma ia conquistando; havia necessidade de um governo executivo mais forte.

A primeira pessoa a assenhorear-se desse poder absoluto foi o general Júlio César. Ele mostrou as vantagens de favorecer os povos que viviam nas fronteiras de Roma, e fez apelos populares para acalmar as turmas em Roma. Júlio César foi o modelo do político popular de hoje. Foi líder brilhante, capaz, que provou sua força estendendo a fronteira norte de Roma até ao Reno e no oeste até à Bretanha.

O principal governante de Roma no Leste era o general Pompeu. Ele limpou o Mediterrâneo da ação dos piratas e derrotou Mitridates IV, rei do Ponto na Ásia Menor. Pompeu capturou a costa da Síria-Palestina, e em 63 a.C. investiu sobre Jerusalém. Capturou Aristóbulo II, governador de Jerusalém, e acabou com o governo independente da família de Asmon. Aristóbulo II foi arrastado pelas ruas de Roma

atrás da carruagem de Pompeu. Pompeu libertou muitos territórios asmoneus do controle judaico e dividiu o reino da Judéia em cinco distritos: Jerusalém, Gadara, Amato, Jericó e Sefóris.

O PRIMEIRO TRIUNVIRATO

Em 59 a.C., César, Pompeu e Crasso (um rico especulador de imóveis) uniram forças para formar uma tríplice liderança chamada Primeiro Triunvirato. Os governantes dos estados e das colônias de Roma suspeitavam que em breve surgiria um homem como o governante completo. Antípatro, governador da Iduméia, jogou um governador contra o outro em busca de apoio. Em 54 a.C., Crasso invadiu Jerusalém e saqueou o tesouro do templo enquanto irrompia a guerra entre Pompeu e César. Antípatro tomou o lado de Pompeu até que este foi derrotado, passando então sua lealdade para César. César aboliu os cinco distritos e nomeou Antípatro procurador de toda a Judéia em 47 a.C. Antípatro foi morto em 43 a.C., pouco tempo depois da morte de César.

Antônio, amigo de César, derrotou os inimigos deste no Norte da Grécia. A seguir nomeou Herodes e Fasael, filhos de Antípatro, *te-trarcas* ("governadores de quartas partes") da Galiléia (cf. Mateus 14:1;

Escolas Gregas e Romanas

Os romanos e os gregos antigos tinham um sofisticado sistema escolar. As escolas não eram obrigatórias, nem eram dirigidas pelo governo. Não obstante, eram muito populares.

No sistema grego, aos seis anos os meninos eram enviados à escola. O professor era o proprietário e dirigente da escola. Aparentemente, os gregos não tinham pensionatos.

Os gregos não ensinavam línguas estrangeiras. (Para eles, o grego era a língua suprema!) Seu sistema educativo continha três divisões principais: música, ginástica, escrita. Todas as crianças gregas aprendiam a tocar lira. As mães ensinavam às filhas a ler e a escrever, e também lhes ensinavam a tecer, dançar e tocar um instrumento musical. Por estranho que pareça, as poucas mulheres gregas cultas geralmente eram prostitutas para os homens abastados.

Os preletores gregos ganhavam a vida

ensinando em salões de escolas e até mesmo nas ruas. Alguns desses professores ambulantes — Sócrates, por exemplo — tornaram-se famosos. Os meninos gregos podiam freqüentar a escola até à idade de dezesseis anos. Depois disso, deviam treinar-se nos esportes.

Diferentemente dos gregos, os romanos empregavam pessoas de outras nacionalidades para ensinar seus filhos. Muitas vezes uma ama grega iniciava o preparo da criança. Meninos e meninas entravam para a escola formal aos sete anos de idade. Aos treze, se o desempenho escolar fosse bom, as crianças passavam para a escola secundária; havia vinte dessas escolas em Roma no ano 30 d.C. Até a instrução secundária em Roma era ministrada em grego, e os professores geralmente eram gregos, escravos ou libertos. A semelhança dos gregos, os romanos tinham professores mais adiantados que iam de escola a escola.

Lucas 3:1, 19). Quando os partos invadiram a Síria-Palestina em 40 a.C. para ajudar os asmoneus numa tentativa de reconquistar o poder, Herodes fugiu para sua fortaleza em Masada na praia ocidental do mar Morto. Fasael, seu irmão mais velho, foi capturado e suicidou-se.

Herodes foi a Roma, onde o Senado o nomeou rei da Judéia. Antônio e seus soldados finalmente subjugaram os partos e seus aliados selêucidas, e no ano 37 a.C. ele se estabeleceu em Jerusalém.

O esforço da expansão imperial foi tão grande que Roma não se aventurou a tomar novos territórios durante, pelo menos, 50 anos após o nascimento de César. Roma governou a maior parte da Grécia, Síria, Judéia e o Norte da África. Somente uma nação influenciada pelos gregos permanecia intacta. Era o Egito, governado pela rainha Cleópatra.

O SEGUNDO TRIUNVIRATO

Cleópatra se fez amiga de Júlio César depois que ele derrotou Pompeu. Ao ser assassinado César, Cleópatra tentou adivinhar quem seria o vencedor na luta que se seguiu pelo poder. Os principais contendores eram Antônio, Lípido (que havia servido sob as ordens de Júlio César), e Otaviano, sobrinho de César e seu filho adotivo. Esses três mantiveram uma paz provisória formando outra ditadura tríplice, o Segundo Triunvirato.

Antônio conheceu Cleópatra em 41 a.C. na Cilícia, região do Sul da Ásia Menor. Cleópatra não era uma beleza arrebatadora (como querem fazer-nos crer as histórias modernas), nem era egípcia. Era macedônica, política matreira que procurava preservar seu reino a todo o custo. Cleópatra casou-se com Antônio e tramou com ele governar o Império Romano.

Com o estouro da guerra civil entre Antônio e Otaviano, Cleópatra convenceu Antônio a enviar Herodes para combater os árabes (nabateus), em vez de apoiar Antônio. Ela esperava que uma nação enfraquecesse a outra; então o Egito poderia absorver a ambas. Esta medida salvou o reino de Herodes, porque Otaviano esmagou as forças de Antônio e Cleópatra na Batalha de Ácio em 31 a.C. e ordenou que fossem mortos.

OS JUDEUS SOB AS ORDENS DE ROMA

No começo do ano 30 a.C. Herodes encontrou-se com Otaviano e fez uma transação para conservar sua vida e o trono. No decorrer dos

anos, Herodes havia-se livrado de quaisquer possíveis pretendentes ao trono. "Por brincadeira" ele havia afogado seu jovem cunhado Aristóbulo, executado seu tio José como adúltero, e incriminado Hirano II por tramar contra os nabateus. Herodes ficava sujeito a profundos ataques de depressão, quando ordenava os homicídios de amigos e de membros da família. Por exemplo, ele ordenou a execução de sua esposa favorita, Mariana, e depois ficou remoendo a sua morte.

Herodes violou muitas das leis judaicas. Ele introduziu jogos e corridas gregos no seu reino e ordenou muitos projetos de grandes edifícios. Dentre estes estavam templos gregos, fortalezas e um palácio. Seu maior projeto foi um novo templo em Jerusalém, que co-

Pax Romana

Os historiadores deram o título de *Pax Romana* ("paz romana") ao período compreendido entre 30 a.C. até cerca de 180 d.C., quando Roma floresceu numa época de grandeza imperial. Neste período, o Império Romano trouxe paz, prosperidade e bom governo a uma região que ia da Bretanha até ao Eufrates, e do mar do Norte até ao Saara.

A Pax Romana começou com o governo de Otaviano, que se tornou imperador de Roma depois de derrotar o último de seus oponentes na Batalha de Ácio em 31 a.C. Após um século de luta civil, Roma estava finalmente sob um único governante. Otaviano, a quem um respeitoso Senado Romano deu o título de Augustus, concentrou-se nos problemas internos de seu império e lançou os fundamentos para dois séculos de governo forte e pacífico.

A Pax Romana deu grande aumento ao comércio e trouxe grande prosperidade a Roma. A armada imperial acabou de vez com os piratas do Mediterrâneo que punham em perigo a navegação entre Roma, as províncias da Ásia Menor, e a costa africana. As importantes estradas romanas foram construídas antes de tudo como rotas militares para as províncias. Mas também permitiam o transporte de cereais para Roma, e de vinho e azeite de oliveira para as províncias. Foram removidos o pedágio e muitas outras barreiras artificiais ao comércio. Uma cunhagem estável e métodos aperfeiçoados de atividade bancária e crédito estimularam a expansão econômica. A manufatura aumentou nas províncias romanas, e dentro de pouco tempo podiam-se encontrar em Roma cerâmica da

Gália, tecido de Flandres, e vidro da Germânia.

Um dos segredos para a manutenção da paz foi a disposição de Augusto de dar governo autônomo às províncias, ao lado do emprego rápido da força militar para sufocar rebelião ou terrorismo. Augusto permitiu que as nações conquistadas conservassem suas língua, costumes e religião enquanto o povo vivesse em paz com Roma.

A agricultura permaneceu como a atividade básica no Império Romano sob a Pax Romana, mas esse período também viu o aumento rápido das cidades e a criação de um estado mundial cosmopolita, onde raças e culturas se entremesclavam. No seu auge, o Império Romano contava mais de 100 milhões de pessoas, incluindo italianos, gregos, egípcios, alemães, celtas e outros. Ao tempo de Adriano (117-138 d.C.), o império cobria uma área superior a 3,2 milhões de quilômetros quadrados.

Augusto canalizava a riqueza das províncias para Roma através de impostos. Ele transformou Roma, uma cidade de tijolos, numa cidade de mármore. O estado também sustentava muitos artesãos, que pertenciam aos *collegia*, ou corporações. As recreações e esportes desempenhavam um papel cada vez maior na vida pública dos cidadãos romanos.

A Pax Romana chegou ao fim na época da verdadeira crise monetária de Roma no terceiro século da era cristã, quando a anarquia política e a inflação monetária causaram o colapso da economia do império.

meçou no ano 20 a.C. (Mateus 4:5; 24:1; Marcos 11:27; 13:1; Lucas 19:45; 20:1; João 2:14).

Em 27 a.C. Otaviano recebeu o título de *Augustus* e governou o Império Romano. César Augusto trouxe paz ao Império Romano através de estrito controle de seu exército e território; criou a imagem da era áurea de Roma. (Jesus nasceu durante o governo de Augusto, que faleceu em 14 d.C.).

Em 22 a.C., Herodes enviou seus filhos a Roma para serem instruídos e pagar seu tributo de respeito a Augusto. Augusto visitou a Síria em 20 a.C. e deu a Herodes mais terras ainda. Temendo revolta, Herodes proibiu grandes reuniões públicas durante a visita do imperador.

Herodes teve de lidar com o poder dos oficiais influenciados pelos gregos na Ásia, e também com o poder de Augusto em Roma. Outro problema de Herodes era o descontentamento das seitas e partidos judaicos. Ele lembrava-se de como os macabeus haviam expulsado

O Coliseu. Entre 72 e 80 d.C., os imperadores Vespasiano e Tito construíram o Coliseu, uma estrutura maciça com fileiras de assentos circulando um espaço aberto. As batalhas gladiatórias — lutas entre animais, e entre homens e animais — eram os esportes prediletos dos espectadores romanos. Uma vasta rede de túneis subterrâneos provia espaço para os animais enjaulados e os participantes humanos, que combatiam na arena até morrerem. Os engenheiros romanos chegaram a criar um método de inundar a arena para simular batalhas marítimas.





César Augusto (63 a.C.—14 d.C.). Sobrinho-neto e filho adotivo de Júlio César, Otaviano recebeu o título honorífico de *Augustus* (i.e., "o exaltado") ao tornar-se governador único de Roma após a derrota de Marco Antônio em Ácio. (Augusto passou a ser o título oficial dos futuros imperadores de Roma.) O reinado de César Augusto foi de paz e prosperidade.

do templo em Jerusalém, em 165 a.C., os simpatizantes dos gregos. Ele resolveu prevenir esse tipo de revolução.

O judaísmo foi a única religião a sobreviver à forte influência grega. Através da tradução do Antigo Testamento para o grego, a influência do judaísmo na verdade aumentou durante a era helenística. Mas a popularidade do judaísmo atraiu a inveja de Herodes. Embora por nascimento ele não fosse judeu, assim mesmo gastou grandes somas de dinheiro com o novo templo, na esperança de conquistar a lealdade dos judeus.

Mas as conspirações e contraconspirações marcaram os últimos anos do reinado de Herodes. No todo, Herodes teve dez esposas, e seus muitos filhos lutavam pelo trono. Com freqüência, Herodes promovia um filho, descobria uma conspiração, e então matava esse filho. Ao aproximar-se de seu septuagésimo aniversário, Herodes ficou obsedado com a idéia de destruir todos, menos seu herdeiro escorlhido. Pouco antes de sua morte, ele ouviu a notícia perturbadora de que um rei de Israel, de há muito esperado, havia nascido em Belém. Herodes ordenou a seus soldados que matassem a todos os meninos recém-nascidos dos judeus, da mesma forma como havia assassinado rivais em sua própria família (cf. Mateus 2).

Cidadania Romana

Nos tempos do Novo Testamento, Roma governava o mundo mediterrâneo. Seu domínio estendia-se para o norte até às fronteiras da bárbara Gália (França) e Germânia, e circundava o mar Mediterrâneo. O Egito estava sob seu controle, bem como as cidades do Norte da África.

Não obstante, aonde quer que os romanos fossem, construam boas estradas e obras públicas, levavam oficiais do governo, soldados e às vezes colônias inteiras de cidadãos romanos. A despeito de se falar da brutalidade romana, Roma não era um conquistador vingativo. Seu objetivo era transformar os novos súditos em bons romanos, de sorte que o Império Romano fosse verdadeiramente romano. Isto era um perfeito desafio, porque os povos conquistados ardiam de ódio a Roma.

O Senado Romano decidia permitir que certa região tivesse governo próprio segundo recomendasse a prudência. Na Judéia, isto significava que o rei nativo (Herodes o Grande) tinha permissão para governar os judeus. Com morte de Herodes, o reino se dividiu entre seus três filhos restantes: Filipe, Arquelau e Herodes Antipas. Os nacionalistas judeus não aceitaram esta situação, e finalmente apelaram para César Augusto no sentido de abolir a monarquia na Judéia, o que ele fez no ano 6 d.C. Embora a Palestina ainda estivesse abarrotada de soldados romanos e de coletores de impostos, os judeus tinham permissão para decidir suas próprias desavenças internas.

Roma também consolidou o império concedendo cidadania a certos não-romanos. "Nunca antes ou desde esse tempo", diz o historiador Will Durant, "a cidadania foi tão ciosamente guardada ou tão altamente prezada."¹¹ Um detentor de cidadania romana, embora noutras circunstâncias fosse uma pessoa sem importância, tinha vínculos com a élite governante. Sob as leis tolerantes de Roma, um indivíduo podia manter dupla cidadania. Foi assim que o apóstolo Paulo pôde gozar direitos cívicos tanto de Tarso como de Roma.

Os benefícios da cidadania romana eram evidentes: tinha valor não só pelo

direito de voto mas também pela proteção concedida. Um cidadão romano não podia ser amarrado ou aprisionado sem julgamento. Não podia ser açoitado — forma comum de extrair confissão dos prisioneiros. Se ele percebesse que não estava recebendo justiça do governo local, podia apelar para Roma.

Não admira que as autoridades romanas em Filipos tremessem quando souberam que Paulo e Silas não eram apenas uma dupla de judeus amotinadores! Esses homens insistiram ser cidadãos romanos, fato que podia ser confirmado mediante uma simples verificação das róis de recenseamento. O imperador Cláudio executava homens que falsamente reivindicavam a cidadania romana, por isso não era uma afirmação feita levianamente. Não, os filipenses, sem que o soubessessem, haviam amarrado, surrado, e aprisionado cidadãos romanos. Mas Paulo e Silas estavam dispostos a solucionar o problema mediante um pedido de desculpas. Uma vez que os magistrados o haviam publicamente lançado na prisão, Paulo propunha que agora publicamente viessem libertá-lo. Com prazer os magistrados aquiesceram — e rogaram aos missionários que deixassem a cidade (Atos 16:12-40).

Mais tarde, em Jerusalém, Paulo serviu-se de novo de suas "ligações romanas". Ele foi, como medida preventiva, mantido sob custódia quando os uivos de seus inimigos judeus atraíram a milícia romana. Quando Paulo desconfiou que estava prestes a ser açoitado — provavelmente por perturbar a paz — mencionou sua cidadania romana. Não só isto o salvou de uma surra, mas garantiu-lhe a passagem segura para fora de Jerusalém.

O livro de Atos conclui afirmando que Paulo morreu dois anos em Roma sob prisão domiciliar. Era-lhe permitido pregar e fazer convertidos. Diz-se que o imperador Nero crucificou a Pedro, como era de rotina executar os criminosos comuns, mas Paulo foi decapitado. Esta era considerada uma morte mais honrosa e misericordiosa — a prerrogativa final do direito que tinha Paulo por haver nascido romano.

Herodes morava em Jericó, e ordenou que muitos dos dirigentes judeus fossem mortos quando ele morresse, de sorte que houvesse um momento de tristeza nacional. Herodes mandou matar seu filho Antípatro, no começo do ano 4 a.C. Cinco dias depois Herodes mor

reu. Arquelau, outro filho de Herodes, herdou o trono. Ele tentou conquistar o povo mediante bondade e paciência. Mas a rebelião aumentava —não tanto contra o novo monarca como contra o falecido Herodes. Por ocasião da Páscoa irrompeu nova revolta enquanto Arquelau estava a caminho de Roma para ser confirmado. Os soldados romanos saquearam o templo de Herodes, e quando Arquelau voltou, muitos judeus e samaritanos foram mortos. Roma baniu-o da tetrarquia da Judéia e substituiu-o por um procurador chamado Copônio; isso no ano 6 d.C.

Antipas, irmão mais novo de Arquelau, foi tetrarca da Galiléia e da Peréia desde 4 a.C. até 39 d.C. Foi ele quem mandou decapitar João Batista, e muitas vezes é mencionado nos Evangelhos.

Antipas temia que Jesus fosse João Batista ressuscitado (Mateus 14:1-2; Marcos 6:14-16; Lucas 9:7-9). Os fariseus advertiram Jesus a que fugisse da região porque Antipas tramava contra ele (Lucas 13:31-33). Antipas julgou a Jesus na Semana da Paixão, depois transferiu todo o problema para Pôncio Pilatos (Lucas 23:6-12).

AUGUSTO ORGANIZA O IMPÉRIO

Enquanto a família de Herodes governava a Judéia, Augusto organizava o seu império. A Roma que ele herdou de Júlio César era um foco político de classes rivais e contendores pelo poder. Augusto



Guarda Pretoriana. Este relevo mostra os pretorianos, guarda-costas do imperador. A unidade foi instituída por Augusto, que fez deles suas tropas de choque estacionadas em Roma. A guarda pretoriana fazia parte do exército que expandia o Império Romano e a seguir policiava suas fronteiras.

vira a ascensão de César ao poder e o modo horroroso como terminou seu governo. Por isso Augusto foi, aos poucos, transformando a estrutura do governo romano para garantir seu controle.

Primeiro, introduziu um sistema chamado *principado*, que parecia seguir a antiga ordem republicana e o poder do Senado. Em realidade o sistema levou a república para o controle pessoal de Augusto. O principado durou apenas dois anos (29-27 a.C.) antes de abrir caminho para o império.

Sob o império, Augusto governava diretamente tão só umas poucas províncias. Uma destas era a Judéia. Os romanos viam a Síria-Palestina como uma pequena mas turbulenta parte de seu império.

Augusto levou a *Pax Romana* a todas as províncias. Não houve guerras importantes dentro do Império Romano no tempo de Jesus; apenas escaramuças sem importância ao longo das fronteiras. Mas o imperador ainda dependia de seu exército para manter a paz.

Pelas inscrições nos túmulos e por outros escritos tomamos conhecimento de que os soldados eram recrutados de todas as partes do império e se exigia que se tornassem cidadãos romanos. As legiões incluíam bretões, espanhóis, eslavos, germanos, gregos, italianos e até judeus. Alguns soldados eram designados para postos avançados em fronteiras distantes. Temos disto um exemplo em Atos 10:1, que descreve a "coorte italiana" na Palestina. Na época em que Augusto atingiu o poder completo, o desassossego e a guerra civil elevaram o exército a quase 24 legiões, ou meio milhão de homens. Visto que Roma esteve salva de ataque durante o primeiro período do império, os italianos nativos geralmente evitavam o serviço militar.

Os povos das colônias conquistadas viam o serviço voluntário como um caminho para a cidadania romana e outros benefícios. O Governo concedia cidadania imediata aos voluntários do exército e lhes pagava pensão ao se aposentarem. Os grupos militares compostos de não-



Aqueduto. Esta vista área do Pont du Gard, de construção romana em Provence, França, mostra o aqueduto no nível superior e uma rodovia no nível inferior. Os romanos construíram aquedutos para abastecer suas cidades de água corrente trazida das montanhas. As ruínas dão testemunho dos monumentais feitos da engenharia de Roma.

Como se Construía uma Estrada Romana

Os romanos tornaram prodigiosos construtores de estradas. Passaram cinco séculos completando um sistema rodoviário que se estendia por todos os cantos e recantos do império e cobria uma distância igual a dez vezes a circunferência da Terra. Tal sistema incluía mais de 80.000 km de rodovias de primeira classe e cerca de 320.000 km de estradas de categoria inferior.

Antes de construir uma estrada, os romanos faziam um levantamento. Tinham a capacidade de calcular distâncias a pontos inacessíveis, indicar níveis com precisão, medir ângulos, planejar túneis e cavá-los de ambas as extremidades. Os topógrafos consideravam a inclinação do terreno e questões de defesa. Onde se fizesse necessário (como nas regiões de Cumas e de Nápoles), abriam túneis através das montanhas com uma pericia que provocou admiração durante séculos. Visto que os romanos procuravam construir estradas retas — muitas vezes sobre montes em vez de contorná-los — as inclinações com freqüência eram ingremes.

Quando construían uma estrada importante, os engenheiros romanos cavavam uma valla da largura total da estrada e com profundidade de 1,2 a 1,5 m. O leito da estrada era enchedo com sucessivas camadas de pedras grandes e pequenas e cascalho socado; às vezes colocavam uma camada de concreto. Normalmente as estradas eram revestidas de cascalho sobre um leito de argamassa. Perto das cidades, em lugares onde o tráfego era pesado, ou em rodovias importantes, os engenheiros pavimentavam a superfície com pedras grandes, cuidadosamente ajustadas, medindo cerca de 30 cm por 45 cm.

O tipo de construção variava com a expectativa do tráfego, do terreno e dos materiais disponíveis. As estradas de

montanha podiam ter apenas 1,5 a 1,8 m de largura, com lugares mais largos para ultrapassagem. As estradas principais tinham de 4,5 a 6 m de largura. A Via Ápia tinha cerca de 5,5 m de largura — suficiente para passar duas carroças lado a lado — e era pavimentada com lava basáltica.

Fonentes de pedra geralmente eram construídas onde as estradas cruzavam correntes d'água. Tal construção era possível porque os romanos tinham concreto muito semelhante ao que usamos hoje. Para fazer a argamassa de cal solidificar-se sob a água e resistir à sua ação, os engenheiros tinham de adicionar sílica à mistura. Os romanos dispunham de grandes quantidades de areia vulcânica (pozzolana), a qual continha uma mistura de sílica em proporções adequadas.

Infelizmente, os registros não nos dizem quanto tempo levava para se construir estradas romanas ou de quantos homens se compunha a equipe construtora. A Via Ápia — "Rainha das Estradas" e precursora de muitas outras nos três continentes — foi iniciada em 312 a.C. como estrada para uso nas Guerras Sánticas. Os 211 km até Cápua devem ter sido completados em uma década mais ou menos. A Via Ápia atingia 576 km em direção ao sul, de Roma até Brindisi no mar Adriático. O sistema rodoviário foi-se estendendo aos poucos mediante os esforços de numerosos imperadores. Augusto, Tibério, Cláudio e Vespasiano estiveram entre os que lançaram grandes projetos de construção de estradas.

Algumas estradas foram usadas durante a Idade Média e até aos tempos atuais. A Via Ápia, na qual Paulo viajou para Roma (cf. Atos 28:13-15), ainda é uma importante artéria da Itália ocidental. É um lembrete silente da glória do tempo em que todos os caminhos levavam a Roma.

-romanos eram chamados *auxiliares*; eram um número quase igual ao exército regular.

O exército era organizado assim: O grupo ativo de categoria inferior era o *contubernium* de oito soldados, que ocupavam uma tenda de couro de cerca de 9 m² no campo. Meio *contubernium* (4 homens) era designado para trabalho muito pequeno e patrulhamento. Dez *contubernia* compunham uma *centúria*. Embora *centúria* signifique, estritamente, 100, geralmente uma *centúria* tinha 70 ou 80 homens. Seis

centúrias constituíam uma coorte, e 10 coortes formavam uma legião. Em média, a legião romana continha cerca de 6.000 homens com seus animais de carga, cavalos de guerra, e servos.

As legiões ficavam estacionadas nas duas principais cidades romanas na Palestina: Sebaste (Samaria) e Cesaréia, o principal porto marítimo de Herodes (Atos 10:1). Isso colocava as legiões em contato muito mais estreito com Roma. Sabemos que um grande número de soldados romanos marchavam para Jerusalém por ocasião das festas, a fim de manter a ordem entre as seitas judaicas e os peregrinos. As seitas judaicas tinham poucos soldados, possivelmente não mais que 500, sob seu comando. Também contavam com uma guarda do templo, semi-militar (provavelmente a mencionada em Mateus 26:47 e João 18:31).

As forças romanas na Palestina estavam ainda sob o controle direto de Roma. Um tribuno militar romano atuava como chefe de polícia e

Masada. Esta vista aérea mostra os restos escavados de Masada, na praia norte do mar Morto. Os judeus rebeldes que se acamparam aqui mataram suas esposas e filhos e depois uns aos outros, de preferência a deixarem-se capturar pelas forças romanas em 73 d.C.



Culto ao Imperador

Os romanos encontraram muitas línguas, religiões e culturas diferentes entre os povos que conquistaram. O Império Romano, aos poucos, absorveu essas crenças estrangeiras, incluindo a adoração de dirigentes políticos.

As províncias orientais tinham por costume prestar culto a seus dirigentes vivos. Os egípcios pensavam que os faraós descendiam do deus sol, enquanto os gregos cultuavam seus grandes guerreiros que haviam morrido. Alexandre Magno estabeleceu para si próprio um culto em Alexandria. Os selêucidas da Síria e os ptolemaicos do Egito adotaram esta tradição, chamando a si próprios de deuses que viviam na terra. Desde que o poder de Roma começou a substituir esses monarcas, a adoração a Roma (deificação do estado romano) começou a suplantar seus cultos. Os povos conquistados começaram a cultuar grandes personagens romanos — Sula, Marco Antônio, e Júlio César.

A princípio, os romanos desdenhavam esse tipo de adoração ao governante. Contudo, reverenciavam os espíritos de seus antepassados mortos (os *lares*) e o espírito divino do chefe da família (o *paterfamilias*).

César Augusto combinou as idéias de culto ao imperador e culto aos antepassados no culto imperial. Nas províncias, seus súditos adoravam Roma e Augusto como sinal de lealdade ao imperador.

Por todo o império, os súditos romanos incorporaram a adoração ao imperador na religião local. Nas províncias, os cidadãos preeminentes tornaram-se sacerdotes no culto imperial para fortalecer seus vínculos com Roma. Todavia, Augusto isentou os judeus do culto imperial.

O imperador romano Calígula (37-41 d.C.) proclamou-se deus; construiu dois templos para si próprio — um a expensas do público, e um com recursos pessoais. Vestido como Júpiter, ele pronunciava oráculos. Transformando o templo de Castor e Pólux em vestíbulo de seu palácio, ele se apresentava entre as estátuas dos deuses para receber adoração. Foi acusado de seguir o costume ptolemaico de casar-se com a irmã. No ano 40 d.C., possivelmente provocado pelo fato de alguns judeus haverem destruído um altar erigido a ele, Calígula ordenou que fosse colocada no templo de Jerusalém uma estátua de Júpiter com as características do imperador. Os judeus reagiram dizendo que “para ele colocar a imagem entre eles, primeiro ele deveria sacrificar toda a nação judaica” (Flávio Josefo, *Guerras*, Vol. 2, Livro 10, Sec. 4). Petrônio, governante sírio, teve êxito em revogar a ordem.

Cláudio, sucessor de Calígula, restaurou a isenção religiosa aos judeus e absolveu-se das tentativas de que o povo lhe prestasse culto. “Porque não desejo parecer vulgar a meus contemporâneos”, disse ele, “e entendo que, por séculos, os templos têm sido destinados aos deuses somente.”

O mais famoso relato da política dos romanos para com os cristãos encontra-se na correspondência entre Plínio, o Moço (62-113 d.C.) e o imperador Trajano (98-117 d.C.). Plínio foi enviado à Bitínia (hoje Turquia) para investigar acusações de desgoverno. Os bitinianos denunciaram seus vizinhos cristãos, mas Plínio não estava seguro sobre a maneira de tratá-los. Disse ele ao imperador:

“... O método que tenho observado com relação aos que foram denunciados como cristãos é o seguinte: Eu os interrogava se eram cristãos; se o confessavam, eu repetia a pergunta duas vezes, acrescentando a ameaça de pena capital; se ainda persistissem, eu ordenava que fossem executados. ... Os que negavam ser cristãos, ou que nunca haviam sido; que repetiam comigo uma invocação aos deuses, e ofereciam adoração, com vinho e incenso à vossa imagem. ... e que afinal amaldiçoavam a Cristo — diz-se que os que são realmente cristãos não podem ser obrigados a executar nenhum desses atos — esses acho apropriado absolver. ... Pois me pareceu bem que o assunto fosse referido a vós — especialmente considerando que os números representavam perigo. Pessoas de todas as categorias e idades, e de ambos os sexos, estão e estarão envolvidas na perseguição. Pois esta superstição contagiosa não se limita apenas às cidades, mas espalhou-se pelas aldeias e distritos rurais; parece possível, contudo, detê-la e curá-la” (Epistola X, 96).

A resposta de Trajano resume esta polêmica: “O método que você adotou, meu caro Plínio, de fazer uma triagem dos casos que lhe são denunciados como cristãos é extremamente adequado. ... Não se deve andar à cata dessas pessoas; quando denunciadas e tidas como culpadas, devem ser punidas; com a restrição, contudo, de que quando o indivíduo negar ser cristão, e der provas de que não o é (isto é, pela adoração aos nossos deuses), ele será perdoado tendo por base o arrependimento” (Epistola X, 97).

O culto ao imperador continuou como religião pagã oficial do império até que o Cristianismo foi reconhecido por ordem do imperador Constantino (305-337 d.C.).

76 O Mundo do Novo Testamento

seus homens eram responsáveis pela manutenção da ordem civil. Esses homens estavam estacionados na fortaleza Antônia (que guardava o templo de Herodes) e no palácio de Herodes (que ocupava um local proeminente ao sul do moderno Portão Jafa de Jerusalém).

Júlio César e Augusto concederam aos judeus grande dose de liberdade religiosa, conforme atestam os próprios acontecimentos da Semana Santa. (Tais eventos ocorreram durante a observância judaica da Páscoa.) Mas as relações entre romanos e judeus da Judéia continuaram a deteriorar-se no primeiro século. Os romanos ainda nomeavam o chefe do Sinédrio, a principal assembléia judaica de natureza política, e ainda escolhiam o sumo sacerdote judaico. O Sinédrio era o tribunal religioso do judaísmo, e o sumo sacerdote era o chefe da estrutura religiosa judaica (Mateus 26:57-68; Lucas 22:66-71; Atos 22:30). Para a maioria dos oficiais romanos, a religião judaica era complexa demais para se preocuparem com ela.

Os romanos eram muito práticos e introduziram muitas inovações gregas no mercado. Em seus sucessos financeiros e políticos eles ultrapassaram as culturas anteriores. Elaboraram um completo código de leis e uma esmerada estrutura de oficiais para obrigar o cumprimento dessas leis. Roma fazia duas exigências básicas de seus povos: que pagassem impostos e aceitassem o governo de Roma (João 18:19; Romanos 13:1-7). Qualquer rebelião ou revolta era enfrentada com terrível violência. Vemos prova disto nos escritos de Josefo, bem como no Novo Testamento (Lucas 13:1). Mas a Judéia com suas vastas terras incultas não tinha fronteiras naturais em três lados, de modo que era uma região difícil para o policiamento romano.

O governo romano exercia o poder de pena capital sobre suas colônias, e muitos judeus foram mortos como perturbadores políticos (cf. Lucas 23:18-19). O principal conflito entre judeus e romanos surgiu por causa dos impostos romanos. Os judeus vinham pagando tributo a Roma desde 63 a.C., mas quando a Judéia passou a província romana, os judeus também tiveram de pagar impostos provinciais. Os romanos achavam prudente escolher as pessoas mais infimas dentre os naturais do país para o sistema de cobrança de impostos. O ódio dos contribuintes se voltaria contra esses "traidores", e não contra os próprios romanos. (Veja a seção sobre Mateus no capítulo 7, "Os Apóstolos".)

O povo da Judéia tinha de pagar três grandes tributos. O primeiro era o imposto sobre a terra, o *tributum soli*. O segundo era o *vectigalia*, um tributo geral do império que incluía imposto sobre artigos importados cobrado nos portos. Mateus provavelmente cobrava esse imposto dos pescadores em seu retorno a Cafarnaum, cidade da praia noroeste do mar da Galiléia. O último era o imposto *per capita*, *tributum capitum*, o tributo de que nos falam os Evangelhos. Augusto começou

a cobrar este imposto e Quirino, governador da Síria, tentou levá-lo a cabo. Ele ordenou a todos os naturais da Judéia que voltassem à cidade de sua família a fim de serem contados para o novo tributo. Daí a razão de Maria e José viajarem para Belém (Lucas 2:1-3) na época do nascimento de Jesus.

O problema tributário continuou a ser uma chaga dolorida para os judeus, e muitos pequenos grupos tentaram revoltar-se. Durante o ministério de Jesus, os impostos ainda eram um problema grave (Mateus 17:24-27; Marcos 12:13-17; Lucas 20:21-26).

O último ato de Quirino como governador foi empossar um novo sumo sacerdote, Anás (Lucas 3:2; João 18:13, 24). Anás assumiu o cargo em 7 d.C. e foi obrigado a renunciar após a morte de Augusto em 14 d.C.

Tibério (14-37 d.C.), genro de Augusto, assumiu o cargo de imperador após a morte do sogro. Nomeou Grato como governador da Judéia. Grato escolheu diversos sumos sacerdotes antes de decidir-se por Caifás cerca do ano 18 d.C. Caifás ocupou o cargo até 36 d.C. Durante esse tempo, ele condenou a Jesus por blasfêmia e enviou-o a Pilatos para sentenciá-lo (Mateus 26:3, 57; João 18:13-14, 24, 28).

Pôncio Pilatos havia tomado o lugar de Valério Grato como governador em 26 d.C. Fizera um mau começo ao ordenar que a legião da fortaleza de Antônia tivesse como seu emblema um busto do imperador Tibério. Para os judeus, esse emblema era um ídolo; rebelaram-se quando os soldados o exibiam em desfiles nas ruas no Dia da Exiação.

O julgamento de Jesus cerca de 32 d.C. foi outra numa longa série de escaramuças entre Pilatos e os judeus. Pilatos temia que se ele fosse tolerante com os judeus, estes promoveriam outro levante, por isso mandou crucificar a Jesus (Mateus 27:11-26; Marcos 15:1-15; Lucas 23:1-25; João 18:28-19:16). Pilatos foi removido do cargo em 36 d.C., quando reagiu de maneira violenta a uma reunião de samaritanos no monte Gerizim. A viagem de Pilatos a Roma para sua punição foi interrompida com a morte de Tibério em 37 d.C.

Tibério e seus sucessores — Calígula, Cláudio e Nero — foram conhecidos como os imperadores júlio-claudianos. Calígula (37-41 d.C.) foi um louco que chegou a nomear um cavalo como oficial em seu governo. Convicto de sua própria divindade, ordenou que se fizesse uma estátua representativa de sua própria pessoa e fosse colocada no templo em Jerusalém. Foi assassinado antes que essa ordem se cumprisse.

No começo de seu reinado (41-54 d.C.), Cláudio (cf. Atos 11:28; 18:2) procurou reprimir as atividades antijudaicas iniciadas por Calígula. Mais tarde, porém, voltou-se contra os judeus. Suetônio diz

que Cláudio "expulsou de Roma os judeus, que constantemente promoviam motins sob a liderança de Cristo".

É conhecidíssimo o comportamento imoral de Nero (54-68 d.C.). Ele ordenou a morte de sua esposa e da própria mãe, e perseguiu os cristãos. O boato da ressurreição de Nero pode estar simbolicamente mencionado em Apocalipse 13:3.

Vespasiano tomou o trono imperial em 69 d.C. Ele havia servido como comandante do exército da fronteira síria quando começou a aflorar a luta final entre romanos e judeus, em 66 d.C. No verão desse ano, terroristas judeus mataram os soldados romanos em Masada e prepararam-se para uma forte defesa. O dirigente do templo em Jerusalém pôs paradeiro às ofertas diárias para o bem-estar do imperador. Foi confiada a Vespasiano a tarefa de subjugar a revolta judaica. No verão de 68 d.C., Jerusalém estava próxima da derrota e Vespasiano tornou-se imperador. Deixou que seu filho Tito comandasse o ataque final. No ano 70 d.C. Jerusalém foi destruída. O templo de Herodes foi incendiado, e seu mobiliário sagrado transportado para Roma. As restantes guerrilhas judaicas foram derrotadas no decorrer dos dois anos seguintes. Em 73 d.C. estavam apagados todos os vestígios de uma nação judaica autônoma.

CONTRIBUIÇÕES DE ROMA

Os romanos não eram muito originais em sua forma abstrata de pensar, mas eram rápidos em adaptar boas idéias dos povos que

Arco de Tito. Tito, imperador de Roma (79-81 d.C.) edificou este imponente monumento para comemorar suas vitórias. Dentre as cenas retratadas no arco está o saque dos romanos ao templo de Jerusalém (70 d.C.) Tito era o comandante do exército romano na época.



conquistavam. Por exemplo, os romanos tomaram as colunas dóricas simples da arquitetura grega e as transformaram no estilo coríntio mais floreado. Os remanescentes das estradas, muros, pontes, anfiteatros e basílicas romanas ainda impressionam os turistas de nossos dias.

Os romanos mantinham a lei e a ordem acima de todas as demais coisas. Tratavam com justiça e tato os povos conquistados. Instituíram os três poderes de governo — legislativo, executivo e judiciário — que se tornaram a base da democracia norte-americana e dos demais povos que adotam tal regime. Muitos aspectos da lei romana sobrevivem nos governos modernos ao redor do mundo.

A língua latina floresceu no primeiro século antes de Cristo, dando-nos a poesia e a prosa clássicas. Plínio, o Velho, e outros escritores latinos registraram excelentes histórias do império. Durante séculos, o latim influenciou as línguas e a literatura da Europa. Palavras como cidadão, censo, senado e fiscal são sobreviventes dos tempos romanos.

Os romanos faziam pouco uso de uma religião complexa; só invocavam os deuses quando precisavam de ajuda para a família ou para o estado. Seus principais deuses eram Júpiter, que controlava o Universo; Marte, deus da guerra; Juno, deusa padroeira das mulheres; e Minerva, deusa da guerra, da sabedoria e da habilidade.

Os romanos encontraram um modo de construir cúpulas de concreto o qual lhes permitia encerrar grandes áreas. Criaram o que foram, provavelmente, os primeiros hospitais e escolas de medicina. Muitas das contribuições dos romanos ainda influenciam a vida ocidental de nossos tempos. A ordem do mundo romano foi a maior das influências na vida dos judeus da era neotestamentária.

Os Judeus nos Tempos do Novo Testamento



o tempo de Jesus, o judaísmo se havia tornado uma religião sectária. Os judeus que sustentavam diferentes crenças passavam horas e horas discutindo questões difíceis da lei, da história e da política. Debatiam problemas como: "Quem é um verdadeiro judeu?" "Que é que Deus exige de seu povo?" e "Qual é o destino de Israel?" Suas respostas conflitantes revelavam agudas diferenças entre as várias seitas judaicas nos tempos do Novo Testamento.

FUNDO HISTÓRICO DO ANTIGO TESTAMENTO

Ao repassarmos a história do Antigo Testamento, encontramos muitos fatores que contribuíram para a hostilidade entre os partidos judaicos dos dias de Jesus.

A. Diferenças Entre as Doze Tribos. Muitos séculos haviam toldado as características individuais dos doze filhos de Jacó (cf. Gênesis 49). Não obstante, era inevitável que a nação que se originou dos doze irmãos preservasse algumas de suas características. Divisões sectárias muitas vezes acompanhavam as famílias à medida que os seus descendentes continuavam em amarga rivalidade.

As pessoas dos dias de Jesus estavam interessadas em traçar sua genealogia pelo menos por quatro motivos: estabelecer direitos a posição ou propriedades adquiridas pelo pacto ou aliança; identificar-se com o Messias prometido; identificar-se com sacerdotes famosos; ou simplesmente estabelecer suas "raízes".

O conhecimento da origem da família proporcionava certo conforto e estabilidade nos tempos conturbados do primeiro século. Sem dúvida foi por isso que muitos judeus tomaram todo o cuidado para

preservar um registro de sua árvore genealógica. Orgulhavam-se de identificar-se com uma tribo judaica que tinha uma longa e nobre herança. O próprio Paulo se jactava de seus antepassados judaicos (2 Coríntios 11:22; Filipenses 3:5-6). Nação, tribo, sangue e lugar de nascimento — tudo isso eram padrões que os judeus do primeiro século usavam para valorizar-se.

B. O Exílio: Deus Volta as Costas. Para podermos avaliar plenamente o caráter de cada seita judaica, devemos repassar os eventos ocorridos em Israel após o Exílio. No ano 734 a.C., o rei assírio Tiglate-Pilesar III exilou os primeiros israelitas. Esta foi a primeira de uma série de deportações que continuaram até o ano 70 d.C. Os judeus foram espalhados por todo o mundo então conhecido, movimento que passou a chamar-se *Diáspora*.

No ano 723 a.C. os assírios deportaram outro grupo de israelitas, e para tomar-lhes o lugar trouxeram colonizadores assírios. Os babilônios conquistaram o reino do Sul da Judéia em 597 a.C. Havendo-se os líderes judeus da Palestina rebelado contra seus senhores feudais, os babilônios atacaram de novo o reino do Sul em 586 a.C. e 581 a.C. Depois do último ataque, exilararam mais de 70.000 judeus.

O Exílio teve efeitos profundos e duradouros sobre Israel. Os judeus da *Diáspora* foram tentados a comer alimentos impuros (Daniel 1:5, 8), e quebrar outras leis cerimoniais. Seus captores às vezes exigiam que adorassem ídolos (Daniel 3:4-7). À medida que continuava o cativeiro, mais judeus traíam a fé dos seus antepassados. Isso criou tensão entre os judeus que adotavam os estilos pagãos de vida e os que não o faziam, o que levou os judeus a dividirem-se em várias facções após o Exílio. Alguns líderes judaicos achavam que os judeus que voltavam deviam renunciar aos seus modos pagãos (cf. Esdras 9-10) enquanto outros achavam que deviam afrouxar algumas exigências da Lei.

Durante o Exílio muitos judeus se tornaram confusos e céticos. A língua hebraica estava agonizando, e com ela os que se interessavam pela Tora. O templo fora destruído; cessaram os sacrifícios de animais. Já não se sabia com clareza o que Deus exigia de seu povo.

C. Misticismo Judaico. Elementos da religião pagã começaram a encher os vazios criados pelo ceticismo e pela dúvida. Alguns judeus "protegiam" a fé envolvendo-se na astrologia e no ocultismo. Passavam para essas áreas com lentidão, e os dirigentes judaicos não percebiam, a princípio, o que estava acontecendo. Mas os místicos judaicos começaram a reinterpretar os tradicionais ensinos dos judeus à luz das crenças pagãs que haviam aceitado.

Por exemplo, os judeus da *Diáspora* ficaram fascinados com demônios e anjos. Eles modificaram a crença bíblica num Criador que tem controle soberano de sua criação, adotando um ponto de vista persa do Universo com um esmerado mundo dos espíritos e uma guerra contínua entre as forças da luz e a das trevas.

Os místicos judeus compilaram essas crenças em grupos de escritos religiosos conhecidos como *deuterocanônicos* e *pseudo-epígrafos*. Alguns livros deuterocanônicos, como o de Tobias, por exemplo, promovia a astrologia e os ensinos do zoroastrismo, oriundos da Pérsia. A história de Tobias assevera a vitória de Deus sobre os demônios pagãos — mas reconhece o poder desses demônios. Mais ainda: retrata a Deus como uma grande força por trás dos eventos da vida, em vez de uma presença pessoal no meio do seu povo. Esta erosão da fé judaica tornou mais difícil para os judeus crerem que Jesus era o “Emanuel. . . Deus conosco” (Mateus 1:23). Muitos judeus ainda sustentam a crença pagã de que Deus se afastou da vida cotidiana do homem.

D. A Reação Ortodoxa. Nem todos os judeus exilados sucumbiram às crenças pagãs. Muitos dirigentes judeus reconheceram que essas idéias ameaçavam a sobrevivência da Tora. Sem a Lei, os judeus não teriam esperança. O comprometimento religioso os afastaria mais e mais da Palavra de Deus, até que se perdessem entre as culturas que os cercavam.

Os líderes judaicos reagiram a esta ameaça estabelecendo sinagogas, instituindo o cargo de rabi, e encarecendo a necessidade de um “remanescente” fiel. Essas mudanças garantiram a sobrevivência do judaísmo, mas também ajudaram a criar novas facções.

1. A Sinagoga. A palavra *sinagoga* significa “assembléia”. Denota a reunião dos judeus da *Diáspora* para adoração e estudo fora do templo. O Antigo Testamento não menciona o culto na sinagoga; mas Filão, Josefo e o Midrash afirmam que Moisés deu início a esta instituição no deserto. O mais provável é que os judeus exilados criaram a sinagoga quando se reuniam para orar, cantar, e discutir a Tora enquanto viviam em terras estranhas. Depois que voltaram do Exílio, fizeram da sinagoga uma instituição formal.

Quando os babilônios destruíram o templo de Jerusalém e acabaram com o sistema judaico de sacrifícios de animais, os judeus entenderam que a oração era o “sacrifício do coração”. Fizeram da oração o ato central do culto na sinagoga.

Talvez Esdras tenha inaugurado a adoração na sinagoga em Israel quando convocou a grande assembléia em Jerusalém (Neemias 8). As atividades da assembléia corriam paralelamente às das sinagogas,

incluindo a reunião dos "cabeças das famílias de todo o povo" para o estudo da Tora (Neemias 8:13).

É de duvidar que os judeus tencionassem substituir o templo pela sinagoga. Mas a experiência deles no exílio levou-os a perceber que não poderiam ser fiéis a Deus sem a adoração no templo. Era fácil formar uma sinagoga; necessitava-se apenas de dez homens judeus. E a sinagoga era um ambiente natural para o preparo teológico.

Enquanto o templo restaurado durou em Jerusalém, a adoração na sinagoga desempenhou papel secundário na vida judaica. Mesmo assim, os arqueólogos têm encontrado os restos de, pelo menos, 50 sinagogas fora da Palestina — onze delas em Roma. O livro de Atos assinala sinagogas em oito cidades da Ásia Menor (Atos 9:2, 20; 13:5, 15; 14:1; 17:1, 10; 18:4, 26; 19:8).

As sinagogas promoviam o crescimento das seitas judaicas. Grupos de interesse especial podiam usar a sinagoga como plataforma para propagar suas opiniões quando discordavam dos dirigentes do templo ou da nação.

2. O Rabinado. Cada sinagoga contava uns poucos membros excepcionalmente versados na Tora. Em virtude disso, era-lhes per-



Estrela de Davi. Esta estrela de seis pontas é largamente usada como símbolo do judaísmo. Perdeu-se a história de sua origem, mas ela decorava a arquitetura judaica no terceiro século d.C. Mais tarde denominada "selo de Salomão", o símbolo foi evidentemente mencionado pela primeira vez na literatura judaica do XIV século d.C. Parece que este símbolo não era usado nos tempos bíblicos.

mitido expor suas opiniões à comunidade da sinagoga. A esse líder os judeus chamavam de *rabi* (em hebraico, "mestre").

Cada sinagoga tinha suas próprias normas para escolher os rabis, por isso era imprevisível a natureza do ensino rabínico. Depois que os judeus caíram sob a influência do pensamento helenista, começaram a organizar e registrar os ensinos dos vários rabis.

Uma dessas coleções era chamada *Mishna* (em hebraico, "repetição"). Continha as opiniões legais de respeitados rabis, as quais haviam sido transmitidas por via oral durante muitas gerações. A Mishna algumas vezes citava a Tora em apoio à posição de um rabino, mas não tentava analisar a própria Escritura. Eruditos judeus crêem que a primeira Mishna foi compilada por volta de 5 a.C.

Uma coleção mais antiga da tradição rabínica foi denominada *Midrash* (em hebraico, "comentário"). A Midrash continha a interpretação bíblica dos rabinos. Os *soferim* (escribas) compilaram a primeira Midrash no século IV a.C. Visto que a Midrash era mais antiga do que a Mishna e estava diretamente vinculada à Escritura, os judeus do primeiro século depositavam nela maior confiança do que na Mishna. Contudo, as seitas judaicas preferiam usar a Mishna de seus próprios rabis, visto que ela elevava as idéias de seu grupo à posição de escrito sagrado.

Após o Exílio, os persas usaram os escribas judeus para impor as leis civis na Palestina. Isso criou lealdades conflitantes entre os dirigentes judeus, que no seu entender tinham de alinhar-se com os "agentes do poder" político a fim de sobreviverem. Este padrão continuou na era romana.

Jesus e Paulo entenderam os conflitos produzidos pelo sistema rabínico. Jesus disse a seus discípulos que não se chamassem rabis (mestres) (Mateus 23:8), e Paulo admoestou os coríntios a parar de alinhar-se atrás de seu mestre predileto (1 Coríntios 3:3-9).

3. Teologia do Remanescente. Os judeus que seguiam uma linha ortodoxa combatiam a deriva para o paganismo acentuando a *teologia do remanescente*. Em outras palavras, declaravam que Deus preservaria um remanescente fiel de seu povo que seria a semente de um novo Israel. Pela primeira vez davam guarida à noção de que nem todos os judeus eram os escolhidos. Para ser um verdadeiro israelita, o indivíduo tinha de obedecer à Lei de Moisés.

Desde o começo, Deus havia revelado que seu povo devia obedecer-lhe. A história provava que qualquer dos descendentes de Abraão que se rebelou contra Deus deixou de receber sua bênção (e.g., Esaú e Ismael). Assim, Deus sempre havia exigido obediência. E o Exílio acentuou o ponto em questão.

Mais de um grupo se considerava o resto fiel do povo de Deus. A teologia do remanescente gerou diversas seitas secretas com misticismo.

riosos rituais, destinados a separá-las da maioria corrupta dos judeus.

Quando Ciro, o Grande, permitiu que os judeus voltassem à Palestina, colocou-os frente a frente com uma escolha: Voltariam eles à Terra Prometida ou se contentariam em viver nas terras do exílio? No entender dos judeus que preferiram voltar, os que ficaram para trás eram menos fiéis. Consideravam a si próprios como o resto fiel que Deus usaria para estabelecer seu reino na terra.

O HELENISMO E OS JUDEUS

Os exércitos de Alexandre Magno introduziram outro fator de divisão — a influência cultural do helenismo.

Alexandre promovia a cultura grega em todas as terras que conquistava. Quando seus exércitos tomaram dos persas a Palestina em 332 a.C., exigiram que os judeus adotassem a língua e os costumes gregos. (Veja o capítulo 3, "Os Gregos e o Helenismo".) Os eruditos judeus começaram a ler a filosofia grega nas bibliotecas de Alexandria e de outras cidades que Alexandre construiu por onde passava. Ficaram intrigados pelas idéias de Aristóteles e de outros pensadores gregos, especialmente quando viam o sucesso da civilização grega de Alexandre.



A escola da sinagoga. Durante o Exílio babilônico, os judeus não podiam oferecer sacrifício porque viviam em terra impura longe do templo. A necessidade que sentiam de uma comunidade de adoração levou-os ao estabelecimento da sinagoga, lugar para leitura e estudo do Antigo Testamento. Os meninos judeus aprendiam a Lei com seu rabino, ou professor, numa escola da sinagoga.

Os filósofos gregos desejavam respostas lógicas às indagações da vida. Atreviam-se a pensar em conceitos abstratos em vez de lidar somente com objetos físicos. Os eruditos judeus abraçaram esses métodos, deixando-se persuadir de que a lógica grega os ajudaria a desemaranhar as complexas tradições rabínicas.

Após a morte de Alexandre em 323 a.C., seus generais retalharam o império. Ptolomeu I estabeleceu uma dinastia em Alexandria. Capturou Jerusalém e trouxe judeus cativos para colonizar a área em redor de sua capital. Ptolomeu concedeu-lhes cidadania plena em seu novo império e convidou os judeus eruditos a usar as famosas bibliotecas de Alexandria. Seu sucessor, Ptolomeu II, encomendou uma tradução grega do Antigo Testamento para a biblioteca, tradução conhecida como *Septuaginta*. Os judeus dos tempos do Novo Testamento usavam a Septuaginta em lugar dos manuscritos hebraicos, uma vez que o grego se tornara para eles uma língua de uso geral.

Alexandria produziu diversos eruditos judeus que introduziram idéias helenísticas em seus escritos. O mais famoso deles foi Filão (c. 20 a.C.-50 d.C.). No entender de Filão, as Escrituras continham a mais elevada verdade disponível à humanidade, mas também achava que as filosofias gregas ofereciam importantes facetas da verdade que complementavam as Escrituras.

Seleuco I, outro dos generais de Alexandre, estabeleceu uma dinastia na Síria. No final, ele expulsou os ptolemaicos da Palestina. Mas, aos poucos, os selêucidas perderam o controle da fronteira palestina até que os romanos derrotaram o rei selêucida, Antíoco III, na batalha de Magnésia, no ano 190 a.C. Os romanos fizeram do império selêucida um satélite de seu próprio crescente império. Em virtude de sua formação grega, os selêucidas continuaram a impor um estilo grego de vida a seus súditos judeus.

Antíoco IV teve de pagar pesado tributo ao imperador romano. Para levantar esse dinheiro, ele resolveu vender o ofício de sumo sacerdote judeu. Primeiro ele o cedeu a Jasão, irmão do sumo sacerdote Onias III (2 Macabeus 4:7-17). Dois anos mais tarde, Menelau, amigo de Jasão, ofereceu-se para pagar 300 talentos mais pelo cargo. Antíoco depôs Jasão e colocou Menelau em seu lugar (2 Macabeus 4:23). Menelau ignorou as leis judaicas, construindo uma praça de esportes em Jerusalém onde atletas nus se reuniam para disputas esportivas gregas. Na realidade, Menelau e seus amigos "restabeleceram seus prepúciós" (1 Macabeus 1:14-15), provavelmente por métodos cirúrgicos, de modo que parecessem gregos quando entrassem nos banhos públicos. Evidentemente, muitos judeus helenistas sentiram-se envergonhados de sua circuncisão, porque mais tarde ela se tornou um problema na igreja de Corinto (1 Coríntios 7:18).

Depois de empossar a Menelau como sumo sacerdote, Antíoco continuou a agir com violência. Confiscou a propriedade dos cidadãos de Jerusalém e saqueou o templo para encher seu tesouro. A seguir erigiu um altar pagão no templo, onde sacrificou um porco — franca violação da Lei mosaica. Antíoco ordenou a seus súditos que construíssem altares gregos em todas as aldeias da Palestina. Proscreveu os rituais mosaicos, castigando os que tentassem observá-los (1 Macabeus 1:29-62).

A. Os Macabeus. Os insultos de Antíoco IV enfureceram os judeus da Palestina. Em 166 a.C. um grupo de rebeldes judeus congregou-se em torno de Matatias e de seus cinco filhos na aldeia de Modin, alguns quilômetros ao noroeste de Jerusalém. Deram início a uma série de ataques a Antíoco e seus sucessores. A esse conflito os historiadores denominaram Guerras Macabéias, por causa de Judas Macabeu, filho de Matatias. As guerrilhas judaicas lutaram contra seus governantes helenistas desde 166 até 143 a.C. Matatias convocou todo o mundo “que tiver o zelo da Lei e quiser manter firme a Aliança” (1 Macabeus 2:27) para unir-se à luta. Não sabemos ao certo quantos judeus lançaram sua sorte com os macabeus, mas os rebeldes pareciam contar com amplo apoio popular. Dizem-nos que o exército de Antíoco massacrou 1.000 guerreiros judeus porque se recusaram a lutar no sábado (1 Macabeus 2:29-38). Este desastre levou os macabeus a relaxar sua observância do sábado, pelo menos enquanto durasse a guerra.

Josefo e outros historiadores da época notam que um grupo chamado *hassidim* juntou forças com os macabeus. Os *hassidim* eram “homens valorosos de Israel, cada um deles apegado à Lei” (1 Macabeus 2:42). Evidentemente os *hassidim* (em hebraico, “santos”) piedosamente se devotaram a observar a Lei de Moisés. Desejavam o direito de obedecer a esta Lei em sua terra natal novamente, mas não estavam interessados em restabelecer um estado político judaico para alcançar esse fim. No ano 163 a.C., Judas Macabeu persuadiu o rei Demétrio a dar uma vez mais liberdade religiosa aos judeus, e os *hassidim* em breve pararam de lutar. Mas Alcimo, o novo sumo sacerdote, ordenou a execução de 60 *hassidim* como retaliação pelo êxito dos macabeus, o que levou os *hassidim* a pegar em armas uma vez mais (1 Macabeus 7:13-20).

Enquanto se arrastavam as Guerras Macabéias, os rebeldes judeus readquiriram mais e mais da Palestina. Jônatas, sucessor de Judas, fez um novo tratado com Roma para garantir a intervenção romana se os sírios lançassem uma guerra geral contra os judeus. Por fim, os macabeus controlaram a maior parte da Terra Prometida, e nomearam a Simão seu “chefe e sumo sacerdote para sempre, até que surgisse

um profeta fiel" (1 Macabeus 14:25-49). Em assim fazendo, estabeleceram a família de Simão como uma nova linha de sacerdotes.

B. Os Asmoneus. Os descendentes de Simão foram conhecidos como a "casa de Asmon", ou os asmoneus. João Hircano, terceiro filho de Simão, nomeou a si próprio rei e sumo sacerdote em 135 a.C., dando início a uma nova dinastia judaica que duraria até à invasão romana da Palestina.

Antíoco IV morreu numa campanha contra os romanos em 128 a.C. A morte do rei deu aos judeus carta branca para se governarem na Palestina. Restabeleceram o sistema sacrificial determinado pela Lei de Moisés, esperando introduzir uma nova idade áurea em Israel. Mas a Tora não era diretamente o padrão para o novo estado judaico. Pelo contrário, o povo seguiu as tradições orais, recebidas dos rabinos que haviam ensinado aos seus antepassados durante o Exílio. No decurso de 600 anos, os judeus da *Diaspora* haviam desenvolvido muitas diferentes interpretações da Lei, adaptadas às situações em que viviam. Na Palestina, essas idéias conflitantes agora estavam em franco confronto. Esse estado de coisas preparou o ambiente para o judaísmo do Novo Testamento.

Pompeu, general romano, invadiu a Palestina no ano 63 a.C. (Veja o capítulo 4, "Os Romanos".) Ele capturou Jerusalém e transformou os asmoneus em títeres de Roma. Os asmoneus continuaram a servir nesse teor até 47 a.C., quando os romanos permitiram que Antípatro assumisse o controle da Judéia. Antípatro dividiu os cargos de sacerdote e rei, tornando-se o primeiro governante numa linha de reis conhecidos como herodianos.

SEITAS JUDAICAS NOS TEMPOS DO NOVO TESTAMENTO

Quando Jesus nasceu, os judeus da Palestina dividiam-se em três principais facções: fariseus, saduceus e essênios. Em cada um desses partidos, pequenos grupos congregavam-se ao redor dos ensinos de determinado rabi ou de sua escola rabínica. Assim, ao analisar os três principais partidos do judaísmo do Novo Testamento devemos lembrar-nos de que os judeus de cada grupo possuíam ampla variedade de opiniões.

A. Fariseus: Especialistas da Lei. Os *fariseus* surgiram do antigo partido dos *hassidim*, no tempo de João Hircano. Os fariseus eram mestres da interpretação das tradições orais dos rabis. Quase todos provinham de famílias de artífices e mercadores da classe média (e.g., o apóstolo Paulo era fabricante de tendas). Exerciam poderosa influência sobre as massas campesinas. Josefo observou que quando o povo judeu enfrentava uma decisão importante, eles se apoiavam na

opinião dos fariseus de preferência à do rei ou à do sumo sacerdote (*Antigüidades*, Livro XII, Cap. X, Sec. 5). Visto que o povo confiava neles, os fariseus eram escolhidos para os altos postos do Governo, incluindo o Sinédrio. Josefo calcula que apenas 6.000 fariseus viviam na Palestina no tempo de Jesus, por isso precisavam do apoio popular. Talvez fosse por isso que temiam a capacidade de Jesus de atrair grandes multidões.

Os fariseus ensinavam que os justos viveriam de novo após a morte (Atos 23:8), ao passo que os maus seriam castigados eternamente. Eram poucos os demais grupos judeus que aceitavam esse ponto de vista. Pelo contrário, a maioria esposava a idéia greco-persa de que a morte separava de modo permanente a alma do corpo.

Esse conflito religioso talvez ajude também a explicar por que as multidões seguiam a Jesus. Ele era um carpinteiro pobre, não obstante ensinava a Lei com autoridade (Mateus 7:28-29); além do mais, ensinava que os mortos tornariam a viver (Lucas 14:14; João 11:25). Os ensinos de Jesus acerca da comida (Marcos 7:1-9), do respeito aos mais

O Sinédrio. Durante a maior parte do período romano, o governo interno da Judéia era controlado pelo Sinédrio, o supremo tribunal dos judeus. O Sinédrio, um grupo de anciãos, presidido pelo sumo sacerdote, podia decretar a pena capital até cerca de quarenta anos antes da destruição de Jerusalém. Depois dessa época, ele não podia executar a sentença de morte sem confirmação do procurador romano, razão pela qual Jesus teve de ser julgado perante Pilatos (João 18:31-32).



velhos (Marcos 7:10-13), e da guarda do sábado (Mateus 12:24-32) concordavam com os dos fariseus. Também, com freqüência Jesus falava de anjos, de demônios e de outros espíritos, como os místicos judeus haviam descrito. Isso atraía o interesse do povo.

B. Saduceus: Guardiões da Tora. Depois que os macabeus expulsaram os sírios da Palestina, os judeus helenistas trataram de ocultar-se. Já não era seguro um erudito judeu endossar idéias gregas. Não obstante, esses intelectuais judaicos continuaram a aplicar sua lógica aos problemas do dia, e formaram uma nova seita judaica conhecida como *saduceus*.

Não sabemos ao certo o significado primitivo da palavra *saduceu*. Crê a maioria dos eruditos que ela deriva da palavra hebraica *saddig* ("justo") ou que vem do nome sacerdotal Zadoque, uma vez que os saduceus estavam ligados ao sacerdócio do templo.

Os saduceus rejeitavam a tradição oral dos rabis. Aceitavam somente a Lei escrita de Moisés, e condenavam qualquer ensino que não se baseasse nessa Palavra (Josefo, *Antigüidades*, Livro XIII, Cap. X, Sec. 6). Viam nos ensinos dos fariseus influências persas e assírias em demasia, e achavam que os fariseus eram traidores da tradição judaica. Rejeitavam a crença em anjos, demônios e ressurreição, ensino dos fariseus (Mateus 22:23-32; Atos 23:8). Daí a oposição deles a Jesus por concordar ele com os fariseus (Mateus 22:31-32).

Os saduceus adotaram as crenças do filósofo grego Epicuro, segundo o qual a alma morre com o corpo (Josefo, *Antigüidades*, Livro XVIII, Cap. II, Sec. 4). Ensinavam que cada indivíduo é senhor de seu próprio destino.

Os saduceus gostavam de debater questões de teologia e de filosofia — outro indício do interesse deles pelos gregos. Suas idéias sofisticadas não atraíam as massas, por isso em política tinham de se unir com os fariseus. Na realidade, não fosse um estranho capricho dos eventos da política judaica, os saduceus podiam ter desaparecido do mapa antes dos tempos do Novo Testamento.

Os fariseus opuseram-se à decisão de João Hircano de tornar-se sumo sacerdote, porque ouviram dizer que sua mãe fora estuprada durante o reinado de terror de Antíoco IV. Hircano provou tratar-se de uma mentira, mas o tribunal farisaico puniu o mentiroso com apenas algumas chibatadas. Isso enraiveceu a Hircano, que passou a apoiar os saduceus.

Alexandre Janeu (104-78 a.C.), filho de Hircano, havia estudado sob a orientação de tutores gregos em Roma. Simpatizava com as idéias gregas e secretamente favorecia os intelectuais saduceus. Josefo relata que Janeu embriagou-se na Festa dos Tabernáculos em determinado ano e fez uma oferta de água em seus próprios pés, em vez

A Colônia Judaica de Elefantina

"Naquele dia o Senhor terá um altar no meio da terra do Egito, e uma coluna se erigirá ao Senhor na sua fronteira" (Isaias 19:19). Esta profecia cumpriu-se, pelo menos em parte, quando soldados sob a bandeira do rei Assurbanipal da Assíria atacaram o Egito em 663 a.C. Entre as forças assírias estavam centenas de judeus mercenários — soldados conhecidos por sua bravura e por sua lealdade ao Deus vivo.

Esses homens gozavam ao máximo as liberdades da vida civil. Casavam-se, criavam famílias, e entravam para a política e para os negócios locais. Com o tempo, alguns se tornaram preeminentes homens de negócios, envolvidos no comércio de marfim que deu a Elefantina o seu nome.

Suas fileiras se incharam em 587 a.C., quando Nabucodonosor devastou Jerusalém após uma revolta aí e levou seus habitantes para o exílio. Muitos judeus fugiram para o Egito durante esse trágico período, e muitos se sentiram felizes por encontrar uma florescente comunidade judaica aguardando-os em Elefantina. Nessa ocasião, havia até um templo magnífico na cidade-ilha.

O templo fora construído por volta do ano 600 com grande custo. Era um edifício impressionante que incluía enormes colunas de pedra. No interior, estavam armazenadas tigelas de prata e de ouro. Esses vasinhos só deviam ser usados na adoração de Yahweh.

Embora Yahweh continuasse a ser supremo na adoração dos judeus egípcios, ele chegou a ser considerado como um dos

muitos deuses. Nos últimos tempos, acreditavam que as deusas Esem-betel e Anat-betel partilhavam o templo com ele. Presume-se que essas eram consideradas suas esposas; a introdução delas no culto provavelmente se originou dos casamentos mistos dos próprios judeus com a população local.

Os sacerdotes do deus Khnum destruíram o templo de Elefantina em 410 a.C. Os judeus apelaram para Jerusalém pedindo ajuda para a reconstrução, mas ficaram surpresos com a censura que receberam. Os sacerdotes de Jerusalém consideravam a existência de um segundo templo como quase blasfêmia. A despeito da ausência de um templo, a comunidade judaica de Elefantina prosperou até pouco tempo depois de Cristo. Com a propagação do Cristianismo, ela simplesmente desapareceu. A atual cidade de Assuã foi construída em grande parte com materiais rastros do sítio de Elefantina.

É interessante notar que as mulheres de Elefantina gozavam melhor posição social do que em qualquer outra parte do mundo hebreu. Elas podiam, por exemplo, divorciar-se, e recusar-se a casar. Na maioria da sociedade judaica da época não se ouvia falar dessas práticas.

Os arqueólogos têm descoberto dezenas de manuscritos de papiro em Elefantina, indicadores valiosos das transformações da escrita hebraica durante o período intertestamentário. Os manuscritos revelam que os escritores judeus foram fortemente influenciados pelo aramaico e (mais tarde) pelas técnicas dos copistas gregos.

de fazê-lo sobre o altar. (Talvez fosse este o modo de Janeu mostrar o desprezo que devotava aos fariseus, que derramavam água sobre o altar para simbolizar a necessidade de chuva.) Irrompeu um levante, os soldados de Janeu restabeleceram a ordem mas somente após a morte de 6.000 pessoas (Josefo, *Antigüidades*, Livro XIII, Cap. V, Sec. 13). Os fariseus travaram uma amarga guerra civil contra Janeu (94-88 a.C.), a qual terminou com o rei asmoneu crucificando os líderes fariseus e 800 de seus adeptos.

Salomé, esposa de Hircano, foi mais tolerante para com os fariseus durante seu reinado (78-69 a.C.), mas os fariseus e os saduceus jamais se esqueceram desse sangrento episódio.

C. Essênios: Radicais Justos. Os essênios também surgiram do movimento conhecido como *hassidim*. Diz Josefo que havia dois gru-

Os Herodes

A casa dos Herodes exerceu o controle de Roma na Palestina durante o tempo de Cristo e da fundação da igreja cristã. Essa família governou de maneira tirânica — e ansiada violenta — por cerca de cem anos.

A família que se tornou conhecida como os Herodes era de origem iduméia. (A Iduméia era uma região situada ao Sul de Belém e de Jerusalém, habitada por edomitas — antigos judeus que se recusaram a "habitar a terra" de Canaã.) O líder macabeu João Hircano I conquistou os idumeus cerca de 126 a.C. e obrigou-os a aceitar o judaísmo ortodoxo. Os Herodes governaram a Iduméia quando a dinastia macabéia começou a perder o controle da Palestina.

A família macabéia havia conduzido os judeus numa luta heróica para livrar-se do governo estrangeiro. Contudo, intrigas políticas e ciúmes domésticos entre os macabeus deixaram o estado judeu numa condição enfraquecida, tornando-o presa fácil de Roma. O último governante forte da linha dos macabeus (mais tarde chamados asmoneus) foi Alexandre Janeu. Ao morrer (c. 78 a.C.), ele deixou o reino para sua viúva, Alexandra Salomé. Ela no-

meou seu filho mais velho, João Hircano II, sumo sacerdote, na esperança de prepará-lo para o trono. Mas Alexandra enfermou-se subitamente e morreu, e Aristóbulo, seu filho mais novo, proclamou-se rei. Os Herodes tiraram vantagem dessa confusa situação.

Antípatro I da Iduméia, pai de Herodes o Grande, era astuto, rico e ambicioso. Aliou-se a João Hircano II num golpe para derrubar Aristóbulo. Eles atraíram os romanos para a luta e venceram. Antípatro reintegrou Hircano II como sumo sacerdote, e Júlio César, mais tarde, nomeou Antípatro governador da Judeia.

Antípatro deu a dois de seus filhos postos no governo — Fassel foi nomeado prefeito (governador) de Jerusalém e Herodes governador da Galileia. Herodes o Grande era inteligente, galante, e estadista competente. A semelhança do pai, era ambiciosíssimo. Mas o Sinédrio voltou-se contra o novo governador quando este executou alguns judeus sem consentimento oficial; na verdade, exigiram a sua morte. Ele apelou para o governador romano da Síria, que rejeitou as acusações dos judeus e estendeu o campo de governo de Herodes até Cele-Síria e Samaria.

pos de essênios (*Guerras*, Livro II, Cap. VIII, Sec. 2), ao passo que Hipólito, bispo do terceiro século, afirma haver quatro. Pode ter havido até mais.

O nome *essênio* procede de uma palavra hebraica que significa "pio", "santo". Embora outros judeus os chamassem por esse nome, é provável que os próprios essênios rejeitassem o rótulo. Não se consideravam especialmente santos ou pios; viam-se, porém, como depositários de misteriosas verdades que governariam a vida de Israel quando o Messias chegasse.

Crê a maioria dos essênios que os Documentos de Zadoque, encontrados numa sinagoga do Cairo cerca de 1896, foram escritos por um grupo essênio. Esses manuscritos descrevem a batalha final entre o Bem e o Mal, que prepararia o caminho para o Messias.

Os essênios planejavam manter em segredo esse tipo de informação até ocasião oportuna. Provavelmente se identificam com o *maskilim* ou "aqueles que entendem", os que o profeta Daniel disse que guiariam os judeus em momentos de desolação (Daniel 11:33; 12:9-10).

A maior parte dos essênios vivia em comunidades em áreas desertas. Outros viviam num quarteirão de Jerusalém e havia até uma Port

Quando Cássio, um dos assassinos de Júlio César, passou a governar o setor oriental do Império Romano, Herodes e seu pai Antípatro prestaram-lhe total cooperação. Muitos grupos judaicos oponham-se ao governo deles, e Antípatro morreu envenenado em 43 a.C., logo depois de haver pago um grande tributo a Cássio.

Então Marco Antônio assumiu o controle das províncias orientais, e os dirigentes judeus denunciaram Herodes como tirano. Mas Antônio confirmou Herodes e Fasael como tetrarcas (isto é, cada um governava um quarto da região) da Judeia.

No ano 40 a.C., Antígo (sobrinho de João Hircano I) e líder asmoneu depôs Herodes e proclamou-se rei da Judeia. Ordenou a seus homens que cortassem as orelhas de Hircano II, de sorte que ele não mais pudesse ser sumo sacerdote. (A lei proibia a uma pessoa mutilada servir como sacerdote.) Herodes pediu auxílio a Antônio. Otaviano e Antônio aconselharam o senado romano a nomear Herodes rei dos judeus, mas a reconquista de seu reino tornou-lhe três anos de dura peleja. Desse tempo até sua morte 33 anos mais tarde,

Herodes governou seus domínios como leal aliado de Roma.

Quando Otaviano derrotou a Antônio e Cleópatra em Ácio no ano 31 a.C., Herodes sabiamente submeteu seu reino ao novo senhor. Otaviano confirmou Herodes como rei da Judeia e ainda adicionou mais território ao seu domínio.

Herodes o Grande teve no total dez esposas — Dóris, Mariana I, Mariana II, Maltace, Cleópatra, Palas, Fedra, Elpis, e duas cujos nomes são desconhecidos (nessa ordem). Ao todo, elas lhe deram no mínimo quinze filhos.

Herodes divorciou-se de Dóris a fim de casar-se com Mariana (conhecida historicamente como Mariana I). Ela era membro da família asmoneia, e Herodes esperava obter status político por meio desse casamento. Por fim, Herodes ordenou a seus homens que executassem Mariana I e seu avô João Hircano II, exterminando, assim, a família dos asmoneus.

Herodes, o Grande, tentou conquistar o favor dos judeus reconstruindo-lhes o templo numa escala magnífica. Mas também construiu templos dedicados a deuses pagãos. O povo judeu ressentia-se da linhagem iduméia de Herodes e de seu

dos Essênios. Praticavam ritos esmerados para purificar-se física e espiritualmente. Seus escritos (isto é, os Pergaminhos do Mar Morto, que a maioria dos estudiosos considera essênios), mostram que eram muito cuidadosos no evitar corromper-se pela sociedade que os circundava, na esperança de que Deus lhes honrasse a fidelidade. Chamavam a seu dirigente de Mestre de Justiça.

Os Pergaminhos do mar Morto não identificam as pessoas que viveram na comunidade de Qumran, onde os rolos foram escritos, mas Plínio, historiador romano, disse que esta área era a sede da seita essênia. Em 1947 um jovem pastor beduíno atirou uma pedra numa caverna em Khirbet Qumran (na costa noroeste do mar Morto) e ouviu o ruído da quebra de um vaso de barro. O rapaz entrou na caverna e encontrou diversos vasos contendo manuscritos antigos. Os eruditos os identificaram como o livro de Isaías, um comentário sobre Habacuque, e diversos documentos que continham os ensinos da seita de Qumran. Finalmente, encontraram onze cavernas com rolos e fragmentos antigos. Das cavernas recolheram-se fragmentos ou cópias de todos os livros do Antigo Testamento, exceto o de Ester. A maioria dos manuscritos datava do tempo dos macabeus. Essa descoberta

casamento com a samaritana Maltace.

Os últimos anos da vida de Herodes foram lúgubres e cheios de angústia; deteriorou-se mental e fisicamente. Seu louco ciúme levou-o a ordenar várias execuções. Dentre as vítimas estavam três de seus filhos — Antípatro II, Alexandre, e Aristóbulo I.

A morte de Herodes em 4 a.C. introduziu na Judéia uma nova era. Pouco antes de sua morte, Herodes concedeu formalmente ao imperador romano poder para supervisar seu reino. (Roma havia sido o verdadeiro governante da Palestina desde o destronamento de Aristóbulo em 63 a.C., mas agora exercia seu controle mais diretamente.) Em seu testamento, Herodes o Grande dividiu o reino entre três de seus filhos. Arquelau recebeu a Judéia, Samaria e a Iduméia; Antípas II recebeu a Galileia e a Péréia, e Herodes Filipe II recebeu os territórios nordestinos.

Herodes Arquelau governava "em lugar de seu pai Herodes" (Mateus 2:22), embora sem o título de rei. Ele era o filho mais velho que Herodes teve com Maltace e possuía a pior reputação de todos os filhos de Herodes. Ele enraiveceu os judeus casando-se com Glafira, viúva de seu

meio-irmão Alexandre. Judeus e samaritanos, que eram rivais, enviaram uma delegação conjunta a Roma, ameaçando revoltar-se se Arquelau não fosse removido. Por conseguinte, no ano 6 d.C. ele foi deposto e banido. A Judéia tornou-se, então, província romana, administrada por governadores nomeados pelo imperador.

Herodes Antípas II era o filho mais moço de Herodes e Maltace. Os Evangelhos retratam-no como totalmente imoral. Divorciou-se de sua primeira esposa para casar-se com Herodias, esposa de seu meio-irmão Herodes Filipe I; visto que Herodias era também sua sobrinha, essa união era duplamente pecaminosa. Ele mandou prender João Batista por denunciar tal casamento (Marcos 6:17-18). Herodias fez pleno uso da promessa do marido de dar à sua filha (possivelmente Salomé II) qualquer coisa que ela desejasse (Marcos 6:19-28). Ela pediu num prato a cabeça de João Batista, e Antípas mandou decapitá-lo. Todavia, Herodes Antípas II foi o mais capaz dos filhos de Herodes; no ano 22 d.C. ele construiu a cidade de Tiberíades junto ao mar da Galileia. O im-

despertou o interesse dos arqueólogos pelas ruínas de Khirbet Qumran, onde encontraram uma espaçosa sala para copiar manuscritos.

Os estudiosos ainda debatem se os habitantes de Qumran eram realmente essênios, visto que seus escritos, em diversos pontos, discordam dos ensinos essênios conhecidos. Crêem alguns que os fariseus que fugiram à fúria de Janeu (88 a.C.) estabeleceram-se em Qumran. (Um comentário sobre o livro de Naum, encontrado em Qumran, parece referir-se ao estilo de vida dos fariseus.) Outra explicação dos ocasionais afastamentos da linha central dos ensinos essênios é que o povo de Qumran não passava de um grupo essênio dissidente.

D. Zelotes. A invasão da Palestina por Pompeu em 63 a.C. destruiu as esperanças dos judeus de restaurar seu próprio governo, mas alguns grupos insistiam, obstinadamente, em que os judeus deviam repelir os invasores romanos. Esses "zelotes" tentaram instigar rebeldia entre os judeus.

O líder zelote mais conhecido foi Judas, o galileu (Atos 5:37). Quando Augusto convocou toda a população do império "para recensear-se" (Lucas 2:1), Judas liderou uma revolta malfadada contra os romanos. Josefo observou que este foi o começo dos conflitos dos

perador Calígula exiliou-o em 39 d.C., depois de Herodes Agripa I o haver acusado de conspirar contra Roma.

Herodes Filipe II foi diferente do restante do clã herodiano, pois era sério, moderado e justo. Governou durante trinta e sete anos como "tetrarca da região da Ituréia e Tracomites" (Lucas 3:1). Casou-se com Salomé II, filha de Herodes Filipe I, seu meio-irmão.

Herodes Agripa I era filho de Aristóbulo I e neto de Herodes o Grande. Em 37 d.C. o imperador Calígula concedeu a Agripa o título de rei, e territórios no Nordeste da Palestina. Com o banimento de Antípaso II em 39 d.C., a Galileia e a Peréia passaram para o reino de Agripa. Mais tarde o imperador Calígula ampliou o território de Agripa dando-lhe a Judéia e a Samaria em 41 d.C. Agripa I mandou matar o apóstolo Tiago e perseguiu a igreja primitiva. Por causa de sua arrogância, Deus tirou-lhe a vida (Atos 12). Dentre seus filhos estavam Berenice II, Herodes Agripa II, e Drusila (que se casou com Félix, governador romano da Judéia — cf. Atos 24:24).

O imperador Cláudio concedeu a Herodes Agripa II o título de rei, e territórios

no Norte e Nordeste da Palestina; esses territórios foram ampliados pelo imperador Nero em 56 d.C. A relação incestuosa do rei com sua irmã Berenice II foi um escândalo entre os judeus; o Novo Testamento menciona que ele e Berenice ouviram Paulo (Atos 25:13—26:32). Ele insistiu com seus compatriotas para que permanecessem leais a Roma durante as revoltas judaicas; com a queda da nação, mudou-se para Roma onde morreu cerca de ano 100 d.C.

Herodes Filipe I era filho de Herodes o Grande e Mariana II. Durante algum tempo ele esteve incluído no testamento de Herodes; mais tarde, porém, o rei revogou essa concessão. Filipe permaneceu como um cidadão qualquer e a história de sua vida não é clara. Sua esposa, Herodíada, deixou-o e foi viver com Antípaso II, meio-irmão de Filipe (cf. Marcos 6:17-18).

Cristo, os apóstolos e os primeiros cristãos viveram durante os dias turbulentos dos Herodes. Embora os Herodes tivessem construído muitos esplêndidos edifícios e fortalecido militarmente a Judéia, o veredito de seus súditos dizia que eles eram culpados — de opressão, de tirania, e de ônus ao grau máximo.

judeus com o Império Romano, que terminou com a destruição do templo em 70 d.C. (*Antigüidades*, Livro VIII, Cap. VIII).

Judas e seus seguidores ressentiram-se de qualquer controle estrangeiro. Sua maneira de pensar provavelmente inspirou a pergunta que um fariseu formulou a Jesus: "é lícito pagar tributo a César, ou não?" (Marcos 12:14).

Durante o tempo em que Félix serviu como procurador da Judéia (52-60 d.C.), os zelotes formaram um grupo radical conhecido como os sicários ("gente da adaga"). Os sicários circulavam pelas multidões durante os festivais e matavam os simpatizantes romanos com adagas que eles traziam ocultas sob as vestes.

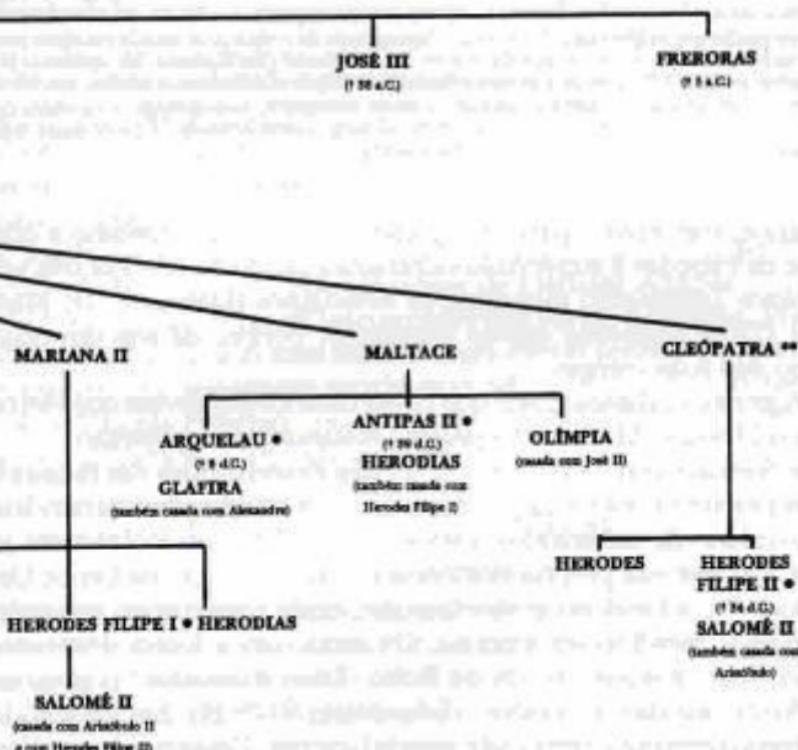
No decorrer da guerra com Roma (66-70 d.C.), os sicários escaparam para a antiga fortaleza judaica em Masada e estabeleceram ali seu quartel-general. Dois anos após a queda de Jerusalém, uma legião romana sitiou Masada. Não querendo morrer nas mãos dos gentios, os sicários mataram-se uns aos outros e a suas famílias — ao todo 960 pessoas.

E. Herodianos. Os herodianos foram outra seita judaica que surgiu no período romano. Tratava-se de um grupo político que incluía judeus de várias seitas religiosas. Apoiavam a dinastia de Herodes o

ÁRVORE GENEALÓGICA DOS HERODES (simplificada)

© Thomas Nelson, Inc.





* Também casado com outras duas esposas de menor importância: Palas, Peda, Elpia, e duas desconhecidas.

Esse gráfico reúne os descendentes de Herodes saindo das duas primeiras esposas.

** Isto é a Cleópatra de Egipto.

* Desconhecida.



Tetradracma de Bar-Kochba. Após a queda de Jerusalém no ano 70 d.C., muitos grupos de judeus continuaram a pelejar contra os romanos, ajudando a reconquistar sua independência. Simão Bar-Kochba proclamou-se Messias e declarou a independência da Judeia. Esta moeda macabéia mostra a fachada do templo e traz a legenda *Simeon*, isto é, Simão (Bar-Kochba). Ele apoderou-se de Jerusalém em 132 d.C., mas os romanos retomaram a cidade e sufocaram a rebelião em 135 d.C. A terra foi profanada e despojada; os judeus foram torturados, assassinados, e vendidos como escravos no mercado aberto; e o sítio do templo se tornou terra arrasada. A partir desse tempo, Jerusalém se tornou cada vez mais uma cidade gentia.

Grande; com efeito, pareciam preferir o governo autônomo e opressivo de Herodes à supervisão estrangeira dos romanos. Por três vezes o Novo Testamento menciona os herodianos (Mateus 22:16; Marcos 3:6; 12:13); nenhuma dessas passagens, porém, dá-nos um quadro claro das suas crenças.

Alguns estudiosos crêem que os herodianos pensavam que Herodes era o Messias. Mas não há prova substancial dessa opinião.

F. Samaritanos. Os samaritanos eram descendentes dos judeus que permaneceram na Palestina depois que os assírios derrotaram Israel. Provinham de casamentos mistos entre judeus e colonizadores assírios, daí que sua própria existência era uma violação da Lei de Deus. Adoravam a Deus no monte Gerizim, onde construíram seu próprio templo e sacrificavam animais. Os samaritanos foram desprezados pelos judeus que voltaram do Exílio. Eram chamados "o povo estúpido que habita em Siquém" (Eclesiástico 50:25-26). Em 128 a.C. João Hircano destruiu o templo do monte Gerizim. Desse ponto em diante, judeus e samaritanos verdadeiramente não se davam (cf. João 4:9).

De certo modo, Jesus também se manteve à distância dos samaritanos. Ele disse aos discípulos que não se dirigissem aos gentios nem entrassem nas cidades de Samaria (Mateus 10:5-7). Ele ignorou a prática samaritana de adorar somente no monte Gerizim (João 4:19-24). Não obstante, Jesus se dispôs a visitar uma aldeia samaritana (Lucas 9:52) e conversou com uma mulher samaritana (João 4:7-42). Sua pa-

rábola acerca do Bom Samaritano sugere que em sua opinião os samaritanos podiam ser mais fiéis à Lei do que os judeus (Lucas 10:25-37). Quando Jesus curou os dez leprosos, o que voltou para agradecer-lhe era samaritano (Lucas 17:11-19). E, ao enviar os discípulos em sua missão de pregar o evangelho, ele os enviou especificamente à terra de Samaria (Atos 1:8).

G. Seguidores de João Batista. João Batista nasceu de um casal idoso descendente da família sacerdotal de Arão. Alguns estudiosos crêem que João foi para o deserto morar com os essênios quando seus pais morreram (cf. Lucas 1:80). É mais provável que seus pais o tivessem levado para o deserto a fim de escapar à chacina dos meninos judeus ordenada por Herodes (Mateus 2:16). Em todo o caso, os essênios podem ter influenciado a família de João.

João proclamava que o Messias estava prestes a aparecer em Israel, e desafiava o povo a preparar-se para a vinda do Redentor. Essa mensagem atraiu a atenção do povo comum, que vinha a João para receber o batismo. Herodes, porém, temia que João estivesse tentando inspirar rebelião (Josefo, *Antigüidades*, Livro XVIII, Cap. V, Sec. 2).

O ensino de João parecia, deveras, revolucionário. Ele admoestava seus seguidores a repartir o alimento e a roupa (Lucas 3:11). Condenava o casamento de Herodes com sua cunhada enquanto o irmão dele ainda vivia. Não tinha medo de desafiar o *status quo* político. Finalmente foi executado sob as ordens de Herodes Antípata.

Muitos dos seguidores de João acreditavam ser ele o Messias. Muito embora não formassem uma seita no mais estrito sentido da palavra, constituíam um importante movimento religioso nos dias de Jesus. No atual Oriente Próximo, uma pequena seita conhecida como "mandeanos" alega descender dos seguidores de João Batista.

REAÇÃO DE JESUS ÀS SEITAS

Por volta do primeiro século, as seitas de Israel haviam mudado o caráter da fé judaica. O caminho reto e estreito que Deus havia proposto a Israel havia-se tornado um caminho sinuoso através do misticismo Oriental, do humanismo grego e das tradições ritualísticas. Jesus procurou "endireitar" a confusão das seitas judaicas. Ele gastou muito de seu tempo combatendo as idéias mal-orientadas desses grupos. Jesus confrontou essas fontes tradicionais de autoridade com uma verdadeira compreensão da Lei. Ele trouxe a Israel a salvação e o amor de Deus, juntamente com sua autoridade; refutou as alegações de justiça, que cada grupo fazia, declarando que todas as seitas eram pecadoras.

Jesus disse que nossa justiça deve exceder à dos fariseus (Mateus

100 O Mundo do Novo Testamento

5:20). Advertiu seus discípulos: "acautelai-vos . . . do fermento [a doutrina] dos fariseus e saduceus" (Mateus 16:6). Denunciou os escribas e os fariseus por sua hipocrisia e justiça própria (Mateus 23:1-36). Censurou especialmente os fariseus por seus métodos superficiais de observar o sábado (Marcos 2:23-3:6).

Repetidas vezes Jesus desafiou as autoridades religiosas do seu tempo. Disse que veio não para abolir a lei, mas para cumpri-la — sugerindo que os fariseus e os saduceus já haviam tentado abolir a Lei pelas interpretações que lhe davam.

O Novo Testamento nunca mostra Jesus falando diretamente com os essênios. Mas é possível que o próprio sistema de autoridade deles tivesse substituído a autoridade de Deus e do Messias vindouro, como o haviam feito outras seitas judaicas. Eles necessitavam ouvir a mensagem de verdade apresentada por Jesus, não menos do que os demais judeus.

Jesus Cristo



Novo Testamento é a única fonte de informação substancial do primeiro século que temos a respeito da vida de Jesus. A literatura judaica ou romana daquele tempo quase não o menciona.

Flávio Josefo, historiador judeu do primeiro século, escreveu um livro sobre a história do judaísmo, procurando mostrar aos romanos que essa religião realmente não se distanciava muito do estilo de vida grego ou romano. Disse ele:

"Ora, havia por esse tempo Jesus, um homem sábio, se for legítimo chamá-lo de homem, pois ele era um operador de obras maravilhosas, um mestre de quem os homens recebem a verdade com prazer. Atraiu para si muitos dos judeus e muitos dos gentios, ele era [o] Cristo. E quando Pilatos, por sugestão dos principais homens dentre nós, condenou-o à cruz, os que o amavam a princípio não o abandonaram; pois ele apareceu-lhes vivo de novo no terceiro dia; conforme haviam predito os profetas divinos essas e dez mil outras coisas maravilhosas concernentes a ele. E o grupo de cristãos assim chamado em virtude de seu nome, não se extinguiu até hoje."¹

Suetônio, biógrafo romano, escreveu durante o reinado de Nero:

"O castigo [por Nero] era infligido aos cristãos, uma classe de homens dados a uma nova e nociva superstição."²

Tácito, notável historiador do segundo século, observou que Nero tentou lançar sobre os cristãos a culpa pelo incêndio de Roma. "Mas a perniciosa superstição, reprimida por algum tempo, irrompeu de novo", escreveu ele, "não só através da Judéia, onde o mal teve origem, mas também através da cidade de Roma. . . ."³

Luciano, escritor romano, escarneceu dos cristãos e descreveu Cristo como "o homem que foi crucificado na Palestina porque introduziu esta nova seita no mundo".⁴

Tenha em mente o leitor que essas observações acerca de Cristo e do Cristianismo procederam de homens hostis ao Cristianismo e de-



Belém. Esta pequena cidade situada 10 km ao sul de Jerusalém foi o local do nascimento de Davi e de Jesus. Miquéias, profeta do Antigo Testamento, havia predito que o Messias nasceria aqui (Miquéias 5:2).

sinformados a seu respeito. Não obstante, mostram-nos que o Cristianismo estava espalhado por toda a parte no começo do segundo século depois de Cristo, e que a existência histórica de Cristo era aceita como fato, até por seus inimigos. Evidentemente eles o consideravam como um religioso fanático que havia conquistado mais seguidores do que realmente merecia.

Os quatro Evangelhos são nossas únicas fontes principais de informação a respeito de Jesus Cristo. Não apresentam uma biografia de toda a sua vida, mas um quadro de sua pessoa e obra. Desde seu nascimento até seu trigésimo ano, pouquíssima coisa se diz dele. Até mesmo o relato de seu ministério não é completo. Muito do que João sabia e viu, por exemplo, ele deixou de registrar (João 21:25). O que está registrado muitas vezes se comprime em poucos versículos. Todos os Evangelhos dão consideravelmente maior cobertura aos eventos da última semana da vida de Cristo do que a qualquer outra coisa.

Visto que cada escritor desejou acentuar um aspecto um tanto diferente da pessoa e obra de Cristo, os relatos variam nos pormenores. É evidente que os primeiros autores selecionaram os fatos que melhor se encaixavam em seus propósitos, e nem sempre observaram uma ordem estritamente cronológica. (Admite-se, geralmente, que Lucas é quem segue mais de perto a real seqüência dos acontecimentos.) Os Evangelhos são mais interpretações do que crônicas, mas não há motivo para duvidarmos de que tudo quanto declararam seja totalmente verdadeiro.

RELATO DA VIDA DE JESUS

Embora cada Evangelho tenha sido escrito para se firmar em seus próprios méritos, os quatro Evangelhos podem ser transformados numa *harmonia*, ou relato único, da vida de Cristo. Jesus viveu numa sociedade judaica orientada pelo Antigo Testamento e basicamente sob as influências da interpretação que os fariseus davam à Lei. (Veja o capítulo 5, "Os Judeus nos Tempos do Novo Testamento".)

Os judeus dos dias de Jesus viviam na expectativa de grandes acontecimentos. Os romanos os oprimiam, mas eles estavam seguramente convictos de que o Messias viria em breve. Os variados grupos retratavam diferentemente o Messias, mas seria difícil, naquele tempo, encontrar um judeu que vivesse sem alguma forma de esperança. Alguns tinham verdadeira fé e aguardavam ansiosos a vinda de um Messias que seria seu Salvador espiritual — e.g., Zacarias e Isabel, Simeão, Ana, José e Maria (Lucas 1:5; Mateus 1:18ss.). A corações tão fiéis vieram as primeiras ações estimulantes do Espírito preparando-os para o nascimento do verdadeiro Messias de Deus, Jesus Cristo (Lucas 2:27, 36).

Por volta do ano 6 a.C., aproximando-se o fim do reinado de Herodes em Israel, o sacerdote Zacarias oficiava no templo em Jerusalém. Queimava incenso no altar durante a oração vespertina quando lhe apareceu um anjo anunciando para breve o nascimento do primeiro descendente do sacerdote, um menino. Esse filho prepararia o caminho para o Messias; o espírito e o poder de Elias repousariam sobre ele (cf. Lucas 3:3-6). Seus pais deviam chamar-lhe João. Zacarias era um homem verdadeiramente piedoso, mas lhe foi difícil crer no que ouvira; como consequência, ficou mudo até que Isabel (sua esposa) deu à luz. Nasceu o filho, foi circuncidado, e recebeu o nome segundo as instruções de Deus. Depois disso Zacarias readquiriu a voz e louvou ao Senhor; esse hino de louvor é chamado *Benedictus* (Lucas 1:25-28, 67-80).

Três meses antes do nascimento de João, o mesmo anjo (Gabriel) apareceu a Maria. Esta jovem era noiva de José, carpinteiro descendente do rei Davi (cf. Isaías 11:1). O anjo disse a Maria que ela conceberia um filho por obra do Espírito Santo, e que ela daria ao menino o nome de Jesus. Maria, para seu assombro, tomou conhecimento de que embora fosse virgem, teria um filho que era o verdadeiro Filho de Deus e Salvador do seu povo (Lucas 1:32-35; cf. Mateus 1:21). Não obstante, ela aceitou a mensagem com grande mansidão, contente por estar vivendo na vontade de Deus (Lucas 1:38).

Gabriel também lhe disse que sua prima Isabel estava grávida, e Maria apressou-se a partilhar o júbilo mútuo. Ao encontrarem-se as

duas piedosas mulheres, Isabel saudou a Maria como a mãe de seu Senhor (Lucas 1:39-45). Maria também irrompeu num cântico de louvor (*o Magnificat*, Lucas 1:46-56). Maria permaneceu três meses com Isabel antes de voltar para casa.

José, o marido prometido de Maria, ficou totalmente chocado com o que parecia ser o fruto de um terrível pecado (Mateus 1:19). Ele resolveu abandoná-la secretamente. Então, em sonho, um anjo lhe explicou a situação, e instruiu-o a casar-se com Maria, sua pretendida esposa, como planejado.

Jesus nasceu em Belém a cuja cidade os recém-casados foram convocados por ordem do imperador César Augusto (Lucas 2:1). Assim se cumpriu a profecia de Miquéias 5:2.

De todas as partes do império os judeus deviam voltar às cidades de seus antepassados a fim de registrar-se, de sorte que pudessem ser tributados. Esse censo foi levantado ao tempo em que Quirino era governador da Síria, e se fazia pela primeira vez. Chegados a Belém, Maria e José não conseguiram alojamento em parte alguma, exceto num estábulo (talvez uma caverna usada para abrigar o gado). Aí nasceu o eterno Filho de Deus. Foi envolto em fraldas e deitado numa manjedoura. Logo após o seu nascimento, chegaram pastores para ver a criança; os anjos lhes haviam anunciado o nascimento enquanto apascentavam seus rebanhos. A não ser por eles, a raça humana não tinha percebido esse acontecimento.

A. Primeiros Anos. Conhecemos cinco eventos na infância de Jesus. Primeiro, de acordo com a Lei judaica, ele foi circuncidado ao oitavo dia e recebeu o nome de Jesus (Lucas 2:21). É significativo que o imaculado filho de Deus passasse por esse rito que o sujeitava à obediência sob o pacto divino e o identificava com Israel, o povo de Deus.

Segundo, Jesus foi apresentado no templo para selar a circuncisão. Ele também foi "redimido" pelo pagamento dos cinco siclos. Para efeito de sua purificação, Maria fez a oferta dos pobres (cf. Levítico 12:8; Lucas 2:24). A missão de Jesus foi atestada nesta ocasião por duas pessoas piedosas — Simeão e Ana (Lucas 2:25-38).

Terceiro, algum tempo depois, um grupo de "sábios", (talvez sacerdotes ou astrólogos babilônios) apareceu em Jerusalém, inquirindo acerca do nascimento de um "rei dos judeus". Havia visto sua estrela no céu (Mateus 2:2). O cruel Herodes imediatamente ficou alarmado. Informado pelos escribas acerca do local onde devia nascer o Messias, segundo a profecia, ele enviou os magos a Belém, pedindo-lhes que voltassem se porventura encontrassem ali o Messias. Herodes disse que ele, também, desejava adorá-lo. Em realidade, ele desejava localizar o menino Cristo, para que assim pudesse afastar

mais outro rival. Contudo, um anjo avisou aos magos que não voltassem à presença de Herodes. Antes de chegarem a Belém, a estrela reapareceu e pairou sobre o lugar onde agora moravam Jesus e seus pais (Mateus 2:9).

Quarto, após a partida dos magos, Deus disse a José que fugisse para o Egito com a família. Herodes havia ordenado a execução de todos os meninos de dois anos para baixo, de Belém e das vizinhanças. Em breve Herodes morreu e Deus instruiu a José que voltasse, passando a residir em Nazaré.

O quinto acontecimento foi a viagem de Jesus com seus pais ao templo quando ele tinha doze anos (Lucas 2:41-52). Ali, por ocasião da Páscoa, provavelmente ele foi introduzido no pátio dos homens, ao ser apresentado aos guias religiosos. Diferentemente de seus pares, Jesus voltou ao templo e continuou a discussão com os mestres religiosos (rabinos). Ele estava tão absorto que não viu que sua família havia partido para casa. Em meio à confusão do grande grupo de pessoas com quem tinham viajado, seus pais não se aperceberam de imediato que Jesus não estava com eles. Ao descobrirem sua ausência, voltaram a Jerusalém e o encontraram no templo. Indagado por que ficara para trás, respondeu-lhes Jesus que esta era a casa de seu Pai e ele estava tratando dos seus negócios.

Diz a Bíblia que como jovem, Jesus crescia "em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens" (Lucas 2:52).

João Batista, filho de Isabel, primo de Jesus, devia preparar o caminho para o ministério de Cristo. Ele era conhecido como o "Batista"



Sítio tradicional da tentação. Um velho mosteiro grego ortodoxo pendendo do rochedo sobre Jebel Qaranit, o tradicional monte da Tentação a oeste de Jericó. Qaranit é uma corruptela árabe da palavra latina *quarantana* — quarentena ou "quarenta dias" — em memória do jejum de quarenta dias de Cristo durante sua tentação (Mateus 4:1-11).

A Data do Natal

Há cerca de 2000 anos, num campo nas proximidades de Belém, alguns pastores despertaram espantados por um espetáculo nunca visto ou ouvido antes. Nuvens invernais se despedaçavam enquanto um coro celestial irrompia em majestoso canto. Um anjo proclamou: "Estamos aqui para anunciar o primeiro Natal, que daqui para a frente será celebrado em todo o mundo no dia 25 de dezembro."

Fato? Certamente que não!

Lucas registra que os anjos anunciaram o nascimento do "Salvador, que é Cristo, o Senhor". E é verdade que os pastores receberam esta notícia. Mas foi a declaração feita para 25 de dezembro?

O fato é que o Natal, conforme o conhecemos, é uma invenção um tanto moderna. O dia natalício de Cristo não foi celebrado senão depois de decorridos mais de 300 anos, durante cujo período se perderam os registros exatos de nascimentos (se houvesse tais registros). A igreja primitiva lembrava-se da ressurreição de Cristo dentre os mortos e a celebrava, que era mais importante; mas a igreja demorou para acrescentar o Natal ao rol das datas dignas de reconhecimento.

Lucas pormenoriza a época do nascimento de Cristo citando Augusto como governante imperial de Roma. A história romana mostra que César Augusto nasceu 691 anos após a fundação da cidade de Roma. Lucas 2 diz mais que Quirino era governador da Síria; de novo, graças ao

exaustivo registro de nomes e eventos de Roma, os historiadores têm determinado o que se acredita ser o recenseamento especial que Lucas descreveu. Essas datas têm pequenas discrepâncias; não obstante, a história secular dá-nos quase o ano exato do nascimento de Cristo.

Mas o mês? o dia? O inverno era chuvoso e gelado na Judéia. É improvável que os pastores passassem uma noite de dezembro em campo aberto, sujeitos à chuva e ao vento. Mais provavelmente, o nascimento de Cristo tenha ocorrido na primavera, época em que as ovelhas parem, quando as noites são refrescantes e os pastores ficam acordados, apascentando as ovelhas.

Assim sendo, por que celebramos o nascimento de Cristo no dia 25 de dezembro? Uma festa pagã, *Natalis Invicti*, era uma turbulenta ocorrência celebrada no dia 25 de dezembro, quando o sol entrava no solstício de inverno. Os adoradores do deus sol romano, cheios de entusiasmo arrastavam seus amigos cristãos para a festividade. Em 386 d.C., os dirigentes da igreja estabeleceram a celebração da "Missa de Cristo" ("Vinda de Cristo"), de sorte que os cristãos pudessem participar das atividades festivas sem curvar-se ao paganismo.

Depois de dissolvido o Império Romano, os cristãos continuaram o costume de comemorar o natalício de Cristo em 25 de dezembro. Naqueles tempos, 25 de dezembro parecia mais apropriado do que qualquer outra data.

porque pregava aos seus compatriotas que deviam arrepender-se e ser batizados. João era nazireu (pessoa empenhada em negar a si própria os luxos da sociedade e os confortos humanos em demonstração de seu amor a Deus). Perto dos 30 anos, Jesus procurou a João para ser batizado. Todavia, ele não se arrependeu de nenhum pecado, porque nele não havia pecado. Identificou-se com os pecadores a fim de ser aquele que levaria os pecados deles. Ao sair Jesus da água, o Espírito Santo desceu visivelmente sobre ele em forma de pomba. Pelo menos Jesus e João (e talvez os assistentes também) ouviram a voz de Deus em aprovação de Jesus (Mateus 3:13-17; Marcos 1:9-11; Lucas 3:21-22; João 1:32-33).

O Espírito Santo de imediato conduziu Jesus ao deserto para ser tentado pelo diabo (Mateus 4:1-11; Marcos 1:12-13; Lucas 4:1-13). Jesus

estava a sós com o Pai e com o Espírito Santo enquanto jejuava. Mas o diabo também estava ali, tentando-o (1) a satisfazer sua própria fome, demonstrando por essa forma descer do Pai; (2) apoderar-se do domínio do mundo antes que o Pai lho desse; e (3), provar a Deus para ver se ele salvaria a Jesus de perigo autoconsentido, dessa forma buscando satisfazer a sua obstinação.

B. Ministério Inicial na Judéia. Somente o Evangelho de João descreve esse período da vida de Jesus. João relata primeiro o relacionamento entre Cristo e João Batista. João Batista disse aos representantes das supremas autoridades religiosas que ele não era o Messias, indicando, entretanto, que o Messias estava presente (João 1:19-27). No dia seguinte, vendo que Jesus se aproximava, apontou para ele e disse: "Eis o Cordeiro de Deus. . .", querendo com isso dizer que seus próprios discípulos deviam seguir a Jesus (João 1:35-37).

Jesus começou a arregimentar seus discípulos (João 1:38-51). Como resultado do testemunho de João Batista, João e André foram para Jesus. Pedro tornou-se seguidor como resultado do testemunho de seu irmão. O quarto seguidor, Filipe, imediatamente obedeceu à convocação que Jesus lhe fez. Filipe trouxe Natanael (Bartolomeu) a Cristo, e ao demonstrar Cristo conhecer os pensamentos íntimos de Natanael, este também se uniu ao grupo.

Logo depois Jesus viajou para a Galiléia. Numa festa de casamento em Caná, ele transformou água em vinho (o primeiro milagre registrado). Este gesto mostrou aos discípulos que ele tinha autoridade sobre a natureza. Após um breve ministério em Cafarnaum, Jesus e seus seguidores foram a Jerusalém para a celebração da Páscoa. Aqui, mediante a purificação do templo, ele declarou publicamente ter autoridade sobre a adoração dos homens.⁵ Nessa ocasião Jesus pela primeira vez mencionou sua própria morte e ressurreição: "Destruí este santuário, e em três dias o reedificarei" (João 2:19).

Um dos dirigentes judeus, um fariseu por nome Nicodemos, procurou Jesus à noite para conversar com ele acerca de questões espirituais. A bem conhecida conversação entre ambos concentrou-se na necessidade do novo nascimento (João 3).

Os próximos seis meses encontraram Jesus servindo fora de Jerusalém, mas ainda na Judéia onde João Batista estava trabalhando. Aos poucos as pessoas começaram a deixar João e a seguir a Jesus. Isso aborrecia os discípulos do Batista, mas não o próprio João; sem dúvida, ele regozijava-se com a popularidade do Messias (João 3:27-30).

Perto do fim desses seis meses, o Batista foi lançado na prisão pelo fato de denunciar a Herodes Antípaso por tomar a esposa de seu irmão Filipe (Mateus 14:3-5).

Talvez a prisão de João tenha impelido Jesus para a Galiléia a fim

de ministrar ali. De qualquer maneira, ele foi para lá. No caminho, conversou com uma mulher samaritana, a qual ele encontrou junto a um poço. Evidentemente essa mulher e alguns de seus concidadãos aceitaram a Jesus como o verdadeiro Messias e Salvador — um fato notável (João 4:1-42). (Quanto ao ódio entre samaritanos e judeus, veja o capítulo 5, "Os Judeus nos Tempos do Novo Testamento".)

C. Ministério na Galiléia. A primeira parada de Jesus em sua volta para a Galiléia foi Caná. Aqui ele curou o filho de um nobre. O fervor do nobre persuadiu a Jesus a atender seu pedido (João 4:45-54). Em Nazaré Jesus adorou na sinagoga no sábado. Aqui lhe pediram que lesse (em hebraico) e explicasse (talvez em aramaico) um trecho das Escrituras. A princípio seus compatriotas se alegraram, mas depois ficaram irados quando perceberam que ele se proclamava o Messias. Levaram-no para fora da cidade a fim de o lançarem num precipício, mas Jesus, "passando por entre eles, retirou-se" (Lucas 4:30).

A seguir foi Jesus para Cafarnaum, que parece ter-se tornado seu quartel-general (cf. Mateus 9:1). Aqui ele oficialmente chamou para companheiros de viagem os discípulos Pedro, André, Tiago e João, que parecem ter voltado a seus lares e a suas ocupações. Jesus ensinava na sinagoga aos sábados e curou ali um endemoninhado. Também curou a sogra de Pedro (Mateus 8:14-15; Marcos 1:29-31; Lucas 4:38; cf. 1 Coríntios 9:5). Subseqüentemente reuniu-se uma multidão de gente enferma, "e ele os curava, impondo as mãos sobre cada um" (Lucas 4:40).

Na fase seguinte do ministério de Jesus, ele encontrou grande aceitação entre o povo comum. Agora a missão primária de Jesus era ensinar, de modo que deu as costas àqueles que o queriam acorrentado a um único ponto de ministério de cura (Lucas 4:42-44; cf. Marcos 1:35, 37). O povo aclamava seus milagres e ensinos. Típica de sua obra nesse circuito foi a cura de um leproso (Lucas 5:12-15; cf. Marcos 1:40-45). Esse incidente sublinhou a submissão de Jesus à Lei, sua compaixão pelos homens, e seu interesse em levar os homens à salvação. (Ele ordenou ao leproso que fizesse à longa viagem até Jerusalém e se apresentasse no templo para a purificação prescrita, submetendo-se a Deus.)

De volta a Cafarnaum, Jesus demonstrou sua autoridade de perdoar pecados ao curar um paralítico e convidar a Mateus, um odiado publicano, para tornar-se seu seguidor (Lucas 5:17-28). Mateus respondeu de imediato. Durante uma festa na casa de Mateus, escribas e fariseus criticaram a Jesus e a auto-indulgência dos seus discípulos. Jesus respondeu que eles se regozijavam na presença do Messias e não se deleitavam em auto-indulgência. Jesus fez alusão à sua morte e ao luto que a acompanharia. Mas prometeu que o luto teria curta

duração, porque o espírito do evangelho não poderia limitar-se aos "odres velhos" do legalismo judaico (Lucas 5:29-39).

Durante esse período Jesus começou a enfrentar crescente hostilidade das altas autoridades judaicas. Estando em Jerusalém para uma das festas anuais dos judeus, ele foi atacado por haver curado um paralítico no sábado (João 5:1-16). Dessa forma ele afirmou sua autoridade sobre o sábado, e os judeus de imediato entenderam que se tratava de uma reivindicação de autoridade divina. Jesus disse que ele conhecia a mente de Deus; que ele julgaria o pecado, e ressuscitaria os mortos. Seus críticos salientaram que só Deus pode fazer tais coisas.

De volta à Galiléia, continuou a controvérsia acerca do sábado ao defender Jesus seus discípulos por colherem espigas nesse dia. Por fim, ele reivindicou ser senhor do dia. No sábado curou um homem que tinha a mão direita ressequida. As autoridades religiosas judaicas deram início à trama para destruí-lo (Mateus 12:1-14; Marcos 2:23-3:6; Lucas 6:1-11).

Agora Jesus selecionou doze de seus discípulos que deviam ofi-



Inscrição de Pilatos. Descoberta em 1961 nas ruínas do teatro romano em Cesareia, esta inscrição menciona o nome do imperador Tibério e de Pôncio Pilatos, que serviu como governador da Judéia de 26 a 36 d.C. A mais recente leitura da inscrição é: "Em honra de Júlio Tibério/Marcos Pôncio Pilatos/governador da Judéia."

cialmente levar avante o seu ministério. A nomeação dos Doze inaugurou um novo período no ministério de Cristo, começando com o grande Sermão do Monte. Jesus entregou esta mensagem (também chamada Sermão da Planície) quando descia da montanha com seus recém-nomeados apóstolos (Lucas 6:20-49; cf. Mateus 5:1—7:29).

Lemos agora a respeito de diversos incidentes entremesclados. Talvez no mesmo dia em que proferiu o Sermão do Monte, Jesus curou o servo de um centurião. Este centurião, soldado romano, era simpático para com a religião judaica (Lucas 7:5) e evidentemente aceitou a Jesus como o verdadeiro Messias. O servo foi curado "naquela mesma hora" (Mateus 8:5-13; cf. Lucas 7:1-10).

Em Cafarnaum, talvez cerca de 11 km distante do local do Sermão do Monte, as multidões continuaram a pressionar a Jesus. Para escapar a essa pressão, ele se dirigiu a Naim (e muitos o acompanharam). Na entrada da cidade ele restaurou à vida o filho de uma viúva. Esse incidente provocou o alvoroço da multidão (Lucas 7:11-15).

Por esse tempo vieram da parte de João Batista mensageiros para perguntar a Jesus se ele era realmente o Messias. Ainda preso, João ficara perplexo com o curso do ministério de Jesus; era um ministério pacífico e misericordioso em vez de dramático, conquistador e judicante. Jesus elogiou a João e denunciou as autoridades judaicas que se opuseram a ele — deveras, ele ressaltou que as cidades da Galiléia que ouviram João "não se arrependeram". Não tinham verdadeiramente "vindo a ele" (Mateus 11:20-24; Lucas 7:18-35; cf. 10:12-21).

Em uma das cidades que Jesus visitou (talvez Naim), ele foi ungido por uma mulher pecadora. Ele perdoou-lhe os pecados na presença de seu hospedeiro, Simão o fariseu. Simão ficou escandalizado, mas Jesus estava feliz ao receber o amor da mulher (Mateus 26:6-13; Marcos 14:3-9; Lucas 7:36-50).

Isso nos leva ao segundo giro de Jesus pelas cidades da Galiléia (Lucas 8:1-4). Os Doze e algumas mulheres devotas acompanhavam-no (Maria Madalena; Joana, esposa do mordomo de Herodes; Susana, e "muitas outras"). Foi nessa viagem que ele curou o endemoninhado, e os fariseus o acusaram de estar associado com o diabo. Por isso, Jesus os censurou vigorosamente (Mateus 8:28-34; Marcos 5:1-20; Lucas 8:26-39). Ele acentuou a bem-aventurança dos que "ouvem a palavra de Deus e a praticam" (Lucas 8:21). Nesse mesmo dia entrou num barco de onde proferiu muitas parábolas. A parábola era a principal ferramenta de ensino de Jesus, que tanto revelava como ocultava as verdades que ele desejava comunicar (Marcos 4:10-12; Lucas 8:9-10). Sem dúvida ele repetia este e outros ditos em diferentes contextos, da mesma maneira que os pregadores de hoje repetem seus sermões e ilustrações.

Depois da pregação do barco, Jesus atravessou o mar da Galiléia, chegando à praia ocidental. Antes de partir, dois homens se aproximaram dele e manifestaram desejo de tornarem-se seus discípulos (Mateus 8:18-22). Cada um, porém, fez seu pedido de modo irrealístico e indigno, e Jesus os censurou.

Enquanto atravessavam o mar, a vida de Jesus foi ameaçada por uma violenta tempestade. Ele dormia sobre uma almofada na popa do barco, de modo que os discípulos o acordaram. De imediato ele acalmou a tempestade, e os discípulos exclamaram: "Quem é este que até aos ventos e às ondas repreende, e lhe obedecem?" (Lucas 8:25; cf. Marcos 4:35-41). No outro lado da Galiléia, Jesus encontrou-se com um endemoninhado e expulsou dele os demônios que entraram numa manada de porcos, os quais imediatamente se atiraram ao mar e morreram. Quando os moradores da cidade saíram ao encontro de Cristo, viram o endemoninhado vestido e em perfeito juízo. Cheios de surpresa, rogaram a Jesus que se retirasse dali. Foi o que ele fez depois de haver enviado o homem a contar aos amigos acerca do Messias (Mateus 8:28; Marcos 5:1-20).

Somos informados de dois milagres que Jesus operou ao voltar a Cafarnaum: Ressuscitou a filha de Jairo e curou uma mulher que tinha uma hemorragia quando ela tocou a orla de seu manto (Mateus 9:18-26; Marcos 5:21-43; Lucas 8:40-56).

Jesus fez um terceiro giro pela Galiléia, o qual incluiu diversos milagres e a segunda rejeição em Nazaré. Jesus ansiava por conseguir mais trabalhadores para ceifar a colheita espiritual. Ele enviou seus discípulos de dois em dois a fim de chamar as cidades de Israel ao arrependimento, concedendo-lhes poder de curar enfermos e expelir demônios. Desse modo, o ministério deles estendia o seu próprio (Mateus 10:5-15; Marcos 6:7-13; Lucas 9:1-6).

Nesse ponto, lemos acerca da morte de João Batista. Herodes Antipas hesitou muito tempo antes de mandar matar a João, porque ele temia o povo; mas sua mulher Herodias tramou a morte de João usando a filha Salomé para atingir seu alvo. A consciência culpada de Herodes levou-o a indagar se Jesus era o João ressurreto.

Sofrendo com a morte de João, rodeado pelas multidões, e exausto do trabalho, Jesus reuniu os Doze e cruzaram o mar da Galiléia. Mas as multidões chegaram lá antes dele, e Jesus ensinou às massas o dia todo. A sessão chegou ao clímax quando Jesus alimentou toda a multidão (5.000 homens) dividindo e multiplicando cinco pães e dois peixes. Reunidas as sobras, encheram doze cestos (Mateus 14:13-21).

imediatamente após o milagre, Jesus colocou os Doze no barco e os mandou atravessar de volta o mar da Galiléia, muito embora se estivesse formando uma tempestade. Ele retirou-se para as monta-

nhas a fim de escapar das multidões excessivamente entusiastas, que desejavam por força fazê-lo rei. Três horas depois da meia-noite, os discípulos foram apanhados numa violenta tempestade no meio do lago. Estavam apavorados. Mas quando o desastre parecia certo, Jesus veio andando em sua direção por sobre as águas (Mateus 14:22-36; Marcos 6:45-56). Depois que ele acalmou os temores dos discípulos, Pedro perguntou se Jesus lhe permitia ir ao seu encontro. A caminho, Pedro perdeu a coragem e começou a afundar-se. Jesus tomou-o pela mão e o conduziu de volta ao barco. As águas se acalmaram imediatamente.

Em Cafarnaum Jesus começou a curar os enfermos que acudiam a ele vindos de todas as partes. Logo chegou a multidão que tinha sido alimentada. Encontrando a Jesus na sinagoga, ouviram-no explicar que ele era o verdadeiro pão da vida que veio do céu.

Agora se defrontavam com a aceitação da autoridade desse ensino, explicado em termos de comer a carne de Jesus e beber seu sangue. Isso escandalizou muitos deles e se retiraram (João 6:22-66). Jesus perguntou aos Doze se eles também queriam retirar-se. Esta pergunta deu lugar à conhecida confissão de Pedro: "Senhor, para quem iremos? . . . e nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus" (João 6:68, 69).

Depois desse discurso sobre o pão da vida, Jesus deixou o ensino público e se devotou à instrução dos discípulos (Mateus 15:1-20; Marcos 7:1-23). As autoridades judaicas ressentiram-se do fato de Jesus rejeitar as cerimônias religiosas deles e de atrever-se a censurar-lhes as reivindicações de autoridade. Jesus ia de um lugar para outro, evitando expor-se em público; mas nem sempre conseguia fazê-lo. Na área de Tiro e Sidom ele curou a filha de uma gentia (Mateus 15:21-28), e em Decápolis curou a muitos que as multidões lhe traziam (Mateus 15:29-31). Alimentou 4.000 pessoas multiplicando pães e alguns peixes (Mateus 15:32-39; Marcos 8:1-10).

Volta à região de Cafarnaum. De novo se viu sitiado pelas autoridades religiosas. Para escapar, novamente ele atravessou de barco o mar da Galiléia. A caminho, advertiu os Doze acerca dos fariseus, dos saduceus e de Herodes (Mateus 16:1-12; Marcos 8:11-21). Em Betsaida Jesus curou um cego (Marcos 8:22-26). Depois ele e os discípulos viajaram para o norte, para a região de Cesaréia de Filipe, onde Pedro confessou que Jesus era o Messias, "o Cristo, o Filho do Deus vivo". Jesus replicou que a fé que Pedro revelara fazia dele uma pedra, e que ele construiria sua igreja sobre essa pedra — isto é, fé como a que Pedro tinha (Mateus 16:13-20; cf. Marcos 8:27—9:1). A esta altura Jesus disse que seu sofrimento, morte e ressurreição estavam próximos.

Cerca de uma semana mais tarde, Jesus tomou a Pedro, Tiago e João e levou-os a uma montanha, revelando-lhes sua glória celestial (a Transfiguração). Diante dos olhos deles, conversou com Moisés e com Elias (Mateus 17:1-13; Marcos 9:2-13; cf. Lucas 9:28-36). Ao pé da montanha Jesus curou um rapaz possesso de demônio, a quem os discípulos não puderam socorrer (Mateus 17:14-23; Marcos 9:14-32; Lucas 9:37-42).

Jesus excursionou de novo pela Galiléia, mas desta vez secretamente. De novo falou aos Doze acerca de sua morte e ressurreição, e de novo não podiam receber o que ele dizia.

Jesus pagou o imposto do templo com dinheiro provido de modo miraculoso. A caminho de Cafarnaum, ministrou aos discípulos ensinamento concernente à verdadeira natureza da grandeza e do perdão (Mateus 17:22—18:35).

Passados muitos meses, Jesus foi a Jerusalém para celebrar a festa dos Tabernáculos. Ele se recusara a ir com sua família, porém mais tarde fez a viagem em particular. Em Jerusalém dividiam-se as opiniões do povo a respeito de Jesus. Publicamente ele afirmou ter sido enviado do Pai e ser o Messias, o Salvador do mundo. As autoridades religiosas superiores enviaram oficiais para prender a Jesus, mas ele os impressionou de tal maneira que não puderam cumprir a tarefa. Então as autoridades procuraram desacreditá-lo fazendo-o violar a Lei. Mas não tiveram êxito. Trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério e ele voltou o incidente por completo contra eles (João 8:1-11).

Durante esse período Nicodemos tentou acalmar o ódio do Sinédrio (o supremo concílio das autoridades religiosas judaicas). Mas enquanto estava em Jerusalém, Jesus curou um cego no sábado. Essa cura provocou grande controvérsia e o homem foi expulso da sinagoga (uma terrível humilhação). Jesus encontrou-se com o homem que o

Ossos do tornozelo e cravo. Um cravo de ferro atravessado no osso do tornozelo de um homem de trinta anos é o resultado de uma crucificação do primeiro século, prática que os gregos e os romanos adotaram dos fenícios. Os cidadãos romanos estavam isentos do castigo cruel, reservado para escravos e rebeldes. A morte era muito dolorosa e chegava com muita lentidão, demorando, às vezes, até nove dias.



reconheceu como o Messias (João 9). Aqui Jesus proferiu seu famoso discurso sobre o Bom Pastor (João 10:1-21).

D. Ministério na Peréia. Decorreram cerca de dois meses enquanto Jesus voltou à Galiléia. Foi, talvez, nessa ocasião que ele enviou 70 discípulos às cidades de Israel para declarar que o Reino estava próximo e que Jesus era o Messias (Lucas 10). Jesus tentou passar pela Samaria a caminho de Jerusalém, mas o povo o rejeitou. Assim, ele cruzou o Jordão e viajou através da Peréia. A certa altura um advogado perguntou a Jesus o que precisava fazer para herdar a vida eterna. Jesus disse-lhe que amasse a Deus e ao próximo, ao que o advogado respondeu: "Quem é o meu próximo?" (Lucas 10:29). Então Jesus lhe contou a famosa parábola do Bom Samaritano. Durante essa viagem Jesus operou muitos milagres, como a cura de uma mulher enferma e de um hidrópico, efetuadas no sábado (Lucas 13:11-17; 14:1-6). Os milagres no sábado provocaram ainda mais a hostilidade dos fariseus.

Então a cena se transfere para a Judéia. Nessa ocasião, talvez, Jesus tenha visitado Betânia e o lar de Maria e Marta. Maria assentava-se aos pés de Jesus enquanto Marta preparava a refeição. Marta queixou-se da ociosidade da irmã, porém Jesus respondeu que Maria tinha escolhido "a boa parte" — isto é, ouvir os seus ensinos enquanto ele estava na terra (Lucas 10:42). Em Jerusalém, na festa anual da Dedicação, Jesus declarou-se abertamente o Messias. Para os judeus isso era blasfêmia, e de novo tentaram agarrá-lo. Então Jesus se retirou para Betâbara, do outro lado do Jordão. Mas a oposição das autoridades religiosas continuou a crescer.

Os párias da sociedade congregavam-se ao redor dele para ouvir seus ensinos. Ele ensinava antes de tudo por parábolas. Em particular, Jesus explicava aos Doze o verdadeiro significado de suas parábolas e também continuava a dar-lhes treinamento especial. Certo dia Jesus recebeu um recado urgente do lar de Maria e Marta: Lázaro, irmão delas, estava mortalmente enfermo. Quando Jesus chegou a Betânia, Lázaro já havia morrido e estava sepultado fazia quatro dias. Mas Jesus o levantou do túmulo. Este milagre aumentou a determinação das autoridades religiosas de livrar-se dele (João 11:1-46).

Jesus afastou-se de novo das multidões por algum tempo. Então voltou o rosto para Jerusalém e para a morte (João 11:54-57). O caminho para Jerusalém foi marcado por milagres, ensino e confronto com os fariseus. Durante a viagem, diversos pais trouxeram seus filhinhos a Jesus para que ele os abençoasse (Lucas 18:15-17). Insistiu com "certo homem de posição" para que abandonasse suas riquezas e o seguisse (Lucas 18:18-30). E de novo falou aos discípulos sobre sua morte (Lucas 18:31-34). Como antecipação desse evento, ele descreveu as recompensas do reino e instruiu os discípulos a serem servos

do seu povo (Mateus 20:1-16). Nas vizinhanças de Jericó, Jesus curou alguns cegos, dentre os quais estava Bartimeu, que reconheceu a Jesus como o Messias (Marcos 10:46-52). Hospedou-se no lar do publicano Zaqueu, que também recebeu a salvação mediante a fé em Cristo (Lucas 19:1-10). De Jericó Jesus foi para a casa de Lázaro, Maria e Marta, em Betânia.

E. A Última Semana. A última semana anterior à crucificação de Jesus ocupa grande parte dos registros dos Evangelhos. Jesus compareceu a uma festa em Jericó, na casa de Simão, o leproso, onde Maria o ungiu com perfumes caros e enxugou-lhe os pés com os cabelos. Judas protestou contra esse ato por achar que era um desperdício de dinheiro. Mas Jesus elogiou a mulher e ressaltou que ela o estava ungindo para seu sepultamento que se aproximava (Mateus 26:12; Marcos 14:3-9).

No dia seguinte (domingo), Jesus entrou em Jerusalém montado num jumentinho sobre o qual seus seguidores estenderam as vestes (João 12). Os peregrinos que vinham para a Páscoa enchiham a estrada, abanando ramos de palmeiras e aclamando Jesus como o Messias. Havendo os fariseus dito a Jesus que repreendesse seus seguidores, ele lhes respondeu que se estes se calassem, as pedras clamariam. Naquela noite Jesus e os Doze voltaram para Betânia (Mateus 21:1-9; Marcos 11:1-10; Lucas 19:28-38).

No dia seguinte viajaram uma vez mais para Jerusalém. A caminho ele amaldiçoou uma figueira por não ter frutos quando os procurou (Mateus 21:18-19; Marcos 11:12-14). Na manhã seguinte a figueira estava seca.

Na terça-feira os líderes judeus exigiram que Jesus explicasse com que autoridade ele procedia daquela maneira. Jesus replicou contando diversas parábolas. Com êxito ele frustrou as armadilhas dos fariseus em fazê-lo contraditar Moisés e levá-lo ao descrédito perante as multidões. A certa altura Jesus denunciou severamente os escribas e fariseus (Mateus 23:1-36). Essa denúncia foi seguida por uma expressão de interesse e de desejo ardente de que o povo o amasse (Mateus 23:37-39). Fez, também, comentário sobre o grande sacrifício da oferta da viúva (Marcos 12:41-44) e conversou com alguns gregos que haviam solicitado uma entrevista (João 12:20). Fez um discurso sobre as últimas coisas (Mateus 24:4—25:13; Marcos 13:5-37). Talvez na terça-feira à noite Judas tenha aparecido perante o Sinédrio e contratado a traição de Jesus por 30 moedas de prata. Esta recompensa valia menos de quinze dólares em moeda de hoje — e era o preço de um escravo no tempo de Jesus.

Jesus passou a quarta-feira descansando em Betânia. Na quinta-feira à noite ele comeu a Páscoa com seus discípulos (Mateus 26:17-

30; Marcos 14:12-25). Ele enviara Pedro e João para encontrar o lugar onde tomariam a refeição. A festa envolvia sacrificar um cordeiro no templo e comê-lo assentados ao redor de uma mesa com a família. Jesus disse a dois dos discípulos que encontrassem e seguissem um homem que levava um cântaro; ele os conduziria à casa onde seria preparada a festa. Seguiram as instruções de Jesus, e o homem os levou a uma casa cujo dono já havia preparado uma sala para esse fim.

Durante a refeição naquela noite, os discípulos começaram a discutir sobre qual deles seria o mais importante. Jesus levantou-se e lavou-lhes os pés, tentando ensinar-lhes que eles deveriam servir uns aos outros (João 13:1-17). Após a refeição, Jesus instituiu a Ceia do Senhor, um rito a ser observado até que ele voltasse. Esta refeição simbólica consistia em comer pão (representando o seu corpo) e beber vinho (representando o seu sangue).

Judas deixou a refeição para finalizar o acordo de trair a Jesus. Jesus advertiu os discípulos restantes de que naquela noite perderiam a fé nele. Mas Pedro assegurou-lhe sua lealdade. Jesus respondeu-lhe que ele o negaria três vezes antes que o galo cantasse ao amanhecer.

Jesus e os discípulos deixaram o Cenáculo e foram para o Jardim do Getsêmani. Enquanto Jesus agonizava em oração, os discípulos dormiam. Três vezes ele voltou e os encontrou dormindo. Finalmente ele acalmou a sua alma e estava pronto para enfrentar a morte e tudo quanto ela significasse (Mateus 26:36-46; Marcos 14:32-42). Neste ponto chegou Judas com uma companhia de homens armados. Ele identificou Jesus para os soldados com um beijo (Mateus 26:47-56; Marcos 14:43-52; Lucas 22:47-53; João 18:1-11).

Jesus foi levado a julgamento perante as autoridades religiosas e as civis. O julgamento religioso foi ilegalmente convocado durante a noite, mas confirmou sua decisão após o romper do dia. Mesmo assim, toda a questão era um simulacro de justiça (Mateus 26:59-68; Marcos 14:55-65; Lucas 22:66-71).

O julgamento civil ocorreu sexta-feira de manhã perante Pilatos, que não viu nenhuma ameaça ou crime em Jesus. Remeteu Cristo a Herodes, que zombou dele e o devolveu a Pilatos (Lucas 23:7-11). O oficial romano esperava libertar a Jesus por exigência do povo, mas a multidão gritou-lhe que soltasse a Barrabás (salteador e homicida). Insistiram com Pilatos para que crucificasse a Cristo. Pilatos propôs açoitar a Cristo e libertá-lo para apaziguar a multidão; infligiu sobre ele outras zombarias e castigos. Mas de novo a multidão gritava: "Crucifica-o!" Por fim, Pilatos cedeu e enviou Jesus à morte. No meio de todo esse tumulto, Jesus manteve a calma e a compostura (Mateus 27:11-31; Marcos 15:2-20; Lucas 23:2-25; João 18:28—19:16).

Trinta Moedas de Prata

Uma das mais infames histórias da Bíblia é a de Judas Iscariotes, o discípulo que traiu a Cristo por trinta moedas de prata. Embora seja difícil determinar exatamente quanto valiam trinta moedas de prata, sabemos que não era uma fortuna.

O denário romano era a moeda mais comum usada durante o tempo de Jesus. Cunhada de prata, esta moeda trazia uma estampa com a cabeça do imperador. Por esse motivo, não se permitia ao povo judeu usar moedas como ofertas nos serviços religiosos; convertiam suas moedas em peças de prata. Os cambistas convertiam o desírio ou sicle em prata mediante uma taxa de 12%.

O denário valeria cerca de quarenta centavos de dólar no mercado hodierno, segundo seu peso e teor de prata. Mas naquele tempo um denário equivalia ao salário de um trabalhador braçal, de modo que tinha significativo poder de compra. Mesmo assim, verificamos que Judas traíu a Cristo pelo salário de um mês — dificilmente uma fortuna.

O livro de Zacarias profetizou que tal quantia seria paga pelo Messias (Zacarias 11:12). Ao aceitar trinta moedas de prata pela vida de Cristo, Judas cumpria a profecia (Mateus 26:15). A quantia era também o preço típico de um escravo ou servo naquele tempo.

Do pátio de Pilatos Jesus foi levado para fora dos muros de Jerusalém, à colina do Gólgota, onde foi crucificado por volta das nove horas da manhã de sexta-feira. Os relatos da execução de Jesus encontram-se em Mateus 27:32-56 e passagens paralelas.

Nicodemos e José de Arimatéia levaram o corpo de Jesus e o sepultaram no túmulo de José. Pilatos selou o túmulo e colocou uma guarda sobre ele para assegurar-se de que o corpo não fosse furtado pelos discípulos de Jesus.

Jesus foi sepultado antes do escurecer na sexta-feira ("o primeiro dia", visto que os judeus contavam os dias de pôr-do-sol a pôr-do-sol). Seu corpo permaneceu no túmulo desde o escurecer de sexta-feira até ao escurecer de sábado ("o segundo dia") e desde o escurecer de sábado até ao amanhecer de domingo ("o terceiro dia"). Na manhã do terceiro dia os soldados atônitos sentiram a terra tremer e viram um anjo rolar a pedra que selava o túmulo. Fugiram da cena. Logo chegou um grupo de mulheres para ungir o corpo de Jesus com especiarias. Encontraram o túmulo vazio. Correndo de volta à cidade, relataram a notícia aos discípulos de Jesus. Pedro e João foram ao túmulo e o encontraram exatamente como haviam dito (Mateus 27:57—28:10 e paralelos). Jesus havia ressurgido dentre os mortos.

Após a ressurreição, Jesus apareceu aos seus seguidores em dez ocasiões que estão registradas. Numa dessas aparições, ele comissionou os onze apóstolos a ir por todo o mundo e fazer discípulos, batizando-os e ensinando-os. Esta ordem é conhecida como a Grande Comissão (Mateus 28:19-20). Na última vez que apareceu aos seus apóstolos, Cristo ascendeu ao céu (Lucas 24:50-53; Atos 1:6-11). Jesus prometeu voltar do mesmo modo como havia ascendido — visivel-



Túmulo cavado na rocha. Semelhante àquele em que foi depositado o corpo de Jesus, este túmulo foi escavado em rocha mole calcária. O túmulo continha, provavelmente, uma primeira câmara com uma saliência ao redor servindo de assento e uma segunda câmara com um nicho cortado na parede para o corpo. Quando se necessitava do nicho para colocar outros corpos, os ossos do primeiro eram colocados num buraco no piso. Os Evangelhos declararam que o túmulo de Cristo era novo (Mateus 27:60; João 19:41), e não meramente um túmulo antigo que havia sido esvaziado.

mente e fisicamente. (Após a ressurreição Jesus tinha um corpo real, embora não fosse limitado pelo tempo e espaço.) De novo ele prometeu a vinda do Espírito Santo. Embora o Espírito Santo já tenha vindo, a igreja ainda aguarda a segunda vinda de Cristo.

A DOUTRINA DE CRISTO

A Cristologia trata da pessoa e obra de Cristo — isto é, a doutrina de Cristo.

A. Sua Pessoa. Não é fácil a tarefa de entender a pessoa de Cristo, mas há acordo geral quanto à maioria dos aspectos da natureza de Cristo e da sua personalidade.

Cinco títulos de Jesus refletem algo significativo de sua pessoa e/ou sua obra. O nome *Jesus* (idêntico a *Josué* e significando "Deus é Salvador") acentua seu papel como o Salvador de seu povo (Mateus 1:21). *Cristo* é, no Novo Testamento, o equivalente a *Messias*, palavra hebraica que significa "ungido" (cf. Atos 4:27; 10:38). Este título acen-tuava que Jesus era divinamente nomeado para sua missão, que ele tinha um relacionamento oficial com Deus, o Pai — isto é, tinha um

serviço para fazer e um papel a desempenhar por nomeação do Pai.

Filho do Homem era o título usado quase exclusivamente pelo próprio Jesus (cf. Mateus 9:6; 10:23; 11:19). Alguns acham que ele o empregava porque distinguia com o máximo de clareza seu messiâdo das idéias errôneas de seu tempo.

O nome *Filho de Deus* era também aplicado a Jesus num sentido oficial ou messiânico (cf. Mateus 4:3, 6; 16:16; Lucas 22:70; João 1:49). Acentuava que ele era uma Pessoa da Divindade trino e una, nascido de modo sobrenatural como ser humano.

Senhor era alternativamente aplicado a Jesus como um simples título (algo como "Sr."), um título de autoridade ou de posse, ou (às vezes) indicação de sua igualdade com Deus (e.g., Marcos 12:36-37; Lucas 2:11; Mateus 7:22).

Hoje os cristãos crêem que Jesus é ambos — Deus e homem — isto é, que ele possui duas naturezas distintas unidas "sem confusão, sem mudança, sem divisão, sem separação" em uma só pessoa (Credo de Calcedônia, 451 d.C.).

Esta doutrina não está edificada sobre a razão humana mas sobre a revelação bíblica. Há muita prova bíblica de que Jesus é divino. A Bíblia declara que há somente um Deus e não há deuses menores (cf. Exodo 20:3-5; Isaías 42:8; 44:6), não obstante ela afirma claramente que Jesus é Deus (cf. João 1:1; Romanos 9:5; Hebreus 1:8). A Bíblia relata que Jesus era adorado por ordem de Deus (Hebreus 1:6), enquanto seres espirituais menores recusam-se a ser adorados (Apocalipse 22:8-9) porque a adoração devia ser prestada somente a Deus. Só o divino Criador pode ser adorado por suas criaturas. Mas Jesus Cristo, Filho de Deus, é co-criador com o Pai (João 1:3; Colossenses 1:16; Hebreus 1:2); ambos devem, portanto, ser adorados. De novo a Escritura declara que Jesus era o Salvador do seu povo (Mateus 1:21), muito embora Jeová fosse o único Salvador de seu povo (Isaías 43:11; Oséias 13:4); e declara que o próprio Pai claramente chamou a Jesus Deus (Hebreus 1:8).

A Bíblia ensina também a verdadeira humanidade de Jesus. O Cristo do Novo Testamento não é nenhuma ilusão ou fantasma; ele é humano em todos os sentidos. Ele chamou a si mesmo homem, como o fizeram outros (e.g., João 8:40; Atos 2:22). Ele viveu na carne (João 1:14; 1 Timóteo 3:16; 1 João 4:2). Ele possuía corpo humano e mente humana (Lucas 23:39; João 11:33; Hebreus 2:14). Ele experimentou as privações e os sofrimentos humanos (Lucas 2:40, 52; Hebreus 2:10, 18; 5:8). Todavia, a Bíblia encarece que Jesus não participou do pecado que caracteriza todos os seres humanos (cf. Lucas 1:35; João 8:46; Hebreus 4:15).

B. Sua Personalidade. Cristo tem duas naturezas distintas mas é

uma única pessoa, não duas. Ele é o Logos eterno (o Verbo divino), a segunda pessoa da Trindade; não obstante, assumiu a natureza humana de tal modo que não houve mudança essencial na natureza divina. Podemos dirigir-nos a Cristo em oração usando títulos que refletem ambas as suas naturezas, a divina e a humana, embora a natureza divina seja a base suprema de nossa adoração. A encarnação manifestou o Deus *trino e uno* (três em Um), revelando-nos a relação entre Pai, Filho e Espírito Santo (cf. Mateus 3:16-17; João 14:16-26; Romanos 1:3-4; Gálatas 4:4-5; 1 Pedro 1:1-12). Considerando que Jesus é uma Pessoa, e considerando a unidade de sua vida pessoal que abrange todo o seu caráter e todos os seus poderes, a Bíblia fala dele como sendo ao mesmo tempo divino e humano. Ela atribui atos e características divinas a Cristo, o eterno Filho de Deus (Atos 20:28).

C. Sua Posição. À medida que buscamos entender a Cristo, devemos examinar sua posição perante a Lei. Ele humilhou-se diante dela; como resultado, Deus o exaltou sobre ela. Esta é uma interessante ironia.

O Filho pôs de lado sua majestade divina e assumiu a natureza humana. Submeteu-se a todos os sofrimentos de sua vida terrena, incluindo a própria morte. Isso ele fez para realizar o plano de Deus de redimir do pecado a raça humana.

Quando o Logos divino se fez carne, ele não cessou de ser o que era antes. Pela mesma razão, a encarnação como tal — isto é, a existência corporal da Palavra — continua enquanto ele se assenta à destra de Deus.

Cristo foi assediado pelo pecado. Repetidas vezes o diabo o atacou. Seu próprio povo o odiou e recusou-se a crer que ele era o Salvador. Seus inimigos o perseguiram. Finalmente, ao término de sua vida terrena, ele suportou toda a ira de Deus contra o pecado. Nenhuma outra pessoa sofreu tão intensamente quanto Jesus.

Deus Pai exaltou a Cristo, ressuscitando-o dos mortos, levando-o para o céu, e fazendo-o sentar-se à sua direita. Cristo voltará desse lugar de honra para julgar os vivos e os mortos.

D. Seu Ofício Profético. O Antigo Testamento retrata o profeta como alguém que recebe a Palavra de Deus (revelação) e passa-a adiante para o seu povo. A fim de funcionar como profeta, a pessoa tinha de receber uma palavra clara de Deus. Ele estava a serviço de Deus perante o povo; Deus usava a boca do profeta para comunicar o que ele desejava dizer.

O Antigo Testamento prometeu um grande profeta que final e decisivamente traria a palavra de Deus ao seu povo (Deuterônomo 18:15). Jesus foi esse profeta (Atos 3:22-24). Ele atuou profeticamente antes mesmo de vir à terra como homem, pois falou por intermédio

dos escritores do Antigo Testamento (1 Pedro 1:11). Durante seu ministério terreno, ele ensinou aos seus seguidores as coisas de Deus, tanto por palavra como por atos. Agora ele continua, lá do céu, sua obra profética operando por intermédio do Espírito Santo.

E. Seu Ofício Sacerdotal. Enquanto o profeta do Antigo Testamento representava a Deus perante o povo, o sacerdote representava o povo perante Deus. Assim, Cristo representa seu povo perante o Pai (Hebreus 3:1; 4:14).

Diz-nos a Bíblia que o sacerdote deve ser nomeado por Deus. Ele deve atuar a favor do homem nas coisas atinentes a Deus. Por exemplo, deve fazer sacrifícios e ofertas pelos pecados, interceder pelo povo que ele representa, e abençoá-los (Hebreus 5:1; 7:25; cf. Levítico 9:22).

Calvário de Gordon. A palavra Calvário (Lucas 23:33) vem da tradução latina de uma palavra aramaica — o Gólgota de Mateus 27:33, que significa "caveira". A Bíblia diz simplesmente que o Calvário estava localizado fora de Jerusalém, que era razoavelmente notável, e que havia ali por perto um jardim contendo o túmulo. Dois sítios — a Igreja do Santo Sepulcro e o Calvário de Gordon — são possíveis locais da crucificação. A igreja marca o local mais antigo, que conta com o apoio da tradição que remonta pelo menos ao quarto século. O Calvário de Gordon, aqui retratado, contém uma formação de rocha que se assemelha a uma caveira. Este sítio concilia-se com outros dados bíblicos, mas não há tradição em apoio à sua reivindicação.



Jesus se apresentou como um sacrifício sacerdotal. Os sacrifícios do Antigo Testamento eram *expiatórios* (porque "desfaziam" o pecado, dessa forma restaurando o adorador às bênçãos e privilégios que Deus mencionava para ele) e *vicários* (porque outra vida era oferecida pelo pecado em lugar da vida do adorador). O sacrifício de Cristo, feito uma vez por todas, foi a um tempo expiatório e vicário, e conquistou a salvação eterna para o seu povo.

Cristo reconcilia o pecador com Deus. Deus expressou seu amor à humanidade enviando Cristo para redimir-nos de nossos pecados (João 3:16). De qualquer forma, Deus tem tentado conduzir suas criaturas de volta a ele. Assim, quando Cristo veio ao mundo, não houve mudança alguma em Deus, apenas uma mudança em sua relação com os pecadores. O sacrifício de Cristo cobriu a culpa que existia entre os pecadores e Deus.

Cristo também intercede por seu povo (Hebreus 7:25). Ele entrou no Santo Lugar do céu por meio do sacrifício perfeito, todo-suficiente, que ele ofereceu ao Pai. Em assim fazendo, ele representou os que depositam nele a sua fé e os reintegrou diante do Pai (Hebreus 9:24).

Na presença de Deus, Cristo agora responde às constantes acusações do diabo contra os crentes (Romanos 8:33-34). Nossas orações e cultos estão manchados com pecado e imperfeição; Cristo os aperfeiçoa aos olhos do Pai, falando-lhe constantemente a nosso favor. Finalmente, Cristo ora pelos crentes. Ele pleiteia pelas necessidades que não mencionamos em nossas preces — coisas que ignoramos, que subestimamos, ou que não vemos. Isto ele faz para proteger-nos do perigo e sustentar-nos em fé até que alcancemos a vitória final. Ele também ora pelos que ainda não creram. Ele faz constantemente este trabalho intercessor.

F. Seu Ofício Régio. Como segunda pessoa da Trindade, co-criador com o Pai, Cristo é o rei eterno sobre todas as coisas. Como Salvador, ele é o rei de um reino espiritual — isto é, governa nos corações e nas vidas do seu povo. Em virtude de sua realeza, Cristo é chamado "cabeça" da igreja (Efésios 1:22).

Cristo domina e governa todas as coisas em favor de sua igreja. Ele não permitirá que no final seus propósitos sejam frustrados. Cristo recebeu essa realeza universal quando Deus o exaltou ao seu lugar de honra no céu. Ele entregará esse reino ao Pai quando concretizar a vitória final sobre o mal (1 Coríntios 15:24-28) — isto é, quando destruir esta ordem mundial de uma vez por todas e a fizer nova. Então o Universo, como o conhecemos, deixará de existir. Não haverá reis humanos ou poderes diabólicos capazes de reinar. Só Cristo e seu Reino serão preservados.

Os Apóstolos



o começo do seu ministério Jesus escolheu doze homens que o acompanhasssem em suas viagens. Teriam esses homens uma importante responsabilidade: Continuariam a representá-lo depois de haver ele voltado para o céu. A reputação deles continuaria a influenciar a igreja muito depois de haverem morrido.

Por conseguinte, a seleção dos Doze foi de grande responsabilidade. "Naqueles dias retirou-se para o monte a fim de orar, e passou a noite orando a Deus. E quando amanheceu, chamou a si os seus discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais deu também o nome de apóstolos" (Lucas 6:12-13).

A maioria dos apóstolos era da região de Cafarnaum, desprezada pela sociedade judaica refinada por ser o centro de uma parte do estado judaico (de acréscimo recente) e conhecida, em realidade, como "Galiléia dos gentios". O próprio Jesus disse: "Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás até ao inferno" (Mateus 11:23). Não obstante, Jesus fez desses doze homens líderes vigorosos e portavozes capazes de transmitir com clareza a fé cristã. O sucesso que eles alcançaram dá testemunho do poder transformador do senhorio de Jesus.

Nenhum dos escritores dos Evangelhos deixou-nos traços físicos dos Doze. Dão-nos, contudo, minúsculas pistas que nos ajudam a fazer "conjeturas razoáveis" sobre como pareciam e atuavam os apóstolos. Um fato muito importante que tem sido tradicionalmente menosprezado em incontáveis representações artísticas dos apóstolos é sua juventude. Se levarmos em conta que a maioria chegou a viver até ao terceiro e quarto quartéis do século e que João adentrou o segundo século, então eles devem ter sido não mais que adolescentes quando aceitaram o chamado de Cristo.

Diferentes relatos bíblicos arrolam os Doze em pares. Não temos certeza se isso indica relações de família, funções de equipe, ou algum outro tipo de associação.

ANDRÉ

No dia seguinte àquele em que João Batista viu o Espírito Santo descer sobre Jesus, ele o apontou para dois de seus discípulos, e disse: "Eis o Cordeiro de Deus" (João 1:36). Movidos de curiosidade, os dois homens deixaram João e começaram a seguir a Jesus. Jesus notou a presença deles e perguntou-lhes o que buscavam. Imediatamente responderam: "Rabi, onde assistes?" Jesus levou-os à casa onde ele se hospedava e passaram a noite com ele. Um desses homens chamava-se André (João 1:38-40).

André foi logo à procura de seu irmão, Simão Pedro, a quem disse: "Achamos o Messias. . ." (João 1:41). Por seu testemunho, ele ganhou Pedro para o Senhor.

André é tradução do grego *Andreas*, que significa "varonil". Outras pistas dos Evangelhos indicam que André era fisicamente forte, e homem devoto e fiel. Ele e Pedro eram donos de uma casa (Marcos 1:29). Eram filhos de um homem chamado Jonas ou João, um próspero pescador. Ambos os jovens haviam seguido o pai no negócio da pesca.

André nasceu em Betsaida, nas praias do norte do mar da Galiléia. Embora o Evangelho de João descreva o primeiro encontro de André com Jesus, não o menciona como discípulo até muito mais tarde (João 6:8). O Evangelho de Mateus diz que quando Jesus caminhava junto ao mar da Galiléia, ele saudou a André e a Pedro e os convidou para se tornarem seus discípulos (Mateus 4:18-19). Isto não contradiz a narrativa de João; simplesmente acrescenta um aspecto novo. Uma leitura atenta de João 1:35-40 mostra-nos que Jesus não chamou a André e a Pedro para segui-lo quando se encontraram pela primeira vez.

André e outro discípulo chamado Filipe apresentaram a Jesus um grupo de gregos (João 12:20-22). Por este motivo podemos dizer que André e Filipe foram os primeiros missionários estrangeiros da fé cristã.

Diz a tradição que André viveu seus últimos dias na Cítia, ao norte do mar Negro. Mas um livrete intitulado *Atos de André* (provavelmente escrito por volta do ano 260 d.C.) diz que ele pregou primariamente na Macedônia e foi martirizado em Patras.¹

Diz a tradição que André foi crucificado numa cruz em forma de X, símbolo religioso conhecido como Cruz de Santo André. Acredita-se que ele foi crucificado no dia 30 de novembro, de modo que a igreja católica romana e a igreja grega ortodoxa observam sua festa nessa data.

BARTOLOMEU (NATANAEL)

Falta-nos informação sobre a identidade do apóstolo chamado Bar-

tolomeu. Ele só é mencionado nas listas dos apóstolos. Além do mais, enquanto os Evangelhos sinóticos concordam em que seu nome era Bartolomeu, João o dá como Natanael (João 1:45). Crêem alguns estudiosos que Bartolomeu era o sobrenome de Natanael.

A palavra aramaica *bar* significa "filho", por isso o nome *Bartolomeu* significa, literalmente, "filho de Talmai". A Bíblia não nos identifica Talmai, mas talvez lhe tenham dado o nome do rei Talmai de Gesur (2 Samuel 3:3). Alguns eruditos acham que Bartolomeu estava ligado com os ptolemaicos, a família governante do Egito; esta teoria baseia-se na declaração de Jerônimo de que Bartolomeu era o único apóstolo de nascimento nobre.

Supondo que Bartolomeu e Natanael sejam a mesma pessoa, o Evangelho de João nos proporciona um bocado mais de informação acerca de sua personalidade. Jesus chamou a Natanael de "israelita em quem não há dolo" (João 1:47).

Diz a tradição que Natanael serviu como missionário na Índia. O Venerável Beda disse que Natanael foi decapitado pelo rei Astriagis. Outras tradições dizem que Natanael foi crucificado de cabeça para baixo.

TIAGO, FILHO DE ALFEU

Os Evangelhos fazem apenas referência passageira a Tiago, filho de Alfeu (Mateus 10:3; Marcos 3:18; Lucas 6:15). Muitos estudiosos crêem que Tiago era irmão de Mateus, visto a Bíblia dizer que o pai de Mateus também se chamava Alfeu (Marcos 2:14). Outros crêem que este Tiago se identificava com "Tiago, o Menor", mas não temos prova alguma de que esses dois nomes se referiam ao mesmo homem (cf. Marcos 15:40).

Se o filho de Alfeu era, deveras, o mesmo homem Tiago, o Menor, talvez ele tenha sido primo de Jesus (cf. Mateus 27:56; João 19:25). Alguns comentaristas da Bíblia teorizam que este discípulo trazia uma estreita semelhança física com Jesus, o que poderia explicar por que Judas Iscariotes teve de identificar Jesus na noite em que foi traído (Marcos 14:43-45; Lucas 22:47-48).

Dizem as lendas que este Tiago pregou na Pérsia e aí foi crucificado. Mas não temos informação concreta acerca de seu ministério posterior e morte.

TIAGO, FILHO DE ZEBEDEU

Depois que Jesus convocou a Simão Pedro e a seu irmão André, ele caminhou um pouco mais ao longo da praia da Galiléia e convidou a "Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco

consertando as redes" (Marcos 1:19). Tiago e seu irmão responderam imediatamente ao chamado de Cristo, à semelhança do que haviam feito Pedro e André.

Tiago foi o primeiro dos Doze a sofrer a morte de mártir. O rei Herodes Agripa I ordenou que Tiago fosse executado ao fio da espada (Atos 12:2). A tradição diz que isto ocorreu no ano 44 d.C., quando Tiago ainda seria bem moço. (Embora o Novo Testamento não descreva o martírio de nenhum outro apóstolo, diz-nos a tradição que todos, exceto João, morreram por sua fé.)

Os Evangelhos nunca mencionam Tiago sozinho; sempre falam de "Tiago e João". Até no registro de sua morte, o livro de Atos refere-se a ele como "Tiago, irmão de João" (Atos 12:2). Tiago e João começaram a seguir a Jesus no mesmo dia, e ambos estiveram presentes na Transfiguração (Marcos 9:2-13). Jesus chamou a ambos de "filhos do trovão" (Marcos 3:17).

A perseguição que tirou a vida de Tiago infundiu novo fervor entre os cristãos (cf. Atos 12:5-25). Sem sombra de dúvida, Herodes Agripa esperava sufocar o movimento cristão executando líderes como Tiago. "Entretanto a palavra do Senhor crescia e se multiplicava" (Atos 12:24).

É estranho que o Evangelho de João não mencione a Tiago. João relutou em mencionar seu próprio nome, e ele pode ter sentido o mesmo tipo de modéstia quanto a relatar as atividades do irmão. Uma vez João refere-se a si próprio e a Tiago como "os filhos de Zebedeu" (João 21:2). Fora disso, ele se cala acerca do trabalho de Tiago. Dizem as lendas que Tiago foi o primeiro missionário cristão na Espanha. As autoridades católicas romanas crêem que seus ossos estão sepultados na cidade de Santiago, ao noroeste da Espanha.

JOÃO

Felizmente, temos considerável informação acerca do discípulo chamado João. Marcos diz-nos que ele era irmão de Tiago, filho de Zebedeu (Marcos 1:19). Diz também que Tiago e João trabalhavam com "os empregados" de seu pai (Marcos 1:20).

Alguns eruditos especulam que a mãe de João era Salomé, que assistiu à crucificação de Jesus (Marcos 15:40). Se Salomé era irmã da mãe de Jesus, como sugere o Evangelho de João (João 19:25), João pode ter sido primo de Jesus.

Jesus encontrou a João e a seu irmão Tiago consertando as redes junto ao mar da Galiléia. Ordenou-lhes que se fizessem ao largo e lançassem as redes. Arrastaram uma enorme quantidade de peixes — milagre que os convenceram do poder de Jesus. "E, arrastando

eles os barcos sobre a praia, deixando tudo, o seguiram" (Lucas 5:11). Simão Pedro foi com eles.

João parece ter sido um jovem impulsivo. Logo depois que ele e Tiago entraram para o círculo íntimo dos discípulos de Jesus, o Mestre os apelidou de "filhos do trovão" (Marcos 3:17). Os discípulos pareciam relegar João a um lugar secundário em seu grupo. Todos os Evangelhos mencionavam a João depois de seu irmão Tiago; na maioria das vezes, parece, Tiago era o porta-voz dos dois irmãos. Paulo menciona a João entre os apóstolos em Jerusalém, mas o faz colocando o seu nome no fim da lista (Gálatas 2:9).

Muitas vezes João deixou transparecer suas emoções nas conversas com Jesus. Certa ocasião ele ficou transtornado porque alguém mais estava servindo em nome de Jesus. "E nós lho proibimos", disse ele a Jesus, "porque não seguia conosco" (Marcos 9:38). Jesus replicou: "Não lho proibais. . . Pois quem não é contra nós, é por nós" (Marcos 9:39, 40). Noutra ocasião, ambiciosos, Tiago e João sugeriram que lhes fosse permitido assentar-se à esquerda e à direita de Jesus na sua glória. Esta idéia os indispôs com os outros discípulos (Marcos 10:35-41).

Mas a ousadia de João foi-lhe vantajosa na hora da morte e da ressurreição de Jesus. João 18:15 diz que João era "conhecido do sumo sacerdote". Certa lenda diz que a família de João fornecia peixe para a família do sumo sacerdote.² Isto o tornaria facilmente vulnerável à prisão quando os guardas do sumo sacerdote prenderam a Jesus. Não obstante, João foi o único apóstolo que se atreveu a permanecer ao pé da cruz, e Jesus entregou-lhe sua mãe aos seus cuidados (João 19:26-27). Ao ouvirem os discípulos que o corpo de Jesus já não estava no túmulo, João correu na frente dos outros e chegou primeiro ao sepulcro. Contudo, ele deixou que Pedro entrasse antes dele na câmara de sepultamento (João 20:1-4, 8).

Se João escreveu, deveras, o quarto Evangelho, as cartas de João, e o Apocalipse, ele escreveu mais texto do Novo Testamento do que qualquer dos demais apóstolos. Não temos motivo para duvidar de que esses livros não são de sua autoria.

Diz a tradição que João cuidou da mãe de Jesus enquanto pastoreou a congregação em Éfeso, e que ela morreu ali. Tertuliano diz que João foi levado para Roma e "lançado em óleo fervente, saiu ileso, e então foi exilado numa ilha". Esta era, provavelmente, a ilha de Patmos, onde João escreveu Apocalipse. Acredita-se que ele viveu até avançada idade, e seu corpo foi devolvido a Éfeso para sepultamento.

JUDAS (NÃO O ISCARIOTES)

João refere-se a um dos discípulos como "Judas, não o Iscariotes"

(João 14:22). Não é fácil determinar a identidade desse homem. Jerônimo apelidou-o de *Trionius* — “o homem de três nomes”.

O Novo Testamento refere-se a diversos homens com o nome de Judas — Judas Iscariotes, Judas, irmão de Jesus (Mateus 13:55; Marcos 6:3), Judas, o galileu (Atos 5:37), e ‘Judas, não o Iscariotes’. Evidentemente, João desejava evitar confusão quando se referia a esse homem, especialmente porque o outro discípulo chamado Judas não gozava de boa fama.

Mateus e Marcos referem-se a esse homem como Tadeu (Mateus 10:3; Marcos 3:18). Lucas o menciona como “Judas, filho de Tiago” (Lucas 6:16; Atos 1:13).

Não sabemos ao certo quem era o pai de Tadeu. Pensam alguns que era Tiago, o irmão de Jesus — nesse caso Judas seria sobrinho de Jesus. Isso, porém, não é provável, pois os historiadores da igreja primitiva relatam que esse Tiago nunca se casou. Outros pensam que

Afresco de Catacumba. Datando de 200-220 d.C., este afresco é uma das mais antigas pinturas de catacumba até agora descobertas. Ele retrata os acontecimentos do capítulo 21 de João, quando sete discípulos (isto é, Pedro, Tomé, Natanael, os filhos de Zebedeu, e dois outros) banqueteavam-se com pão e peixe.



seu pai era o apóstolo Tiago, filho de Zebedeu. Não se pode ter certeza.

William Steuart McBirnie sugere que o nome Tadeu era uma forma diminutiva de *Teudas*, que deriva do substantivo aramaico *tad*, que significa "peito". Por conseguinte, Tadeu pode ter sido um apelido que literalmente significa "alguém do peito" ou "amado". McBirnie crê que o nome Lebeu possa derivar-se do substantivo hebraico *leb*, que significa "coração".³

O historiador Eusébio diz que Jesus uma vez enviou esse discípulo ao rei Abgar da Mesopotâmia a fim de orar pela sua cura. Segundo essa história, Judas foi a Abgar depois da ascensão de Jesus, e permaneceu para pregar em várias cidades da Mesopotâmia.⁴ Diz outra tradição que esse discípulo foi assassinado por mágicos na cidade de Suanir, na Pérsia. Diz-se que o mataram a pauladas e pedradas.

JUDAS ISCARIOTES

Todos os Evangelhos colocam Judas Iscariotes no fim da lista dos discípulos de Jesus. Sem dúvida alguma isso reflete a má fama de Judas como traidor de Jesus.

A palavra aramaica *Iscariotes* literalmente significa "homem de Querioite". Querioite era uma cidade próxima de Hebrom (Josué 15:25). Contudo, João diz-nos que Judas era filho de Simão (João 6:71).

Se Judas era, de fato, natural da cidade de Querioite, dentre os discípulos de Jesus ele era o único procedente da Judéia. Os habitantes da Judéia desprezavam a gente da Galiléia como rudes colonizadores de fronteira. Essa atitude pode ter alienado Judas Iscariotes dos demais discípulos.

Os Evangelhos não nos dizem exatamente quando Jesus chamou Judas Iscariotes para juntar-se ao grupo de seus seguidores. Talvez tenha sido nos primeiros dias, quando Jesus chamou tantos outros (cf. Mateus 4:18-22).

Judas funcionava como tesoureiro dos discípulos, e pelo menos em uma ocasião ele manifestou uma atitude sovina para com o trabalho do grupo. Foi quando uma mulher por nome Maria derramou ungüento precioso sobre os pés de Jesus. Judas reclamou: "Por que não se vendeu este perfume por trezentos denários, e não se deu aos pobres?" (João 12:5). No versículo seguinte João comenta que Judas disse isto "não porque tivesse cuidado dos pobres; mas porque era ladrão".

Enquanto os discípulos participavam de sua última refeição com Jesus, o Senhor revelou saber que estava prestes a ser traído e indicou Judas como o criminoso. Disse ele a Judas: "O que pretendes fazer,

faze-o depressa" (João 13:27). Todavia, os demais discípulos não suspeitavam do que Judas estava prestes a fazer. João relata que "como Judas era quem trazia a bolsa, pensaram alguns que Jesus lhe dissera: Compra o que precisamos para a festa [Páscoa]. . ." (João 13:28-29).

Os estudiosos têm apresentado diversas teorias acerca do motivo da traição de Judas. Alguns acham que ele estava reagindo à censura de Jesus por ele haver criticado a mulher do ungüento.⁵ Na opinião de outros, Judas agiu por ganância, para obter o dinheiro que os inimigos de Jesus lhe ofereceram.⁶ Lucas e João simplesmente dizem que Satanás inspirou as ações de Judas (Lucas 22:3; João 13:27).

Mateus diz que tocado de remorso, Judas procurou devolver o dinheiro aos captores de Jesus: "Então Judas, atirando para o santuário as moedas de prata, retirou-se e foi enfocar-se" (Mateus 27:5). Nas obras mais recentes, Judas é apresentado como zelote ou patriota extremado que se desapontou com o fracasso de Jesus de conduzir um movimento de massa ou de rebelião contra Roma. Até ao presente, pouca evidência há para este ponto de vista.

MATEUS

Nos tempos de Jesus, o governo romano coletava diversos impostos diferentes do povo palestino. Pedágios para transportar mercadorias por terra ou por mar eram recolhidos por coletores particulares, os quais pagavam uma taxa ao governo romano pelo direito de avaliar esses tributos. Os cobradores de impostos auferiam lucros cobrando um imposto mais alto do que a lei permitia. Os coletores licenciados muitas vezes contratavam oficiais de menor categoria, chamados *publicanos*, para efetuar o verdadeiro trabalho de coletar os impostos. Os publicanos recebiam seus próprios salários cobrando uma fração a mais do que seu empregador exigia. O discípulo Mateus era um desses publicanos; ele coletava pedágio na estrada entre Damasco e Aco; sua tenda estava localizada fora da cidade de Cafarnaum, o que lhe dava a oportunidade de, também, cobrar impostos dos pescadores.

Normalmente um publicano cobrava 5% do preço de compra de artigos normais de comércio, e até 12,5% sobre artigos de luxo. Mateus cobrava impostos também dos pescadores que trabalhavam no mar da Galiléia e dos barqueiros que traziam suas mercadorias das cidades situadas no outro lado do lago.

Os judeus consideravam impuro o dinheiro dos cobradores de impostos, por isso nunca pediam troco. Se um judeu não tinha a quantia exata que o coletor exigia, ele emprestava-o de um amigo. Os judeus desprezavam os publicanos como agentes do odiado Império Romano e do rei títere judeu. Não era permitido aos publicanos prestar de-

poimento no tribunal, e não podiam pagar o dízimo de seu dinheiro ao templo. Um bom judeu não se associaria com publicanos (cf. Mateus 9:10-13).

Mas os judeus dividiam os cobradores de impostos em duas classes. A primeira era a dos *gabbai*, que lançavam impostos gerais sobre a agricultura e arrecadavam do povo impostos de recenseamento. O segundo grupo compunha-se dos *mokhsa*, oficiais que coletavam dinheiro dos viajantes. Em sua maioria, os *mokhsa* eram judeus, daí serem eles desprezados como traidores do seu próprio povo. Mateus pertencia a esta classe de publicanos.

O Evangelho de Mateus diz-nos que Jesus se aproximou deste improvável discípulo quando ele estava sentado em sua coleitoria. Jesus simplesmente ordenou a Mateus: "Segue-me!" Ele deixou o trabalho para seguir o Mestre (Mateus 9:9).

Evidentemente Mateus era homem endinheirado, porque ele deu um banquete em sua própria casa. "E numerosos publicanos e outros estavam com eles à mesa" (Lucas 5:29). O simples fato de Mateus possuir casa própria indica que era mais rico do que o publicano típico.



Coletor de Impostos. Enquanto os romanos controlavam a Palestina, eles contratavam negociantes locais para coletar impostos. Esses empresários nomeavam escrivães conhecidos como *publicos* para realizar o verdadeiro trabalho de coletar o imposto. Os publicanos arrecadavam mais do que o imposto legal, guardando o excedente para si próprios e para seus empregadores. A lei romana não limitava a quantia que eles podiam cobrar, de modo que quase todos os publicanos oprimiam o povo a um grau doloroso. Por esse motivo, os observadores judeus ficaram escandalizados quando Jesus chamou um publicano por nome Mateus para tornar-se um de seus discípulos (Lucas 5:27-32).

Cálice de Antioquia. Esta grande taça de prata (19 cm de altura) foi descoberta em Antioquia em 1916. A princípio, os estudiosos pensavam tratar-se do verdadeiro cálice usado na Última Ceia. Todavia, estudo subsequente do trabalho artístico no cálice leva as autoridades no assunto a crer que ele é de data não mais tarde do que o quarto ou quinto séculos depois de Cristo. O revestimento simples de metal pode ser um substituto de um vaso de vidro.



Por causa da natureza de seu trabalho, temos certeza de que Mateus sabia ler e escrever. Os documentos de papiro, relacionados com impostos, datados de cerca do ano 100 d.C., indicam que os publicanos eram muito eficientes em matéria de cálculos. (Em vez de empregar os desajeitados algarismos romanos, preferiam os símbolos gregos, mais simples.)

Mateus pode ter tido algum grau de parentesco com o discípulo Tiago, visto que se diz de cada um deles ser "filho de Alfeu" (Mateus 10:3; Marcos 2:14). Às vezes Lucas usa o nome Levi para referir-se a Mateus (cf. Lucas 5:27-29). Daí alguns estudiosos crerem que o nome de Mateus era Levi antes de ele decidir-se a seguir a Jesus, e que Jesus lhe deu o novo nome, que significa "dádiva de Deus". Outros sugerem que Mateus era membro da tribo sacerdotal de Levi.

Muito embora um ex-publicano se tivesse unido às suas fileiras, Jesus não suavizou sua condenação dos coletores de impostos. Ele os colocou na mesma categoria das meretrizes (cf. Mateus 21:31), e o próprio Mateus classifica os publicanos com pecadores (Mateus 9:10).

De todos os Evangelhos, o de Mateus tem sido, provavelmente, o

de maior influência. A literatura cristã do segundo século faz mais citações do Evangelho de Mateus do que de qualquer outro. Os pais da igreja colocaram o Evangelho de Mateus no começo do cânon do Novo Testamento provavelmente por causa do significado que lhe atribuíam. O relato de Mateus destaca a Jesus como o cumprimento das profecias do Antigo Testamento. Acentua que Jesus era o Messias prometido, que tinha vindo para redimir toda a humanidade.

Não sabemos o que aconteceu com Mateus depois do dia de Pentecoste. Em seu *Livro de Mártires*, John Foxe declara que Mateus passou seus últimos anos pregando na Pártia e na Etiópia. Foxe diz que Mateus foi martirizado na cidade de Nadabá em 60 d.C. Não sabemos, porém, de que fonte Foxe obteve esta informação (a não ser de fontes gregas medievais) e não podemos julgar se é digna de confiança.

FILIPE

O Evangelho de João é o único a dar-nos qualquer informação pormenorizada acerca do discípulo chamado Filipe. (Não se deve confundir este Filipe com o evangelista do mesmo nome — cf. Atos 21:8).

Jesus encontrou-se com Filipe pela primeira vez em Betânia, do outro lado do Jordão (João 1:28). É interessante notar que Jesus chamou a Filipe individualmente enquanto chamou a maioria dos outros discípulos em pares. Filipe apresentou Natanael a Jesus (João 1:45-51), e Jesus também chamou a Natanael (ou Bartolomeu) para ser seu discípulo.

Ao se reunirem 5.000 pessoas para ouvir a Jesus, Filipe perguntou ao seu Senhor como alimentariam a multidão. "Não lhes bastariam duzentos denários de pão, para receber cada um o seu pedaço", disse ele (João 6:7).

Noutra ocasião, um grupo de gregos dirigiu-se a Filipe e pediu-lhe que os apresentasse a Jesus. Filipe solicitou a ajuda de André e juntos levaram os homens para conhecê-lo (João 12:20-22).

Enquanto os discípulos tomavam a última refeição com Jesus, Filipe disse: "Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta" (João 14:8). Jesus respondeu que nele eles já tinham visto o Pai.

Esses três breves lampejos são tudo o que vemos acerca de Filipe nos Evangelhos. A igreja tem preservado muitas tradições a respeito de seu último ministério e morte. Segundo algumas delas, ele pregou na França; outras dizem que ele pregou no Sul da Rússia, na Ásia Menor, ou até na Índia. No ano 194 d.C. o bispo Polícrates de Antioquia escreveu que "Filipe, um dos doze apóstolos, dorme em Hierápolis". Não temos, contudo, prova concreta em apoio dessas alegações.

SIMÃO PEDRO

O discípulo chamado Simão Pedro era um homem de contrastes. Em Cesaréia de Filipe, Jesus perguntou: "Mas vós, quem dizeis que eu sou?" Pedro respondeu de imediato: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mateus 16:15-16). Mas sete versículos adiante, lemos: "E Pedro, chamando-o à parte, começou a reprová-lo..." Era característico de Pedro passar de um extremo a outro.

Ao tentar Jesus lavar os pés de Pedro no Cenáculo, o imoderado discípulo exclamou: "Nunca me lavarás os pés." Jesus, porém, insistiu, e Pedro disse: "Senhor, não somente os meus pés, mas também as mãos e a cabeça" (João 13:8-9).

Na última noite que passaram juntos, Pedro disse a Jesus: "Ainda que todos se escandalizem, eu jamais!" (Marcos 14:29). Entretanto, dentro de poucas horas, Pedro não somente negou a Jesus mas praguejou (Marcos 14:71).

Este temperamento volátil, imprevisível, muitas vezes deixou Simão Pedro em dificuldades. Mas o Espírito Santo moldaria Pedro num líder estável, dinâmico, da igreja primitiva, um "homem-rocha" (Pedro significa "rocha") em todo o sentido.

Os escritores do Novo Testamento usaram quatro nomes diferentes com referência a Pedro. Um é o nome hebraico *Simeon* (Atos 15:14), que pode significar "ouvir". O segundo nome era *Simão*, a forma grega de Simeon. O terceiro nome era *Cefas* palavra aramaica que significa "rocha". O quarto nome era *Pedro*, palavra grega que significa "pedra" ou "rocha"; os escritores do Novo Testamento se referem ao discípulo com este nome mais vezes do que os outros três.

Quando Jesus encontrou este homem pela primeira vez, ele disse: "Tu és Simão, o filho de João; tu serás chamado Cefas" (João 1:42).

Pedro e seu irmão André eram pescadores no mar da Galiléia (Mateus 4:18; Marcos 1:16). Ele falava com sotaque de galileu, e seus maneirismos identificavam-no como um nativo inculto da fronteira galiléia (cf. Marcos 14:70). Seu irmão André levou-o a Jesus (João 1:40-42).

Enquanto Jesus pendia na cruz, Pedro estava provavelmente entre o grupo da Galiléia que "permaneceram a contemplar de longe estas coisas" (Lucas 23:49). Em 1 Pedro 5:1, ele escreveu: "...eu, presbítero como eles, e testemunha dos sofrimentos de Cristo..."

Simão Pedro encabeça a lista de apóstolos em cada um dos relatos dos Evangelhos, o que sugere que os escritores do Novo Testamento o consideravam o mais importante dos doze. Ele não escreveu tanto como João ou Mateus, mas emergiu como o líder mais influente da igreja primitiva. Embora 120 seguidores de Jesus tenham recebido o Espírito Santo no dia de Pentecoste, a Bíblia registra as palavras de

Onde Está Sepultado Pedro?

A tradição católica romana sustenta que Pedro está sepultado sob a magnífica estrutura em Roma que traz o seu nome — Basílica de São Pedro. Embora o Novo Testamento não relate visita de Pedro a Roma, há evidência histórica de que ele passou ali pelo menos parte dos últimos tempos de sua vida. Há, também, referências extrabíblicas (p. ex. os Atos de Pedro), e numerosas referências nos escritos dos estudiosos da igreja do segundo e terceiro séculos, que confirmam haver Pedro morto em Roma. Eusébio dá o ano 68 d.C. como data aproximada da morte de Pedro.

Tertuliano e Orígenes, apologistas cristãos primitivos declararam que Pedro foi executado por crucificação de cabeça para baixo, em Roma. Dizem que ele foi um dos milhares de cristãos que morreram sob a perseguição do imperador Nero. Com toda a probabilidade Pedro foi executado nos Jardins Neronianos, onde hoje se localizam os imóveis do Vaticano. De acordo com Tertuliano e Orígenes, Pedro foi sepultado ali perto, no sopé da Colina do Vaticano. Gaio de Roma (terceiro século d.C.) menciona esta sepultura.

Diz-se que os restos de Pedro foram levados para uma câmara mortuária na Via Ápia quando o imperador Valeriano começou sua perseguição aos cristãos (258

d.C.). Ali seus ossos descansaram com os de Paulo, seguros da ameaça de profanação dos terrenos de sepultamento cristãos. Mais tarde, os restos de Pedro voltaram ao seu primeiro sepulcro, e por volta do ano 325 d.C. Constantino erigiu uma basílica magnífica sobre o local ao pé da Colina do Vaticano. Esta basílica foi substituída pela presente Basílica de São Pedro no século dezenas.

Durante muitos séculos a Basílica de São Pedro tem sido o mais altamente reverenciado santuário no mundo Ocidental. Milhares de adoradores viajam a Roma todos os anos para orar sobre o local onde se diz que Pedro está sepultado. Todavia, em anos recentes os eruditos têm contestado a alegação de que Pedro está sepultado sob a basílica. Os arqueólogos do Vaticano fizeram diversas escavações no começo da década de 1960 para investigar a reivindicação que já conta vários séculos. Encontraram um cemitério romano do primeiro século com um túmulo escavado às pressas que pode ter sido o de Pedro. Os pesquisadores do Vaticano acharam que esta era uma conclusão razoável.

Gáio escreveu que os túmulos dos apóstolos estavam próximos do Vaticano, na estrada que vai para Óstia; isto quer dizer que há outro sítio possível.

Pedro (Atos 2:14-40). Pedro sugeriu que os apóstolos procurassem um substituto para Judas Iscariotes (Atos 1:22). Ele e João foram os primeiros discípulos a realizar um milagre depois do Pentecoste, curando um paralítico na Porta Formosa de Jerusalém (Atos 3:1-11).

O livro de Atos acentua as viagens de Paulo, mas Pedro também viajou extensamente. Ele visitou Antioquia (Gálatas 2:11), Corinto (2 Coríntios 1:12), e talvez Roma. Eusébio declara que Pedro foi crucificado em Roma, provavelmente durante o reinado de Nero.

Pedro sentiu-se livre para servir aos gentios (cf. Atos 10), mas ele é mais bem conhecido como o apóstolo dos judeus (cf. Gálatas 2:8). À medida que Paulo assumia um papel mais ativo na obra da igreja e à medida que os judeus se tornavam mais hostis ao Cristianismo, Pedro foi relegado a segundo plano na narrativa do Novo Testamento.

A igreja Católica Romana liga a autoridade do Papa a Pedro, pois alega que Pedro era bispo da igreja em Roma quando morreu. A tradição diz que a Basílica de São Pedro em Roma está edificada sobre o local onde Pedro foi sepultado. Escavações modernas sob a antiga



Basilica de São Pedro. De acordo com a tradição, Pedro foi executado no circo de Nero, onde milhares de cristãos sofreram o martírio. No ano 319 d.C., o imperador Constantino destruiu o circo e construiu sobre seus alicerces ao norte a primeira basílica de São Pedro. A atual estrutura teve início no ano 1450 e levou 178 anos para construir. Miguel Ângelo desenhou a magnífica cúpula. A igreja de São Pedro é a maior do mundo.

igreja exibem um cemitério romano muito antigo e alguns túmulos usados apressadamente para sepultamentos cristãos. Uma leitura cuidadosa dos Evangelhos e do primitivo segmento de Atos tenderia a apoiar a tradição de que Pedro foi a figura preeminente da igreja primitiva.

SIMÃO ZELOTE

Mateus refere-se a um discípulo chamado "Simão, o cananeu", enquanto Lucas e o livro de Atos referem-se a "Simão, o Zelote". Esses nomes referem-se à mesma pessoa. *Zelote* é uma palavra grega que significa "zeloso"; "cananeu" é transliteração da palavra aramaica *kanna'ah*, que também significa "zeloso"; parece, pois, que este discípulo pertencia à seita judaica conhecida como zelotes. (Veja o capítulo 5, "Os Judeus nos Tempos do Novo Testamento".)

A Bíblia não indica quando Simão, o Zelote, foi convidado para unir-se aos apóstolos. Diz a tradição que Jesus o chamou ao mesmo tempo em que chamou André e Pedro, Tiago e João, Judas Iscariotes e Tadeu (cf. Mateus 4:18-22).

Temos diversos relatos conflitantes acerca do ministério posterior

deste homem. A igreja copta do Egito diz que ele pregou no Egito, na África, na Grã-Bretanha e na Pérsia; outras fontes primitivas concordam em que ele serviu nas Ilhas Britânicas, mas isto é duvidoso. Nicéforo de Constantinopla escreveu: "Simão que nasceu em Caná da Galiléia. . . era chamado Zelote, tendo recebido do alto o Espírito Santo, viajado através do Egito e da África, depois pela Mauritânia e Líbia, pregando o evangelho. E a mesma doutrina ele ensinava ao mar Ocidental e às ilhas chamadas Britânia."⁷

TOMÉ

O Evangelho de João dá-nos um quadro mais completo do discípulo chamado Tomé do que o que recebemos dos Sinóticos ou do livro de Atos. João diz-nos que ele também era chamado Dídimo (João 20:24). A palavra grega para "gêmeos" assim como a palavra hebraica *t'hom* significa "gêmeo". A Vulgata Latina empregava Dídimo como nome próprio.

Não sabemos quem pode ter sido Tomé, nem sabemos coisa alguma a respeito do passado de sua família ou de como ele foi convidado para unir-se aos apóstolos. Sabemos, contudo, que Tomé juntou-se a seis outros discípulos que voltaram aos barcos de pesca depois que Jesus foi crucificado (João 21:2-3). Isso sugere que ele pode ter aprendido a profissão de pescador quando jovem.

Em certa ocasião Jesus disse a seus discípulos que tencionava voltar à Judéia. Os discípulos advertiram-no de que não fosse por causa da hostilidade para com ele ali. Mas Tomé disse: "Vamos também nós para morrermos com ele" (João 11:16).

Não obstante, os leitores modernos muitas vezes se esquecem da coragem de Tomé; ele, no mais das vezes, é lembrado por sua fraqueza e dúvida. No Cenáculo Jesus disse aos discípulos: "E vós sabeis o caminho para onde eu vou." Mas Tomé retorquiu: "Senhor, não sabemos para onde vais; como saber o caminho?" (João 14:4-5). Depois de ressurreto Jesus, Tomé disse aos seus amigos: "Se eu não vir nas suas mãos o sinal dos cravos, e ali não puser o meu dedo, e não puser a minha mão no seu lado, de modo algum acreditarei" (João 20:25). Poucos dias mais tarde Jesus apareceu a Tomé e aos outros discípulos para dar-lhes prova concreta de que ele estava vivo. Então Tomé exclamou: "Senhor meu e Deus meu!" (João 20:28).

Os pais da igreja primitiva respeitaram o exemplo de Tomé. Agostinho comentou: "Ele duvidou para que não tivéssemos dúvida."

Diz a tradição que Tomé finalmente tornou-se missionário na Índia. Afirma-se que ele foi martirizado ali e sepultado em Mylapore, hoje subúrbio de Madrasta. Seu nome é lembrado pelo próprio título da igreja Martoma ou "Mestre Tomé".



A Última Ceia. Leonardo da Vinci (1452-1519) começou a trabalhar em 1496 na que muitos críticos de arte consideram a sua mais importante obra-prima. Cristo aparece no centro da mesa. Ele acaba de recular para que um dos discípulos o traída. Os discípulos murmuraram entre si, perguntando qual deles faria isso. (Lucas 22:21-35). Judas, a segunda figura à esquerda do centro, está assentado silenciosamente, e segura a bolsa dos discípulos (cf. João 13:6-8).

A SUBSTITUIÇÃO DE JUDAS

Após a morte de Judas Iscariotes, Simão Pedro propôs que os discípulos escolhessem alguém para substituir o traidor. O discurso de Pedro esboçava certas qualificações para o novo apóstolo (cf. Atos 1:15-22). O apóstolo tinha de conhecer a Jesus "começando no batismo de João, até ao dia em que dentre nós foi levado às alturas". Tinha de ser, também, "testemunha conosco da sua ressurreição" (Atos 1:22).

Os apóstolos encontraram dois homens que satisfaziam às qualificações: José, cognominado Justo, e Matias (Atos 1:23). Lançaram sortes para decidir a questão e a sorte recaiu sobre Matias.

O nome Matias é uma variante do hebraico *Mataias*, que significa "dom-de Deus". Infelizmente, a Bíblia nada diz a respeito do ministério de Matias. Eusébio especulou que Matias teria sido um dos setenta discípulos que Jesus enviou numa missão evangelizadora (cf. Lucas 10:1-12). Alguns o têm identificado com Zaqueu (cf. Lucas 19:2-8). Diz uma tradição que ele pregou aos canibais da Mesopotâmia; diz outra que ele foi apedrejado pelos judeus. Contudo, não temos prova para nenhuma dessas histórias.

Alguns eruditos têm sugerido que Matias foi desqualificado e os apóstolos escolheram Tiago, irmão de Jesus, para tomar-lhe o lugar (cf. Gálatas 1:19; 2:9). Mas parece ter havido mais do que doze homens considerados como apóstolos na igreja primitiva, e a Bíblia não nos dá nenhum indício de que Matias tenha deixado o grupo.

A Igreja Primitiva



palavra *igreja* vem do grego *ekklesia*, que tem origem em *kaleo* ("Chamo" ou "convoco"). Na literatura secular, *ekklesia* referia-se a uma assembleia de pessoas, mas no Novo Testamento a palavra tem um sentido mais especializado. A literatura secular podia usar a palavra *ekklesia* para denotar um levante, um comício, uma orgia ou uma reunião para qualquer outra finalidade. Mas o Novo Testamento emprega *ekklesia* com referência à reunião de crentes cristãos para adorar a Cristo.

Que é a igreja? Que pessoas constituem esta "reunião"? Que é que Paulo pretende dizer quando chama a igreja de "corpo de Cristo"?

Para responder plenamente a essas perguntas, precisamos entender o contexto social e histórico da igreja do Novo Testamento. A igreja primitiva surgiu no cruzamento das culturas hebraica e helenística. Já examinamos essas culturas em dois capítulos anteriores: "Os Judeus nos Tempos do Novo Testamento" e "Os Gregos".

Neste capítulo voltamos nossa atenção para a história da própria igreja primitiva. Veremos o que os primitivos cristãos entendiam como sua missão, e de que modo os incrédulos os consideravam.

FUNDADA A IGREJA

Quarenta dias depois de sua ressurreição, Jesus deu instruções finais aos discípulos e ascendeu ao céu (Atos 1:1-11). Os discípulos voltaram a Jerusalém e se recolheram durante alguns dias para jejum e oração, aguardando o Espírito Santo, o qual Jesus disse que viria. Cerca de 120 dos seguidores de Jesus aguardavam no grupo.

Cinquenta dias após a Páscoa, no dia de Pentecoste, um som como um vento impetuoso encheu a casa onde o grupo se reunia. Línguas de fogo pousaram sobre cada um deles e começaram a falar em línguas diferentes da sua conforme o Espírito Santo os capacitava. Os visitantes estrangeiros ficaram surpresos ao ouvir os discípulos falando

em suas próprias línguas. Alguns zombaram, dizendo que deviam estar embriagados (Atos 2:13).

Mas Pedro fez calar a multidão e explicou que estavam dando testemunho do derramamento do Espírito Santo predito pelos profetas do Antigo Testamento (Atos 2:16-21; cf. Joel 2:28-32). Alguns dos observadores estrangeiros perguntaram o que deviam fazer para receber o Espírito Santo. Pedro disse: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo" (Atos 2:38). Cerca de 3.000 pessoas aceitaram a Cristo como seu Salvador naquele dia (Atos 2:41).

Durante alguns anos Jerusalém foi o centro da igreja. Muitos judeus acreditavam que os seguidores de Jesus eram apenas outra seita do judaísmo. Suspeitavam que os cristãos estavam tentando começar uma nova "religião de mistério" em torno de Jesus de Nazaré.

É verdade que muitos dos cristãos primitivos continuaram a cultuar no templo (cf. Atos 3:1) e alguns insistiam em que os convertidos gentios deviam ser circuncidados (cf. Atos 15). Mas os dirigentes judeus logo perceberam que os cristãos eram mais do que uma seita. Jesus havia dito aos judeus que Deus faria uma Nova Aliança com aqueles que lhe fossem fiéis (Mateus 16:18); ele havia selado esta aliança com seu próprio sangue (Lucas 22:20). De modo que os cristãos primitivos proclamavam com ousadia haverem herdado os privilégios que Israel conhecera outrora. Não eram simplesmente uma parte de Israel — eram o novo Israel (Apocalipse 3:12; 21:2; cf. Mateus 26:28; Hebreus 8:8; 9:15). "Os líderes judeus tinham um medo de arrepia, porque este novo e estranho ensino não era um judaísmo estreito, mas fundia o privilégio de Israel na alta revelação de um só Pai de todos os homens."¹

A. A Comunidade de Jerusalém. Os primeiros cristãos formavam uma comunidade estreitamente unida em Jerusalém após o dia de Pentecoste. Esperavam que Cristo voltasse muito em breve.

Os cristãos de Jerusalém repartiam todos os seus bens materiais (Atos 2:44-45). Muitos vendiam suas propriedades e davam à igreja o produto da venda, a qual distribuía esses recursos entre o grupo (Atos 4:34-35).

Os cristãos de Jerusalém ainda iam ao templo para orar (Atos 2:46), mas começaram a partilhar a Ceia do Senhor em seus próprios lares (Atos 2:42-46). Esta refeição simbólica trazia-lhes à mente sua nova aliança com Deus, a qual Jesus Cristo havia feito sacrificando seu próprio corpo e sangue.

Deus operava milagres de cura por intermédio desses primeiros cristãos. Pessoas enfermas reuniam-se no templo de sorte que os

apóstolos pudessem tocá-las em seu caminho para a oração (Atos 5:12-16). Esses milagres convenceram muitos de que os cristãos estavam verdadeiramente servindo a Deus. As autoridades do templo, num esforço por suprimir o interesse das pessoas na nova religião, prenderam os apóstolos. Mas Deus enviou um anjo para libertá-los (Atos 5:17-20), o que provocou mais excitação.

A igreja crescia com tanta rapidez que os apóstolos tiveram de nomear sete homens para distribuir víveres às viúvas necessitadas. O dirigente desses homens era Estêvão, "homem cheio de fé e do Espírito Santo" (Atos 6:5). Aqui vemos o começo do governo eclesiástico. Os apóstolos tiveram de delegar alguns de seus deveres a outros dirigentes. À medida que o tempo passava, os ofícios da igreja foram dispostos numa estrutura um tanto complexa.

B. O Assassínio de Estêvão. Certo dia um grupo de judeus apoderou-se de Estêvão e, acusando-o de blasfêmia, o levou à presença do conselho do sumo sacerdote. Estêvão fez uma eloquente defesa da fé cristã, explicando como Jesus cumpriu as antigas profecias referentes ao Messias que libertaria seu povo da escravidão do pecado. Ele denunciou os judeus como "traidores e assassinos" do filho de Deus (Atos 7:52). Erguendo os olhos para o céu, ele exclamou que

Anfiteatro, Éfeso. Colonizada pelos gregos por volta do ano 1000 a.C., Éfeso gozava de uma longa história como importante cidade da Ásia Menor. Ocupava uma vasta área com uma população de mais de 330 mil pessoas. O teatro da cidade comportava entre 25.000 e 50.000 pessoas sentadas. O Cristianismo chegou a Éfeso, provavelmente, quando Paulo visitou a cidade em sua segunda viagem missionária (Atos 18:18-19).



via a Jesus em pé à destra de Deus (Atos 7:55). Isso enfureceu os judeus, que o levaram para fora da cidade e o apedrejaram (Atos 7:58-60).

Esse fato deu início a uma onda de perseguição que levou muitos cristãos a abandonarem Jerusalém (Atos 8:1). Alguns desses cristãos estabeleceram-se entre os gentios de Samaria, onde fizeram muitos convertidos (Atos 8:5-8). Estabeleceram congregações em diversas cidades gentias, como Antioquia da Síria. A princípio os cristãos hesitavam em receber os gentios na igreja, porque eles viam a igreja como um cumprimento da profecia judaica. Não obstante, Cristo havia instruído seus seguidores a fazer "discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (Mateus 28:19). Assim, a conversão dos gentios foi "tão-somente o cumprimento da comissão do Senhor, e o resultado natural de tudo o que havia acontecido. . ."² Por conseguinte, o assassinato de Estevão deu início a uma era de rápida expansão da igreja.

ATIVIDADES MISSIONÁRIAS

Cristo havia estabelecido sua igreja na encruzilhada do mundo antigo. As rotas comerciais traziam mercadores e embaixadores através da Palestina, onde eles entravam em contato com o evangelho. Dessa maneira, no livro de Atos vemos a conversão de oficiais de Roma (Atos 10:1-48), da Etiópia (Atos 8:26-40), e de outras terras.

Logo depois da morte de Estevão, a igreja deu início a uma atividade sistemática para levar o evangelho a outras nações. Pedro visitou as principais cidades da Palestina, pregando tanto aos judeus como aos gentios. Outros foram para a Fenícia, Chipre e Antioquia da Síria. Ouvindo que o evangelho era bem recebido nessas regiões, a igreja de Jerusalém enviou Barnabé para incentivar os novos cristãos em Antioquia (Atos 11:22-23). Barnabé, a seguir, foi para Tarso em busca do jovem convertido Saulo. Barnabé levou Saulo para a Antioquia, onde ensinaram na igreja durante um ano (Atos 11:26).

Um profeta por nome Ágabo predisse que o Império Romano sofreria uma grande fome sob o governo do imperador Cláudio. Herodes Agripa estava perseguindo a igreja em Jerusalém; ele já havia executado Tiago, irmão de João, e tinha lançado Pedro na prisão (Atos 12:1-4). Assim os cristãos de Antioquia coletaram dinheiro para enviar a seus amigos em Jerusalém, e despacharam Barnabé e Saulo com o socorro. Os dois voltaram de Jerusalém levando um jovem chamado João Marcos (Atos 12:25).

Por esta ocasião, diversos evangelistas haviam surgido no seio da igreja de Antioquia, de modo que a congregação enviou Barnabé e Saulo numa viagem missionária à Ásia Menor (Atos 13—14). Esta foi

a primeira de três grandes viagens missionárias que Saulo (mais tarde conhecido como Paulo) fez para levar o evangelho aos recantos longínquos do Império Romano. (Veja o capítulo 9, "Paulo e Suas Viagens".)

Os primeiros missionários cristãos concentraram seus ensinos na Pessoa e obra de Jesus Cristo. Declararam que ele era o servo impecável e Filho de Deus que havia dado sua Vida para expiar os pecados de todas as pessoas que depositavam sua confiança nele (Romanos 5:8-10). Ele era aquele a quem Deus ressuscitou dos mortos para derrotar o poder do pecado (Romanos 4:24-25; 1 Coríntios 15:17).

GOVERNO ECLESIÁSTICO

A princípio, os seguidores de Jesus não viram a necessidade de desenvolver um sistema de governo da igreja. Esperavam que Cristo voltasse em breve, por isso tratavam dos problemas internos à medida que surgiam — geralmente de um modo muito informal.

Mas ao tempo em que Paulo escreveu suas cartas às igrejas, os cristãos reconheciam a necessidade de organizar o seu trabalho. O Novo Testamento não nos dá um quadro pormenorizado deste governo da igreja primitiva. Evidentemente, um ou mais presbíteros presidião os negócios de cada congregação (cf. Romanos 12:6-8; 1 Tessalonicenses 5:12; Hebreus 13:7, 17, 24), exatamente como os anciões faziam nas sinagogas judaicas. Esses anciões (ou presbíteros) eram escolhidos pelo Espírito Santo (Atos 20:28), mas os apóstolos os nomeavam (Atos 14:23). Por conseguinte, o Espírito Santo trabalhava por meio dos apóstolos ordenando líderes para o ministério. Alguns ministros chamados *evangelistas* parecem ter viajado de uma congregação para outra, como o faziam os apóstolos. Seu título significa "homens que manuseiam o evangelho". Alguns têm achado que eram todos representantes pessoais dos apóstolos, como Timóteo o foi de Paulo; outros supõem que obtiveram esse nome por manifestarem um dom especial de evangelização. Os anciões assumiam os deveres pastorais normais entre as visitas desses evangelistas.

Em algumas congregações, os anciões nomeavam diáconos para distribuir alimentos aos necessitados ou cuidar de outras necessidades materiais (cf. 1 Timóteo 3:12). Os primeiros diáconos foram os "homens de boa reputação" que os anciões de Jerusalém nomearam para cuidar das viúvas (Atos 6:1-6).

Algumas cartas do Novo Testamento referem-se a bispos na igreja primitiva. Isto é um bocado confuso, visto que esses "bispos" não formavam uma ordem superior da liderança eclesiástica como ocorre em algumas igrejas onde o título é usado hoje. Paulo lembrou aos presbíteros de Éfeso que eles eram bispos (Atos 20:28), e parece que

ele usa os termos *presbítero* e *bispo* intercambiavelmente (Tito 1:5-9). Tanto os bispos como os presbíteros estavam encarregados de supervisionar uma congregação. Evidentemente, ambos os termos se referem aos mesmos ministros da igreja primitiva, a saber, os presbíteros.

Paulo e os demais apóstolos reconheceram que o Espírito Santo concedia habilidades especiais de liderança a certas pessoas (1 Coríntios 12:28). Assim, quando conferiam um título oficial a um irmão ou irmã em Cristo, estavam confirmando o que o Espírito Santo já havia feito.

A igreja primitiva não possuía um centro terrenal de poder. Os cristãos entendiam que Cristo era o centro e a fonte de todos os seus poderes (Atos 20:28). O ministério significava servir em humildade, em vez de governar de uma posição elevada (cf. Mateus 20:26-28). Ao tempo em que Paulo escreveu suas epístolas pastorais, os cristãos reconheciam a importância de preservar os ensinos de Cristo por intermédio de ministros que se devotavam a estudo especial, "que maneja bem a palavra da verdade" (2 Timóteo 2:15).

A igreja primitiva não oferecia poderes mágicos, por meio de rituais ou de qualquer outro modo. Os cristãos convidavam os incrédulos para fazer parte de seu grupo, o corpo de Cristo (Efésios 1:23), que seria salvo como um todo. Os apóstolos e os evangelistas proclamavam que Cristo voltaria para o seu povo, a "noiva" de Cristo (cf. Apocalipse 21:2; 22:17). Negavam que indivíduos pudessem obter poderes especiais de Cristo para seus próprios fins egoístas (Atos 8:9-24; 13:7-12).

PADRÕES DE ADORAÇÃO

Visto que os cristãos primitivos adoravam juntos, estabeleceram padrões de adoração que diferiam muito dos cultos da sinagoga. Não temos um quadro claro da adoração cristã primitiva até 150 d.C., quando Justino Mártir descreveu os cultos típicos de adoração. Sabemos que a igreja primitiva realizava seus serviços no domingo, o primeiro dia da semana. Chamavam-no de "o Dia do Senhor" porque foi o dia em que Cristo ressurgiu dos mortos. Os primeiros cristãos reuniam-se no templo em Jerusalém, nas sinagogas, ou nos lares (Atos 2:46; 13:14-16; 20:7-8). Alguns estudiosos crêem que a referência ao ensino de Paulo na escola de Tirano (Atos 19:9) indica que os primitivos cristãos às vezes alugavam prédios de escola ou outras instalações.³ Não temos prova alguma de que os cristãos tenham construído instalações especiais para seus cultos de adoração durante mais de um século após o tempo de Cristo. Onde os cristãos eram

perseguídos, reuniam-se em lugares secretos como as catacumbas (túmulos subterrâneos) de Roma.

Crêem os eruditos que os primeiros cristãos adoravam nas noites de domingo, e que seu culto girava em torno da Ceia do Senhor. Mas nalgum ponto os cristãos começaram a manter dois cultos de adoração no domingo conforme descreve Justino Mártir — um bem cedo de manhã e outro ao entardecer. As horas eram escolhidas por questão de segredo e para atender às pessoas trabalhadoras que não podiam comparecer aos cultos de adoração durante o dia.

A. Ordem do Culto. Geralmente o culto matutino era uma ocasião de louvor, oração e pregação. O serviço improvisado de adoração dos cristãos no Dia de Pentecoste sugere um padrão de adoração que podia ter sido geralmente adotado. Primeiro, Pedro leu as Escrituras. Depois pregou um sermão que aplicou as Escrituras à situação presente dos adoradores (Atos 2:14-36). As pessoas que aceitavam a Cristo eram batizadas, seguindo o exemplo do próprio Senhor. Os adoradores participavam dos cânticos, dos testemunhos ou de palavras de exortação (1 Coríntios 14:26).

B. A Ceia do Senhor. Os primitivos cristãos tomavam a refeição simbólica da Ceia do Senhor para comemorar a Última Ceia, na qual Jesus e seus discípulos observaram a tradicional festa judaica da Páscoa. Os temas dos dois eventos eram os mesmos. Na Páscoa os judeus regozijavam-se porque Deus os havia libertado de seus inimigos e aguardavam com expectação o futuro como filhos de Deus. Na Ceia do Senhor, os cristãos celebravam o modo como Jesus os havia libertado do pecado e expressavam sua esperança pelo dia quando Cristo voltaria (1 Coríntios 11:26).

A princípio, a Ceia do Senhor era uma refeição completa que os cristãos partilhavam em suas casas. Cada convidado trazia um prato para a mesa comum. A refeição começava com oração e com o comer de pedacinhos de um único pão que representava o corpo partido de Cristo. Encerrava-se a refeição com outra oração e a seguir participavam de uma taça de vinho, que representava o sangue vertido de Cristo.

Algumas pessoas conjecturavam que os cristãos estavam participando de um rito secreto quando observavam a Ceia do Senhor, e inventaram estranhas histórias a respeito desses cultos. O imperador Trajano proscreveu essas reuniões secretas por volta do ano 100 d.C. Nesse tempo os cristãos começaram a observar a Ceia do Senhor durante o culto matutino de adoração, aberto ao público.

C. Batismo. O batismo era um acontecimento comum da adoração cristã no tempo de Paulo (cf. Efésios 4:5). Contudo, os cristãos não foram os primeiros a celebrar o batismo. Os judeus batizavam seus

convertidos gentios; algumas seitas judaicas praticavam o batismo como símbolo de purificação, e João Batista fez dele uma importante parte de seu ministério. O Novo Testamento não diz se Jesus batizava regularmente seus convertidos, mas numa ocasião, pelo menos, antes da prisão de João, ele foi encontrado batizando. (Pode, contudo, ter sido o batismo de João que ele estava administrando.) Em todo o caso, os primitivos cristãos eram batizados em nome de Jesus, seguindo o seu próprio exemplo (cf. Marcos 1:10; Gálatas 3:27).

Parece que os primitivos cristãos interpretavam o significado do batismo de vários modos — como símbolo da morte de uma pessoa para o pecado (Romanos 6:4; Gálatas 2:12), da purificação de pecados (Atos 22:16; Efésios 5:26), e da nova vida em Cristo (Atos 2:41; Romanos 6:3). De quando em quando toda a família de um novo convertido era batizada (cf. Atos 10:48; 16:33; 1 Coríntios 1:16), o que pode ter significado o desejo da pessoa de consagrar a Cristo tudo quanto tinha.

D. Calendário Eclesiástico. O Novo Testamento não apresenta evidência alguma de que a igreja primitiva observava quaisquer dias santos, a não ser sua adoração no primeiro dia da semana (Atos 20:7; 1 Coríntios 16:2; Apocalipse 1:10). Os cristãos não observavam o domingo como dia de descanso até ao quarto século de nossa era, quando o imperador Constantino designou-o como um dia santo para todo o Império Romano. Os primitivos cristãos não confundiam o domingo com o sábado judaico, e não faziam tentativa alguma para aplicar a ele a legislação referente ao sábado.

O historiador Eusébio diz-nos que os cristãos celebravam a Páscoa desde os tempos apostólicos; 1 Coríntios 5:6-8 talvez se refira a uma celebração tal. Diz a tradição que os primitivos cristãos celebravam a Páscoa cristã na mesma ocasião da Páscoa judaica. Por volta do ano 120 d.C., a igreja de Roma mudou a celebração para o domingo após a Páscoa judaica enquanto a igreja Ortodoxa Oriental continuou a celebrá-la na Páscoa judaica.

CONCEITOS DO NOVO TESTAMENTO SOBRE A IGREJA

É interessante pesquisar os vários conceitos de igreja no Novo Testamento. A Bíblia refere-se aos primeiros cristãos como família e templo de Deus, como rebanho e noiva de Cristo, como sal, como fermento, como pescadores, como um baluarte sustentador da verdade de Deus, e de muitas outras maneiras. Pensava-se na igreja como uma comunidade mundial única de crentes, da qual cada congregação local era afloramento e amostra. Os primitivos escritores cristãos muitas vezes se referiam à igreja como o "corpo de Cristo" e o "novo Israel". Esses dois conceitos revelam muito da compreensão

que os primitivos cristãos tinham da sua missão no mundo.

A. O Corpo de Cristo. Paulo descreve a igreja como "um só corpo em Cristo" (Romanos 12:5) e "seu corpo" (Efésios 1:23). Em outras palavras, a igreja encerra numa comunhão única de vida divina todos os que são unidos a Cristo pelo Espírito Santo mediante a fé. Esses participam de sua ressurreição (Romanos 6:8), e são a um tempo chamados e capacitados para continuar seu ministério de servir e sofrer para abençoar a outros (1 Coríntios 12:14-26). Estão ligados numa comunidade que personifica o reino de Deus no mundo.

Pelo fato de estarem ligadas a outros cristãos, essas pessoas entendiam que o que faziam com seus próprios corpos e capacidades era muito importante (Romanos 12:1; 1 Coríntios 6:13-19; 2 Coríntios 5:10). Entendiam que as várias raças e classes tornam-se uma em Cristo (1 Coríntios 12:3; Efésios 2:14-22), e deviam aceitar-se e amar-se uns aos outros de um modo que revelasse tal realidade.

Descrevendo a igreja como o corpo de Cristo, os primeiros cristãos acentuaram que Cristo era o cabeça da igreja (Efésios 5:23). Ele orientava as ações da igreja e merecia todo o louvor que ela recebia. Todo o poder da igreja para adorar e servir era dom de Cristo.

B. O Novo Israel. Os primitivos cristãos identificavam-se com Israel, povo escolhido de Deus. Acreditavam que a vinda e o ministério de Jesus cumpriram a promessa de Deus aos patriarcas (cf. Mateus 2:6; Lucas 1:68; Atos 5:31), e sustentavam que Deus havia estabelecido uma Nova Aliança com os seguidores de Jesus (cf. 2 Coríntios 3:6; Hebreus 7:22, 9:15).

Deus, sustentavam eles, havia estabelecido seu novo Israel na base

Ilha de Patmos. O apóstolo João recebeu sua visão do julgo de Deus nesta pequena e rochosa ilha na costa sudoeste da Ásia Menor. Diz a tradição que Domiciano, imperador romano (81-96 d.C.), baniu João para Patmos porque ele se recusou a honrar a religião oficial de Roma. O Apocalipse confirma que João recebeu a visão em Patmos (Apocalipse 1:9), e parece indicar que ele escreveu o livro aí (Apocalipse 1:11, 19; 10:4).



da salvação pessoal, e não em linhagem de família. Sua igreja era uma nação espiritual que transcendia a todas as heranças culturais e nacionais. Quem quer que depositasse fé na Nova Aliança de Deus, rendesse a vida a Cristo, tornava-se descendente espiritual de Abraão e, como tal, passava a fazer parte do "novo Israel" (Mateus 8:11; Lucas 13:28-30; Romanos 4:9-25; 11; Gálatas 3 — 4; Hebreus 11 — 12).

C. Características Comuns. Algumas qualidades comuns emergem das muitas imagens da igreja que encontramos no Novo Testamento. Todas elas mostram que a igreja existe porque Deus a trouxe à existência. Cristo comissionou seus seguidores a levar avante a sua obra, e essa é a razão da existência da igreja.

As várias imagens que o Novo Testamento apresenta da igrejaacentuam que o Espírito Santo a dota de poder e determina a sua direção. Os membros da igreja participam de uma tarefa comum e de um destino comum sob a orientação do Espírito.

A igreja é uma entidade viva e ativa. Ela participa dos negócios deste mundo; demonstra o modo de vida que Deus tenciona para todas as pessoas, e proclama a Palavra de Deus para a era presente. A unidade e a pureza espirituais da igreja estão em nítido contraste com a inimizade e a corrupção do mundo. É responsabilidade da igreja em todas as congregações particulares mediante as quais ela se torna visível, praticar a unidade, o amor e cuidado de um modo que mostre que Cristo vive verdadeiramente naqueles que são membros do seu corpo, de sorte que a vida deles é a vida de Cristo neles.

DOUTRINAS DO NOVO TESTAMENTO

A Bíblia expõe os ensinos fundamentais da fé cristã. A igreja primitiva viveu de acordo com essas doutrinas e preservou-as para nós hoje. Concentremos nossa atenção no modo como o Novo Testamento apresenta o Cristianismo.

A. Viver em Cristo. Antes de tudo, dizem-nos que Deus, o Pai, leva os cristãos para a comunhão com ele próprio, como filhos de sua família, mediante a morte e vida ressurreta de Jesus Cristo, o eterno Filho de Deus. Conforme escreveu Paulo, "Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo" (2 Coríntios 5:19). Assim o eterno Filho assumiu a carne humana. Jesus de Nazaré, plenamente Deus, e plenamente homem, revelou o Pai ao mundo. Os primitivos cristãos viam-se como pessoas que, por meio dele, tinham fé em Deus (1 Pedro 1:21). Eles encontraram vida nova em Jesus Cristo e entraram em união com o Deus vivo por intermédio dele (Romanos 5:1).

Jesus prometeu que, mediante o "novo nascimento", homens e mulheres encontrariam relacionamento apropriado com Deus e en-

trariam salvos no seu reino (João 3:5-16; 14:6). Os cristãos primitivos proclamavam esta simples mas surpreendente mensagem a respeito de Jesus.

Todas as grandes religiões do mundo afirmam que seu "fundador" tinha um discernimento singular, único, das verdades eternas da vida. Mas os cristãos reivindicam muito mais, pois o próprio Jesus nos disse que ele é a Verdade, e não apenas um mestre da Verdade (João 14:6). Os cristãos do primeiro século rejeitaram as religiões e as filosofias pagãs de seu tempo para aceitar o Verbo de Deus que se fez carne.

B. Ensinando a Reta Doutrina. A religião pagã de Roma era um

Hinos Cristãos Primitivos

É impossível determinar o "primeiro" hino cristão. Os cristãos, seguindo o exemplo da fé judaica, adotaram o cântico como expressão de ações de graça ou de alegria. Diz-nos a Bíblia que Jesus cantou um hino com os seus discípulos após a Última Ceia (Marcos 14:26); este hino, com toda a probabilidade, foi os Salmos 113-118, que eram tradicionalmente cantados na celebração da Páscoa. O Novo Testamento registra outras ocasiões em que os apóstolos e outros cristãos cantaram. Paulo e Silas, por exemplo, oravam e cantavam hinos na cadeia de Filipos (Atos 16:25).

Que cânticos e hinos eram esses? É impossível dizer-se com certeza, mas encontramos alguns fragmentos desses primitivos hinos por todo o Novo Testamento. Efésios 5:14 registra parte do que pode ter sido um hino de penitência:

"Desperata, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará." Um hino sobre a glória do martírio pode ter sido a fonte de 2 Timóteo 2:11-13: "Se já morremos com ele, também viveremos com ele..." Outros exemplos são: Tito 3:4-7 sobre a salvação; Apocalipse 22:17 sobre convite; Filipenses 2:6-11 sobre Cristo como servo de Deus; e 1 Timóteo 3:16 sobre a encarnação de Jesus e seu triunfo sobre a morte.

Além de servir como cânticos de louvor, esses hinos muitas vezes tinham em vista ensinar aos convertidos as verdades fundamentais da fé e da vida cristãs.

Os primitivos cristãos cantavam *Doxologias*, ou hinos de louvor a Deus, e delas temos alguns fragmentos. Por exemplo, "Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de

receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas" (Apocalipse 4:11).

Lucas registra diversos cânticos espontâneos, tão cheios de júbilo, que os primitivos cristãos os repetiam com frequência. Esses cânticos se incluem entre os hinos de hoje. São eles: o "Magnificat", cântico de louvor de Maria ao ficar sabendo que daria à luz o Salvador (1:46-55), o "Benedictus", júbilo de Zacarias pela chegada do Messias (1:68-79); o "Gloria in Excelsis", cântico angelical de louvor a Deus (2:14); e o "Nunc Dimittis", jubilosas ações de graças de Simeão pela vinda do Salvador (2:29-32).

Outros primitivos hinos cristãos foram escritos depois de acabado o Novo Testamento. Atribui-se o "Um Hino ao Salvador" a Clemente, mestre e escritor do segundo século d.C. Uma tradução literal da primeira linha desse cântico, incluído no final da obra de três volumes de Clemente acerca de Cristo, intitulada "O Tutor", é: "Freio de Corcéis Selvagens". Este hino usa diversas imagens para descrever a Cristo: Pescador de Almas, Palavra Eterna, Luz Eterna, e assim por diante. Também instruía os convertidos pagãos sobre a natureza de Cristo.

"O Hino do Anoitecer", ou "Um Hino para Acender as Lâmpadas", foi escrito mais ou menos na mesma época, embora se desconheçam a data exata e a autoria. Sabemos que os cristãos do segundo século se reuniam ao amanhecer e ao crepúsculo para cantar hinos, e certamente este teria sido apropriado. A igreja grega ortodoxa ainda usa esse cântico como hino vesperal.

rito em vez de uma doutrina. Com efeito, o imperador declarou: "Isto deveis fazer, mas podeis pensar conforme vos agrada." Os adoradores romanos acreditavam que necessitavam apenas de executar as cerimônias próprias da religião, quer as entendessem, quer não. No tocante a eles, um cético hipócrita podia ser tão "religioso" quanto um verdadeiro crente, contanto que oferecesse sacrifício no templo dos deuses.

Por outro lado, os cristãos primitivos insistiam em que tanto a crença quanto o comportamento são vitais, que os dois andam juntos. Eles levaram a sério as palavras de Jesus de que "os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade" (João 4:23). O que um cristão acreditava com a mente e sentia no coração, ele executava com as mãos. Por isso os primitivos cristãos obedeciam a Deus (1 João 3:22-24), e contraditavam os pretensos cristãos que tentavam espalhar falsos ensinos, e se lhes opunham (cf. 1 Timóteo 6:3-5).

Isto é, em essência, o que queremos dizer quando falamos de Cristianismo. É uma nova vida em Jesus Cristo, a qual traz verdadeira obediência aos seus ensinos.

O capítulo 6, sobre "Jesus Cristo", descreve os seus ensinamentos em pormenor. Aqui ressaltaremos as diferenças básicas entre o que Jesus e seus seguidores ensinaram e o que ensinavam seus vizinhos pagãos.

1. A Doutrina de Deus. Quase todas as grandes religiões ensinam que algum Ser Superior governa o Universo, e que a natureza demonstra este Ser todo-poderoso em operação. Muitas vezes essas religiões descrevem tal Ser em termos de forças naturais, como o vento e a chuva. Mas os primitivos cristãos não olhavam para a natureza a fim de encontrar a verdade acerca de Deus; eles olhavam para Cristo. Os cristãos acreditavam que Jesus revelara plenamente o Pai celestial (Colossenses 2:9). Assim, entendiam a Deus em termos de Jesus, e basearam sua doutrina de Deus sobre a vida de Cristo.

a. A Trindade. Muitos eruditos crêem que a doutrina da Trindade é o elemento mais decisivo na compreensão cristã de Deus. Os primitivos cristãos confessavam que conheciam a Deus em três Pessoas — Pai, Filho e Espírito Santo — e essas três partilhavam plenamente de uma só natureza divina.

Muitos textos bíblicos mostram que esses cristãos apostólicos entenderam Jesus Cristo em termos trinitários. Por exemplo, Paulo disse que "por ele [Cristo], ambos temos acesso ao Pai em um Espírito" (Efésios 2:18) — descrevendo nossa relação com as três Pessoas da Trindade. O Novo Testamento contém muitas declarações desse teor.

De maneira alguma a doutrina cristã da Trindade concordava com

os ensinos pagãos dos egípcios, dos gregos e dos babilônios. Nem ela se ajustava às filosofias abstratas da Grécia. Nenhuma dessas idéias — religiosas ou filosóficas — podia comparar-se com a compreensão cristã de Deus, pois os cristãos primitivos sabiam que Deus não era o herói excêntrico das lendas imaginárias nem tampouco uma "Força" impessoal (1 Coríntios 1:9). Sabiam que ele era um Criador e Senhor pessoal; na verdade, ele veio a eles como três Pessoas. Não obstante, ele ainda era um só Deus.

b. Deus como um Pai Pessoal. Jesus ensinou aos discípulos que Deus é "meu Pai e vosso Pai" (João 20:17). Em outras palavras, ele lhes mostrou que Deus cuidava deles pessoalmente, do mesmo modo que um pai humano cuida de seus filhos. Ele ousava falar com Deus o Criador como uma criança fala com seu pai, e disse aos discípulos que Deus lhe havia dado todas as coisas (Mateus 11:27).

Jesus explicou que Deus ama as pessoas que o aceitam (Jesus) em suas vidas (João 17:26). Ele lembrou a seus seguidores que tinham um Deus-Pai que cuidava dos mínimos detalhes de suas necessidades cotidianas (Mateus 6:28-32).

Jesus Cristo ensinou que seu Pai é santo, e que ele e o Espírito Santo participam da mesma santidade divina e atuam de acordo com ela (João 15:23-26). Diferente dos deuses dos mitos gregos e romanos, que eram irascíveis e imorais, o verdadeiro Deus é justo e reto (Lucas 18:19). Ele intervém para salvar o seu povo do pecado. Jesus explicou que foi para esse fim que Deus o enviou ao mundo; ele trouxe a misericórdia de Deus a uma humanidade moribunda e pecadora, e nele vemos cumprido o santo propósito de Deus (João 6:38-40). Assim, esse Deus santo não se mantém indiferente aos negócios dos homens! Ele sofre suas dores e até se submete ao poder da morte para salvar seus filhos (João 15:9-14). Vemos, de novo, Jesus encarecendo o amor pessoal que Deus tem por todos os seres humanos.

Jesus demonstrou esse amor em seu próprio ministério. Ele fez tudo para encontrar o povo que estava sofrendo os efeitos do pecado, de sorte que pudesse livrá-los. C. G. Montefiore diz: "Os rabinos davam boas-vindas a um pecador quando este se arrependia. Mas buscar o pecador . . . era . . . algo novo na história religiosa de Israel."⁴ Jesus estava disposto a pagar qualquer preço — até a morte — para salvar a humanidade das garras do pecado. Na verdade, quando um dos discípulos o aconselhou a não fazê-lo, ele respondeu: "Arreda! Satanás" (Mateus 16:23). Jesus provou que Deus é o grande Resgatador que os profetas do Antigo Testamento haviam predito (Isaías 53).

Jesus também pôs abaixo os estreitos limites nacionais que os judeus haviam erguido em torno de Deus. Ele estendeu o amor de Deus a

todas as pessoas de todas as raças e nacionalidades; enviou os discípulos a "todo o mundo" a fim de reconquistar os homens para Deus (Marcos 16:15). Os primitivos cristãos obedeceram à sua ordem levando o evangelho primeiro aos judeus, e também aos gregos (Romanos 1:16).

2. A Doutrina da Redenção. Jesus ensinou que Deus redime os indivíduos bem como as nações. Este era um ensino radicalmente novo no mundo judaico. Não obstante, a doutrina da salvação pessoal estava no âmago do ensino cristão.

a. O Deus Criador. A doutrina cristã da salvação repousava no fato de que Deus criou a raça humana. Até esta era uma idéia impopular no tempo de Jesus.

Muitos filósofos e sectaristas gregos insistiam em que Deus não poderia ter feito este mundo mau, e que ele "emanou" de Deus por algum processo natural, como as ondas circulares "emanam" de uma pedrinha jogada num tanque d'água. Mas o Antigo Testamento mostrava que Deus criou o mundo por sua própria iniciativa. Ele escolheu fazê-lo. E visto que Deus escolheu criar o mundo, ele poderia lidar com ele como bem quisesse (Isaías 40:28; cf. Romanos 1:20). Os pagãos ensinavam que forças do mal haviam distorcido as "emanações" de Deus, tornando o mundo corrupto. A Bíblia ensina que Deus criou o mundo perfeito e fez o homem à sua própria imagem, mas o homem escolheu rebelar-se contra Deus (Gênesis 3). Os gregos acreditavam



Cláudio. Cláudio, imperador de Roma de 41-54 d.C., sofreu um ataque de paralisia infantil que o deixou com apenas controle parcial do corpo. Sua boca salivante, membros tremulos, e andar trôpego davam-lhe uma aparência débil; mas em realidade ele foi um dos mais engenhosos e poderosos dos imperadores romanos. Cláudio expulsou de Roma os judeus por motivos de levantes; este é, provavelmente, o incidente referido em Atos 18:2.

que as forças do bem e do mal sustentavam o mundo num beco sem saída; pensavam que o mal havia corrompido o bem, e o bem impedia o mal de adquirir absoluto controle sobre o mundo. Os cristãos rejeitaram essa idéia, e ensinavam que o mundo ainda pertence ao seu Criador, e que as forças do mal não podem, finalmente, prevalecer. O mal só tem influência na medida em que Deus permite (Romanos 2:3-10; 12:17-21).

b. O Homem Decaído. Jesus deu ao mundo uma nova compreensão do homem. Seus seguidores chegaram a entender que cada pessoa é um filho de Deus, perdido, que o Pai está tentando restaurar à família através de Cristo (João 1:10-13; Efésios 2:19).

Os mitos gregos diziam que o homem é uma estranha mescla de espírito e carne, arrastado daqui para ali pelas forças imprevisíveis do mundo. Os mitos órficos (histórias que envolvem o deus grego Orfeu) insistiam em que o homem tinha uma natureza interior semelhante à dos deuses. Platão havia retomado essa idéia em sua

O Destino das Sete Igrejas

Das sete igrejas às quais João se dirigiu no livro do Apocalipse, quatro agora já zem em ruínas. As cidades de Éfeso, de Pérgamo, de Sardes e de Laodicéia estão todas desoladas; mas Esmirna, Tiatira, e Filadélfia ainda existem como cidades modernas.

Quando João escreveu a Éfeso (Apocalipse 2:1-7), ele advertiu a igreja a respeito da influência pagã e insistiu com ela para que voltasse ao seu "primeiro amor". Éfeso era um grande centro comercial, muitas vezes chamado o "Mercado da Ásia". O templo de Ártemis — uma das sete maravilhas do mundo antigo — estava localizado em Éfeso. No ano 262 d.C., os godos destruíram o templo e toda a cidade. A cidade nunca reconquistou sua glória ou seu "primeiro amor". Um grupo de bispos cristãos realizou um concílio em Éfeso em data tão tardia quanto 431 d.C., mas os árabes mais tarde atacaram a cidade, bem como os turcos, e finalmente os mongóis em 1403. Hoje seu porto marítimo é um pantanal coberto de juncos e a cidade está desolada.

Em sua mensagem a Esmirna (Apocalipse 2:8-11) João louvou a igreja por ser uma comunidade forte de crentes, mas advertiu que sofreriam perseguição. A partir do tempo de João (c. 90 d.C.) até mais ou

menos 312 d.C., os cristãos foram continuamente perseguidos. Em Esmirna o famoso mártir cristão Policarpo foi queimado no ano 155 d.C. Esmirna foi destruída por um terremoto em 178 d.C., mas foi rapidamente reconstruída. Esmirna foi uma das poucas cidades asiáticas a resistir aos ataques turcos, e entre as últimas a cair nas mãos dos muçulmanos. Foi um centro cultural, e sua sobrevivência ajudou a estimular a Renascença. Esmirna é hoje a moderna cidade de Izmir — uma das maiores da Turquia, com uma população de meio milhão.

De acordo com João, os cristãos de Pérgamo moravam onde "está o trono de Satanás". Ele advertiu que seriam tragados nesta cidade mundana (Apocalipse 2:12-17). Capital da província romana da Ásia, Pérgamo tinha magníficas estátuas de Zeus, de Dionísio, e de Atena. Os cristãos ali sofreram, mas no ano 312 d.C. Constantino tornou-se imperador de Roma e ordenou que se pusesse fim à perseguição. Mais tarde ele professou o Cristianismo e começou a fundir a igreja e o Estado. Pérgamo tornou-se importante centro cristão. Atacada pelos árabes no ano 716-717 d.C., Pérgamo perdeu o poder político. Aos poucos caiu em ruínas e é agora uma desolação.

filosofia da Alma-Mundo; ele achava que os seres humanos tinham uma centelha de inteligência divina, e que o homem se torna mais semelhante a Deus à medida que desenvolve seu intelecto e sua capacidade de raciocinar.

As Escrituras contraditavam essa idéia grega, afirmando que a mais importante prova do caráter do homem é sua fibra moral, e não seu intelecto; e, nesses termos, o homem certamente não poderia reivindicar ser semelhante a Deus! "Como está escrito", disse Paulo aos cristãos de Roma, "não há justo, nem sequer um" (Romanos 3:10). Os primeiros cristãos criam que muito embora o homem fosse totalmente indigno do amor divino, Deus continua a estender-lhe a mão, e tenta trazê-lo de volta à comunhão santa com ele (Romanos 5:6-8).

Os primitivos pregadores cristãos falaram claramente que o homem havia caído do favor de Deus no Jardim do Éden. "Entretanto reinou a morte desde Adão", escreveu Paulo ". . . mesmo sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão. . ." (Romanos

Quando João escreveu à igreja em Tiatira (Apocalipse 2:18-29), ele advertiu sobre a adoração de ídolos. Não havia importantes estátuas de deuses na cidade, mas associações comerciais promoviam a idolatria e excessiva bebedeira. Os árabes e os turcos repetidamente atacaram Tiatira através dos anos, mas depois de cada ataque a cidade era reconstruída. Pelo fato de as novas estruturas serem erigidas sobre as ruínas, é difícil traçar a história da cidade. Hoje ela pertence à Turquia; seu nome é Akhisar, e tem 50.000 habitantes, com pouca evidência de seu caráter na era apostólica.

João condenou a igreja de Sardes por não ter vida nem espírito (Apocalipse 3:1-6). Depois de ser destruída por um terremoto no ano 117 d.C., Sardes foi reconstruída com dinheiro fornecido pelo Império Romano. A cidade perdeu lentamente sua riqueza, e foi atacada e conquistada pelos árabes em 716 d.C. Alguns relatórios dizem que Sardes foi habitada de novo após a sua destruição por Tamerlão (líder dos turcos berlus) em 1403. Hoje uma pequena aldeia com o nome de Sant ergue-se entre as ruínas de Sardes.

João elogiou a igreja de Filadélfia por sua paciência (Apocalipse 3:7-13). Filadélfia estava localizada numa linha central de

falla geológica e era sujeita a freqüentes terremotos, e por isso a cidade foi destruída e reconstruída em diversas ocasiões. Embora os turcos e os muçulmanos inundassem a Ásia Menor de ponta a ponta, Filadélfia permaneceu por longo tempo uma cidade cristã; em realidade, Filadélfia foi o último posto cristão avançado na Ásia Menor até 1390. Ainda permanece como moderna cidade turca de 25.000 habitantes, chamada Alashehir, que significa "Cidade de Deus".

Laodicéia estava localizada numa rota comercial que a tornava um importante centro bancário. No quarto século, Laodicéia havia-se tornado a sede episcopal da Ásia Menor e os bispos cristãos realizaram ali um famoso concílio em 361 d.C. O abastecimento de água de Laodicéia vinha de cidades das redondezas por meio de um sofisticado sistema de aquedutos. O sol amornava a água, o que serviu de base para a chocante analogia de Apocalipse 3:14-22. Durante as guerras entre os muçulmanos da Idade Média, Laodicéia foi destruída e abandonada. No século dezesseste os viajantes notaram que a cidade estava habitada somente por lobos e raposas. Suas ruínas permanecem desoladas hoje como se fora fantasma.

5:14). "Porque assim como em Adão todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo" (1 Coríntios 15:22; cf. 15:45). Os cristãos acreditavam que o pecado de Adão no Éden foi o primeiro evento-chave da história humana, indicando que o homem era uma criatura caída que necessitava voltar para Deus.

c. A Natureza do Pecado. Escritores gregos e romanos criticavam a imoralidade do mundo antigo, mas não tinham nenhum conceito definido de pecado. Receavam que o viver negligente destruísse a harmonia de sua sociedade, mas de forma alguma pensavam que a imoralidade ofendesse os deuses. Por que haveria de ofender? De acordo com os seus mitos, os deuses eram mais sensuais e gananciosos do que o homem jamais imaginaria.

Jesus ensinou que o pecado (definido em 1 João 3:4 como transgressão da lei, é rebeldia contra Deus; é a decisão humana de abusar do amor divino e rejeitar seu caminho, e acarreta juizo "... porque se não crerdes que eu sou [isto é, o Redentor], morrereis nos vossos



Sardes. Tudo o que resta do templo de Ártemis (ou Diana) em Sardes são umas poucas e magníficas colunas. outrora rica capital do reino da Lídia, Sardes está localizada à margem de uma importante rota comercial que vai dar no vale do Hermo. No período romano, a cidade perdeu a proeminência de séculos anteriores. A carta à igreja de Sardes (Apocalipse 3:1-6) sugere que os cristãos ali possuíam o mesmo espírito da cidade, descansando em seu passado sem preocupar-se com as realizações presentes.

pecados" (João 8:24). Jesus predisse que o Espírito convenceria o mundo do pecado "porque não crêem em mim" (João 16:9). O homem prefere pecar, e ele é plenamente responsável por sua posição à vista de Deus.

d. A Morte Sacrificial de Jesus. Os sacerdotes do Antigo Testamento sacrificavam animais e espargiam o sangue sobre o altar pelos pecados do povo. Jesus disse aos seus discípulos que derramaria o seu sangue "para remissão de pecados" (Mateus 26:28). Deus mesmo, na pessoa de Jesus Cristo, estava disposto a entregar-se para morrer pelos pecados do homem. Deste modo, ele cobriu o abismo que o pecado havia aberto entre ele (Deus) e o homem. A *encarnação* do Filho eterno de Deus capacitou-o a ser o sacrifício final pelo pecado.

Jesus rendeu-se às autoridades judaicas que se ressentiam com a mensagem que ele trouxe ao mundo. Acusavam-no de estar "pervertendo a nossa nação" ensinando a seus seguidores que ele era o Messias havia muito tempo prometido (Lucas 23:2). Jesus não tinha violado nenhuma lei romana, mas o governador romano Pôncio Pilatos permitiu que seus soldados o executassem para apaziguar os dirigentes judeus. Jesus não foi, portanto, culpado de quebrar a lei de Deus ou a do homem; até mesmo seu traidor confessou: "Pequei, traindo sangue inocente" (Mateus 27:4). Não obstante, os centuriões romanos pregaram a Jesus numa cruz como se ele fosse um criminoso vulgar. Em realidade, ele se fez o sacrifício puro de Deus pelo pecado do homem, e os cristãos primitivos acentuavam este ponto em sua pregação e ensino (cf. Hebreus 10).

C. A Ressurreição de Jesus. Os cristãos declaravam que o ministério de Jesus não havia terminado na cruz, porque Deus o ressuscitou do túmulo. Ele ministrou entre seus discípulos durante algumas semanas até que Deus o levou para a sua destra no céu (Atos 7:56).

Os primeiros cristãos contaram ao mundo que haviam presenciado a morte, a ressurreição e a ascensão de Jesus. Esta mensagem eletrizou o Império Romano, e levou muitos a considerar os cristãos como fanáticos (Atos 17:6). Mas Paulo disse aos seus amigos cristãos: "Se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados. E ainda mais: os que dormiram em Cristo, pereceram" (1 Coríntios 15:17-18).

3. O Reino de Deus. Já notamos que Jesus se concentrou na salvação do indivíduo operada por Deus; mas também ensinou que Deus reúne seu povo numa grande comunidade dos remidos — o reino da soberania salvadora de Deus, o qual Jesus chamou de "Reino de Deus". Nesse Reino (presentemente representado pela igreja), Deus exigiu que seu povo vivesse uma vida de amor fraternal. Deviam praticar a ética de Cristo e trabalhar para a redenção de toda a humanidade.

158 O Mundo do Novo Testamento

Jesus não limitou o Reino aos judeus; ele explicou que todo aquele que produzisse os respectivos frutos pertencia ao Reino (Mateus 21:43). O Evangelho de Mateus, em particular, registra muitas parábolas acerca do Reino. Veja especialmente 20:1-16; 22:2-14; 25:1-30.

Observe que muitas dessas parábolas apontam para o fim dos tempos, quando Deus reunirá todo o povo do seu Reino eterno a fim de reinar com ele para sempre. Os primitivos evangelistas cristãos acentuavam a mensagem de Jesus acerca do fim dos tempos, porque acreditavam que viviam nos últimos dias. Essa crença estimulou os cristãos a levar o evangelho aos distantes recantos do Império Romano. Eles tinham um desejo ardente de conquistar as almas perdidas para Jesus Cristo antes que chegasse o fim.

Paulo e Suas Viagens



le era um homem de pequena estatura", afirmam os Atos de Paulo, escrito apócrifo do segundo século, "parcialmente calvo, pernas arqueadas, de compleição robusta, olhos próximos um do outro, e nariz um tanto curvo."

Se esta descrição merecer crédito, ela fala um bocado mais a respeito desse homem natural de Tarso, que viveu quase sete décadas cheias de acontecimentos após o nascimento de Jesus. Ela se encaixaria no registro do próprio Paulo de um insulto dirigido contra ele em Corinto. "As cartas, com efeito, dizem, são graves e fortes; mas a presença pessoal dele é fraca, e a palavra desprezível" (2 Coríntios 10:10).

Sua verdadeira aparência teremos de deixar por conta dos artistas, pois não sabemos ao certo. Matérias mais importantes, porém, demandam atenção — o que ele sentia, o que ele ensinava, o que ele fazia.

Sabemos o que esse homem de Tarso chegou a crer acerca da pessoa e obra de Cristo, e de outros assuntos cruciais para a fé cristã. As cartas procedentes de sua pena, preservadas no Novo Testamento, dão eloquente testemunho da paixão de suas convicções e do poder de sua lógica.

Aqui e acolá em suas cartas encontramos pedacinhos de autobiografia. Também temos, nos Atos dos Apóstolos, um amplo esboço das atividades de Paulo. Lucas, autor dos Atos, era médico e historiador gentio do primeiro século.

Assim, enquanto o teólogo tem material suficiente para criar intensos debates acerca daquilo em que Paulo acreditava, o historiador dispõe de parcós registros. Quem se der ao trabalho de escrever a biografia de Paulo descobrirá lacunas na vida do apóstolo que só poderão ser preenchidas por conjecturas.

À semelhança de um meteoro brilhante, Paulo lampeja repentinamente em cena como um adulto numa crise religiosa, resolvida pela conversão. Desaparece por muitos anos de preparação. Reaparece no

papel de estadista missionário, e durante algum tempo podemos acompanhar seus movimentos através do horizonte do primeiro século. Antes de sua morte, ele flameja até entrar nas sombras além do alcance da vista.

O JOVEM SAULO

Antes, porém, que possamos entender Paulo, o missionário cristão aos gentios, é necessário que passemos algum tempo com Saulo de Tarso, o jovem fariseu. Encontramos em Atos a explicação de Paulo sobre sua identidade: "Eu sou judeu, natural de Tarso, cidade não insignificante da Cilícia" (Atos 21:39). Esta afirmação nos dá o primeiro fio para tecermos o pano de fundo da vida de Paulo.

A. Da Cidade de Tarso. No primeiro século, Tarso era a principal cidade da província da Cilícia na parte oriental da Ásia Menor. Embora localizada cerca de 16 km no interior, a cidade era um importante porto que dava acesso ao mar por via do rio Cnido, que passava no meio dela.

Ao norte de Tarso erguiam-se imponentes, cobertas de neve, as montanhas do Tauro, que forneciam a madeira que constituía um dos principais artigos de comércio dos mercadores tarsenses. Uma importante estrada romana corria ao norte, fora da cidade e através de um estreito desfiladeiro nas montanhas, conhecido como "Portas Cílicianas". Muitas lutas militares antigas foram travadas nesse passo entre as montanhas.

Tarso era uma cidade de fronteira, um lugar de encontro do Leste e do Oeste, e uma encruzilhada para o comércio que fluía em ambas as direções, por terra e por mar. Tarso possuía uma preciosa herança. Os fatos e as lendas se entremesclavam, tornando seus cidadãos fervorosamente orgulhosos de seu passado.

O general romano Marco Antônio concedeu-lhe o privilégio de *libera civitas* ("cidade livre") em 42 a.C. Por conseguinte, embora fizesse parte de uma província romana, era autônoma, e não estava sujeita a pagar tributo a Roma. As tradições democráticas da cidade-estado grega de longa data estavam estabelecidas no tempo de Paulo.

Nessa cidade cresceu o jovem Saulo. Em seus escritos, encontramos reflexos de vistas e cenas de Tarso de quando ele era rapaz. Em nítido contraste com as ilustrações rurais de Jesus, as metáforas de Paulo têm origem na vida citadina.

O reflexo do sol mediterrâneo nos capacetes e lanças romanos teriam sido uma visão comum em Tarso durante a infância de Saulo. Talvez fosse este o fundo histórico para a sua ilustração concernente à guerra cristã, na qual ele insiste em que "as armas da nossa milícia

não são carnais, e, sim, poderosas em Deus, para destruir fortalezas" (2 Coríntios 10:4).

Paulo escreve de "naufragar" (1 Timóteo 1:19), do "oleiro" (Romanos 9:21), de ser conduzido em "triunfo" (2 Coríntios 2:14). Ele compara o "tabernáculo terrestre" desta vida a um edifício de Deus, "casa não feita por mãos, eterna, nos céus" (2 Coríntios 5:1). Ele toma a palavra grega para *teatro* e, com audácia, aplica-a aos apóstolos, dizendo: "nos tornamos um espetáculo (*teatro*) ao mundo" (1 Coríntios 4:9).

Tais declarações refletem a vida típica da cidade em que Paulo passou os anos formativos da sua meninice. Assim as vistas e os sons deste azafamado porto marítimo formam um pano de fundo em face do qual a vida e o pensamento de Paulo se tornaram mais compreensíveis. Não é de admirar que ele se referisse a Tarso como "cidade não insignificante".

Os filósofos de Tarso eram quase todos estóicos. As idéias estóicas,

Mileto. Das grandes cidades gregas da costa oeste da Ásia Menor, a que ficava no extremo sul era Mileto; floresceu como centro comercial antes de ser destruída pelos persas em 494 a.C. Quando Paulo ali chegou (Atos 20:15; 2 Timóteo 4:20), a cidade fazia parte da província romana da Ásia e declinava comercialmente porque seu porto se estava enchendo de sedimento. Além do teatro encontrava-se o antigo porto, hoje um pantanal.



Método de Pregação de Paulo

Paulo foi um pregador persuasivo. Os estudos de sua meninice aos pés de Gamaliel haviam fortalecido sua ortodoxia hebraica. Redirecionado por Jesus Cristo, Paulo exortava seus ouvintes a crer e ser salvos.

Paulo apontava para sua própria vida e obra como prova de sua mensagem (2 Coríntios 12:12). Ele anuncjava boas novas experimentadas pessoalmente (Filipenses 3:12). Escreveu: "Para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro" (Filipenses 1:21).

Os auditórios achavam Paulo franco, corajosamente zeloso, equilibrado e simpático. Paulo trazia à lembrança de seus ouvintes judeus sua história, sua língua, seus costumes (Atos 13:14-43; 22:2; 23:6-9). Entre os gentios, ele apelava para a curiosidade grega a respeito de novos ensinos (Atos 16:37; 17:22 e seguintes). Ele atraía a atenção dos ouvintes com palavras, gestos, ações dramáticas, e advertências (Atos 13:16, 40; 14:14-15).

O único objetivo de Paulo era ganhar almas para Cristo. Suas exortações e advertências eram calorosas e emocionais (1 Coríntios 15:58). Também usava argumentos convincentes, resumos bem desenvolvidos (1 Coríntios 10:31-33), e aplicações pessoais (Filipenses 3:17; 1 Coríntios 11:1).

A pregação de Paulo correspondia de perto ao modelo de pregação de Pedro no

Pentecoste. Pedro ressaltara cinco pontos: [1] "varão aprovado por Deus diante de vós" (Atos 2:22). [2] "vós o matastes, crucificando-o" (Atos 2:23). [3] "ao qual, porém, Deus ressuscitou... A este Jesus Deus ressuscitou" (Atos 2:24, 32). [4] "a este Jesus... Deus o fez Senhor e Cristo" (2:36). [5] "e recebereis o dom do Espírito Santo" (Atos 2:38).

Paulo declarou: [1] "Deus... escolheu nossos pais... Da descendência deste... trouxe Deus a Israel o Salvador" (Atos 13:17, 23). [2] "pediram... que ele fosse morto" (Atos 13:28). [3] "Mas Deus o ressuscitou dentre os mortos... e foi visto muitos dias pelos que com ele subiram..." (Atos 13:30-31). [4] "Deus a cumpriu... a nós, seus filhos, ressuscitando a Jesus" (Atos 13:33). Em outro lugar, Paulo revela a salvação de Deus para os gentios (Atos 14:15-17; 17:22-31).

Paulo refletia os ensinamentos de Jesus, embora raramente citasse o Mestre. Ele pregava com amor e compaixão pastorais. Sua mensagem fez muitos amigos e alguns inimigos, mas permitiu que fossem poucas as pessoas acomodárias. Sua teologia tinha por centro a pessoa e obra de Cristo. Ele cria que as exigências éticas da lei judaica deviam ser cumpridas; mas também cria que o novo homem, cheio do Espírito devia executar em virtude de motivação interior aquilo que as exigências da lei deixaram de realizar pela força.

embora essencialmente pagãs, produziram alguns dos mais nobres pensadores do mundo antigo. Atenodoro de Tarso é um esplêndido exemplo.

Ao se retirar da vida pública de Roma e voltar para sua cidade natal, Atenodoro deu este conselho a César Augusto: "Quando estiver irado, César, nada diga e nada faça até que tenha repetido as letras do alfabeto." Também se atribui a ele este dito: "Vive de tal modo com os homens como se Deus te visse; fala com Deus de tal modo como se os homens estivessem ouvindo."

Embora Atenodoro tenha morrido no ano 7 d.C., quando Saulo não passava de um menino pequeno, por muito tempo o seu nome permaneceu como herói em Tarso. É quase impossível que o jovem Saulo não tivesse ouvido algo a respeito dele.

Quanto, exatamente, foi o contato que o jovem Saulo teve com esse mundo da filosofia em Tarso? Não sabemos; ele não nos disse. Mas

as marcas da ampla educação e contato com a erudição grega o acompanham quando homem feito. Ele sabia o suficiente sobre tais questões para pleitear diante de toda sorte de homens a causa que ele representava. Também estava cônscio dos perigos das filosofias religiosas especulativas dos gregos. "Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens. . . e não segundo Cristo", foi sua advertência à igreja de Colossos (Colossenses 2:8).

B. Cidadão Romano. Paulo não era apenas "cidadão de uma cidade não insignificante", mas também cidadão romano. Isso nos dá ainda outra pista para o fundo histórico de sua meninice.

Em Atos 22:24-29 vemos Paulo conversando com um centurião romano e com um tribuno romano. (*Centurião* era um militar de alta patente no exército romano com 100 homens sob seu comando; o *tribuno*, neste caso, seria um comandante militar.) Por ordens do tribuno, o centurião estava prestes a açoitar Paulo. Mas o Apóstolo protestou: "Ser-vos-á porventura lícito açoitar um cidadão romano, sem estar condenado?" (Atos 22:25). O centurião levou a notícia ao tribuno, que fez mais inquirição. A ele Paulo não só afirmou sua cidadania romana mas explicou como se tornara tal: "Por direito de nascimento" (Atos 22:28). Isso implica que seu pai fora cidadão romano.

Podia-se obter a cidadania romana de vários modos. O tribuno, ou comandante, desta narrativa, declara haver "comprado" sua cidadania por "grande soma de dinheiro" (Atos 22:28). No mais das vezes, porém, a cidadania era uma recompensa por algum serviço de distinção fora do comum ao Império Romano, ou era concedida quando um escravo recebia a liberdade.

A cidadania romana era preciosa, pois acarretava direitos e privilégios especiais como, por exemplo, a isenção de certas formas de castigo. Um cidadão romano não podia ser açoitado nem crucificado.

Todavia, o relacionamento dos judeus com Roma não era de todo feliz. Raramente os judeus se tornavam cidadãos romanos. Quase todos os judeus que alcançaram a cidadania moravam fora da Palestina.

C. De Descendência Judaica. Devemos, também, considerar a ascendência judaica de Paulo e o impacto da fé religiosa de sua família. Ele se descreve aos cristãos de Filipos como "da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei, fariseu" (Filipenses 3:5). Noutra ocasião ele chamou a si próprio de "israelita da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim" (Romanos 11:1).

Dessa forma Paulo pertencia a uma linhagem que remontava ao pai de seu povo, Abraão. Da tribo de Benjamim saíra o primeiro rei de

Israel, Saul, em consideração ao qual o menino de Tarso fora chamado Saulo.

A escola da sinagoga ajudava os pais judeus a transmitir a herança religiosa de Israel aos filhos. O menino começava a ler as Escrituras com apenas cinco anos de idade. Aos dez, estaria estudando a Mishna com suas interpretações emaranhadas da Lei. Assim, ele se aprofundou na história, nos costumes, nas Escrituras e na língua do seu povo. O vocabulário posterior de Paulo era fortemente colorido pela linguagem da Septuaginta, a Bíblia dos judeus helenistas.

Dentre os principais "partidos" dos judeus, os fariseus eram os mais estritos (veja o capítulo 5, "Os Judeus nos Tempos do Novo Testamento"). Estavam decididos a resistir aos esforços de seus conquistadores romanos de impor-lhes novas crenças e novos estilos de vida. No primeiro século eles se haviam tornado a "aristocracia espiritual" de seu povo. Paulo era fariseu, "filho de fariseus" (Atos 23:6). Podemos estar certos, pois, de que seu preparo religioso tinha



Muro de Damasco. Saulo de Tarso, a caminho de Damasco para perseguir os cristãos, foi atirado ao chão e ouviu a voz celestial enquanto se aproximava desta cidade (Atos 9:1-9). Este é o sítio tradicional junto ao muro de Damasco onde desceram Paulo num cesto para escapar à perseguição depois de haver ele pregado nas sinagogas da cidade (Atos 9:23-25). Paulo voltou a Damasco após um período de isolamento na Arábia (Gálatas 1:17).

raízes na lealdade aos regulamentos da Lei, conforme a interpretavam os rabinos. Aos treze anos ele devia assumir responsabilidade pessoal pela obediência a essa Lei.

Saulo de Tarso passou em Jerusalém sua virilidade "aos pés de Gamaliel", onde foi instruído "segundo a exatidão da lei. . ." (Atos 22:3). Gamaliel era neto de Hillel, um dos maiores rabinos judeus. A escola de Hillel era a mais liberal das duas principais escolas de pensamento entre os fariseus. Em Atos 5:33-39 temos um vislumbre de Gamaliel, descrito como "acatado por todo o povo".

Exigia-se dos estudantes rabínicos que aprendessem um ofício de sorte que pudessem, mais tarde, ensinar sem tornar-se um ônus para o povo. Paulo escolheu uma indústria típica de Tarso, fabricar tendas de tecido de pelo de cabra. Sua perícia nessa profissão proporcionou-lhe mais tarde um grande incremento em sua obra missionária.

Após completar seus estudos com Gamaliel, esse jovem fariseu provavelmente voltou para sua casa em Tarso onde passou alguns anos. Não temos evidência de que ele se tenha encontrado com Jesus ou que o tivesse conhecido durante o ministério do Mestre na terra.

Da pena do próprio Paulo bem como do livro de Atos vem-nos a informação de que depois ele voltou a Jerusalém e dedicou suas energias à perseguição dos judeus que seguiam os ensinamentos de Jesus de Nazaré. Paulo nunca pôde perdoar-se pelo ódio e pela violência que caracterizaram sua vida durante esses anos. "Porque eu sou o menor dos apóstolos", escreveu ele mais tarde, ". . . pois persegi a igreja de Deus" (1 Coríntios 15:9). Em outras passagens ele se denomina "perseguidor da igreja" (Filipenses 3:6), "como sobremaneira perseguiu eu a igreja de Deus e a devastava" (Gálatas 1:13).

Uma referência autobiográfica na primeira carta de Paulo a Timóteo jorra alguma luz sobre a questão de como um homem de consciência tão sensível pudesse participar dessa violência contra o seu próprio povo. ". . . noutro tempo era blasfemo e perseguidor e insolente. Mas obtive misericórdia, pois o fiz na ignorância, na incredulidade" (1 Timóteo 1:13). A história da religião está repleta de exemplos de outros que cometem o mesmo erro. No mesmo trecho, Paulo refere a si próprio como "o principal" dos pecadores" (1 Timóteo 1:15), sem dúvida alguma por ter ele perseguido a Cristo e seus seguidores.

D. A Morte de Estêvão. Não fora pelo modo como Estêvão morreu (Atos 7:54-60), o jovem Saulo podia ter deixado a cena do apedrejamento sem comoção alguma, ele que havia tomado conta das vestes dos apedrejadores. Teria parecido apenas outra execução legal.

Mas quando Estêvão se ajoelhou e as pedras martirizantes choveram sobre sua cabeça indefesa, ele deu testemunho da visão de Cristo na glória, e orou: "Senhor, não lhes imputes este pecado" (Atos 7:60).

Embora essa crise tenha lançado Paulo em sua carreira como caçador de hereges, é natural supor que as palavras de Estêvão tenham permanecido com ele de sorte que ele se tornou "caçado" também — caçado pela consciência.

E. Uma Carreira de Perseguição. Os eventos que se seguiram ao martírio de Estêvão não são agradáveis de ler. A história é narrada num só fôlego: "Saulo, porém, assolava a igreja, entrando pelas casas e, arrastando homens e mulheres, encerrava-os no cárcere" (Atos 8:3).

CONVERSÃO NA ESTRADA DE DAMASCO

A perseguição em Jerusalém na realidade espalhou a semente da fé. Os crentes se dispersaram e em breve a nova fé estava sendo pregada por toda a parte (cf. Atos 8:4). "Respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos do Senhor" (Atos 9:1), Saulo resolveu que já era tempo de levar a campanha a algumas das "cidades estrangeiras" nas quais se abrigaram os discípulos dispersos. O comprido braço do Sinédrio podia alcançar a mais longínqua sinagoga do império em questões de religião. Nesse tempo, os seguidores de Cristo ainda eram considerados como seita herética.

Assim, Saulo partiu para Damasco, cerca de 240 km distante, provido de credenciais que lhe dariam autoridade para, encontrando os "que eram do caminho, assim homens como mulheres, os levasse presos para Jerusalém" (Atos 9:2).

Que é que se passava na mente de Saulo durante a viagem, dia após dia, no pó da estrada e sob o calor escaldante do sol? A auto-revelação intensamente pessoal de Romanos 7:7-13 pode dar-nos uma pista. Vemos aqui a luta de um homem consciente para encontrar paz mediante a observância de todas as pormenorizadas ramificações da Lei.

Isso o libertou? A resposta de Paulo, baseada em sua experiência, foi negativa. Pelo contrário, tornou-se um peso e uma tensão intoleráveis. A influência do ambiente helenístico de Tarso não deve ser menosprezada ao tentarmos encontrar o motivo da frustração interior de Saulo. Depois de seu retorno a Jerusalém, ele deve ter achado irritante o rígido farisaísmo, muito embora professasse aceitá-lo de todo o coração. Ele havia respirado ar mais livre durante a maior parte de sua vida, e não poderia renunciar à liberdade a que estava acostumado.

Contudo, era de natureza espiritual o motivo mais profundo de sua tristeza. Ele tentara guardar a Lei, mas descobrira que não poderia fazê-lo em virtude de sua natureza pecaminosa decaída. De que modo, pois, poderia ele ser reto para com Deus?

Com Damasco à vista, aconteceu uma coisa momentosa. Num lam-

pejo cegante, Paulo se viu desrido de todo o orgulho e presunção, como perseguidor do Messias de Deus e do seu povo. Estêvão estivera certo, e ele errado. Em face do Cristo vivo, Saulo capitulou. Ele ouviu uma voz que dizia: "Eu sou Jesus, a quem tu persegues; . . . levanta-te, e entra na cidade, onde te dirão o que te convém fazer" (Atos 9:5-6). E Saulo obedeceu.

Durante sua estada na cidade, "Esteve três dias sem ver, durante os quais nada comeu nem bebeu" (Atos 9:9). Um discípulo residente em Damasco, por nome Ananias, tornou-se amigo e conselheiro, um homem que não teve receio de crer que a conversão de Paulo¹ fora autêntica. Mediante as orações de Ananias, Deus restaurou a vista a Paulo.

PRIMEIRA FASE DO MINISTÉRIO

Paulo começou, na sinagoga de Damasco, a dar testemunho de sua fé recém-encontrada. O tema de sua mensagem concernente a Jesus era: "Este é o Filho de Deus" (Atos 9:20). Mas Paulo tinha de aprender amargas lições antes que pudesse apresentar-se como líder cristão confiável e eficiente. Descobriu que as pessoas não se esquecem com facilidade; os erros do homem podem perseguí-lo por um longo tempo, mesmo depois que ele os tenha abandonado. Muitos dos discípulos suspeitavam de Paulo, e seus ex-companheiros de perseguições o odiavam. Ele pregou por breve tempo em Damasco, foi-se para a Arábia e depois voltou para Damasco.

A segunda tentativa de Paulo de pregar em Damasco igualmente não teve bom resultado. Um ano ou dois haviam decorrido desde a sua conversão, mas os judeus se lembravam de como ele havia desertado de sua primeira missão em Damasco. O ódio contra ele inflamou-se de novo e "deliberaram entre si tirar-lhe a vida" (Atos 9:23). A dramática história da fuga de Paulo por sobre a muralha, num cesto, tem prendido a imaginação de muitos.

Os dias de preparação de Paulo não estavam terminados. O relato que ele faz aos gálatas continua, dizendo: "Decorridos três anos, então subi a Jerusalém. . ." (Gálatas 1:18). Ali ele encontrou a mesma hostil recepção que teve em Damasco. Uma vez mais foi obrigado a fugir.

Paulo desapareceu por alguns anos. Esses anos que ele passou escondido deram-lhe convicções amadurecidas e estatura espiritual de que ele necessitaria em seu ministério.

Em Antioquia, os gentios estavam sendo convertidos a Cristo. A Igreja em Jerusalém teve de decidir como cuidar desses novos crentes. Foi então que Barnabé se lembrou de Paulo e se dirigiu a Tarso à sua procura (Atos 11:25). Barnabé já tinha sido instrumento na apresen-

tação de Paulo em Jerusalém, num esforço por afastar suspeitas contra ele.

A esses dois homens foi confiada a tarefa de levar socorro à Judéia onde os seguidores de Jesus estavam passando fome. Quando Barnabé e Paulo voltaram a Antioquia, missão cumprida, trouxeram consigo o jovem João, apelidado Marcos, sobrinho de Barnabé (Atos 12:25).

VIAGENS MISSIONÁRIAS

A jovem e florescente igreja de Antioquia resolve enviar a Barnabé e a Paulo como missionários. O primeiro porto de escala na primeira viagem missionária foi Salamina, na ilha de Chipre, terra natal de Barnabé. Este fato, juntamente com a freqüente apresentação que a Bíblia faz desses missionários como "Barnabé e Saulo" indica que Paulo desempenhava papel secundário. Esta era a viagem de Barnabé; Paulo exercia o segundo posto de comando, e os dois tinham "João [Marcos] como auxiliar" (Atos 13:5).

O êxito de seus esforços missionários nessa ilha incentivaram Paulo e seus parceiros a avançar para território mais difícil. Fizeram uma viagem mais longa por mar, desta vez até Perge, já em terras continentais da Ásia Menor. Dali Paulo pretendia viajar pelo interior numa missão perigosa até à Antioquia da Pisídia.

Mas, exatamente neste ponto, aconteceu algo que causou muita dor de cabeça aos três. O ajudante, João Marcos, "apartando-se deles, voltou para Jerusalém" (Atos 13:13), onde morava. A Bíblia não nos diz por quê, embora seja natural conjecturar que lhe faltaram coragem e confiança. A súbita mudança dos planos de Marcos causaria, mais tarde, conflito entre Paulo e Barnabé.

Em Antioquia, Paulo tornou-se o porta-voz e criou-se um padrão conhecido de todos. Alguns criam em sua mensagem e se regozijavam; outros a rejeitavam e provocavam oposição. Aconteceu pela primeira vez em Antioquia, depois em Icônio. Em Listra ele foi apedrejado e dado por morto (Atos 14:19), mas sobreviveu e pôde prosseguir até à cidade de Derbe.

A visita de Paulo e Barnabé a Derbe completou a sua primeira viagem. Logo Paulo resolveu percorrer de novo a difícil rota sobre a qual ele tinha vindo, a fim de fortalecer, encorajar e organizar os grupos cristãos que ele e Barnabé haviam estabelecido.

Nisto discernimos o plano de Paulo de estabelecer congregações nas principais cidades do Império. Ele não deixava seus convertidos desorganizados e sem liderança capaz, mas, pelo mesmo motivo, não permanecia muito tempo num só lugar.

Os judeus muitas vezes faziam convertidos entre os gentios, mas

estes eram mantidos numa posição de "segunda classe". A não ser que estivessem preparados para submeter-se à circuncisão e aceitar a interpretação da Lei segundo os fariseus, eles permaneciam à margem da congregação judaica. Mesmo que chegassem a esse ponto, o fato de não terem nascido judeus ainda os barrava de usufruir completa comunhão.

Assim, qual seria a relação dos convertidos gentios com a comunidade cristã? Paulo e Barnabé viajaram a Jerusalém a fim de conferenciar com os dirigentes ali a respeito desse problema fundamental.

Em Jerusalém, Paulo expôs as suas convicções e saiu vencedor. A descrição da controvérsia que o próprio Paulo apresenta aos gálatas² declara que lhe estenderam "a destra de comunhão" e igualmente a Barnabé. Os dirigentes da igreja concordaram em que "nós fôssemos para os gentios" (Gálatas 2:9).

Após a conferência de Jerusalém, Paulo e Barnabé "demoraram-se em Antioquia, ensinando e pregando, . . . a palavra do Senhor" (Atos 15:35). Aqui, dois incidentes causaram severas tensões às relações de trabalho de Paulo com Pedro e Barnabé.

O primeiro desses incidentes surgiu dos mesmos problemas que provocaram a conferência de Jerusalém. A conferência havia liberado os gentios do regulamento judaico da circuncisão. Contudo, não havia decidido se os cristãos de origem judaica poderiam comer com os



convertidos gentios. Pedro tomou posição ao lado de Paulo nessa praxe, o que envolvia relaxar os regulamentos dos judeus com vistas a alimentos. Na realidade, Pedro deu o exemplo comendo com gentios. Mais tarde, porém, ele "afastou-se e, por fim, veio a apartar-se" (Gálatas 2:12), e Barnabé se deixou levar "pela dissimulação deles" (v. 13).

Paulo, considerando esses atos como nova ameaça à sua missão entre os gentios, recorreu a uma medida drástica. "Resisti-lhe [a Pedro] face a face, porque se tornara repreensível" (Gálatas 2:11). Ele fez isso "na presença de todos" (v. 14). Em outras palavras, ele recorreu à censura pública.

Esse incidente ajuda-nos a entender o segundo, que Lucas registra em Atos 15:36-40. Barnabé desejava que o jovem Marcos os acompanhasse na segunda viagem missionária; Paulo opôs-se à idéia. E a narrativa diz que "houve entre eles tal desavença que vieram a separar-se" (v. 39).

Não sabemos se Paulo e Barnabé voltaram a encontrar-se. Eles "concordaram em discordar" e empreenderam viagens, cada um para seu lado. Sem dúvida o evangelho foi desse modo promovido mais do que se tivessem permanecido juntos.

Então ‘Paulo, tendo escolhido a Silas, partiu. . . E passou pela Síria e Cilícia, confirmando as igrejas’ (Atos 15:40, 41). Depois de nova





Rua de Éfeso. As palavras de Paulo incitaram uma turba de efésios irados a revoltar-se no teatro que ficava no fim desta rua de mármore (Atos 19:21-40). Demétrio, que fazia miniaturas de prata do grande templo de Diana, levantou o problema ao verificar que a pregação de Paulo punha em risco a sua profissão. Paulo deixou a cidade, escolhendo Timóteo para permanecer ali e impedir que a igreja fosse corrompida por doutrina falsa (1 Timóteo 1:3).

visita a Derbe, o último ponto visitado na primeira viagem, Paulo e seu grupo prosseguiram até Listra para ver seus convertidos nesta cidade. Aqui Paulo encontrou um jovem cristão chamado Timóteo (Atos 16:1), e viu nele um substituto potencial para Marcos.

O que aconteceu aqui redimiu Paulo de qualquer acusação de não se mostrar disposto a depositar confiança em homens mais moços do que ele. Em 1 Timóteo 1:2 dirigi-se ao jovem Timóteo "verdadeiro filho", e na segunda epístola fala dele como "amado filho" (2 Timóteo 1:2). Na segunda epístola lemos também: "pela recordação que guardo da tua fé, a mesma que primeiramente habitou em tua avó Lóide, e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também em ti" (2 Timóteo 1:5). Esta referência pode significar que a família de Timóteo fora ganha para Cristo por Paulo e Barnabé na sua primeira viagem. Por certo, quando Paulo voltou, ele quis que Timóteo "fosse em sua companhia" (Atos 16:3). Este mesmo versículo acrescenta que Paulo "circuncidou-o por causa dos judeus". Era esta atitude coerente com o julgamento anterior de Paulo sobre Pedro? Ou se devia ao fato de ter ele aprendido a não criar problemas desnecessários? De qualquer modo, uma vez que Timóteo era meio-judeu, esta decisão evitaria problemas muitas vezes. Paulo sabia como lutar por um princípio e como ceder por conveniência quando não estava em jogo nenhum princípio. Paulo sustentava que a circuncisão não era necessária à salvação (cf. Gálatas), mas estava pronto para circunciduar um judeu cristão como uma questão de conveniência.

Quando o grupo de evangelistas (dirigido de algum modo não especificado pelo Espírito Santo — Atos 16:6-8) chegou a Trôade e se pôs a contemplar o outro lado da estreita península, deve ter pon-

derado sobre a perspectiva de avançar sua campanha ao continente europeu. A decisão foi tomada quando "à noite, sobreveio a Paulo uma visão, na qual um varão macedônio estava em pé e lhe rogava, dizendo: Passa à Macedônia e ajuda-nos" (Atos 16:9). A resposta de Paulo foi imediata. O grupo navegou para a Europa. Muitos escritores têm sugerido que esse "varão macedônio" pode ter sido o médico Lucas. De qualquer maneira, parece que neste ponto ele entrou no drama de viagem, porque agora ele começa a referir-se aos missionários como "nós".

A viagem continuou ao longo da grande estrada romana que corre para o Ocidente através das principais cidades da Macedônia — desde Filipos até Tessalônica, e de Tessalônica a Beréia. Durante três semanas, Paulo falou na sinagoga de Tessalônica; depois foi para Atenas, centro da erudição grega, e cidade onde dominava a idolatria (Atos 17:16). Incansável, ele partiu para Corinto.

Sua primeira e grande missão no mundo gentio estendeu-se por quase três anos. Depois ele voltou a Antioquia.

Após uma curta permanência em Antioquia, Paulo partiu em sua terceira viagem missionária no ano 52 d.C. Desta vez suas primeiras

A Antiga Via Ápia. Paulo viajou para Roma nesta rodovia, a mais antiga e mais famosa da Itália (Atos 28:14-16). Apio Cláudio começou a construir-la em 312 a.C. Ao lado do caminho, alinharam-se túmulos romanos, catacumbas e altos ciprestes, num trecho de muitos quilômetros.



paradas foram na Galácia e na Frígia. Depois de visitar as igrejas em Derbe, Listra, Icônio e Antioquia, ele resolveu fazer algum trabalho missionário intensivo em Éfeso, a capital da província romana da Ásia. Estrategicamente localizada para comércio, era superada somente por Roma, Alexandria e Antioquia em tamanho e importância. Como resultado dos trabalhos de Paulo ali, ela tornou-se a terceira mais importante cidade na história do Cristianismo primitivo — Jerusalém, Antioquia, depois Éfeso.

Paulo chegou a Éfeso para empreender o que provou ser as mais extensas e exitosas de suas atividades missionárias em qualquer localidade. Mas esses anos lhe foram estrénuos. Visto que ele suportava a si próprio trabalhando em sua profissão, seus dias eram longos. Segundo o costume dos trabalhadores de um clima tão quente, ele levantava-se antes de raiar o dia e começava a trabalhar. As horas da tarde ele as empregava no ensino e pregação, e é provável que também as horas vespertinas. Isto ele fez "diariamente" durante "dois anos". Em sua própria descrição desses trabalhos, Paulo acrescenta que ele não só ensinava em público, mas "também de casa em casa" (Atos 20:20). Teve êxito — muito bom êxito. Somos informados de "milagres extraordinários" (Atos 19:11) ocorridos durante esses dias agitados em Éfeso. A nova fé causou tal impacto sobre a cidade que "muitos dos que haviam praticado artes mágicas, reunindo os seus livros, os queimaram diante de todos" (Atos 19:19). Isso suscitou o ódio dos adoradores pagãos, temerosos de que os cristãos solapassem a influência de sua religião.

Depois de três invernos em Éfeso, Paulo passou o seguinte em Corinto, em concordância com a promessa e a esperança expressas em 1 Coríntios 16:5-7. Ali Paulo fez outros preparativos para uma visita a Roma. Escreveu uma carta, dizendo aos cristãos de Roma: "Muito desejo ver-vos, . . . muitas vezes me propus ir ter convosco" (Romanos 1:11, 13), e "penso em fazê-lo quando em viagem para a Espanha" (Romanos 15:24).

Paulo ignorou as advertências sobre os perigos que o ameaçavam se ele aparecesse de novo em Jerusalém. Ele achava que era decisivo voltar em pessoa, como portador da oferta das congregações gentias. Ele estava "pronto não só para ser preso, mas até para morrer em Jerusalém, pelo nome do Senhor Jesus" (Atos 21:13). De modo que Paulo foi de novo a Jerusalém, e Lucas escreve que "os irmãos nos receberam com alegria" (Atos 21:17). Mas espreitando nas sombras estava uma comissão de recepção com intenções diferentes.

PRISÃO E JULGAMENTO

Os cristãos de Jerusalém ficaram felizes ao ouvir o relatório de Paulo

sobre a divulgação da fé cristã. Contudo, alguns cristãos judeus duvidaram da sinceridade de Paulo. Para mostrar seu respeito pela tradição judaica, Paulo juntou-se a quatro homens que cumpriam um voto de nazireu no templo. Alguns judeus da Ásia agarraram Paulo e falsamente o acusaram de introduzir gentios no templo (Atos 21:27-29). O tribuno da guarnição romana levou Paulo em custódia para impedir um levante. Ao saber que Paulo era cidadão romano, o tribuno retirou-lhe as cadeias e pediu aos judeus que convocassem o Sinédrio para interrogá-lo.

Paulo percebeu que a multidão enfurecida poderia matá-lo. Assim, ele disse ao Sinédrio que fora preso por ser fariseu e crer na ressurreição dos mortos. Esta afirmação dividiu o Sinédrio em suas facções de fariseus e saduceus, e o comandante romano teve de salvar Paulo de novo.

Ouvindo dizer que os judeus tramavam uma emboscada contra Paulo, o comandante enviou-o de noite a Cesareia, onde ficou guardado no palácio de Herodes. Paulo passou dois anos preso aí.

Quando os acusadores de Paulo chegaram, acusaram-no de haver tentado profanar o templo e de ter criado uma revolta civil em Jerusalém (Atos 24:1-9). Félix, procurador romano, exigiu mais provas do tribuno em Jerusalém. Mas antes que estas chegassem, Félix foi substituído por um novo procurador, Pórcio Festo. Este novo oficial pediu aos acusadores de Paulo que viessem de novo a Cesareia. Ao chegarem, Paulo fez valer os seus direitos como cidadão romano de apresentar seu caso perante César.

Enquanto aguardava o navio para Roma, Paulo teve oportunidade de defender a sua causa perante o rei Agripa II que visitava Festo. O capítulo 26 de Atos registra o discurso de Paulo no qual ele contou de novo os eventos de sua vida até aquele ponto.

Festo entregou Paulo aos cuidados de um centurião chamado Júlio, que estava levando um navio carregado de prisioneiros para a cidade imperial. Após uma viagem acidentada, o navio naufragou na ilha de Malta. Três meses depois, Paulo e os demais prisioneiros tomaram outro navio para Roma.

Os cristãos de Roma viajaram quase cinqüenta quilômetros para dar as boas-vindas a Paulo (Atos 28:15). Em Roma Paulo foi posto sob prisão domiciliar, e em Atos 28:30 lemos que ele alugou uma casa por dois anos enquanto aguardava que César ouvisse o seu caso.

O Novo Testamento não nos fala da morte de Paulo. Muitos estudiosos modernos creem que César libertou o apóstolo, e que ele empenhou-se em mais trabalho missionário antes de ser preso pela segunda vez e executado.³

Dois livros escritos antes do ano 200 d.C. — a Primeira Epístola de

Clemente e os Atos de Paulo — asseveraram que isso aconteceu. Indicam que Paulo foi decapitado em Roma perto do fim do reinado do imperador Nero (c. 67 d.C.).

A PERSONALIDADE DE PAULO EM SUAS CARTAS

As epístolas de Paulo são o espelho de sua alma. Revelam seus motivos íntimos, suas mais profundas paixões, suas convicções fundamentais. Sem a sobrevivência das cartas de Paulo, ele seria para nós uma figura vaga, confusa.

Paulo estava mais interessado nas pessoas e no que lhes acontecia do que em formalidades literárias. À medida que lemos os escritos de Paulo, notamos que suas palavras podem vir aos borbotões, como no primeiro capítulo da carta aos Gálatas. Às vezes ele irrompe abruptamente para mergulhar numa nova linha de pensamento. Nalguns pontos ele toma um longo fôlego e dita uma sentença quase sem fim.

Temos em 2 Coríntios 10:10 uma pista de como as epístolas de Paulo eram recebidas e consideradas. Mesmo seus inimigos e críticos reconheciam o impacto do que ele tinha para dizer, pois sabemos que



comentavam: "As cartas, com efeito, dizem, são graves e fortes. . ." (2 Coríntios 10:10).

Líderes fortes, como Paulo, tendem a atrair ou repelir os que eles buscam influenciar. Paulo tinha tanto seguidores devotados quanto inimigos figadais. Como consequência, seus contemporâneos mantinham opiniões variadíssimas a seu respeito.

Os mais antigos escritos de Paulo antedatam a maioria dos quatro Evangelhos. Refletem-no como um homem de coragem (2 Coríntios 2:3), de integridade e elevados motivos (vv. 4-5), de humildade (v. 6), e de benignidade (v. 7).

Paulo sabia diferenciar entre sua própria opinião e o "mandamento do Senhor" (1 Coríntios 7:25). Era humilde bastante para dizer "segundo minha opinião" sobre alguns assuntos (1 Coríntios 7:40). Ele estava bem cônscio da urgência de sua comissão (1 Coríntios 9:16-17), e do fato de não estar fora do perigo de ser "desqualificado" por

Anfiteatro de Pérgamo. Os cidadãos de Pérgamo foram os primeiros a estabelecer o culto ao imperador romano, César Augusto. João referiu-se a essa cidade como "trono de Satanás" (Apocalipse 2:13). Está localizada 80 km ao norte de Esmírna, na Turquia atual. No coração da cidade os gregos construíram este magnífico anfiteatro com 78 fileiras de assentos. Atrás das colunas estava o Asclepium, onde o povo de Pérgamo adorava o deus da cura, Esculápio.



Hereses do Novo Testamento

Desde o primeiro século, a igreja tem sido infestada por indivíduos que tentam torcer a verdade, adaptando-a à sua própria fantasia, ou "refinando-a" para torná-la mais aceitável ou "sensível". De especial interesse à igreja primitiva eram três os grupos de heresies: judaizantes, gnósticos e nicolaitas.

Os judaizantes. A princípio a igreja compunha-se inteiramente de judeus convertidos que reconheciam a Jesus como o Messias, o Ungido de Deus. Mas quando Paulo começou o seu ministério entre os gentios, alguns cristãos judeus advertiram que um gentio não poderia tornar-se cristão a menos que primeiro se tornasse judeu. Diziam que os convertidos gentios deviam praticar os rituais físicos como a circuncisão e a obediência à Lei que os judeus tinham guardado por centenas de anos (Atos 15:1-31).

A medida que se espalhava o ministério de Paulo, logo se evidenciou que os gentios estavam inundando a igreja com esta doutrina judaica. Os líderes cristãos judeus seguiam nas pegadas de Paulo, exigindo que os crentes gentios se conformassem às crenças deles. Usavam as Escrituras do Antigo Testamento para sustentar seu ponto de vista. Às vezes esses "judaizantes" até precediam Paulo em suas viagens missionárias. Em tais casos, causavam tanto tumulto que pouco ou nenhum trabalho evangelístico se podia fazer.

Os gnósticos. Os gnósticos ensinavam que Jesus não era realmente Filho de Deus. Para as suas mentes, a matéria era má e o espírito era bom. Visto que Deus era bom (e espírito) ele não poderia ter pessoalmente criado um mundo material (mau). Argumentavam mais que uma vez que espírito e matéria não poderiam misturar-se, Cristo e Deus não poderiam ter-se unido na pessoa de Jesus. O nome deles derivava da palavra *gnosis* ("conhecimento"), professando ter especial discernimento das verdades secretas da vida.

Os arqueólogos têm encontrado diversos manuscritos de papiro gnósticos no Egito. Alguns são escritos pseudo-epigráficos, tais como a "Sabedoria de Jesus Cristo" e "Atos de Pedro". Talvez o livro

gnóstico mais bem conhecido é o *Pistis Sophia* ("Fé pelo Conhecimento"), que foi traduzido para o inglês e para o francês.

Muitas pequenas comunidades gnósticas espalhavam-se através do Oriente Próximo. Cada uma desenvolveu doutrinas únicas, criadas por elas mesmas. Hoje devemos contar com seus manuscritos para investigar as crenças de cada comunidade, e em muitos casos é difícil dizer se determinado grupo era gnóstico ou uma seita religiosa totalmente diversa. Um notável exemplo disto é a comunidade de escribas (ou copistas) Qumran.

Paulo menciona três homens que trocaram fé por esta heresia: Hirmeneu, Alexandre e Fileto (1 Timóteo 1:20; 2 Timóteo 2:17-18). Eles alegavam que a ressurreição já havia passado, crendo, talvez, que qualquer "sobra" do espírito quando um homem morre, é absorvida de novo em Deus.

Os nicolaitas. João concentrou-se numa forma mais extremada de gnosticismo agressivo que grassou por toda a igreja do primeiro século (1 e 2 João; Apocalipse 2:6, 14, 15). Esses eram os nicolaitas. Os sustentadores dessa doutrina mortal alegavam que, visto como seus corpos eram físicos (e portanto maus), somente o que os seus espíritos faziam era importante. Assim, sentiam-se livres para ter relações sexuais indiscriminadas, comer alimentos que tinham sido oferecidos a ídolos, e fazer com seus corpos o que bem lhes aprovavam.

A igreja primitiva tratou com firmeza aqueles que se desviavam das preciosas verdades de Cristo. Os crentes barrasfí os heréticos da comunhão e oraram para que fossem salvos. Paulo censurou-os abertamente. (Paulo até se voltou contra eles num ponto quando Pedro se recusou a comer com cristãos gentios na presença de cristãos judeus — Gálatas 2:12-16.) Ele achava que os heréticos tinham de ser castigados da igreja antes que divulgasse suas idéias ruinosas.

Irineu, Tertuliano e outros pais da igreja denunciaram os nicolaitas juntamente com os gnósticos. Irineu relatou que a seita recebeu seu nome de Nicolau, diácono da primeira comunidade nicolaita, o qual se deleitava no adultério.

sucumbir à tentação (1 Coríntios 9:27). Ele se recorda com pesar de que outrora perseguiu a igreja de Deus (1 Coríntios 15:9).

Gamaliel

Gamaliel é o único mestre mencionado duas vezes no Novo Testamento (Atos 5:34; 22:3), mas ele pode ter exercido uma influência mais profunda sobre o curso do Cristianismo do que essas breves referências indicam. Ele era um dos poucos dirigentes judeus que mereciam o título de *Rabban* ("nossa mestre, ou nosso grande") em vez do então título comum *Rabbi* ("meu mestre"). Gamaliel mantinha um lugar respeitado no Sinédrio. A alta estima dos judeus por Gamaliel é demonstrada pelo comentário de um rabino feito por ocasião de sua morte: "Quando morreu Rabban Gamaliel o Ancião, a glória da Lei cessou, e a pureza e a abstinência morreram."

Encontramos pistas da influência de Gamaliel sobre o Cristianismo em duas referências bíblicas. Na primeira (Atos 5:34), o Sinédrio reuniu-se numa sessão especialmente convocada para tratar do problema dos cristãos que insistiam em que o Sinédrio era responsável pela morte do Messias. Nessa sessão emocionalmente acalorada, Gamaliel levantou-se e pediu a Pedro e aos demais crentes que se retirassesem por um momento de sorte que ele pudesse falar. Isto feito, ele prosseguiu com um discurso surpreendentemente criterioso que obviamente balançou o Sinédrio: "Agora vos digo: Daí de mão a estes homens, deixai-os ir; porque se este conselho ou esta obra vem de homens, percerá; mas, se é de Deus, não poderéis destruí-los, para que não sejais, porven-

tura, achados lutando contra Deus" (Atos 5:38-39). Em vez da surra que previam, Pedro e os apóstolos receberam uma severa advertência e foram postos em liberdade.

A segunda referência (Atos 22:3) foi feita por Paulo, ex-aluno de Gamaliel. Paulo apelava para uma multidão judaica amotinada, e não hesitou em vincular-se com esse grande mestre.

A grandeza de Gamaliel reside em sua devoção a Deus e à Lei. Esses incidentes pintam, pelo menos, um retrato parcial de sua personalidade e a tradição judaica diz-nos que esse estadista anciano acentuou a importância do arrependimento em vez das "obras". Talvez a ênfase de Paulo sobre esta grande doutrina cristã tenha suas raízes no ensino de Gamaliel.

A influência posterior de Gamaliel sobre Paulo pode apenas ser conjecturada. Certamente o grande zelo de Paulo — primeiro pela Lei, depois por Cristo — provém de Gamaliel. O amor de Paulo pela verdade e seu completo entendimento das Escrituras podiam também ser atribuídos ao seu mestre. Com este preparo, ungido pelo Espírito Santo, Paulo construiu os seus tratados do Novo Testamento sobre a fé cristã, sobre a igreja, sobre a justificação e sobre a regeneração. A forma clara e lógica de Paulo de explicar as grandes doutrinas da fé cristã foi, sem dúvida, resultado, pelo menos em parte, de sua educação escolar "aos pés de Gamaliel".

Leia o capítulo 16 da carta aos Romanos com especial atenção à atitude generosa de Paulo para com os seus colaboradores. Ele era um homem que amava e prezava as pessoas e tinha em alto apreço a comunhão dos crentes. Na carta aos Colossenses vemos quão afetivo e amistoso Paulo poderia ser, mesmo com cristãos com os quais ainda não se havia encontrado. "Gostaria, pois, que saibais, quão grande luta venho mantendo por vós... e por quantos não me viram face a face", escreve ele (Colossenses 2:1).

Na carta aos Colossenses lemos também a respeito de um homem chamado Onésimo, escravo fugitivo (Colossenses 4:9; Filemom 10), que evidentemente havia acrescentado ao furto o crime de abandonar o seu dono, Filemom. Agora Paulo o havia conquistado para a fé cristã e o persuadira de voltar ao seu senhor. Mas conhecendo a severidade do castigo imposto aos escravos fugitivos, o apóstolo desejava con-



Cena de Rua, Nazaré. Nazaré era uma pequena cidade de baixa reputação; não obstante, os pais de Jesus morasam aqui e ela se tornou o lar da meninice do Salvador (Lucas 2:39-51). Esta via estreita e sinuosa de Nazaré dá uma idéia de como seriam as ruas nos tempos de Jesus.

vencer a Filemom a tratar Onésimo como irmão. Aqui vemos Paulo, o reconciliador. E tudo isso ele fez a favor de um homem que estava no degrau mais baixo da escada da sociedade romana. Contraste essa atitude com o comportamento do jovem Saulo guardando as vestes dos apedrejadores de Estevão. Observe quão profundamente Paulo havia mudado em sua atitude para com as pessoas.

Nesses escritos vemos Paulo como amigo generoso, afetivo, um homem de grande fé e coragem — mesmo em face de circunstâncias extremas. Ele estava totalmente comprometido com Cristo, quer na vida, quer na morte. Seu testemunho é profundamente firmado nas realidades espirituais: "Tanto sei estar humilhado, como também ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias já tenho experiência, tanto de fartura, como de fome; assim de abundância, como de escassez; tudo posso naquele que me fortalece" (Filipenses 4:12-13).

Notas de Rodapé

Capítulo Três: "Os Gregos e o Helenismo"

¹Nos últimos anos, porém, o que restou dos reinos persas infestaria o Império Romano do Oriente. Os partos se libertaram do domínio grego por volta de 235 a.C. e arrancaram a Pérsia do controle selêucida cerca de 155 a.C. Ao redor do ano 225 d.C., um persa por nome Ardashir derrotou os partos e estabeleceu os reinos sassânicas. Esses reinos vieram a formar o contexto cultural para a ascensão da religião islâmica.

²William M. Ramsay, *The Teaching of Paul in Terms of the Present Day* (Londres: Hodder & Stoughton, 1913), pp. 161-162.

Capítulo Quatro: "Os Romanos"

¹Will Durant, *The Story of Civilization: Caesar and Christ*. (Nova York: Simon & Schuster, 1944), p. 25.

Capítulo Seis: "Jesus Cristo"

¹Flavius Josephus, *Antiquities of the Jews* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1926), Livro XVIII, Cap. iii, Sec. 3.

Alguns eruditos acham que os cristãos manipularam o relato de Josefo para mostrar Jesus em uma luz favorável.

²Suetonius, *Nero* (Nova York: G. P. Putnam's Sons, 1935), p. 111.

³Tacitus, *Annals* (Nova York: Harper & Brothers, 1858), p. 423.

⁴Lucian, *The Passing of Peregrinus* (Londres: William Hermann, Ltd., 1936), pp. 13, 15.

⁵Neste ponto a narrativa de João parece discordar dos Evangelhos sinóticos, os quais dizem que Jesus purificou o templo no *fim* de seu ministério. Crêem alguns estudiosos que ele fez isto em ambas as ocasiões. No entender de outros, João relata o acontecimento numa seqüência diferente para acentuar a autoridade de Jesus.

Capítulo Sete: "Os Apóstolos"

¹Edgar J. Goodspeed, *The Twelve* (Filadélfia: J. C. Winston Company, 1957), p. 99.

²H. V. Morton, *In the Steps of the Master* (Nova York: Dodd, Mead & Company, 1935).

³William Steuart McBirne, *The Search for the Twelve Apostles* (Chicago: Tyndale House, 1973), p. 196.

⁴Eusebius, *The History of the Church* (Oxford: Penguin Classics, 1965), p. 65.

⁵*The New Westminster Dictionary of the Bible*, red. por Henry Schneider Gehman (Filadélfia: Westminster Press, 1970), p. 526.

⁶Karl Schmidt, "Judas Iscariot", *The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge*, Vo. 6, red. por Samuel M. Jackson (Grand Rapids: Baker Books, 1977), p. 244.

⁷McBirne, *The Search for the Twelve Apostles*, p. 213.

Capítulo Oito: "A Igreja Primitiva"

¹Henry Melvill Gwatkin, *Early Church History*, Vol. I (Londres: Macmillan & Company, 1972), p. 18.

²Gwatkin, *Early Church History*, p. 56.

³Lars P. Qualben, *A History of the Christian Church* (Nova York: Thomas Nelson & Sons, 1964), p. 67.

⁴C. G. Montefiore, *Some Elements of the Religious Teaching of Jesus* (Folcroft, Pa.: Folcroft Library Editions, 1910), p. 57.

Capítulo Nove: "Paulo e suas Viagens"

¹Diz a tradição que Deus deu a Saulo o nome helenístico Paulo no tempo de sua conversão. A Bíblia não diz se Saulo adotou o nome ou se o nome lhe foi dado; nem diz quando ocorreu esta mudança de nome. Ele é ainda chamado "Saulo" ao tempo de sua primeira viagem missionária (Atos 13:9). Por questão de conveniência, a partir deste ponto referir-nos-emos a ele como "Paulo".

²Se é, deveras, a isto que a passagem se refere; pode ela estar descrevendo uma visita anterior a Jerusalém.

³*The New Westminster Dictionary of the Bible*, red. por Henry S. Gehman (Filadélfia: Westminster Press, 1970), p. 721.